

DANILLO MORALES

ABECEDÁRIO DE CONTOS
RECÔNDITOS E DE

MORTE



DANILO MORALESS

ABC da



ABC DA MORTE

© Danilo Morales, 2018

Todos os direitos reservados ao autor.

Revisão de Texto

Walter Cavalcanti

Capa

Jaiana Rodrigues

Projeto Gráfico e Diagramação Digital

INDIE 6 Design Editorial

Ilustrações

Robson Strobel

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão escrita da autora (Lei nº 9.610 de 19/02/1998).





INTRODUÇÃO DO LIVRO *ABC DA MORTE*

O LIVRO *ABC DA MORTE* levou 26 anos para ser escrito por Danilo Morales. Desde 1992, até a presente data de 2018, ano em que foi finalizada a revisão. São 26 contos de horror, cada qual iniciado com uma letra do alfabeto. São histórias subversivas e estranhas, muitas delas adaptadas para o cinema e quadrinhos. A estrutura é diferente de uma antologia de contos, o leitor irá notar, que muitas dessas histórias tem potencial para se tornar um romance. As histórias são como um tiro, uma descida de montanha russa, que levam o leitor a um frenesi inquietante para ler a próxima página. Distúrbios, patologias, psicopatias e o eterno confronto entre o bem e o mal estão presentes nesta obra. Prepare-se para uma experiência única, um deleite para os verdadeiros fãs da fantasia e horror. O livro conta ainda com as magnificas ilustrações de Robson Strobel.

ABC DA MORTE

A graphic of red blood splatters of various sizes, concentrated on the right side of the page, extending from the top right towards the center.

Adega de Sangue

Bálsamo Blasfemo

Conspiração Camaleão

Decrépito degenerado

Espelho Espectral

Fobias

Granito alienígena

Heterocromia

ID – Identidade Diabólica

Jazigo Quimérico

Kafkiano

Lago Shalon

Misantropia

Necrófilos

Omófago Obscuro

Poço Profano

Quiromania Ninfomaníaca

Refugium Peccatorum

Sinestesia Selenita

Telecinesia

Ubíquo Opressor

Vilarejo libertino

Whodunit

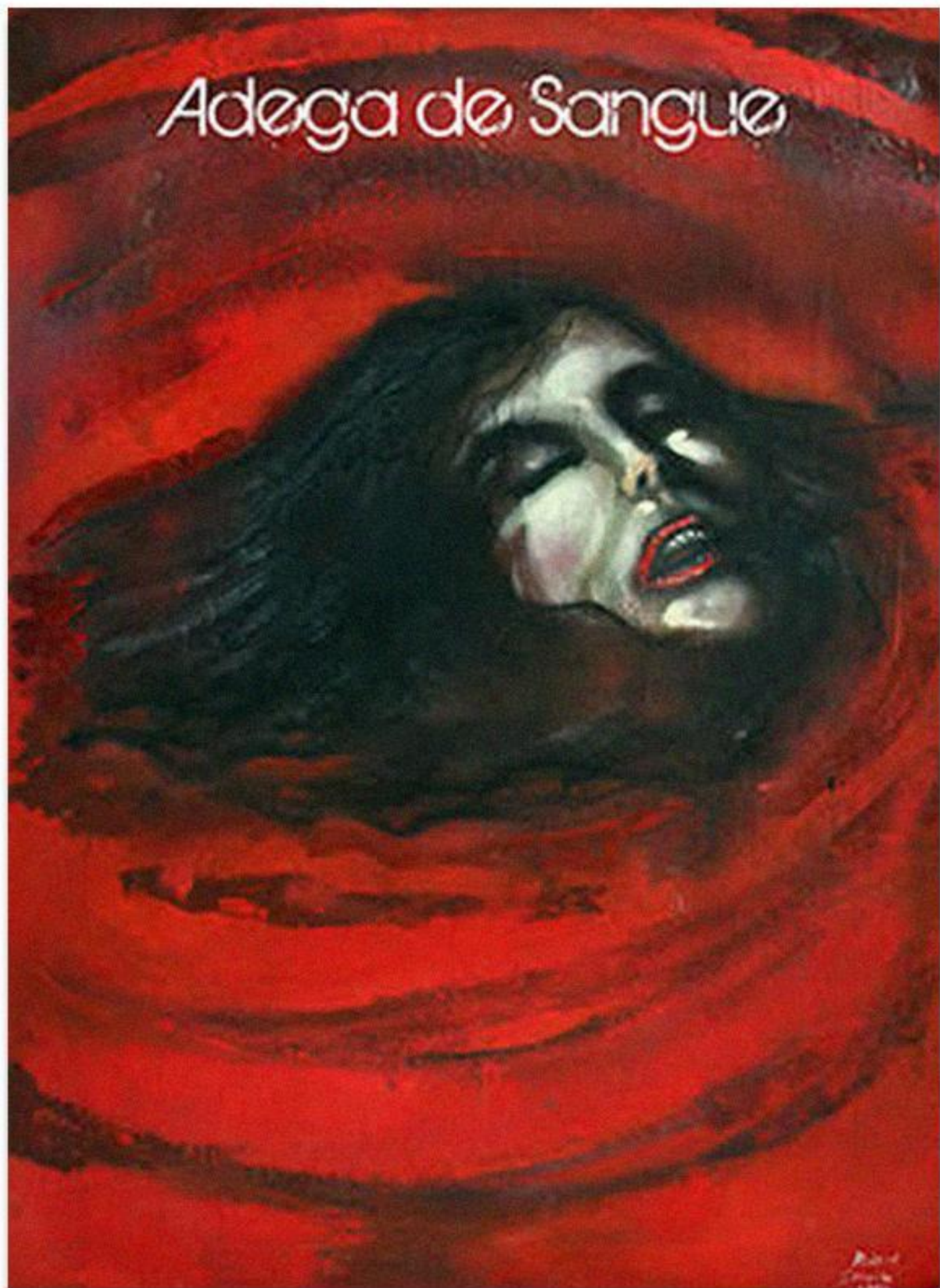
Xilomancia Xantocromática na casa de Xangô

Yin e Yang

Zênite



Adega de Sangue



ADEGA DE SANGUE

***Clínica de Reabilitação Boa Sorte, Monte Alto, Interior de São Paulo.
Tempo atual.***

O que podia ser mais forte. O amor ou a loucura?

ELE FICOU OBSERVANDO a beleza única do casarão, com a maleta médica a tiracolo. Foi quando Margog o atendeu. Uma senhora sem filhos, que fundou a clínica de reabilitação após a morte do marido.

O paciente X foi o seu irmão Magal. Diagnosticado com esquizofrenia paranóide nível quatro. Doença mental crônica em que o paciente perde o contato com a realidade. Tem ilusões relativamente instáveis, geralmente acompanhadas de alucinações, principalmente auditivas. Além de discurso desorganizado e muitas vezes catatônico. No início, teve um distanciamento das pessoas ao seu redor. Então, iniciou o processo de perseguição. Tornou-se agressivo e achava que todos tramavam contra ele. Passava horas sem se mover, com um semblante parado e desconfiado. Margog utilizou seu conhecimento em enfermagem para auxiliar o irmão enfermo.

Seu marido possuía uma adega significativa. Após sua morte, decorrente de um câncer nos ossos, ela abrigou o irmão, e logo outros vieram. O abrigo fica longe da civilização, o que permite aos pacientes um distanciamento da correria do dia a dia. Nos bons tempos, era apenas um local de repouso, mas as dificuldades financeiras a levaram a tomar medidas drásticas para levantar dinheiro. Como uma viúva sobreviveria à base de uma pensão no Brasil? Situava-se em frente a um bosque que propiciava a inspiração. Era no mínimo inacessível para pessoas que primavam por um mínimo de conforto. O local era descampado, muito frio. O vento

assoviava no ouvido das pessoas e fazia tremer as janelas à noite. O velho lustre de cristal vienense balançava de um lado ao outro, e a cortina esvoaçava devido à janela aberta.

Martina fez toda a rotina de limpeza diária. Era uma negra forte e de bons princípios. Aprendeu desde cedo por imposição social que deveria sempre servir aos mais endinheirados e que era paga não só para limpar, mas para fingir que gostava deles. O local ainda contava com a enfermeira Julieta. Mulher amargurada com a vida, que descontava nos pacientes suas frustrações na vida profissional e amorosa.

Margog desceu a escadaria acompanhando o recém-chegado Psiquiatra Doutor Johnathan. Era novo na cidade, veio para substituir o Doutor Afonso, falecido recentemente. Era muito difícil achar um especialista para o abrigo, já que precisava morar no local, por ser distante dos centros urbanos. Ela inspecionou se todas as portas e janelas estavam fechadas. Era uma mulher de fibra, seguia seus impulsos. Temia os ladrões de estrada. Mantinha um revólver 38 sempre trancado na gaveta do escritório. Segurava um molho de chaves em sua mão decrepita, calejada e áspera. Não tinha tempo ou motivos para vaidades. Não só pelo passar dos anos, mas pela ausência de motivos sólidos para isto. Mesmo em sua tênue juventude nunca se entregou aos males do narcisismo.

O doutor tinha um corpanzil alto e truculento, escondido em sua roupa social. O excesso de altura se findava em uma sifose que deixava sua coluna levemente projetada para a frente. Tinha a feição intelectual, mãos lisas, que obviamente nunca tinham feito um serviço braçal. O cabelo devidamente penteado da esquerda para a direita não lhe caía bem. Seria melhor se tivesse o cabelo raspado, o que lhe daria uma feição mais masculina, condizente a sua estrutura física avantajada. Ostentava seu sapato social antes lustroso, em contraste ao ter afundado na lama barrenta de fora. Ao vê-lo, Margog não teve dúvidas: era apenas um jovem almofadinha, de posses, tratado à base de leite Nan. Julgou-o pela aparência, mas esqueceu-se que elas enganam. Voltou a olhar para o molho de chaves, e perdeu algum tempo a encontrar a correta do porão. Colocou-a na fechadura, girou e abriu a porta pesada, que começou a ranger em um estampido seco e brutal.

Os olhos penetrantes da senhora eram de botar medo. Observou da última janela a fechar, os olhos brilhantes da coruja em cima da árvore. Uma forte rajada de vento bateu feito um prelúdio de algo ruim que estava por vir. Ela o observou de cima a baixo, parecia mesmo ser um rapaz de família. Tinha certo ar religioso e sacerdotal nele. Ruim para um médico, alguém intrinsecamente ligado à ciência. Talvez conquistasse a simpatia dos pacientes.

O Doutor contemplou o casarão, baseado na estrutura arquitetônica do século XIX. Não sabia porquê, aquele local deixava sua sensibilidade aguçada. Uma

escadaria levava aos aposentos no cômodo superior. Escada revestida com carpete ocre, a porta de entrada levava à recepção, e ostentava corredores que pareciam não ter fim. O que mais impressionava era o nível de conservação dos móveis coloniais, visto que uma mulher solitária teria que possuir um certo conhecimento de marcenaria, junto a uma hercúlea energia para a manutenção de tais preciosidades. Sem poder contar com restauradores profissionais ou qualquer ajuda de um órgão do poder público, Margog torna-se aos olhos dos raros visitantes que recebe, uma austera e independente figura, ainda mais apreciável. Alguns detalhes da casa ganhavam destaque, como o rústico relógio Alemão Gohnech, ligado ainda ao império de Weimar e uma reprodução da Vênus de Botticelli, feita por José de Cassio Reis, um artista filho de escravos, pouco conhecido no Brasil.

– Este é seu aposento, Doutor Johnathan, amanhã te apresento os pacientes.

Ela apagou a velha lareira e as luzes dos corredores adjacentes, indo dormir, num ritual que já dura pelo menos cinco décadas.

No dia seguinte foi apresentado a Magal, o esquizofrênico. Estava em uma cadeira de rodas, apático, o estado era gravíssimo. Tinha uma sineta, a qual usava para chamar sua irmã. Dependia dela e de Martina para se limpar e se alimentar. Tomava um banho de Sol todos os dias, às 10 da manhã, como de costume. Tinha cabelo longo. Como ele podia notar, a onipresença de Margog talvez não fosse tão intensa quanto a primeira impressão permitiu sentir. Isso não era motivo para diminuir a mística dessa valente senhora, pelo contrário, até a humanizava.

Julieta fazia a barba do paciente. O doutor a cumprimentou:

– Seja bem-vindo ao hospício, doutor! Onde coisas inimagináveis ocorrem. Lembre-se de deixar sua vida para trás. Isso é um limbo, muito além do bem e do mal.

O doutor achou excessivamente teatral a impostação e tom de voz da enfermeira. Ameaçou um sorriso, mas não deixou-se perceber. Retomou, sereno:

– Vamos nos ater ao paciente, por favor! Vejo na ficha, este é o Magal.

– Sim, o esquizofrênico. – Dei um remédio para ele tomar. – Está em um nível de degradação altíssimo. Vive no mundo da lua, defeca nas calças. Agora usa fralda geriátrica. Teve vezes que tirou a roupa e saiu pelado pela casa. Um alto grau de loucura.

– Que remédio está ministrando para ele?

– Um antipsicótico, o paliperidona.

Julieta fazia a barba do doente com uma navalha afiada, com alto risco de corte. O Doutor se perguntou sobre o risco daquele homem enfermo ter um surto e acabar degolado em um instante. Imaginou Magal se afogando no próprio sangue, e parece que o paciente captou esse pensamento, embora estático, tinha um olhar de pânico em relação ao doutor. Talvez esse representasse uma forma de inimigo que

ele projetou. Era a primeira pessoa que via sem ser a irmã, a enfermeira ou outros pacientes. Desde que declinou a esse estágio da doença.

O Doutor esquentava as mãos na lareira da recepção. Era mês de maio. Olhava sua própria sombra refletida na parede. Estava em introspecção. Aquele local saía dos padrões normais da sociedade. A fúria implacável o jogou às margens. Sua mente estava obscura, seus sonhos e fantasias se tornaram sombrios. Ele fechava seus olhos e tudo o que podia imaginar era o seu passado.

Guardou alguns pertences no velho porão degradado. A escada estava caronchada, e havia resquícios de fezes de ratos pelos cantos. Como ela conseguia administrar esse lugar sem que a vigilância sanitária o interditasse? Embora o porão e o resto do local sejam antagônicos. Talvez uma boa limpeza desse um jeito. Duas pequenas janelas com grade traziam frestas precárias de luz no local. Os degraus da escada rangiam, e um deles cedeu com sua descida. Apoiou-se no corrimão que estava frouxo. Desceu a escada e observou todo o território. O Doutor pegou uma revista totalmente corroída pelos mamíferos roedores. “Terei problemas com esses ratos”. No canto do porão havia uma cama pouco confortável, daquelas dobráveis, de mola. Vasculhando o local, encontrou vários recortes antigos de jornal e artigos, todos datados das décadas de 1930 a 1950. Uma luz fraca e bruxuleante possibilitou sua leitura durante o resto da tarde.

Percebeu que não estava bem. Tinha uma dormência inesperada. Sentia aranhas caminhando por sua pele, não tinha vontade de abrir os olhos e conferir. Não era medo, e sim uma amortização autoinduzida. Não sabia se elas eram reais ou alucinação. Aquele lugar estava mexendo com sua sanidade.

De volta à recepção, caminhou em direção ao suntuoso banheiro. Tinha vários compartimentos, com vasos sanitários, divisórias ornamentadas por azulejos, que um dia devem ter sido brancos. No azulejo cinzento tinha o desenho de uma madona e, no teto, havia uma espécie de despensa para guardar materiais de limpeza; se puxasse uma corda, uma precária escadinha dobrável de madeira descia. Ele abriu a torneira do lavatório e deu um riso sufocado, com a cabeça embaixo da água morna, ficando desperto.

Já era o crepúsculo do dia. Ouvia o som do aço cortante lá fora. Sidney era uma espécie de vigia do local, e fazia todo o serviço braçal, mecânico, elétrico, pedreiro, encanador, além de conter os pacientes exaltados. Um negro de quase dois metros de altura, e muito forte. Cortava lenha para aquecer a lareira e descarregar suas energias por ficar confinado num lugar sem mulheres em idade reprodutiva, que estivessem em sintonia com ele.

Os pacientes estavam sentados em cadeiras, dispostas em um círculo. Margog estava ao centro, ao lado do Doutor.

– Este é o Psiquiatra Johnathan, do qual tinha falado a vocês. De hoje em diante ele vai tratar cada paciente como um filho, não é Doutor? E tentar resolver, ou ao menos minimizar o problema de cada um. Quero que se levantem um a um, apresentem nome, tempo de casa e motivo da internação.

A primeira a se levantar, indicada por Margog, foi Ana. Tinha um riso discreto e tímido, o cabelo preto chanel e pele clara. Ele se encantou pelo sorriso dela. Veio a este reduto de insanidade por motivos até então obscuros, até para si mesmo. Foi uma surpresa se deparar com uma criatura tão singela. Mais parecia o fruto de uma imaginação. Como tal pessoa poderia estar contaminada pelo vulgar vírus da degeneração mental. Antes que a voz de Ana começasse a ser emitida por sua boca de lábios naturalmente rubros, Johnathan se segurou na cadeira, temendo que algum timbre imperfeito surgisse daquela inesperada fêmea, quebrando o encanto.

Ela o enfeitiçou de imediato, possuía olhos negros, brilhantes, tinha um olhar inocente que prometia grandes luxúrias. Eram tão frágeis suas mãos, pequeninas, com unhas bem feitas.

– Eu me chamo Ana Cecilia. Tenho 22 anos, síndrome do pânico e fobia social. Estou aqui há 11 meses. Sempre fui ansiosa, e isso acarretou em um medo da morte fora do normal. Ainda vejo perigo onde, na verdade, não há. Nesse exato momento não me sinto segura aqui. Quando entrava em crise, a respiração ficava hiperventilada, sofria vertigens, escurecia a minha visão.

– E quando tudo isso se iniciou? Teve algum evento traumático? – Perguntou, aliviado com as ondulações das sílabas da moça, que estavam no céu da boca, sempre que pronunciava uma sílaba com “R”.

– A morte da minha avó. Ela era como uma mãe. Difícil de superar. Perdi o chão.

Novamente, um olhou para o outro, certa química instantânea. É como se ele tivesse vivido até aquele momento para encontrá-la.

O próximo a se levantar foi um homem gordo e de barba branca. Usava uma boina na cabeça.

– Eu sou Escritor, e isso não é uma doença. – Os outros pacientes riram. – Ou talvez seja. Não consigo nunca terminar minhas obras, são inacabadas, pois não são perfeitas, e eu busco isso de forma compulsiva e contínua. Tenho transtorno obsessivo compulsivo. Sou uma pessoa difícil de se conviver. Eu tenho padrões que devem ser seguidos. Nada pode estar fora do lugar, tudo simétrico e alinhado. É preciso assepsia, as mãos são fontes de bactérias, elas estão por todos os lados. A minha mente trabalha a mil por hora, não tem descanso. Sou fogo e ar, que espalha e incendeia tudo. Preciso me desconectar, por isso estou aqui. E a propósito, meu nome é Pedro.

A paciente seguinte tinha um gato preto no colo, o qual aninhava. Quando se levantou, o felino pulou em cima da mesa e em seguida partiu. Ana tomou um susto. Em seguida, todos riram. Todos, menos o doutor, pois tinha uma dificuldade tremenda em sorrir. Pelo menos em público. Margog pegou o gato e disse:

– Sua vez, Mimi.

– Sou Michele, mais conhecida como Mimi. O que dizer sobre mim, além do fato de ser alcoólatra? Ah sim, chega uma hora que todos os limites são ultrapassados. Meus relacionamentos foram todos fracassados. Mas... – Ela tinha a pele ressecada e áspera, assim como sua alma. Era baixinha e tinha olhos inchados, como de um bebê. Tinha certo ar de mulher da vida. Os dentes estragados e cabelo malcuidado, secos como palhas de aço, trouxeram uma antipatia imediata em Johnathan. – Perdi uma menina de apenas seis meses. Se chamava Andrea. Certo dia, ela amanheceu morta e arroxeadada. Era meu bebê! Minha vida! Foi muito difícil superar. Enfim, caí em depressão, me afundei ainda mais em bebida. E então, dois anos depois, me relacionei com uma pessoa e engravidei, e assim, tive outra menina. Lisa. Morreu do mesmo sintoma aos três meses. Fui bombardeada por todos, acusada de ter matado minha filha, e começaram a investigar sobre minhas duas crianças. Fiquei indignada, como podiam me acusar de matar minhas filhas? – A voz ficou embargada, começou a chorar. – Um legista apontou a causa mortis. Elas foram sufocadas por mim, porque nos dois casos, estava bêbada, e dormindo na cama junto com elas, sono profundo. Sufoquei e matei as duas dormindo. Tudo por causa da bebida. Enfim, não fiquei muito tempo presa, e continuo com essa doença chamada alcoolismo. Mas, mesmo sabendo do lixo que eu sou, estou aqui, tentando me tratar. Meu gato é meu filho agora. Ao menos, ele é esperto, e foge de sua mãe imbecil no momento do sono.

– Mimi é a dona do gato. Eles são como unha e carne. – Replicou Margog. – Não estamos aqui para julgá-la, Mimi. – Ficou no ar a diferença de tratamento somente pelo olhar do Doutor, em comparação a Ana.

Judy foi a próxima a se levantar. Tinha um ar petulante, cabelos pretos compridos, alta e magra. Além de uma aparência andrógina, movida por um leque irritante de expressão facial. Um ar caricato, parecia a Arlequina do universo DC.

– Eu me chamo Judy. Eu adoro filmes. Preciso começar falando isso, pois é um traço forte da minha personalidade. Possessão de Andrzej Zulawski, esse é o melhor, uma obra atemporal. Gosto muito também de O Anticristo de Lars Von Trier, visceral. – tinha uma voz rouca e monótona. – Eu gosto muito de música também. Já ouviu falar da banda Britânica Paradise Lost? E seu disco Host. É definitivamente o suprasumo do pop gótico eletrônico. Também tenho graves problemas intestinais...

– Judy. – Margog chamou a sua atenção. – Por favor!

– Às vezes sou imatura, em alguns momentos, sensível. E sim, sou maníaca obsessiva. Camaleoa, às vezes. Um pouco sociopata – Ela se agitava bastante, estralava os dedos, batia as pernas. – Às vezes tenho colapsos de choro. É melhor não me cutucar, doutor, sou uma bomba-relógio prestes a explodir. – Tinha uma voz aguda e intermitente. – Sabia que as pessoas com Síndrome de Asperger, assim como eu, são na verdade, pequenos gênios? Woody Allen, pasmem, Stanley Kubrick, Messi, existem vários gênios diagnosticados com Asperger. Vocês não estão preparados para nossa sabedoria...

– Iremos te ajudar Judy, existem medicamentos. – Disse laconicamente Johnathan. Deixando claro que achou a moça petulante demais para uma interna psiquiátrica.

– Quando estou nervosa, fico muda. Então, nem tente falar comigo.

– É melhor não tentar mesmo. – Replicou Mimi.

– As pessoas não me compreendem. A minha genialidade é à frente do meu tempo. Também sou frígida, então nem tente me comer doutor. Enfim, prefiro a companhia dos animais.

– Interessante. – O Doutor fez anotações na agenda. – Fingindo estar concentrado, franzindo as sombrancelhas para não bocejar de tédio.

Todos começaram a comer, Ana fatiava a carne em pedaços pequenos, Magal comia em peças graúdas, mastigava desesperadamente, visando a próxima unidade. O relógio batia o gongo das nove da noite.

Martina estava com a faca na mão, destrinchando o frango. Sidney preferia comer ao fundo, sentado na escada. Julieta ministrava os remédios pendentes em absoluto silêncio. O doutor não gostava de Magal. O paciente se encontra de tal forma, que o maior dos castigos seria deixá-lo como está. A morte seria apenas um grande refúgio. Mesmo assim pensava: o que o impedia de saltar sobre a mesa e enterrar a faca no pescoço dele? Apertava os punhos. Sua mudança comportamental foi visível a todos. Encarava-o furiosamente.

– Com licença. Vou me retirar aos meus aposentos.

O Doutor passou o resto da noite concentrado em dois sentimentos que o sufocavam. O amor platônico imediato por Ana e o possessivo desejo de matar Magal. Ele não lhe fez nada, mas o irritava profundamente sua debilidade, ia contra seu projeto de eugenia. Abriu sua maleta de couro e observou o crânio de seus pais, um souvenir macabro do qual nunca se separou. Estavam embalsamados. Colocou um cadeado na alça e a escondeu embaixo da escada no porão, o qual tinha pedido a Margog para tornar seu laboratório, o qual secretamente desejava fazer alguns testes de lobotomia e com eletrochoques. Prática proibida e abominada por décadas. Obviamente não tinha acesso a tais materiais, mas com sua inventividade,

daria um jeito de praticar tais atos. Não estava preocupado com assepsia ou ausência de dor.

Tomou algumas medidas de privacidade no porão. Tirou a maçaneta da porta, de forma que só ele podia abrir e fechá-la, e despregou os degraus ímpares da escada.

“Sou perseguido, pois sou justo. Os meus inimigos não me encontrarão dormindo. Farei de minha morada, a minha fortaleza!”.

Começou a balançar o velho corrimão de madeira, deixando-o ainda mais frouxo, e em seguida chutou, quebrando-o em pequenos pedaços. Em seguida, afiou os pedaços de madeira, tornando-os estacas afiadas. Sentia-se ameaçado e por esse motivo, encheu o porão de armadilhas. Uma arapuca para físgar os inimigos. Com o auxílio de cordas, colocou as estacas de pé em todo o território. Utilizou pedaços de papelão e tapou as duas janelinhas tirando toda a visão, com o mínimo de claridade. Sua única fonte de luz era a lâmpada amarela usada para as suas leituras.

Margog acordou às seis da manhã como de costume, fez sua caminhada no bosque enquanto Martina preparou o café da manhã para os pacientes na volta. A mesa era farta, com queijo, vários tipos de pães, broas, bolo. Afinal, estava sendo bem paga pelos familiares dos pacientes, que se mantinham distantes, com apenas uma visita anual programada.

Atravessou o extenso corredor até a porta do porão. Encostou a orelha e ouvia barulhos estranhos. Degraus rangendo e coisas sendo arrastadas. Estranhou o fato de o doutor trocar o conforto do seu quarto por uma noite em claro no porão. Resolveu sair dali, mas antes de dar meia volta, o doutor abriu a porta. Ela disfarçou, dizendo:

– Bom dia, Doutor Johnathan! Não vai tomar café?

– Obrigado. Logo irei me servir.

Pedro era como uma coruja. Escrevia sua obra inacabada pela madrugada e dormia até o meio-dia. Por esse motivo não estava presente. Mimi estava com uma abstinência terrível, e não daria as caras tão cedo. O Doutor estava sentado à mesa quando olhou para uma das cenas mais esplêndidas de sua vida. Ana descia a escadaria, com seus olhos cintilantes.

– Olá, Doutor Johnathan! – Ana olhou para a senhora. – Hoje estou inspirada. Após o café vou fazer uma caminhada pelo bosque!

– Você é mesmo espirituosa, garota. Hoje fui limpar o túmulo de meu falecido esposo. Que Deus o tenha, Hermano. Johnathan, sabia que ele construiu esse casarão tijolo por tijolo? Da obra inicial à final foram 18 anos.

– Existe um túmulo no bosque! – Ele estava impressionado.

– É o túmulo de meu marido. Hermano Rodrigues. Ele morreu há um bom tempo e amanhã... – Pensou por um momento. – Ele tinha o desejo de ser enterrado no bosque. Tem um lindo túmulo de mármore, o qual eu limpo periodicamente.

– Como assim?! – Replicou o doutor – Ele não devia estar em um cemitério? Como conseguiu tal liberação?

– Na época em que ele faleceu não houve burocracia por se tratar de um local isolado. E a lei é bem omissa em relação a isso. Hoje em dia creio que não conseguiria tal permissão.

Enquanto a viúva relembrava as façanhas do velho Hermano, desde seu feito histórico na construção da mansão e das cicatrizes da segunda guerra mundial, o qual foi um pracinha Brasileiro na força aliada contra o fascismo e nazismo. Um membro da força expedicionária Brasileira. Lutou na batalha de Monte Castello, a mando do então Presidente da República, Getulio Vargas. Olhava para a medalha pendurada na parede da recepção e recordava de quando foi alvejado e mandado de volta para casa, até sua morte em um ataque fulminante do coração, 30 anos depois. Ela divagava. Sua mente estava no passado.

Johnathan precisava conferir essa insanidade pessoalmente. Começou a caminhar descompassadamente em direção ao bosque. Quando se deparou com o túmulo de Hermano no coração do local, ficou fascinado, examinava cada detalhe. Desde o vaso com flores murchas, até a trilha de formigas trabalhando entre as rachaduras do azulejo azul, havia a foto preto e branco de um senhor, onde a barba e o bigode brancos se encontravam formando uma só coisa. Delineou o vidro rachado do retrato. Continuou a caminhada, pisava nos gravetos secos, trilhou pelas árvores e mata fechada. Foi quando encontrou o lago. Ana nadava nua ali. O cabelo molhado a tornava mais provocante. Seus seios eram firmes e pequenos, e a cintura afunilada. Ela tinha a certeza de estar só, caso contrário não o faria. Ele sentiu uma atração física quase incontrolável. Teve vontade de tomá-la para si violentamente. Ali fez campana, por tempo indefinido...

Magal não tem problemas nas cordas vocais. Apenas esqueceu-se de como é falar. As temporadas frequentes nos sanatórios ajudaram nesse quadro aparentemente irreversível. Quando Margog o levou para o casarão, tomou uma medida drástica: mandou construir uma parede no porão, e uma porta de metal com ferrolhos e cadeados, que ocultavam a Adega de seu falecido marido, o deixando inacessível ao irmão instável. Na recepção, tinha apenas uma garrafa de aguardente do sul de Minas e uma de vinho Piagentini. Trancada em um armarinho de vidro, para o caso de uma eventual visita que apreciasse um leve entardecer.

Em sua carteira, Magal carrega notas sem valor de cruzeiro e cruzado. A sua escova de dentes parecia nunca ter sido trocada, as cerdas estavam todas reviradas. Ele escovava os dentes duas vezes por semana e só tomava banho no sábado.

Usava sempre a mesma roupa, uma calça social velha e uma camisa azul. Em seu guarda-roupa existiam outras cinco camisas iguais. O seu problema com pigarros era constante. Tinha uma vasilha de goiabada que ficava em baixo da cadeira de rodas. O pote transbordava pigarro. O seu cabelo tinha uma oleosidade além do normal. Se alguém tocasse no cabelo dele, ficava com a mão oleosa por uns dois dias. Exalava um cheiro forte de suor, cultivado em ambientes fechados.

O Doutor conversava com Ana na recepção. Ela nem imaginava que ele o havia espionado no bosque apenas duas horas atrás. Estava ganhando a simpatia dela. Ele a olhava falando, mas não ouvia o que ela dizia. Em certos momentos, nem mesmo a enxergava, tudo ficava turvo e distorcido. Só notava seus lábios rosados e pequenos, e os assemelhava a sua vagina.

– Você está bem, Doutor?

Caiu a pressão dele. Ana veio em seu auxílio. Ela o levou ao banheiro onde molhou o seu rosto com ternura, como uma enfermeira cuidadosa. Toque suave como uma seda. Ele beijou a mão da garota. Encostou-se ao peito dela, mais como um filho buscando proteção, que como um sedutor sem moral. Ana tinha afeto por ele. A relação doutor e paciente muitas vezes pende para o lado sexual.

A noite chegou. O doutor estava trancafiado no porão, ouvia as batidas das teclas da máquina de escrever ressoando frenéticas na noite calada. Ouviu o barulho de passos na recepção. Saiu para tomar um ar. Tinha barulho de pessoas conversando na recepção. Judy vinha logo atrás e espionou o porão pela fresta da porta, antes que se fechasse. Pôde ver que a escada estava sem corrimão. Tentou barrar a porta com o pé, mas ela se fechou antes.

– O que esse louco está fazendo?

Foi quando sua visão foi ofuscada pela presença do doutor, que retornou e ficou à sua frente. Ela sentiu sua espinha gelar, passou por ele sem dizer uma só palavra. Como por instinto, ela temia que ele a agarrasse pelo pescoço e começasse a esganá-la no corredor. Deparou-se com Margog na recepção.

– O que houve Judy? Está pálida!

– Por que o doutor retirou o corrimão da escada? O que ele está escondendo? Por que fica tanto tempo trancafiado lá? Que tipo de experimento pretende fazer conosco?

– Talvez a iluminação o incomode. Esses jovens doutores são excêntricos. Dê uma chance a ele, querida.

– Desde quando a escada está sem o corrimão?

– Como assim? A escada está com o corrimão.

– Não. Não está!

– Talvez tenha caído, tudo esta podre lá. Amanhã pergunto para ele.

Judy pegou no ombro de Margog com força.

– Você está sendo negligente. Eu vou investigar! Aquele sádico está de olho na Ana. Você não notou?

– Ah, já entendi. Você está interessada nele, Judy. É natural, é um homem jovem e bem sucedido...

– Você não está entendendo.

Ana estava encostada na parede da cozinha, ouviu toda a conversa. Resolveu se manifestar.

– Não está acontecendo nada entre eu e ele, Judy.

Ana se retirou sem dar direito de resposta. Margog já não sentia tanta confiança no rapaz. A senhora subiu para seu aposento e, embora não fosse de costume, aquela noite ela trancou a porta de seu quarto. Judy andou pelo corredor da ala dos homens, o barulho das teclas ficava mais forte quanto mais se aproximava. Entrou no quarto de Pedro sem anunciar. Foi quando o corredor foi iluminado por um raio que caiu, visto através das janelas, transparecendo o doutor escondido em um canto escuro. Pedro se assustou com a entrada repentina de Judy. Ela o fitava:

– Há quanto tempo você não trepa, Pedro?

– O quê?

– Faria um favor para mim? Eu sei que as pessoas não acreditam em você, mas eu acredito. Sei que no fundo é um grande escritor.

– Sim, eu sou.

– Tenho certeza que o Doutor Johnathan esconde algo. Quero que descubra o que é. Se descobrir eu te recompenso com um beijo.

– Um beijo?

– Sim. Posso beijar onde você quiser.

Ela se retirou do recinto.

O extenso corredor dos dormitórios era bifurcado. À direita, o quarto de Judy, Anna, Mimi e Margog. E à esquerda, o quarto de Magal, Pedro, além do próprio quarto. Os empregados tinham quartos contíguos na parte inferior da clínica. No fim do extenso corredor, o sótão. Uma cordinha que puxava a escada. Ao fim de ambos os lados, janelas, de onde se tinha uma vista favorável do bosque. E, do lado esquerdo, via-se a piscina desativada, toda suja e abandonada. Cheia de folhas secas.

Ele caminhava em silêncio absoluto, o vento cortante fazia os galhos roçarem a janela. A faca afiada em sua mão. Na outra mão trazia a garrafa de aguardente que pegou na recepção, onde quebrou o vidro da portinhola. Entrou vagarosamente no quarto de Magal. A porta rangeu. O homem dormia um sono profundo, seu ronco desarranjado feito uma moto com escapamento furado era a certeza da impunidade. O doutor o acordou e tapou a sua boca para que não grunhisse. Em seguida o fez beber goles colossais da bebida que descia queimando. Magal não ofereceu

resistência. O efeito alcoólico era um néctar adormecido, dos bons e antigos tempos.

– Calma. Eu não vim para te machucar. Sem mágoas, considere como um presente. Sinta o cheiro.

Ouvia as vozes do passado que diziam: “O que há com aquele garoto? Ele é tão quieto!”. “Esse garoto lê em demasia, vai acabar ficando bitolado”. “Ele está lendo a Bíblia inteira! Uma pessoa pode enlouquecer! Ou ser levada ao fanatismo!”.

– Por que esse conselho não está no livro sagrado!

Às três da madrugada, os urros de Magal cortaram o silêncio do obsoleto casarão. Dava tapas na própria cabeça, totalmente fora de controle. A bebida o deixou ensandecido. O doutor ouvia a algazarra com um sorriso nos lábios. O circo estava pegando fogo. Todos os pacientes acordaram. Há muito tempo Margog não presenciava um ataque dele. Achou que o barulho fosse de vândalos que invadiram o local. Desceu a escada às pressas, com o revólver do falecido Hermano, correu ao velho relógio, abriu a portinhola, pegou uma caixa de munição e despejou no bolso do seu casaco. Carregou o 38 com seis balas no tambor. Os pacientes observavam assustados do alto da escada. Ela se encaminhou lentamente ao quarto de Magal com a arma apontada.

Quando chegou e viu seu irmão naquele estado, uma imagem terrível do passado voltou à tona. O singelo Magal deu lugar aquele homem possesso por Demônios, uma máquina de destruir, insana e brutal. Uma marionete dominada pelo mal, sem cérebro ou coração.

– Meu Deus! Magal!

Ele não a ouvia, continuou a grunhir e se contorcer de forma animalesca. Ela implorava:

– Para com isso, meu irmão. Acalme-se.

Ela tentou contê-lo, mas ele a lançou contra a parede com a força de um louco em seus braços. Ana, Pedro e Judy estavam prontos para se refugiarem em seus quartos. Estavam impressionados. Nunca imaginariam a conversão de Magal em algo assim. Ele atacava a si próprio. Feria-se com as unhas. Judy exclamou:

– Faça alguma coisa, Pedro!

– Você está louca! Uma pessoa descontrolada pode ter a força de dez homens! E se ele resolve me destroncar como um frango?

– Magal, acalme-se – Replicava Margog.

Pedro tentou contê-lo e teve o dedo atingido por uma mordida letal, que quase o destroçou, mesmo vindo de uma boca quase sem dentes. Judy berrava desesperada, e Ana se abaixou, chorando inconsolada. Todos entraram em histeria. Pedro gemia caído ao chão, tentando estancar o sangue.

Magal deu um sorriso infantil, que em nada ornava com a cena que, para desgraça de todos, prometia não ser breve. A baba escorria pelo canto da boca. Sidney e Martina seguraram-no com dificuldade, enquanto Julieta ministrou um sedativo na veia, adormecendo-o, após intermináveis minutos.

– Judy, corra e pegue meu kit de primeiros socorros na primeira gaveta da cômoda!

Margog estava perplexa. – Ele não fere as pessoas, nem mesmo se sentindo ameaçado. Mas ele se autodestrói. – Olhou interrogativa, com expressão de fúria inconformada. – Alguém deu bebida a ele? Está exalando cheiro de cachaça.

Todos responderam negativamente, ele não tinha capacidade intelectual e física de abrir o armário para pegar a pinga, por anos intocados. Mas como a portinhola de vidro tinha sido destruída, ela já não sabia o que pensar.

Judy desceu a escada acusando o doutor:

– Foi esse cara quem deu bebida para ele. Não tenho dúvidas em relação a isso.

– Ele nos ajudou, Judy. – Ana o defendeu.

– Então você é a namoradinha confidente dele. Garanto que foi você quem deu a informação privilegiada da fraqueza de Magal para esse intruso.

– Eu só não ligo para uma ambulância levá-lo direto ao sanatório, pois te estimo muito, Margog. – Pedro estava furioso. – Mas sugiro que o trancafie em seu quarto. Sabe-se lá que tipo de germes ou doença sanguínea ele me passou? – Pedro enrolou sua mão ferida em um pano.

– Te levarei à cidade pela manhã – Ela meneou a cabeça. – Me desculpe! Estamos todos nervosos.

Margog manteve-se em silêncio. Ana e Pedro voltaram a seus aposentos. A porta do quarto de Magal foi trancada por fora, por segurança. Judy e Margog conversaram na cozinha, tomando um chá para acalmar. O doutor manteve-se acordado no porão.

Margog começou a perder a confiança no Doutor. Mesmo sem ter nada que o desabonasse por concreto.

– Ele é jovem, não deve perder tempo aqui. – Margog falou, firme. – Acho que não está se adaptando bem ao local. Talvez seja melhor eu reconsiderar. Falei isso para ele, me pediu uma semana a mais para conhecê-los melhor. Tem um projeto que pode ajudá-los. Chama-se Gênesis. Quer iniciar com Magal. Não entrou em detalhes sobre o tratamento. Já deixei claro que repudio certos métodos. Antigamente, o uso da lobotomia e eletrochoques contribuíram para deixar Magal nesse estado. Por isso, criei esta clínica. Acredito no poder do verbo, da palavra.

– Teve boas referências dele?

– Sim. Não o conhecia pessoalmente. Fechei com ele por telefone.

– Tem algo errado com ele, Margog. Não parece em nada com um médico.

Findou o dia e a senhora foi dominada por uma curiosidade mórbida. Pela manhã, o Doutor saiu para uma caminhada no bosque, como havia se tornado habitual. Não era o quarto dele a incógnita, mas o porão. Afinal, por que uma pessoa em sã consciência iria vedar sua única fonte de luz? Pegou o molho de chaves, que continha a chave mestra, embora isso contrariasse sua política na pensão. Apenas o escuro absoluto e o cheiro de mofo. Como ela podia deixar que dentro de sua residência, um local como este pudesse persistir por décadas. Isto lhe dava a certeza que, sozinha, não podia arcar com tamanha responsabilidade.

– Ele quebrou o corrimão. Tinha me esquecido desse detalhe.

Começou a descer desajeitada devido ao excesso de peso. Podia avistar as estacas afiadas no solo do porão, haviam ainda fios desencapados sob tábuas soltas. Ambos ocultos pela escuridão do local.

Um dos degraus se soltou, ela se desequilibrou e rolou para frente com todo o seu peso, caiu de boca em um degrau inferior, quebrando o maxilar e os dentes da frente. Continuou rolando, quase de forma fatal e uma das estacas se enterrou em sua coxa esquerda. Fez um esforço sobre-humano para tentar se livrar, mas era impossível, se sentia como um pássaro, sendo presa em uma armadilha. Ela tentou gritar, mas a voz não saía. Tinha muita falta de ar. A estaca reluzia, o sangue não parava de jorrar, contrariando a crença de que indivíduos na terceira idade tem pouco fluxo venal. Talvez a tensão da cena junto com saliva e sangue que se acomodou em sua garganta não fosse suficiente para bloquear sua voz, que sentia se avolumar num pedido de socorro. A possibilidade nada remota de morrer ali, isolada, foi por demais forte para que permitisse partir deste mundo sem uma reação. Ou escolhia berrar ou soltar-se, eis seu dilema neste momento. “Por que fiz isso?”. Cuspia o excesso de sangue, do líquido que encoberto por camadas de poeira transparente, quase empalideciam o tom rubro daquilo que a pouco corria por suas veias grossas. Sua pressão começava a cair. Sentia-se uma tola. Uma dor horrível, por um instante desejou morrer. Com um esforço, segurou firme com as duas mãos a sua perna esquerda, era uma mulher forte, grunhia, e inclinou o corpo, puxando a perna para cima, sentindo infinita dor. Latejava, apertava os lábios. Estava quase retirando o membro, quando não aguentou e acabou soltando , fazendo com que a estaca entrasse de forma ainda mais visceral no ferimento. Ela berrou de dor, mas seu gemido era abafado naquela pequena caixa acústica. Em uma segunda tentativa ela conseguiu se livrar, virou-se de bruços e começou a rastejar, deixando para trás o rastro do sangue em linha linear.

Começou a sentir falta de ar e seu coração batia de forma irregular e descompassada. Achou estar tendo um princípio de infarto, uma arritmia, com certeza. Começou a enxergar tudo ofuscado. Ouviu o som de uma serra, abria e

fechava os olhos, meneou a cabeça, a vista escureceu, sentiu uma tontura e por fim, desmaiou.

Há poucos metros dali, acima do nível do porão, o homem que seria o responsável pelo martírio de Margog tem outras prioridades, além de demonstrar suas hipotéticas qualidades clínicas na área da saúde mental. Seus instintos primitivos ocultos sob o verniz de um profissional aficcionado começa a derreter na presença da jovem Ana. Nem mesmo os problemas afetivos da moça impediram isto, pelo contrário, o excitam para além do racional. Correspondido no olhar, suas dúvidas se dissipam. A partir daí seus corpos agem por si próprios. O calor do contato pede que suas roupas sejam tiradas com fúria, pois o desejo não suporta barreiras para sua conclusão. E afinal, o que pode um muro de tijolos contra a enchente de um rio. Ana, em seu desejo mais íntimo, queria que o Doutor a tomasse e a beijasse. Ela sentia um desejo por ele, queria que a transformasse em uma mulher. Ele a atraía sexualmente, precisava de uma figura paternal. Ele queria beijá-la, mas isso não estava em seus planos. Os lábios se aproximaram como que por um impulso magnético, e quando viram, já estavam se beijando. Primeiro, apenas os lábios, depois a língua. Ele passou a mão no cabelo dela, ela o acalmava. Essa calma foi interrompida por um estampido brusco no porão. Foi obrigado em um gesto de renúncia inesperado a desvencilhar de Ana e retomar sua atenção para seu objeto principal, o que para os demais ainda é um enigma. O culpado por estragar este momento arderia nas chamas do inferno, disto ele mesmo se encarregaria.

Ao descer, notou o degrau solto, em seguida seguiu a listra de sangue e chegou a Margog. Ela estava pálida e quase sem reação ao perigo, típico de pessoas próximas da morte. Ele se agachou, a observando de perto. Não lhe prestou qualquer socorro.

– Eu te considereei como uma mãe. Lembra? Vim de Campos do Jordão há mais ou menos vinte anos atrás. Sou Christopher. Sabe o que significa esse nome? É o equilíbrio entre o bem e o mal. Cristo e Lúcifer. Eu tinha apenas 17 anos. Com graves problemas mentais. Considerado um mitômano, alguém que cria uma personalidade e passa a acreditar na mentira. Parece que fui além, tomei a identidade de alguém existente. Sim, por vezes tentei me matar, tenho marcas no pulso, veja!. – Mostrou os pulsos para a senhora sem reação. – Por isso eles me internaram, estavam com medo. Como deve se recordar, fugi após um ano de internação. Meses depois, assassinei brutalmente meus pais.

– O verdadeiro... Johnathan?

– O matei também. Meus pais me abandonaram aqui. Por isso eu me vinguei. Não posso dizer o mesmo de você, Margog, foi uma mãe para mim. Mas está equivocada. Não vim aqui para destruir este lugar, e sim para criar algo

revolucionário. Chama-se Projeto Gênesis. A derradeira eugenia. Estudei muito nisso. Vou fazer lobotomia em todos os pacientes, vou curá-los, para o bem da humanidade. Talvez eu ganhe o Nobel, já pensou?

– Você é louco... Nem... médico é.

– Jesus também não era, e não é chamado de médico dos médicos? Eu não preciso fazer juramento de Hipócrates para exercer minha função no mundo, mas talvez a senhora tenha razão, estou mais para um higienista que para um membro do médicos sem fronteira. Eu elimino o que não é necessário ou perfeito.

Por fim, ela deu os últimos suspiros e desfaleceu. Mesmo enxergando o inevitável, ele tentou reanimá-la, em vão.

– Por que entrou aqui, Margog? Meu edipismo chegou a me colocar em certos momentos no centro do universo. Sua falta de predicados femininos e sua idade avançada não impediriam um relacionamento entre nós. Não sou escravo da juventude e das aparências, assim como diz o marquês de Sade, tudo é pele e prazer sensorial, se somado a uma dose segura de violência. Seu espírito independente sempre me cativou, senhora.

Não pôde deixar de ter uma ereção ao vislumbrar seu trabalho concluído. E isto não é falta de respeito com a alma de Margog, sim, ele cria nestes fundamentos agnósticos da humanidade, mas o que um indivíduo perturbado como Cristopher tem como base de verdade não pode ser levado a sério, e nem cobrado como conduta. Pensamentos nebulosos o levaram à conclusão de que a culpa não foi nem dele, nem de Margog. A culpada foi Judy, que encheu a cabeça da contratante, levando a vasculhar o porão. Esse demônio com forma feminina não podia infligir mal a mais ninguém, ela era a vilã, e tinha que ser hostilizada. Havia bastante serviço pela frente. Arrastou o corpo sem vida e começou o processo de mumificação. Fez uma incisão com bisturi de ponta a ponta. Com o auxílio de um instrumento, abriu o tórax, retirou todos os órgãos, preencheu o corpo com um vaso de cerâmica da casa e folhas e ervas que ele colheu no bosque. Sabia que levaria um tempo considerável, tempo este que não tinha. O processo de taxidermia em humanos poderia levar anos. Uma simples galinha lhe deu um mês de trabalho. Já tinha experiência vasta. Empalhou seu pai e sua mãe. Recorda-se de quando costurou o corpo de sua querida genitora com uma corda de piano, isso após ter retirado cuidadosamente a pele do corpo, tratado quimicamente e colocado em um molde de manequim, mantendo o tamanho original. Utilizou poliuretano, material parecido com isopor, para fazer o molde. Diferente dos animais, que tem as imperfeições da taxidermia escondidas nos pelos, no ser humano o processo é muito mais dificultoso. O tratamento do couro é preciso para evitar a proliferação de fungos e bactérias, realizado com álcool e borato de sódio. Deixa o tecido escurecido, feito uma borra de café. O conhecido processo de taxidermia que já

usava nos animais, agora se aprimorava. Se fosse uma pessoa negra, isso não ficaria tão evidente, embora assim, ainda artificial. No caso do seu pai, o empalhamento buscou um nível de perfeição superior, devido à pelagem do peito. Não podia dizer o mesmo em relação a sua mãe. No entanto, no crânio de ambos, foi feito um bom serviço: jogou ao máximo as imperfeições para o couro cabeludo de ambos. Seus pensamentos estavam em Judy. Sua mente abriu-lhe várias possibilidades de vingança, a esta altura do campeonato, sem se preocupar em ocultar suas reais intenções.

Ao amanhecer, Judy estava perplexa, olhando para o nada na beira da piscina desativada. Pedro sentou-se ao seu lado.

– Ele deixou o porta-malas do Honda Civic aberto, eu entrei e vasculhei o carro.

– É mesmo, e o que descobriu?

– Tem muitos documentos falando sobre ele... médico, psiquiatra renomado. As folhas estão desordenadas, mas eu olhei uma a uma. Inclusive isso.

– Carteira de motorista.

– Olha a foto. Não bate mesmo com esse cara que conhecemos.

– Falsidade ideológica. Ele não é o Doutor Johnathan, não passa de um impostor!

– Ele deve ter matado o verdadeiro Doutor. – Concluiu. – E provavelmente provocou a reação do Magal.

– Não seja exagerada, menina.

– Margog precisa saber disso. Precisamos avisar a policia!

– Não tem comunicação nenhuma aqui. A proposta do local é o isolamento completo. Mas é certo, temos que tomar alguma providência. E não tenho visto Margog em canto algum da clínica.

Ao chegar ao salão, o falso doutor encontrou um comitê de boas vindas, tendo Judy ao centro. Ao fundo Pedro, Martina e Julieta.

– Quem é você? – Perguntou Judy.

– Do que está falando?

– Você é um impostor! – Esbravejou o escritor. – Mas que raios, onde esta Margog?

O doutor tocou o ombro do escritor, que se desvencilhou com asco e repúdio.

– Não me toque! Eu odeio que me toquem!

– Acho que devemos prendê-lo até que tudo esteja resolvido. – Replicou Judy.

– É melhor não se aproximarem de mim!

John apontou o 38 e, de forma repentina, atirou na testa do escritor. O barulho da bala quase ensurdeceu a todos. Estirado no chão, Pedro parece ter aceitado com facilidade seu papel de cadáver. Ao contrário do seu papel de escritor, que tentou

durante toda a vida, sem conseguir arregimentar nenhum brilho. Não se pode culpá-lo por ser medíocre, pois um romancista policial que queira viver de seus escritos não pode se dar ao luxo de se ancorar em pessoas tão fracas e suscetíveis como ele próprio. Judy saiu do centro de rotação. Em um momento, não ouvia mais nada, apenas as pessoas correndo. Ficou desorientada e então gritou de forma insana, como um animal feroz, seguido de um choro torrencial, soluçante e descontrolado. John desferiu outro tiro no quadril de Julieta, que se arrastou e tomou um tiro de misericórdia na cabeça. Parecia ter prestado um leve favor, fazendo-a ir para o outro lado da vida. Pensou ele. Era uma péssima enfermeira, e uma mulher sem qualquer atrativo físico ou mental. Ela mesma sabia disso. Sua cabeça perfurada por um projétil deixa escoar miolos que não retiveram nenhuma memória importante por 40 anos. Não faria falta ao universo.

Ana fugiu para o andar superior. Sidney apareceu repentino, segurando uma machadinha. O mitônamo desferiu um tiro na região abdominal do homem negro, que continuou em sua direção, feito uma locomotiva descarrilhada. Enfim, apertou o gatilho, mas não restavam mais balas. Se desvencilhou do homem, que acertou a machadinha na mesa da recepção. Ambos brigaram, e embora o negro fosse mais forte, estava ferido e caiu ao chão. Foi a oportunidade perfeita, o hóspede maldito não pensou duas vezes em pegar a machadinha, que tirou com certa dificuldade da madeira cravada, desferindo o golpe mortal na nuca do homem. Com ele caído, pôde, com certa tranquilidade, incompatível com o momento, desferir golpe após golpe, até as nervuras de ligação do pescoço se romperem totalmente. Cortar troncos de árvore, ao contrário do que parece, é mais simples do que romper cartilagens da carne humana. O arfar que sai dos pulmões do assassino é mais por esforço físico que por tensão. Na verdade, não é a primeira vez que esquarteja um negro na vida, classificando-se além do bem e do mal. Não tem que manter posições politicamente corretas em sua existência.

Viu muito sangue escorrendo da parede, infiltrações por todos os lados. Abriu sua maleta de couro, algumas folhas de plátanos caíram para fora. Ele tirou um pequeno box de metal que continha um jogo com cinco seringas. Preparou uma dose de calmante e subiu a escada até o quarto de Ana. A porta estava trancada.

– Abra a porta, Ana, eu não quero te ferir!

– Me deixe em paz!– Gritou Ana, já ciente da balbúrdia que desenrolou no térreo.

Foi quando chutou a porta e a agarrou à força, sendo preciso dar um murro em sua face para desacordá-la, algo do qual não se orgulha, mas considerou preciso. Aplicou a dose na veia da garota para sedá-la. Mantê-la dopada era o melhor caminho. Precisava ganhar tempo. Queria remediar a situação. Foi quando Mimi desferiu uma facada em seu ombro, gritando enlouquecida. Sua reação foi

instintiva e rápida. Virou e a cotovelou no ombro com tamanha fúria, que seu sutiã se abriu como uma mariposa. Seguido de um chute no estômago que a projetou do andar superior, passando por cima do balaústre, e se quebrando no piso do salão. Sua trajetória mais parecia um experimento de Galileu. O doutor observou de cima, o sangue empossando. Manteve a calma, caminhou até o banheiro, olhou aquela faca encravada entre a clavícula e a base do pescoço. Não conseguia movimentar com facilidade o lado direito do corpo. Com o braço esquerdo, pegou ataduras e gaze, além do restante da garrafa de pinga. Derramou um gole sobre a ferida e tirou a faca em um grito visceral. Teve dificuldades em fazer o curativo. Faltava Judy e Martina, não tinha pressa. Elas não iriam longe. Na certa, fugiram para o bosque, não havia agrupamentos há quilômetros de distância, e nenhuma forma de se comunicar. Os carros estavam avariados por ele. Ao sair do banheiro, vislumbrou Mimi se arrastando agonizante. Ele desferiu várias facadas nas costas dela, até sua morte. Contou 17 punhaladas. Foi bem melhor que disparar com arma de fogo, à queima-roupa. Exercitava seu espírito sádico. As outras mortes foram apenas consequências, quase acidentes inevitáveis, esta garota não. Sua pele asquerosa se chafurdava de sangue sob as roupas. Depois de cada punhalada, ele perfurava aquele couro amarelado imundo, cozido em álcool que muitos chamam de pele. Só lamentou o fato que este momento saboroso não perduraria nem por meia hora. O tempo que esta vagabunda perdeu se embriagando, pensou ele, teria em parte sido melhor gasto dando-lhe mais alguns segundos de volúpia com sua morte.

Arrastou e organizou os corpos, todos na sala. Relembrou o fatídico dia da morte de seus pais. No meio do nada, esta não era a hora de lembrar um hipotético passado que nunca foi testemunhado pela pessoa, mas quem podia condenar um indivíduo no momento de maior tensão de sua vida e buscar refúgio em memórias fabricadas. Por último, trouxe Magal, ainda vivo, e o reuniu ao grupo para vivenciar o horror, sem nada poder fazer. Ao abrir a porta frontal do casarão, tratou de deixar o pouco de humanidade dentro da residência para ser tomado por algo mais próximo a um animal contaminado por um vírus encolerizador.

Judy repousava no colo de Martina, escondidas na velha Toyota de Margog, estacionada no bosque. Caminhariam quilômetros até encontrar qualquer ajuda.

– Fique calma, criança, nós vamos sair dessa.

Ela se mantinha em posição fetal, enquanto Martina aninhava seus cabelos. Se sentia desprotegida e sozinha. Ela era o que tinha de mais próximo de uma mãe, já que sua família praticamente a deixou esquecida no meio do nada. Foi quando, de forma repentina, o psicopata apareceu com as mãos espalmadas no vidro do carro. Judy entrou em desespero, sentiu medo, sua mão ficou gélida, o coração pulsava forte. As pernas, trêmulas. Ele despejou gasolina em torno de todo o carro. O cheiro forte infiltrava-se por cada vão do veículo. Tão concentradas na agonia, as

duas mulheres mal se aperceberam das lufadas de combustível. Margog dispunha de gasolina para não depender totalmente de energia elétrica. Sua pequena granja, há menos de cem metros da recepção, lhe fornecia ovos e um entretenimento necessário à dureza de cuidar de seu irmão incapaz. Agora, estava morto, assim como Martina e Judy provavelmente estarão. Seriam sufocadas e queimadas da forma mais horrenda possível. Agora, de forma visível, através da janela fumê do veículo, elas vislumbram algo semelhante a uma pessoa sorrindo histericamente, enquanto despeja litros de combustível no que agora será a tumba das pobres vítimas.

As escolhas se resumem a dois tipos de morte, uma delas ao menos lhes darão um fim menos traumático. Ambas se dão as mãos em uma ligação que poderia ser chamada umbilical, pois o vislumbre do encerramento da existência une as pessoas mais que o amor. Ele ateou fogo ao veículo, ela não viu outra opção, com o pé soltou o freio de mão, o carro começou a rolar para trás, e o doutor riu ainda mais alto daquela doce brincadeira. Começou a correr em direção à Toyota que pegava um ritmo alucinado no desfiladeiro do bosque, as poças o atrapalhavam de persegui-la, estava se aproximando, deu um impulso e saltou sobre o para-brisa do veículo. O impulso fez o carro pegar mais velocidade, o lançando ao chão. O carro ribombava de um lado ao outro devido às raízes pelo chão. Judy era lançada de um lado ao outro e chegou a ser arremessada contra o teto do automóvel em chamas.

Nem mesmo a chuva rasa podia aplacar a fúria do fogo. Além disso, havia operigo maior que eram as árvores, a colisão do carro com uma delas poderia tirar as suas vidas. As raízes quase faziam o carro tombar. Elas tentavam se equilibrar dentro do automóvel, as árvores passavam em grande velocidade,. Tentou sair pelo vidro lateral, mas quase perdeu a cabeça em uma árvore que passou de raspão, esbarrou na lateral do carro e quase o fez tombar. Caiu no chão da Toyota, novamente. Viraram umas cambalhotas. Martina estava ferida na cabeça, meio atordoada. O máximo que poderia atingir era o freio de mão , mas se o acionasse, o carro poderia capotar naquela velocidade, atingir o freio convencional – pela gravidade do local, era praticamente impossível, não conseguia sair pela lateral do carro. Restaram-lhe, então, abaixar-se no chão, cobrir a cabeça e esperar o pior.

A colisão com a árvore foi violenta, amassou todo o carro, mas não chegou a prensá-la, embora tenha batido a cabeça no chão e ferido a testa. Sua primeira vontade foi ficar ali, já estava sem forças. Mas o calor infernal e a fumaça sufocante a fizeram sair. Pela velocidade que atingiu, ela tinha alguma vantagem, talvez alguns minutos até que ele a alcançasse. Tomou suas forças, e se debruçou pelo vidro lateral, um pedaço do vidro fez um rasgo em sua barriga. Judy urrou de dor e caiu em meio à vegetação. Respirou fundo e levantou-se. Judy precisava então, tomar a decisão mais importante de sua vida. Se tentasse retirar a

inconsciente Martina do veículo, provavelmente seria capturada pelo sádico. Dominada pelo medo, a rebelde fake correu sem cessar, enquanto Martina era carbonizada ante o reflexo das chamas.

Judy parou em uma grande árvore, rasgou um pedaço de sua calça, pegou algumas folhas secas e fez uma atadura na barriga, com um nó nas costas. Estava encolhida, com fome e amedrontada. Continuou fugindo, sempre ao leste, passando pelo túmulo de Hermano. Foi quando avistou o casarão. Sentiu-se aliviada. Pediria socorro aos sobreviventes, se houvesse algum.

Judy entrou no casarão. Estava tremendo de frio. Tinha esperança de encontrar ajuda. Correu em ritmo acelerado pelo chão escorregadio e, ao entrar, viu projetar a sua sombra, iluminada pela pequena janela em cima da escada, fonte de luz para o sombrio local. Começou a fechar todas as janelas, uma a uma. Também a porta da frente e dos fundos, com uma baliza de ferro atravessada.

– Eu tenho que me lembrar. – A pestana de Judy estava apontada para cima. – Devo ter fechado todas as janelas. Tenho que impedir a entrada dele.

Foi quando avistou Margog sentada em sua cadeira de balanço, no centro da sala, com pouca iluminação. Correu aliviada em direção à figura estranhamente estática diante do que estava acontecendo.

– Margog, oh, meu Deus!

Quando se aproximou, notou que a senhora era um cadáver. Uma espécie de boneco empalhado de taxidermia. Tudo muito grosseiro, devido à falta de tempo. Ele retirou os olhos desgastados dela. Uma crença antiga, que somente assim o espírito da pessoa não te perseguiria depois. Judy perdeu a sua força e começou a chorar compulsivamente. Sabia que precisava se recompor e tinha de ser rápida. Ela se prostrou ao chão, beijando a mão endurecida e gélida de Margog. O que em uma situação natural, causaria náuseas, agora lhe reconfortava. Levantou-se em meio às lágrimas, o medo se apoderou dela.

Olhou para Magal em seu estado apático e vulnerável. Subiu a escadaria correndo, a água escorrendo de seu corpo encharcado. O frio insuportável e a ânsia por sobreviver. Primeiramente, trancou a janela que dava vista para a piscina no corredor superior e demais quartos. Ao entrar no aposento de Ana, teve uma surpresa. De primeira vista, achou que a garota estava morta. Mudou suas conclusões ao ver a seringa ao lado da cama.

– Ela foi dopada. – Tomou a sua pulsação. – Se deixou levar por um estranho que agora mostra suas garras.

Sempre a achou uma idiota sem personalidade, mas neste momento, não conseguia direcionar sua ira a esta moça. Como ela poderia ter impedido este demônio de atuar sobre seu coração pueril? Ana estava bem cuidada e coberta. Judy correu ao quarto de Margog, onde pegou um ferro de marcar boi com as

iniciais HR, de Hermano Rodrigues. Desceu vagarosamente a escada. Degrau por degrau, olhava atenta para a porta. Só se ouvia o barulho da chuva. Aproximou-se da porta de entrada, seu coração pulsava. Inquietação. Desceu ao salão, ficou observando a porta central.

Entrou no banheiro masculino, passou pelo mictório. Com pressa, encostou todas as portas dos compartimentos à direita. À esquerda, tinha uma porta que levava a uma despensa de produtos de higiene. Se refugiou no quarto compartimento. Fechou a porta com o trinco, depois pensou melhor, isso tiraria o efeito surpresa, se ele forçasse a porta e tivesse trancada, ele saberia. Destrancou. Assim, ela teria o efeito surpresa a seu favor. Subiu em cima da latrina, para seus pés não ficarem à mostra por baixo da porta.

– Nunca pedi nada ao senhor, sempre achei que podia tudo sozinha, mas eu lhe imploro, me ajuda a sair viva dessa. – Sussurrou pateticamente, sem se dar conta ela mesma desse detalhe.

Havia sangue na latrina, chegou a achar que algum ferimento seu estaria gotejando sobre o objeto que lhe servia de pedestal. Com medo da própria resposta, se pôs a apalpar o corpo, e satisfatoriamente descobrir, em vão, não estar com nenhum corte profundo, nem mesmo em seu abdômen, a ponto de tingir todo o piso e servir de pista para o assassino. Cuidadosamente, ela desceu e levantou a tampa, e foi quando viu uma forma cinzenta morta na privada, era o gato de Mimi. Encostou-se na porta de despensa. Estava se recompondo. Fez dobras em sua calça molhada, que mais parecia um vestido de bodas, tão alargado que estava. Respirou fundo. Lembrou-se de suas aulas de concentração, podia ouvir até o inaudível, se concentrada. Um líquido viscoso pingou em seu ombro, Ela passou a mão e esta voltou tingida de líquido vermelho, que parecia estar em toda a parte, para seu desespero.

Uma nova gota escorreu em sua cabeça, e mais outra e outra. A poça no chão estava avermelhada. Olhou para o buraco do teto, onde guardavam produtos de limpeza. Estava obstruído por membros decepados, mal pareciam pertencer a um ser humano. O sangue, gotejando aos poucos. Judy elevou as mãos à boca, seus olhos se estalaram, esqueceu a descrição e deu um berro agonizante.

– Meu Deus!

Foi quando o doutor entrou abruptamente e a pegou brutalmente pelo cabelo, a arrastando para o salão.

– Ela era uma porca imunda que não protegia a própria prole.

Ana despertou de seu sono forçado. Estava ainda sob o efeito do calmante. Tinha pouca força na perna, andava se segurando nos móveis e na parede. Tateou o quarto escuro em busca do interruptor. Estava desorientada. Lambia o seu lábio ressecado, tinha sede. Estava com uma roupa leve. Não se recordava por completo

do acontecido. Judy tinha razão, havia algo de estúpido nessa garota, talvez para contrastar com sua beleza etérea, a natureza a tenha privado de certo raciocínio lógico. Saiu ao corredor silencioso. Estranhou as janelas estarem fechadas.

A lareira estava acesa e aquecia a casa. Havia um círculo de cadeiras, a qual Margog estava no centro, de frente para ela. Notou que Margog carecia de suas rugas e vincos, entre as pálpebras e as bochechas, bem como seu nariz parecia artificialmente arrebitado, como nestas plásticas desastrosas que velhas atrizes cometem de tempos em tempos. Sua pele caucasiana sempre tão vívida graças aos anos de sol e contato com ar livre, agora parecia encharcada de vinagre por estar muito lisa e exalando um terrível odor de formol. Ana desceu, se apoiando no corrimão da escada. A pouca visibilidade não permitia a ela enxergar todo o cenário adequadamente. O rosto do doutor se iluminava na lareira. Ele trazia em suas mãos uma taça de vinho e uma garrafa da safra antiga da adega.

– Margog!– Exclamou a jovem com pouca força. – Onde esteve? O que estão fazendo?

Ana era sinônimo de ingenuidade. John debruçou-se sobre a cadeira.

– Estamos te esperando, meu amor. Junte-se a nós!

Quando Ana aproximou-se, notou que Margog tinha sido empalhada. Ao lado, Judy estava amarrada, inconsciente, com o rosto arroxado, além de Magal, em transe, extremamente apático. Estavam mortos no local Sidney, Julieta e Pedro. Mimi jazia decepada no banheiro, e Martina carbonizada na Toyota. Ana colocou a mão na boca, aterrorizada. Queria fugir, mas o medo a impedia. Recuou até encostar-se a uma pilastra do salão, e deslizou ao chão, chorando em soluços e espasmos.

– A morte é apenas uma passagem. Mas ainda é um tabu, não é? Margog foi levada a isso, era seu destino. Michelle já se matava aos poucos.– Sorveu o último gole da taça.– Magal já está morto em vida e Judy está aqui, ferida, porém viva. Quanto aos demais, estavam no lugar errado e na hora errada.

– Por favor, não me mate!

Ana o olhava, aterrorizada. O doutor ficou desconcertado.

– Eu nunca faria isso contigo. Você foi enviada para ser minha companheira, é pura. Ana pensou. Será que tudo não passava de um pesadelo. Sua vida sempre foi uma dança entre a imaginação e a realidade. Desde que foi diagnosticada com seus problemas sociais aos 14 anos, aflorados após a morte precoce de seus pais, vitimados pelo vírus do HIV. Seu pai, João Afonso, era usuário de drogas injetáveis, logo passou a doença para sua mãe, Sônia. Embora ele alegasse que foi a esposa que lhe passou o vírus, fundamentado no fato dela ter falecido primeiro, eles sabiam ser ele. A morte precoce dos pais a levou à casa da avó. Com o falecimento da senhora, foi tutelada por uma tia por parte de sua mãe. Foi um

alívio para eles o dia que partiu para a clínica. Sua tia é sua tutora até que ela seja considerada apta ou capaz de retornar ao convívio social.

– O pecado nos corrompe através de nossas fraquezas e nos tira o viço. Mas será diferente. Você e eu. O joio e o trigo devem ser separados. Preciso queimar o joio. É o gênesis de uma nova era.

Ele colocou mais lenha na lareira. Assim como incendiava mais a sanidade da garota. As lágrimas rolavam, agora silenciosas no semblante da assustada Ana, que começa a compreender o que está ocorrendo.

– Você tem que parar com isso, John. Essas pessoas não fizeram nada para você!

– É um círculo vicioso, querida. Não posso evitar, o trem está em movimento e totalmente sem freio.

– Você tem que se tratar, John, está tudo em sua mente. Você pode mudar isso.

– Quem é você para me ditar alguma ordem, criança! Ateia-se a sua função, caso não tenha dado conta, eu lhe descortinarei seu destino se me acompanhar neste brinde...– Sorveu um gole de vinho. –Eu vejo sangue infiltrando nas paredes e caindo do teto. Foi assim que vieram as vozes me ordenando para matar meus pais. Trago eles comigo aqui, na maleta. Foi assim que iniciei o processo de taxidermia em humanos. – Ele retirou dois crânios da maleta. – Tem um espírito raivoso que sempre me manda matar e ferir, mas esse não sou eu. Tenho um projeto, se chama Gênesis.

– Ela precisa de um hospital, John. Por favor! – Ana o desafiava.– Matar é um pecado mortal, não se pode brincar de ser Deus.

John já não sentia com este comportamento reticente de Ana, tão certo de sua superioridade perante as outras pacientes. Na verdade, seu semblante envolto em sombras de loucura dava sinais de inconformismo ao ter que tratar o objeto de sua adoração como uma opositora. No fundo de seu íntimo, sabia que estava perdido. Mas em sua infantilidade, queria acreditar que poderia estar com ela para sempre. Ele não sabia que sentimento era aquele, julgava ser amor. Mas, no fundo, era um sentimento de posse. Talvez trancafiasse ela em um porão, a tratando como uma escrava sexual dele.

– Preciso matar Judy. Aí, ficaremos somente nós dois. Podemos passar todo um inverno juntos antes que comecem a desconfiar de algo.

– Você abriu meus olhos, John. Agora posso te compreender. Mas a morte é pouco para Judy, deixe-a viver para que sofra com sua vida desregrada.

Mostrando um inesperado senso de oportunismo, a infantilizada Ana, pela primeira vez em sua vida, raciocina tão friamente quanto um jogador de xadrez, se isso é pura sorte ou instinto de sobrevivência nunca saberemos, mas a forma como

a frase foi empostada chegou a convencer quase a ela mesma de dizer algo verdadeiro de sua pessoa.

– Não é justo com a sociedade. Eu não posso.

– Agora vai se preocupar com a sociedade?– Replicou Ana, fazendo o jogo dele. – E por acaso ela se preocupa com você? Deixe-a amarrada aqui. Ela irá nos servir. E se não se importa, meu amor, preciso repousar. Estou muito cansada.

Ana, neste momento, começa a temer que sua atuação possa resvalar em algum gesto imaturo seu e desfaça sua construção do personagem. Estava satisfeita com sua pequena vitória sobre o lunático. Quando dois loucos debatem, triunfará aquele que se apegar mais à racionalidade.

– Judy precisa morrer para renascer de novo. Você me compreende? Sabe que não sou uma pessoa ruim. Foi o acaso. Eu não pretendia que acabasse assim. Tudo bem. Vou mantê-la viva, pensar melhor.

Ana se recolheu aos aposentos. O doutor a trancou no quarto, levando a chave. Ela colou o ouvido na porta, ouviu os passos descendo a escada, vasculhou as gavetas em busca de algo que pudesse auxiliá-la. Nada! Abriu o trinco da janela e a levantou vagarosamente para não ranger. Olhou para baixo, era muito alto e odiava altura. Seu espírito desapegado da realidade finalmente mostra-se útil para algo. Se alguém calcado no cotidiano teria inúmeros receios de dependurar-se num beiral de madeira ressecada, uma pessoa dotada de coragem advinda do pouco reflexo sobre os perigos imediatos, parece não sofrer desta vantagem na verdade, não fosse os fatos brutais aqui registrados, ela tentaria, por inquietação, voar. Não tinha outra escolha. Passou para o outro lado da janela. Tinha medo de se apoiar com a ponta dos pés em um beiral no qual só dava para fixar metade de seu pé. As unhas fincadas em uma pequena plataforma acima de sua cabeça. Em certo espaço de tempo, olhou para baixo e ficou estática. John a observava de uma das janelas.

– O que está fazendo aí?

E rapidamente ele saiu para o lado de fora, com a agilidade de um sagui. Ele sorria, mesmo contrariado, da destreza de sua musa. Pisou no beiral e tentava se aproximar dela. Parecia possuído.

– Segure a minha mão.

Quando ele tentou tocá-la, ela se desvencilhou. Ele se desequilibrou e caiu de uma altura de mais de três metros. A copa de uma árvore amorteceu a sua queda. Ana sabia que estava perdida agora. Ela voltou até a janela de Pedro, que estava mais próxima, e entrou de volta ao casarão. Correu até o corredor, desceu a escada, pulando de dois em dois degraus. Chegou ao salão, pegou uma faca na cozinha e deu para Judy tentar se soltar. Ela tinha a porta central aberta, era só correr em direção à estrada, mas travou. A sua síndrome do pânico aflorou. Sentia palpitações, e formigamento nas mãos. Sudorese e tremores. A escapatória estava

ali, bem a sua frente, mas não conseguia se movimentar, a gravidade a impulsionava para o chão. A culpa não era de seus músculos retesados somente, e mais do bloqueio mental que ela mesma empunha. Só as lágrimas pareciam não encontrar obstáculos ao lavar sua face como uma cachoeira de água salgada, mas convenhamos, isto não iria salvá-la.

Ele apareceu à porta central, estava todo ferido com arranhões, e seu ferimento no ombro abriu com a queda, ensopando sua camiseta de sangue, que colava ao corpo. Ele estava obviamente morrendo, embora não desse conta disso.

– Gosto muito de você, Ana. Mas confesso que estou decepcionado e a confiança está profundamente abalada.

Pegou-a pelo pulso e algemou-a com sua algema particular no corrimão da escada, feito de madeira maciça. Depois, começou a esganá-la. Judy abriu os olhos semicerrados, e quando o viu, fingiu estar desacordada, tentou se desvencilhar cortando a corda, que estava muito apertada. Apoiou os pés em Magal, que a observava assustado e empurrou o seu corpo para trás, caindo ao chão. Com a queda, a corda afrouxou. Com um pouco de esforço, conseguiu se livrar. Enquanto ele esganava Ana, ela corria em direção à saída. Assim como fez com Martina, novamente estava fugindo.

Ana arroxava, já quase sem vida. As mãos impiedosas não davam trégua. Ele fitava a vida dela se esvaindo. Estava triste por aquilo. Ela o decepcionou. À medida que Ana esmaecia e se debatia, cada vez com menos força, batendo em seu peito, os olhos revirando nas órbitas. Arroxando sob a pressão dos dedos de Christopher, mais bela ela ficava em sua perspectiva doentia. Um corpo estático e sem vida sempre terá mais a dizer a um paranoico como ele, com vontade própria, a não ser que lhe tivesse total submissão. Se hoje em dia o conceito de Deus é rejeitado por pessoas racionais, não é graças a indivíduos como Christopher, que não se diferenciam em nada de profetas antigos no grau de egocentrismo e em torno de si, ou do produto de sua imaginação, criando personagens com pretensões a eternidade. Ele também estava morrendo. Tinha perdido muito sangue, já não raciocinava direito. Foi quando a faca amolada atravessou a sua garganta, e a esperança tingiu a face de Ana. O homicida caiu morto ao lado. Judy estava em choque, todo o tempo quis fugir daquele lugar.

– Eu vou buscar ajuda. Você está bem?

– Não quero ficar sozinha aqui com ele.

– Mas ele está morto!

– Eu não quero! Não!

Judy procurou a chave da algema em vão, não estava no bolso dele, nem na maleta ou em lugar algum. Se saísse, poderia levar dias de caminhada até achar algo ou alguém, ela precisava ir junto. Pegou uma chave inglesa e mostrou a Ana:

– Tem uma forma.

Ana assentiu com a cabeça.

– Preciso fazer de forma rápida.

Judy golpeou a mão algemada de Ana com toda a violência, várias vezes. A garota urrava de dor. Os golpes violentos quebraram as articulações da mão da garota, que ficou totalmente destruída e banhada em sangue, o sangue e a mão quebrada permitiram deslizar a algema, terminando de decepar o dedo polegar da garota. A sua mão ficou retorcida como uma pintura bizantina. Judy enfaixou a mão de Ana e resgatou Magal em sua cadeira de rodas. Caminharam os três, feito soldados feridos em uma guerra, mais rastejando do que caminhando. Enquanto Judy empurrava a cadeira de rodas com dificuldade naquele terreno arenoso e desnivelado, Ana abraçava sua mão destruída feito um bebê recém-nascido, de encontro a seu peito pela estrada sinuosa por horas até serem encontradas por acaso por um homem que pescava nas mediações, e lhes deu carona.

O homem não se rende à própria morte, a não ser pela debilidade de sua fraca vontade.”

E quanto ao que sobrou do velho casarão, há tempos fechado? Para os místicos, ali é a verdadeira residência do mal. As pessoas sentem a espinha gelar, maus presságios. Os olhos ficam esbugalhados de pavor, os pelos do braço eriçam e o bosque, poucos são os corajosos que se aventuram a um tour apavorante, onde ainda encontram a carcaça do velho carro enferrujado e carbonizado, o túmulo abandonado de Hermano e o lago silencioso. Alguns dizem ver luzes vindas do porão. O medo excessivo provoca alucinações.

Judy lançou um livro relatando todo o terror que passou. A bela e frívola moça foi traumatizada por escapar de um demônio. No livro, intitulou-se como uma heroína, e trouxe à tona os sintomas do Asperger em mulheres. Se intitulava Adega de Sangue, levando à tona o fato dele ter engarrafado o sangue de Margog nas safras do porto. O livro de Pedro perdeu-se em chamas. Ana superou a síndrome do pânico e retornou para sua cidade de origem, no interior.

Os pais de Christopher continuam vivos, em Campos do Jordão. Até o presente momento não identificaram o crânio do casal, que ele carregava na maleta. Ele era simplesmente um mitômano. O que era mais forte. O amor ou a loucura?



Bálsamo Blasfemo





*“Até que ponto a leitura pode nos influenciar?
O que leva as pessoas a se agruparem em gangues ou seitas?
Quem conhece o lado obscuro da mente humana?”*

O POLICIAL MARLON SAMPAIO trabalha na policia há mais de vinte anos, e há dezesseis persegue o mesmo homem. Acredita que todos temos uma missão, e como não é um homem de grandes pretensões, apenas acreditava ter como a sua ideologia de vida, casar, ser pai e desempenhar corretamente o seu trabalho. Mas ele achou o que nortearia a sua existência previsível. Ele precisa deter um psicopata chamado Papa Bento.

São quase duas décadas de frustrações. Ele usava a alcunha de Bento como forma de parodiar os conservadores pontífices católicos. Uma alusão a São Bento de Nursia, (480-547) o qual Bento XV e XVI adotaram o nome. Benedictus em latim. O papa negro logo tornou o nome uma heresia. Esperto demais para ser pego, ele é o chefe supremo de uma seita satânica em expansão, com adeptos novos a cada dia, de várias partes do mundo. Não só composta da alta sociedade, como também de pessoas do cotidiano, que buscavam na seita a solução mágica para seus problemas afetivos e financeiros. Logo, tornou-se arqui-inimigo do Cabo Sampaio, o qual julgava ter um intelecto digno de entendê-lo. As suas missas negras incomodavam a sociedade e estavam cada vez menos secretas. Mandava recados para a polícia dizendo que iam abrir a mente de Sampaio. Diziam que o pecado não existe, e rasgavam publicamente fotos do papa católico, o repudiando. O fato é que já foram encontrados dezenas de corpos mutilados. Mas as pistas não eram ligadas ao seu grupo e os investigadores ficavam de mãos atadas. Deixa bastante explícito, então, que ele quer a cabeça de Sampaio. Além disso, o Cabo foi alvo constante de membros da seita de Bento. Certa vez, estava em uma churrascaria e o membro da seita vestido de garçom trouxe a

carne no espeto. Sampaio aguardava ser servido quando o indivíduo o atacou, atravessando o ferro gorduroso em seu ombro esquerdo. No reflexo, ele chutou a mesa e o pretenso assassino caiu ao chão, levantou-se com uma adaga que reluzia de forma esplendorosa. Correu, esbravejando com a arma em punho, na direção do policial. O Cabo não pensou duas vezes, desferiu três tiros à queima-roupa. Quando aproximou-se do homem agonizante, ele apenas sussurrou:

– Post mortem nihil ipsaque mort nihil (*Nada existe após a morte, após a morte nada existe*). Frase de Sêneca, pronunciada em latim para causar maior impacto, mesmo que suas instruções em línguas fossem medíocres.

Soube que se tratava de um seguidor de Bento pela marca inconfundível dos seguidores da seita, uma serpente desenhada no pescoço, não muito grande, tatuagem que poderia ser ocultada pelo colarinho da camisa. E por um cheiro característico de perfume satânico criado pelo próprio Bento. Além de óleo extraído de Jasmim, a fragrância verde tinha elementos extraídos de árvores e arbustos, raízes e troncos, elementos animais. Dizem que tem semêm e sangue, composto por flor-de-tânis e elementos da antiga feitiçaria e magia sexual. Então, começou a tremer violentamente e, em seguida faleceu, com olhos fora de órbita.

Sampaio era um solteiro convicto de 35 anos de idade, filho de pais adotivos. Foi um garoto estudioso e se tornou um excelente policial. Cumpre com maestria e vigor as suas tarefas, provavelmente seria um bom pai de família. Explicável pela sua formação tipicamente cristã ortodoxa. A fúria do policial por Bento é fora do comum, todavia é compreensível, pelas barbaridades que Bento cometeu. A fonte era forte, os membros da seita, incluindo o Grão-mestre, estariam em um galpão situado em uma área isolada, na periferia da cidade de São José dos Campos, Zona norte, Estrada do Bonsucesso. Era a sua chance de capturar o foragido papa negro.

Bento é um homem corpulento, com 54 anos de idade. Tinha um magnetismo comparável ao de Charles Manson. Seu visual, forçosamente messiânico, seria só mais uma caricatura de um filme da Hammer produções, não fosse o seu grau de periculosidade. Ele guiava o seu rebanho, tal qual Caronte, os levando aos nove níveis mais profundos do inferno de Dante. Sabedoria utilizada para o mal. Com cabelos longos que se encontram com a sua barba e roupas sombrias, sem nenhum tipo de marca ou estampa. Uma moça loira estava amarrada nua sobre um círculo de madeira maçã, com desenhos tribais que vertiam de um círculo negro. O ambiente estava à meia-luz, com sombras espectrais produzidas pelas velas, em sua maioria já consumidas pela metade. O local, que tinha correntes dependuradas pelo teto, era típico de uma história de Clive Barker. Em muito lembrava Hellraiser, o filme dos cenobitas, entre eles o famoso Pinhead. Bento usava uma capa vermelha que lhe escondia a face e cobria todo o corpo; no peito cabeludo um medalhão prateado, repleto de símbolos satânicos. O cheiro característico de Jasmin o acompanhava. Uma mistura de mandrágora e beladona. Era seu bálsamo sagrado.

Haviam dezenas de homens caracterizados da mesma forma, embora a capa deles fosse preta, ajoelhados à frente do mestre em duas linhas retilíneas. Bento tirou o capuz, o cheiro de enxofre impregnava o ar, uma imensa imagem de Baphomet, uma abreviação cabalística de *“pactos templi omniun hominum pacis abbas. O pai do templo da paz de todos os homens”* pairava sobre o círculo. Criatura simbólica ambivalente, com cabeça de bode e corpo humano. Simboliza o bem e o mal. O céu e a terra, o feminino e o masculino. Associado às ciências ocultas, magia, alquimia, bruxaria, satanismo e ao esoterismo. Ser adorado pelos templários, visto como um demônio pelos cristãos. A criatura traz na fronte o símbolo do pentagrama com a ponta para baixo. Duas pontas para cima, como os chifres do demônio. Faz com as mãos o símbolo do ocultismo, mostra em cima a lua branca de chesed. Um dos seus braços é feminino, o outro é masculino. Desenhado por Eliphas Levi e difundida por um mago chamado Aleister Crowley, ocultista e pesquisador da magia sexual, personagem conhecido do século xx. Buscava ainda difundir a mensagem da Thelema, que buscava o livre arbítrio. Faça o que tu queres, que há de ser tudo da lei. Em seguida, passou a mão nos seios da garota. “Estão rígidos”. Ele disse. A mão estendeu por todo o seu corpo rosado, pairando sobre o piercing no umbigo da garota, o qual ele puxava infringindo dor. Depois pegou um punhal, o segurou forte com as duas mãos, iria sacrificá-la.

Bento recitava cânticos satânicos.

E então, ele desferiu o golpe, cravando o punhal no peito ofegante. Apenas mais uma virgem dentre tantas pessoas que ele ofertou. Atividade pagã, difundida desde os deuses conhecidos como homens de palha. O centro do altar tinha uma fenda, pela qual o sangue escorria lentamente, caindo em uma jarra redonda, a qual todos tomariam um gole do sangue revigorante. No entanto, enquanto a garota agonizava, ele subiu sobre a garota e começou a penetrá-la, culminando com a morte da oferta agonizante.

O culto macabro foi interrompido pelo barulho da sirene de quatro viaturas que fecharam o prédio. Em seguida, ele ouviu a voz de seu inimigo no megafone:

– Você está cercado, Bento. – Falou Sampaio. – Saia com as mãos para o alto!

Não havendo resposta, entraram dois policiais pelo fundo, arrombando uma porta de madeira pouco resistente e mais três pela frente, entre eles o Cabo Sampaio. O lugar era tenebroso e sombrio, haviam nomes impronunciáveis escritos à sangue na parede, riscos no chão. Chamou muito a atenção do detetive as correntes dependuradas no teto com gancho nas pontas: era onde ele suspendia os cadáveres. Havia recipientes com membros e órgãos humanos no formol. Sampaio sentiu náuseas ao aproximar-se do altar, pois sangue escorria nos pequenos degraus, a jarra rubra estava virada, na certa alguém a chutou na correria para fugir do flagrante. Inúmeras velas queimadas, de todas as cores, circulavam o corpo quente, que até há pouco jazia pulsante. Subiram ao terraço, empunharam a arma e chutaram a porta

contígua. Sampaio sentia uma presença invisível no lugar. Se era real ou uma indução psíquica causada pelo ambiente, era algo que não sabia responder. Havia um círculo de homens mortos ao chão, vinte ao todo, membros da seita, vestidos com a capa; no centro estava Bento, morto como os outros. Após examinarem o corpo de um por um e constatarem que todos tinham cometido suicídio, encontraram uma cápsula com o restante de um veneno letal em pó. O policial Gilmar descreveu ao cabo Sampaio:

– A boca suja de sangue os denuncia, no certo tomaram o veneno, embebido no sangue da garota. Mataram-se todos ao mesmo tempo.

Enquanto os policiais embalavam os corpos, Sampaio retornou ao andar inferior, quando viu, escondido embaixo de uma prateleira, um volumoso livro negro. Soprou-o e nele estava escrito: “Bálsamo Blasfemo”. Aquilo não era correto de se fazer, mas ele escondeu a evidência dentro da blusa, mesmo sabendo ser incorreto. Talvez algo mais que curiosidade tenha feito se apoderar daquele livro negro, que deveria revelar coisas sórdidas. Ao ver os corpos ensacados, Sampaio olhou uma última vez para ele. Estava morto. Era inacreditável! A sorte do Cabo era que estava no fim do seu turno, poderia carregar os manuscritos sem atrair atenções indevidas.

Era mais de meia-noite e o Cabo fitou o livro de capa preta, todo em couro caprino. Era notável que era escrito com caneta bico de pena, mas o impressionante era que o livro não era escrito no nanquin. E sim, com sangue de todas as vítimas e cordeiros imolados. As diversas ilustrações se encontravam nas 600 páginas do livro.

Na introdução, estava escrito: “Revelações do papa negro”.

Era a antologia de um psicopata messiânico. Revelava em detalhes sórdidos os rituais, sacrifícios, assassinatos, ideologias e pensamentos dele. No começo, havia uma advertência para os leitores. Tudo escrito em linguagem poética, em estrofes metódicas que faziam uma junção perfeita e aritmética, com uma caligrafia perfeita, muito bem escrita, de uma mão firme, sem trepidações, todos os pingos nos is, forma arredondada e simétrica.

“Proíbo qualquer pessoa não autorizada e iniciada na magia de ler este livro. Ele está destinado para um fim especial. Castigarei pessoalmente quem desobedecer este aviso!”

– Tente me castigar agora, seu puto!

Exclamou raivosamente. Ele estava trancado em seu escritório e leu vorazmente as linhas do manuscrito. Aos poucos, aqueles relatos macabros começaram a incomodá-lo, uma narrativa fria e cruel, como nunca vista, tinha trechos como:

“Após abrir o peito dela, eu enterrei a minha mão e retirei o coração ainda pulsante. Após introduzir o punho nas vísceras, vislumbrei o brilho das mucosas, como estrelas refletidas na lâmina da água, cortei pedaços do intestino para preencher com carne de fetos tenros e assim, fritá-los em óleo ardente, para que o cheiro das ervas tomasse o templo. A iguaria seria para o paladar, assim como as orações para Agamenon.”

Ele fechou o livro, sentiu náuseas e uma repugnância ainda maior do falecido. Talvez, em consequência da leitura, uma forte dor de cabeça o atacou. Mas ele persistiu naquela viagem, enquanto tomava um gole de café.

“No dia que vier a morte me buscar, os meus asseclas deverão ir comigo. Pois eu sou aquele que vai abrir os portais entre a vida e a morte. Quanto à Terra, sempre haverá um sucessor para o legado de sangue!”

Sampaio fechou o livro, estava estourando de dor de cabeça. Não dormiu durante a noite toda. Pegou no sono no começo da manhã, quando se deu conta disto já era fim de tarde, perdera o serviço. Ligou, se justificando, disse que estava doente.

– Eu tive um colapso de memória.

Realmente, Sampaio não estava bem, andava meio desmemoriado. Ligaria para o Doutor Wilson em instantes, talvez o remédio que ele toma para o seu diabetes esteja fazendo efeitos colaterais em junção com algo que ele esteja consumindo. Ele se sentia culpado por esconder a evidência do crime, mas, e agora? Como devolveria? Além disso, ele estava muito empolgado em ler a biografia de um psicopata, mas a sua dor de cabeça estava piorando. Então, ligou para o Doutor.

– Doutor Will, eu estou muito mal. Creio que o remédio possa estar me causando algum efeito colateral. Sim. Tudo bem.

Já era noite, e no começo da madrugada ele voltou a ler o macabro livro de capa preta.

“Depois que nos acostumamos a matar, isso se torna arte. Gosto de vê-los sofrer lentamente, a expressão de dor estampada na face.”

“Posso me gabar de meu profissionalismo, realizo cortes com incisões cirúrgicas.”

O que preocupa o cabo são seus colapsos, já vêm de algum tempo. Começa a se perguntar se o remédio seria mesmo o causador disto tudo. Doutor Will o examinou, o encheu de perguntas e nada encontrou de anormal. O doutor passou uns medicamentos e aplicou um dipirona no soro. Estava ficando um tanto paranoico, por um instante pensou. E se o Doutor Will for um membro sobrevivente da seita de Bento? E se o tiver envenenando aos poucos? A dor de cabeça tornou-se incessante. Mudou para Profenide, que auxiliava também nas suas dores musculares e diversos outros medicamentos, até trocar de médico.

Ele ganhou mais um dia de folga para se restabelecer. Nesta tarde, dormiu e teve pesadelos. Molhou a cama de suor, tomou uma aspirina. A campainha tocou, ele levantou, cambaleante, passou a mão na testa molhada de suor. Abriu a porta. Era Eunice, a diarista que lavava a sua roupa toda semana. Uma mulher que aparentava mais idade do que tinha. Tinha uma falta de espírito e vivacidade que automaticamente a tornava menos atraente; bem se via que era uma pessoa moldada no estilo de vida simples. As suas gorduras acumuladas abaixo do abdômen só pioravam a situação, isso porque ainda nem tinha filhos. Ele falou com dificuldade:

– As roupas estão em cima do sofá, Eunice. Eu vou me deitar, pois estou doente.

– Então, está bem. Toma um chá de erva-cidreira que passa. – Respondeu a diarista, de forma rude e pouco acadêmica. Fechando a porta e partindo.

Já eram altas horas no silêncio da noite, barulho de um grito entrecortava no ar. Sampaio correu até a beirada da cama e pegou o seu revólver. Saiu só de calção, vasculhando o prédio em busca da origem. Ele não sabia o que estava havendo, somente que era ligado a ele e talvez ao falecido Bento. Entrecortou corredores apertados do prédio, até que ouviu uma voz alta, vinda do porão. Já podia ouvir a sirene da polícia se aproximando. Na lavanderia do prédio havia um machado sujo de sangue no canto da parede e o corpo de Eunice decapitado na beira da escada. Ele se agachou para olhar o corpo. Parecia mesmo algo vindo de um dos asseclas de Bento. O forte barulho da máquina de lavar funcionando, o incomodava. Mas, cadê a cabeça? Foi então que começou a pensar. Quem ligaria uma máquina de lavar roupa a estas horas da noite? Sendo contrário, a política de boa vizinhança do local e perturbação do sono alheio após as 22 horas.

A polícia recebeu uma denúncia anônima. Ele olhou para a máquina de lavar. A cabeça de Eunice girava lá dentro, envolta em sangue. Às vezes, parecia olhar para ele. Aqueles olhos gordos, pensou. E o pior, a cabeça estava junto com as suas roupas!

Sampaio e seu parceiro de profissão tiraram algumas deduções.

– O que acha, Vando. Só pode ser um assecla de Bento.

– Não sei. Algo me diz que os asseclas estão todos mortos, talvez seja...

– Um imitador. Concluiu.

– Sim. Talvez.

– Teremos que ficar espertos. Afinal de contas, você era o archi-inimigo de Bento. Não existem muitas seitas por aqui e todas se espelhavam nele. Embora poucas levem ao extremo, atos como sacrifício humano. Elas se satisfazem em criar monopólios de veículos de comunicação e ampliar o seu domínio mental sobre populações com pouco estudo. Os Católicos já o fizeram por força, enquanto os Evangélicos neopentecostais se valem da esperteza e da incapacidade intelectual dos povos. Poderiam querer atribuir a você, a culpa pelo suicídio coletivo que houve lá.

O comentário não agradou Sampaio, criado desde a infância no âmbito religioso, não conseguia ver o mal na lavagem cerebral feita pelas religiões. Claro, desde que fosse a sua, a única verdadeira. Para não deixar por menos, comenta acidamente contra Vando.

– Sim. – Disse, ainda contrariado com o rumo da conversa. – Mas minha religião não apoia sacrifícios e atos extremos meu caro, não se pode compará-los com fanáticos.

– Bem, Sampaio, então você não leu a Bíblia. Jeová pede a Abraão que sacrifique seu próprio filho, como prova de amor a ele. Somente pessoas que foram dogmatizadas por esta crença podem achar normal um ato monstruoso como esse.

Sampaio se calou. Não queria levar essa conversa adiante. Vando concluiu:

– Mas não se preocupe, afinal, isso nunca aconteceu de verdade. São apenas fábulas e mitos do oriente medio que chegaram até nós.

Na madrugada ele pegou o livro e pensou:

“Tenho que me livrar deste livro, talvez estejam me perseguindo por causa dele, mas, preciso conhecer o seu conteúdo, mesmo que perturbador.”

Trechos do livro:

“Estou ensinando um assecla, ele se destaca entre os outros, não é tão presente, mas é o mais preparado. Talvez ele seja o escolhido para ler o meu livro, para conhecer todas as verdades em torno de mim.

E ainda:

“Uma de minhas experiências foi comer carne humana.. Me introduzi na necrofagia.”

– Já chega disso. – fechou o livro.

Sampaio está trabalhando na parte da tarde, acordou de manhã e foi comprar o café. Eram oito da manhã, a chuva da noite anterior tornou o dia nublado. Ruas desertas. Ele vestia um sobretudo sobre a roupa. As frases do livro não paravam de ecoar em sua mente. Antes do café no entanto, ele tinha um outro lugar para visitar. Caminhou ao cemitério Maria Peregrina em Santana, nome dado a uma mulata que perambulava pelas ruas e segundo a lenda, dormia embaixo de uma árvore no bairro Alto da Ponte. Diziam que a chuva não a molhava, e é claro, só ganhou notoriedade anos depois de morta. Ninguém sabe muita coisa sobre essa mulher, se tornou um mito local. As pessoas deixam presentes em seu túmulo em troca de benesses, não há uma única foto da negra, de forma que sua imagem fica no imaginário popular. Ele caminhou por entre os túmulos até chegar na lápide de Bento. O mesmo estava todo pixado por moradores revoltosos. Abaixou e sussurrou enquanto pegou um pouco da terra úmida em volta do túmulo e a espalhava na mão.

– Queime no inferno Bento!

Em seguida foi embora e no caminho de volta passou em uma mercearia. Um velho ancião enigmático estava atendendo no local. Tinha aparentemente 74 anos e se chamava Janio.

– Me veja oito pães e um litro de leite. – Observou o que levaria. – essas duas barras de chocolate, e este jornal.

A manchete de capa o motivou, gostaria de ver outra forma de abordagem do assunto, algo que não fosse obtuso como a sua visão. Estava falando do suicídio coletivo e do papa negro. O policial leu com afínco, nada que já não soubesse, ninguém que ele não conhecesse. Fotos do enterro de Bento. Ele observou bem a foto, havia um sujeito estranho entre os poucos presentes. Estava meio distante, mas a câmara o focalizou. Pegou uma caneta vermelha e fez um círculo no rosto daquele homem.

Na parte da tarde, vestiu o seu fardo e foi trabalhar. Mostrou o jornal ao Vando.

– O que acha disso?

– Nunca o vi, me passe o jornal, eu vou tentar identificá-lo.

No resto da tarde trabalhou incansavelmente, e, à noite, já em sua casa, retornou às leituras sombrias. Olhou no relógio, já era madrugada. Com a cabeça latejante, foi dormir. Doses cavalares de dipirona já não mais surtiam efeito.

– Talvez algum assecla dele o desenterrou a tempo. Só há um modo de saber. Indo ao cemitério.

Trabalhou normalmente até o fim do turno. Então, convocou Vando para acompanhá-lo ao cemitério. Não havia tempo para conseguir uma liminar para exumação do cadáver, e nem motivos factuais para isto. Vando é um sujeito mais racional, assim como, de certa forma, Sampaio o foi. Vando se sujeitou a isso, colocando o seu cargo em risco para aliviar a tensão que existia com o parceiro visivelmente transtornado e arredio. No caminho, relatou a existência do livro preto ao amigo. Havia muita névoa no cemitério. Cada um pegou uma pá e foram ao túmulo de Bérghamo de Oliveira. O nome real do assassino. Esta desmistificação do personagem não parecia ser bem aceita por Sampaio. No fundo, ele queria que Bento fosse o mal supremo. Caso contrário, suas contrições não teriam servido para nada.

A terra estava fofa ainda. Começaram a cavar e a cavar. O frio estava insuportável. Vando colocou uma toca na cabeça. Após algum tempo, Sampaio encerrou a escavação, bateu a ponta da pá no caixão, limpou com a mão o excesso de terra e constatou que a tampa do caixão estava rachada. Queria acreditar que foi ele que rachou a tampa na escavação, mas o corpo de Bento não estava lá, apenas um sepulcro vazio.

– Ao menos já sabemos quem é o homem. – Disse Vando.

– Isso não pode estar acontecendo.

– O corpo pode ter sido roubado por um seguidor.

– Talvez não existam mais seguidores.

– Talvez. – Disse Vando em tom sombrio.

– Se Bento estiver vivo, e olha que isso é uma hipótese maluca. Onde ele se esconderia?

– Onde a polícia não o procuraria. Em um lugar que já foi investigado, como a fábrica de cerâmica desativada.

Eles se entreolharam, sabiam que isto era bem possível.

Imagens de Bento ficavam na cabeça de Sampaio. A sua voz ressoava em seu ouvido. “O escolhido por mim será forte e engenhoso.”

– Eu tenho algo bombástico em mãos. Foram 21 membros que se suicidaram, entre eles o líder, papa Bento. Não há dúvidas de que todos estão mortos. Ou o legista foi incompetente ou está envolvido no caso.

– Onde quer chegar? – Sampaio estava ansioso.

– Bento pode não estar morto!

– Eu o vi morto!

– Busquei a ficha médica dele, sofria de Catalepsia. Um distúrbio que impede o doente de se movimentar. Apesar de continuar funcionando os seus sentidos e funções vitais. A pessoa fica desacelerada, parecendo uma boneca de cera. O surto pode durar de minutos a dias, e o que mais aflinge essas pessoas é ver e ouvir tudo o que acontece em volta. Esses erros grosseiros de enterrar pessoas vivas costumavam acontecer em cidades pequenas no passado, onde não haviam recursos. Mas tudo levou a crer que ele morreu envenenado, considerando a probabilidade ínfima do ataque ocorrer, coincidindo com o suicídio coletivo, isso me leva a pensar que ele ingeriu algum tipo de substância que induzisse a catalepsia.

Sampaio estava confuso.

– Nestes casos , quando abrem o caixão, a pessoa esta retorcida lá dentro, sendo que se debateu antes de morrer. Mas no caso de Bento

Tudo indicava um complô do legista, pois todos são abertos depois da morte. Gente da policia estaria envolvida. Sampaio nunca tinha pensado nisso, mas em anos da carreira policial nunca viu Vando sem farda, o mesmo usa o colarinho alto o tempo todo. Estaria ele ocultando uma tatuagem; Seria Vando um membro da seita? Estaria tentando lhe pregar uma cilada?

Caminhava pela noite nebulosa. Foi quando se permitiu dar a si próprio um pouco de prazer, que minimizasse toda a turbulência de pensamentos. Ele encontrou o anúncio no jornal. Massagem tântrica. Muito melhor que sexo, dizia o anúncio. O valor era salgado. A moça loira, na casa dos 30 anos, se intitulava como Doutora Lilian. Ela era sedutora, vestia uma roupa indiana, tinha um cristal situado no chakra, o cabelo em trança. Ofereceu a Sampaio se sentar. Serviu um capuccino de uma máquina expressa.

– É a primeira vez que faz massagem tântrica?

– Gosto de vivenciar novas experiências.

– A massagem não envolve sexo. É sempre bom deixar isso claro. No entanto, te garanto que é muito melhor do que os prazeres carnavais. Você terá em média mais de 30 orgasmos secos. A tântrica vai além dos limites da excitação sexual. Te leva à evolução espiritual através do autoconhecimento. Amplia a sua intuição, percepção sensorial e energia sexual. A massagem masculina se chama lingan. O corpo é repleto de áreas erógenas.

– E onde aprendeu essa técnica inusitada?

– Sou formada em estudo e práticas da cabala, massoterapia, cosmologia xamânica, técnicas com Ayahuasca, terapia tântrica e massagem energética. Venha comigo. E mais, você pode se deitar despido neste pequeno quarto, logo eu estarei aqui também.

– Você também irá se despir?

– Não. Eu não.

Ele a seguiu pelo extenso corredor cheio de referências indígenas. Fotos da montanha kailash, um pico branco no oeste do Tibete, situado no Himalaia, e de Buda. Tomou um banho relaxante e, em seguida, se deitou em um colchão estendido no piso de um pequeno quarto. Tinha um ventilador no chão e, na parede, um pano que recobria quase toda a totalidade com o desenho de Shiva no centro. Imponente, com a naja em torno do pescoço, segurando o trishula, tridente que a acompanha. A entidade parecia ter vida própria, o pano dançava e se movimentava com suavidade, provavelmente devido ao vento do ventilador, embora parecesse ser algo sobrenatural.

A mulher o mandou deitar de lado e flexionou uma de suas pernas, de forma a deixá-lo em uma posição fetal. Pediu para controlar a respiração:

– O segredo maior está na forma como respira. Esqueça o tempo, essa maneira ocidental de viver. Inspire forte e expire, mais uma vez.

A mulher recitava um mantra, e emitia um som gutural que a transformou em uma espécie de entidade. Uma sacerdotisa tantra a dominou. O cabelo cobria toda a face, o qual usava suavemente para massagear o corpo. A suavidade dos fios o fazia arrepiar. Ele olhava para a face recoberta e para a entidade em pano envolto. Enfim, ela começou a massagear o pênis. Ele tentou segurar, mas após quinze minutos, ejaculou. Achou que seria o fim, mas era apenas o começo da viagem. Ela continuou o masturbando e massageando o períneo, fazendo com que tivesse vários orgasmos secos. Pareciam as ondas do mar, umas mais fortes, outras mais brandas, uma sensação próxima da morte, indescritível. Namastê. Sentia-se profundamente agradecido. Começou a ter flashes perturbadores. De Bento falando:

“Assim que eu morrer, ele comandará. É o homem mais violento que já vi. Há sete anos ele me acompanha. Um dos asseclas o colocou na polícia e ele participou de um grande número de sacrifícios. Só tem um problema: a sua dupla personalidade. Assim como o médico e o monstro. Doutor Jekyll e Mr Hyde. Ele criou uma independência absoluta de seu lado mal. É malévolo. Enterra o punhal nas vítimas e as dilacera. Esse é seu alter-ego, não pode fugir de seu elo. Eu abrirei a sua mente! A sua personalidade mais forte vai ascender. Ele tem o meu sangue correndo na veia. Eu sou o pai legítimo dele. Quando violencei a sua mãe, ela não aguentou a pressão e entregou o garoto à adoção. Através de meus asseclas, eu descobri quem eram os pais adotivos. O observava de perto. Cheguei até a ser o palhaço de uma das festas de aniversário. O fato é que somente ele pôde continuar o legado”.

Sampaio pôs a mão na cabeça e começou a sussurrar:

– Não pode ser!

Ele se viu desenterrando Bento, participando das seitas junto aos outros asseclas. Saiu apressadamente do recinto, após pagar a renomada doutora. Ele não entendia bem o que diferia uma puta de uma doutora, mas não se importava com isso agora. Só

queria saber quem ele era. Seria esse choque de identidade a causa de suas dores intermináveis de cabeça.

Algo no instinto de Vando dizia que deveria retornar ao galpão. Percorreu aquele local sombrio, o vento das janelas quebradas faziam as correntes se mexerem, vinham presas do teto, algumas tão grandes que chegavam até o chão, típicas de abatedouro, sempre com um gancho na ponta. No fundo do galpão, estava Bento. Vando começou a tremer, empunhou o revólver e caminhou lentamente para ele.

– Parado onde está, Bento!

Bento se recusou a responder, permanecia ali, na sombra, calado. Vando se aproximou dele e o tocou. O cadáver de Bento caiu de lado, ele estava morto. O cabo Sampaio emergiu das sombras e falava maliciosamente:

– Ele realmente sofria de Catalepsia, Vando, também é verdade que, neste caso, ele realmente se matou tomando veneno.

– Mas e o caixão aberto? – Vando estava perdido. – Um seguidor teria desenterrado o cadáver?

– Eu o desenterrei, Vando. Todo o tempo fui eu!

– Você está perturbado, Sampaio. Logo tudo se esclarecerá.

– Deveria ter mais afinco nas pistas.

Vando achou ser um desabafo de Sampaio, de forma alguma poderia conciliar o seu amigo às mortes. Sampaio chutou longe a arma da mão de Vando e avançou sobre ele. Os dois rolaram no chão, e só então, Vando viu Sampaio com o seu semblante verdadeiro, o de um assassino.

Sampaio tinha todo o domínio da situação, enrolou uma das correntes no pescoço de Vando e começou a enforcá-lo. O seu companheiro caiu de joelhos, usou as suas duas mãos para tentar afrouxar a corrente em volta do pescoço, já não tinha mais ar, nem forças, Começava a arroxear, sabia que aquele era um passo que antecede a morte.

– Não é nada pessoal. Faz parte do seu destino.

Ele não tinha muitos segundos de vida. As mãos do assassino eram fortes e impiedosas. Tateou o chão em busca de algo para acertar em Sampaio e não encontrou nada, a não ser uma das correntes dependuradas. Ele deslizou a mão pela corrente até chegar a sua ponta, segurou firmemente o gancho e então o enterrou com toda a sua força nas costas do assassino. O gancho perfurou a camisa e rompeu os músculos nas costas de Sampaio, que o soltou por instantes e deu um guincho, um urro de dor que ecoou no ambiente vazio. Enquanto Vando tomava um fôlego, com o pescoço marcado e sem ar, o psicopata tentava tirar o ferro. Mas não conseguiu, Sampaio olhou clinicamente para a sua vítima e disse:

– Está vendo! Todos têm uma natureza maligna. Ou sou eu, ou você. Não é melhor do que eu. Se sobreviver, eu estou perdido, vai me delatar.

Mesmo com o tronco seguro pela corrente, delimitando os seus movimentos, bateu o chão e encontrou uma barra de ferro, pois se acostumou tanto a trucidar pessoas que deixou a sua arma no carro.

Vando rastejava, tentando fugir dele. Sampaio estava dominado por seu lado obscuro. Dupla personalidade. Ele saiu correndo atrás de Vando com o cabo de ferro na mão e logo foi brecado em seu território delimitado pela extensão da corrente. Correu até as argolas se estenderem por completo, lesando ainda mais o seu lombo, que a essa altura quase se desfazia em pedaços.

– Maldito gancho!

Vando viu que ele estava preso e notou a escotilha no fundo do galpão. Começou a girar a manivela, enrolando a corrente e, com isso, arrastava o psicopata para trás. Sampaio berrava:

– Vá se danar, seu puto! – Começou a rir nervosamente. – Acredite, eu não sabia quem eu era. Acreditava em seu companheirismo. Parece piada, uma sessão de tântrica me mostrou a verdade absoluta!

– Eu sei.

– Como poderia saber?

– Encontramos a massoterapeuta morta em seu ambiente de trabalho. – Tirou o distintivo de Sampaio do bolso. – Encontrei o seu distintivo lá, oculte a prova, no fundo acreditava que você era uma boa pessoa.

Quando o agora instrumento de tortura chegou ao seu limite e ficou totalmente estendida, Vando continuou a girar a manivela, suspendendo Sampaio no ar. O seu corpo flutuava em um balé macabro por um metro e meio do chão, mais que isso seus 85 quilos romperiam a sua pele, já próxima a isso, aliás. Sampaio estava grotesco. Estendeu os braços feito um Cristo na cruz e começou a rir descontroladamente.

– Está vendo, Vando? No fundo você é como eu, sente prazer no sofrimento humano. Quer me ver morrer dolorosa e lentamente, pois a morte é arte.

Vando bateu o chão até que encontrou o seu revólver. Apontou-o para Sampaio.

– Eu não sou como você. Não sinto prazer no sofrimento alheio.

O ferimento aumentou, os músculos começaram a rasgar e o sangue jorrou rapidamente, Sampaio disse, com dificuldade, em seus últimos momentos sôfregos de agonia:

“Vando, eu vou abrir a sua mente”.

Duas horas depois, a polícia abaixava o corpo suspenso e fazia a perícia. Vando tomava o café revigorante. Foi quando notou o livro preto, a evidência maior dos crimes, dentro do carro de Sampaio. Deveria entregá-lo à polícia, mas ele o escondeu para si mesmo!

“Vando, eu vou abrir a sua mente!”

Até que ponto a leitura pode nos influenciar? E quem conhece o lado mais sombrio da mente humana? Um estranho cheiro de jasmim acompanhava o artefato...



Conspiração Camaleão



CONSPIRAÇÃO CAMALEÃO

“Diário de Artur Cavalheiro”

23 de julho 2042

HOUVE MUDANÇAS REMOTAS, porém essenciais de uns anos pra cá. A mudança mais impressionante foi na área da segurança. Hoje, a prisão de Tremembé, com seus 800 m2, possui minas implantadas ao redor, indo contra todas as resoluções possíveis da ONU– Organização das Nações Unidas. O Governo Federal revogou os tratados de direitos humanos por sua própria conta. Na minha opinião, mesmo com alguns reveses na constituição, foi bom para livrar a sociedade de vagabundos.

Se o local já era uma fortaleza, se torna impossível fugir de lá. Isso devido a um microchip conectado no pescoço do prisioneiro. Não existem celas, caminham livremente por toda a prisão, mas na sua área, se atravessassem a faixa proibida, aquele microchip que eu mesmo ajudei a arquitetar, faz os prisioneiros se contorcerem, recebendo uma temida carga elétrica.

Tudo isso devido, claro, ao triste incidente de um ano atrás. É inacreditável, mas 72 presos fugiram da prisão. E não foi induto de datas festivas, já que esses presos não sabem o que é isso. Foi uma fuga extraordinária. Apenas escrevo essa folha de diário, como forma de dizer o que sinto. Sempre fui retraído. Não sei conversar abertamente sobre sentimentos. Sou durão, admito, meio carrancudo, mas tenho muitas ideias em mente, muitos pensamentos. Sou apenas um sujeito bom e simples, que não se aprofunda nos meandros da lei, e quer ver resolvidos os problemas do cotidiano, sem muitas delongas. Sou o chamado inocente útil.

“Diário de Arthur Cavalheiro”

24 de julho

Mais um dia ruim no serviço. Vi-me aliviado no fim do dia, ao poder tirar o meu coturno. Acho que todos têm o direito a duas escolhas: ser amado ou temido. Eu sou temido, tenho sido rude com as pessoas. Coisa de homem patenteado no exército. Mas vou mudar meu jeito de ser. Afinal, sou uma boa pessoa, e quero o bem de meus semelhantes.

Como lutei para que meu cargo fosse o mais importante! O programa de proteção a testemunhas passou a funcionar. Hoje, como todos os dias, entrei no prédio das forças armadas. Um prédio muito bem arquitetado. Local ultramoderno, com câmera, e vigília 24 horas por dia, monitorando cada movimento suspeito de algum bandido. Todas as portas são abertas por cartão magnético. Porta corta fogo em todas as alas, e vidros impenetráveis, blindados. Assim como na maçonaria, o prédio tinha círculos fechados, que nem mesmo os funcionários tinham acesso. Apenas a alta cúpula. Algumas portas eram guardadas por dois guardas, altamente armados, instruídos para não sorrir e não conversar.

“Diário de Arthur Cavalheiro”

25 de julho

“Hoje, como de costume, ao entrar no serviço, cumprimentei Haroldo Alves, o faxineiro do prédio. É chamado de senhor devido à sua idade. Era preciso um pouco de respeito. Ele sucedeu o pai falecido, que já fazia faxina antes mesmo de eu ter sido gerado. Pobre Haroldo, o admiro muito, pois este é um serviço ao qual as pessoas não dão o menor valor. Com a idade dele, gostaria de estar bem longe desse lugar, curtindo uma praia, onde pudesse esperar o beijo da morte na mais santa paz. Ele usava aquele macacão e aquele boné de propaganda, com sua cabeça calva e um nariz excessivamente grande. O impressionante é que era um homem horrível, o coitado tem bolhas pelo rosto, verrugas e pelos que brotam de suas mãos, que no entanto são comidas pelo cloro e tem uma pele que mais parecia uma lixa; e em meio a tanta feiura, era impossível não notar o seu olho azul. Mas não era um azul normal, e sim, chamativo, e que causava um efeito de contraste com sua feiura. Chegava a ser estranha tal combinação. O coitado ficava assim como hoje, sentado em frente ao banheiro, ouvindo apostas de cavalos. Apostava uma mixaria, sempre num mesmo mangalarga marchador, o Faisão. Já tentei fazê-lo mudar de ideia. Havia outras escolhas melhores e que prometiam, mas não, ele preferia apostar no velho Faisão, assim como há anos, e perder sempre.

Ver o velho Haroldo sempre me fez sorrir. Ele era excêntrico. Mas o sorriso sumiu de meu rosto ao me aproximar de meu local de serviço. Guardas e mais guardas fechando o local com fuzis, o que era preciso para defender as testemunhas oculares. Todos me conheciam, eram meus colegas, Paulo, Michael, Latreille... Mas mesmo assim, era uma maldição ter que usar esta droga de cartão magnético para entrar. Atravessando a porta, percorrer todo santo dia aquele corredor pouco iluminado.

Como sempre, as minhas testemunhas estavam refugiadas lá dentro, em um pequeno hotel com quarto e banheiro para cada um. Em grande maioria, as pessoas que denunciaram traficantes e testemunhas de crimes políticos. Geralmente, a primeira pergunta que fazem é: “Eu estou seguro aqui?”, não conhecem o sistema. Nada é mais seguro que este local, seria impossível uma mosca atravessá-lo, se mesmo assim, um inconformado quisesse matar a sua vítima, detonando o prédio com explosivos, todos morreriam, menos as testemunhas. O local é feito de um plástico inquebrável e resistente a impactos de 50 toneladas. Desenvolvidos por nossa indústria química no Vale do Paraíba, e importados às forças armadas de Israel e Britânicas. As patentes desse material são o orgulho da região, pena que sua finalidade seja tão pouco nobre.

“Diário de Arthur Cavalheiro”

26 de julho

“Peguei o elevador para chegar mais rápido ao 14º andar, e percorri o corredor na mesma rotina diária. Havia uma testemunha nova aos aposentos secretos. Michael e Paulo mostraram-na a mim através da persiana. Era mulher de um louro obviamente tingido. Ela se chamava Arlete. Estava visivelmente abatida, com olhos arroxeados e trêmulos. Quando entrei me apresentando, ao apertar sua mão, senti que estava fria ao extremo, sentei-me ao seu lado e pedi um copo de água com açúcar para ela se acalmar. Mesmo sabendo que é apenas efeito placebo.

Ela dizia ser uma cientista assistente de Ivo Capulski. E que tinha a plena certeza que ele estava morto há mais de um mês. E isso era insano e impossível. Capulski era uma personalidade pública e estava sempre em destaque na mídia. Pelo o que essa mulher dizia, não passaria nem na calçada de nossa fortaleza, se não fosse uma phd renomada no meio científico. Ela relatou estar fazendo experimentos de botânica em Tiahuanaco, um importante sítio arqueológico pré-colombiano situado na Bolívia. O que ela descreveu foi assombroso. Disse que ele era um replicante de seu mentor. Que uma força alienígena desconhecida se apoderou do homem e fez dele o seu hospedeiro.

“Somos apenas um grão de areia no universo. E não estamos sozinhos, não mesmo.”

Descreveu um clarão, seguido de um ponto de luz que desapareceu em um instante, na mata. Ela declarou, enfática que ninguém estava a salvo, que eles não eram amigáveis, detectáveis pelos cães. E que estavam colonizando. E que, provavelmente, teriam colonos ali dentro também, e ela tinha que sair dali urgente.

“Diário de Arthur Cavalheiro”

07 de agosto

Arlete está em profunda crise nervosa, ela sofre de neurose. Está a todo esse tempo sob sedativos, e quando está acordada fica aos berros, dizendo que um ser parecido com um camaleão queria pegá-la. O único espelho que tinha no quarto foi retirado após ela tentar se matar. Ela o esmurrou e pegou um estilhaço para me atacar, dizendo que eu era um deles, disfarçado.

Em alguns momentos em que estava menos alucinada, relatava ver os seres principalmente em sonhos. Quando você os vê, é como se abrisse um portal, o qual eles te veem também. Uma versão moderna dos homens cinzentos.

“Diário de Arthur Cavalheiro”

08 de agosto

“A minha letra sai ilegível. Ainda tenho o arcaico costume de escrever à mão. Odeio teclar. Este costume, herdei de meu pai. Era um ser vintage, não aderi a smartphones. Era fiel ao modo de vida analógico e arcaico.

Estava na penumbra, entrando no prédio em mais um dia de serviço. A rotina habitual, cumprimentei alguns e me dirigi ao banheiro. Ao entrar, me deparei com o rádio ligado, e na última saleta estava o senhor Haroldo, agachado no chão. Achei que estaria limpando-o. Fui ignorado, assim que me viu e estranhei, mas ele ficou pasmo. Havia algo de errado com ele. O rádio tinha anunciado pela primeira vez a vitória de Faisão, mas isso soava indiferente. Eu não podia crer no comportamento do velho. Ele tinha os olhos vidrados e secos. Imaginei que estivesse com algum tipo de depressão, pois fisicamente não aparentava ter nada. Outro fator que me chamou a atenção: O velho Haroldo era manco e andava cambaleante. Mas agora, caminhava de forma ereta e firme como um atleta. Outro fator determinante foi a perda de seu sotaque Italiano, uma aparente rigidez nas

palavras, e uma total economia de sílabas. Deixou de ser meu amigo da noite para o dia.

Comecei a crer em uma possível teoria da conspiração. Seria mesmo verdade aquela história lunática da assistente de Capulski! Haroldo parecia mesmo um replicante e tinha livre acesso ao quarto da mulher. Passei a temer pela segurança daquela senhora.

“Diário de Arthur Cavalheiro”

28 de agosto

Persegui o velho pelo corredor. Sabia de suas intenções. Eu o alcancei e nem mesmo lhe dei a chance de falar. Tinha medo que ele escapulisse novamente. Vi o seu rosto inchar e arroxear, fazer bico e um estalar de ossos; minha mão contra o seu pescoço o destroncando feito um galo. Meus dedos praticamente enterrados na sua garganta, e ele perdendo o ar, o olho se esbugalhando. Sua relutância foi acabando, até que tudo se tornou silêncio e eu tive em minha frente o replicante, desta vez morto. Enterrei o dedo para tirar sua máscara, mas ela não saía, havia se fixado muito bem ao corpo. Então, fui num lugar mais frágil do corpo, em torno do olho, e enterrei meu dedo, puxando aquela fina máscara com toda a força, mas me assustei com o que vi: o Camaleão era como em meus sonhos, came viva.

– Eu não estou puxando a máscara, e sim a pele do indivíduo.

Senil repugnância, o cadáver a minha frente com o rosto arregaçado, a órbita dos olhos exposta, a pele repuxada pelo seu rosto, e aquela came viva, aquela conexão de músculos e nervos. Mas, quanto ao Camaleão, como pode ele não estar usando máscara? Não podia crer no que via em meu íntimo, estava rodopiando dentro da minha cabeça. Eu matei o velho! Um ímpeto de loucura. Entrei no elevador e apertei nervosamente o botão para descer ao térreo. Atravessei o hall correndo e atingi as ruas. Neste momento, ouvi barulho de sirene, e o carro de polícia me fechou no flagra. De dentro do carro, o Diretor do prédio, Senhor Caroni. Meu superior imediato. Ou seria ele também um replicante? Fui algemado, tive a cara chapada na viatura, e fiquei preso na mesma base onde protegem as testemunhas protegidas pelo governo.

Procurei no armarinho do banheiro por algo que pudesse usar como arma. Mudamos os vidros depois que Arlete tentou se cortar.

“Diário de Arthur Cavalheiro”

8 de setembro

“Faz vários dias que estou neste inferno e não recebo visita alguma, nem mesmo do Senhor Caroni. Apenas um cara alto, usando uma roupa menor que o de costume, com nariz fino feito uma navalha, um rosto largo e pálido em um formato oval. Todos os dias me traz algo para comer; na realidade, já tenho minhas dúvidas se era mesmo humano. Não tenho em mãos nenhum tipo de arma. Não tenho chance de fuga, não recebo visitas e este homem que lhes falo só aparece três vezes ao dia. Traz as minhas refeições e me ignora completamente. Não havia faca para cortar o bife. Eles sabiam que representava uma esperança de fuga, mas aquele garfo aparentemente inocente podia virar uma arma em minhas mãos. Eu poderia enterrá-lo com tanta força no pescoço do cara pálido, que acertaria em cheio a jugular dele, e enquanto ele berrasse e se contorcesse no chão, o sangue esguicharia da veia a meio metro de distância, e eu poderia escapar. O próprio rapaz se distanciava e me olhava, atento, preparado para uma reação minha. Assim que fiquei sozinho, comecei a entortar uma das quatro hastes do garfo, fiquei na fricção do vai e vem, começando com voltas de 80 graus, e voltando à condição normal. Por fim, vendo que o tempo estava se esgotando, dei uma volta completa de 360 graus, e mais outra, e outra e outra. O garfo perdeu uma perninha, um dos dentes cedeu com o estalar...tlec...original. Escondi o garfo com seus três dentes, ele certamente notaria a diferença. Foi questão de lambuzar o garfo de tal jeito que até no cabo havia purê. O cara veio buscar o prato e nem se atreveu a revistar aquele garfo nojento. Simplesmente o levou embora.

“Diário de Arthur Cavalheiro”

9 de setembro

“Durante todo o dia, fiquei sonolento e observei a paisagem pela janela. Foi quando ouvi passos, e o tlec da porta; seu virar de chave na fechadura até que se abriu devagar, com o leve rangido de quem não queria fazer barulho. Ouvi passos lentos, e um leve estalar sobre o piso de madeira. Ele certamente achou que eu estaria dormindo, mas eu o surpreendi. O homem se aproximou de minha cama e tirou uma adaga. Usava luvas brancas de silicone. Empunhou-a, pronto para me sacrificar.

Ele me algemou naquela maca fria, com aquele couro emborrachado, e saiu. Não trancou a porta, apenas a encostou. Deixei escorregar minha mão e com algumas tentativas frustradas, afrouxei o que me prendia. Levantei-me da cama, caminhei silenciosamente até a porta de entrada e me encostei na porta, colando o ouvido nela. Não havia passos no corredor, então olhei pelo buraco da fechadura e constatei que tinha um espaço de mais ou menos um metro. Nenhum guarda de

plantão na porta. Encostei os dedos com cuidado na maçaneta e comecei a baixá-la devagar, abrindo apenas uma fresta minúscula e, neste espaço de luz, observei o corredor, que estava deserto. Media aproximadamente uns 75 metros. Um corredor nu e cru, com extintores do lado direito na parede e portas do lado esquerdo.

Saí no corredor com cautela, eu conhecia todos os macetes daquele local; até o meio do corredor era preciso andar colado à parede do lado direito, para que a câmara no teto não me focalizasse. Da metade para a frente é preciso andar grudado do lado esquerdo, devido à segunda câmara. Na quarta porta, encontrei Arlete. Ela não estava algemada, mas a porta estava aberta. Podia ser um truque, mas eu tinha que tentar. Entrei no silêncio do quarto dela e a observei por algum tempo. Ela estava sentada em cima da cama e passava a mão em algo que não pude ver de início, pois ela estava de costas e grunhia baixinho, algo que não compreendia. Aproximei-me e estendi a mão para tocar em seu ombro. Estava de camisola e escondia os contornos de seu corpo; seu cabelo estava ensebado e despenteado. Cheguei para tocá-la, bem perto, mas não a toquei, pois só assim ouvi seus grunhidos, era uma canção e o que mais me assombrou, uma cantigade ninar para crianças.

Ela se virou para mim, levei um susto quando a vi. Estava em transe, parecia um zumbi, tinha olhos aéreos, perdidos, lábios roxos e o cabelo, em parte, arrancado do couro. Trazia uma mecha em sua mão e me olhava, mas não me reconhecia. Ela estava louca!

Tinha nas mãos uma bonequinha de porcelana. Olhava e sorria para mim, cantarolando. Saí do quarto, deixando ela para trás, arranquei um extintor da parede e fiquei à espera na porta com senha, logo, filmado pelas câmeras do corredor. Um guarda abriu a porta e eu lutei contra ele. Foi quando senti uma pancada na cabeça e desmaiei.

Estava meio zonzo, mas podia ouvi-lo dizer: “Serei mais severo contigo dessa vez, esse rastreador vai limitar o seu espaço”. Enquanto perfurava o meu pescoço com o instrumento metálico, ele dizia: “Sentirá uma forte pressão, em um procedimento tão rápido quanto indolor.” Passei a mão no pescoço e senti uma protuberância por debaixo da pele.

“Se você não respeitar a sua área limite, o aparelho emitirá um sinal ao cérebro, que ao receber o choque, descontrolará as funções do corpo”. O comandante sai de posto e o cara que levar o choque, cairá totalmente desorientado e se contorcerá no chão, feito um epilético em crise, sem capacidade de qualquer ação. Se o sujeito for persistente isso culminará em um efeito retardado, ou pior, a morte!

O mais impressionante é que uma vez, um condenado morreu sob essas condições. Na autópsia, consta que ele foi devorado por dentro pelas ondas elétricas. A urina foi expelida de seu pênis murcho, e os olhos começaram a ser

tapados pelo sangue que escorria das cavidades – boca, nariz, e os olhos – que se soltaram da órbita, ficando esbugalhados para fora. Mais impressionante fora sua pele se avermelhando e, em seguida, o fogo que brotava de dentro para fora atravessava a pele, até que o mesmo consumiu tudo.

Mas este foi o único caso de resistência, a maioria segue o instinto e não se aproxima do feixe de laser. O simples contato pode lançar uma pessoa a metros de distância. Ficam em transe por alguns segundos, tremendo, contorcidos no chão ezonzos pelos próximos 15 minutos.

Sabia que estava sendo vigiado. Vasculhei cada objeto, abajur, almofadas, teto. Fui em frente ao espelho e lá havia um cantinho minúsculo de vidro falso. A câmera estava por trás do vidro, malditos! Fizeram de mim um reles rato de laboratório. Poderia enterrar aquele ferro no pescoço, mas não tive a mesma coragem.

Estava no limite do cansaço, pois já não conseguia dormir, meus olhos se fechavam e abriam, e observava os raios luminosos fechando o olho até tudo se transformar em um único ponto de luz.

Foi quando da escuridão, ele apareceu. Estava vestido para uma ocasião especial, impecável, mas o rosto monstruoso assustava mesmo assim. A luz da porta o iluminou e pude ver seu sorriso cínico, que estendia de uma orelha a outra. Seus olhos azuis eram vidrados.

Atraquei-me com ele, que me esganou e usou força braçal para me conter. Me contorci no chão quando me espetaram algo. Fiquei agonizante, todo contorcido, as mãos como que viradas do avesso. Passei a espumar e virar meu olho na órbita, sendo visível apenas o branco do olho, e minhas pálpebras tremiam descontroladamente. Meu estômago se flexionava ligeiramente e eu me sentia em transe, como se estivesse tendo uma convulsão. O inevitável ocorreu: uma poça de urina se formou a minha volta, amarelada e ácida quando perdi todo o controle do meu corpo.

Gravação, dia 15 de Outubro

Capulski– Como está se sentindo hoje, Queiróz?

Queiroz– Como poderia? Sendo cobaia de um replicante alienígena. Queria falar com Arlete.

Capulski– Sinto lhe informar. Arlete faleceu há alguns anos.

Queiroz– Com certeza vocês a mataram. Assim como pretendem me matar.

Capulski– Pode se descrever? Você e o ambiente ao seu redor?

Queiroz– Assim como na metamorfose de Kafka, estão me transformando em uma criatura diferente. Estou envolto em um casulo gosmento e branco, não tenho

mais braços, ele se estende até as paredes.

Capulski – O que está ocorrendo é que está usando uma camisa de força até acalmar seus ânimos. Você sabe que não está em Tremembé, isso foi antes de diagnosticarem a sua esquizofrenia paranoide.

Queiroz– Está mentindo!

Capulski– A leitura de seu diário nos ajudou a compreender o que se passa em sua mente. O cérebro é como uma cebola, tem várias camadas. Quem acha que eu sou?

Queiroz– Um replicante alienígena. Um camaleão que se molda às suas vítimas.

Capulski– Eu sou o Doutor Presidente desse Sanatório de segurança máxima. Sim, os pacientes mais perigosos estão nessa ala. O primeiro passo para a cura é a conscientização da doença, entende isso, Queiroz?

Marcos– Eu não me chamo Queiroz. Meu nome é Arthur Cavalheiro. Membro do alto escalão do exército, responsável por essa ala de proteção a testemunhas.

Capulski– Arthur Cavalheiro é seu alter ego. Você se chama Queiroz Almeida. Foi preso após matar a sua esposa com requintes de crueldade. Ela se chamava Arlete.

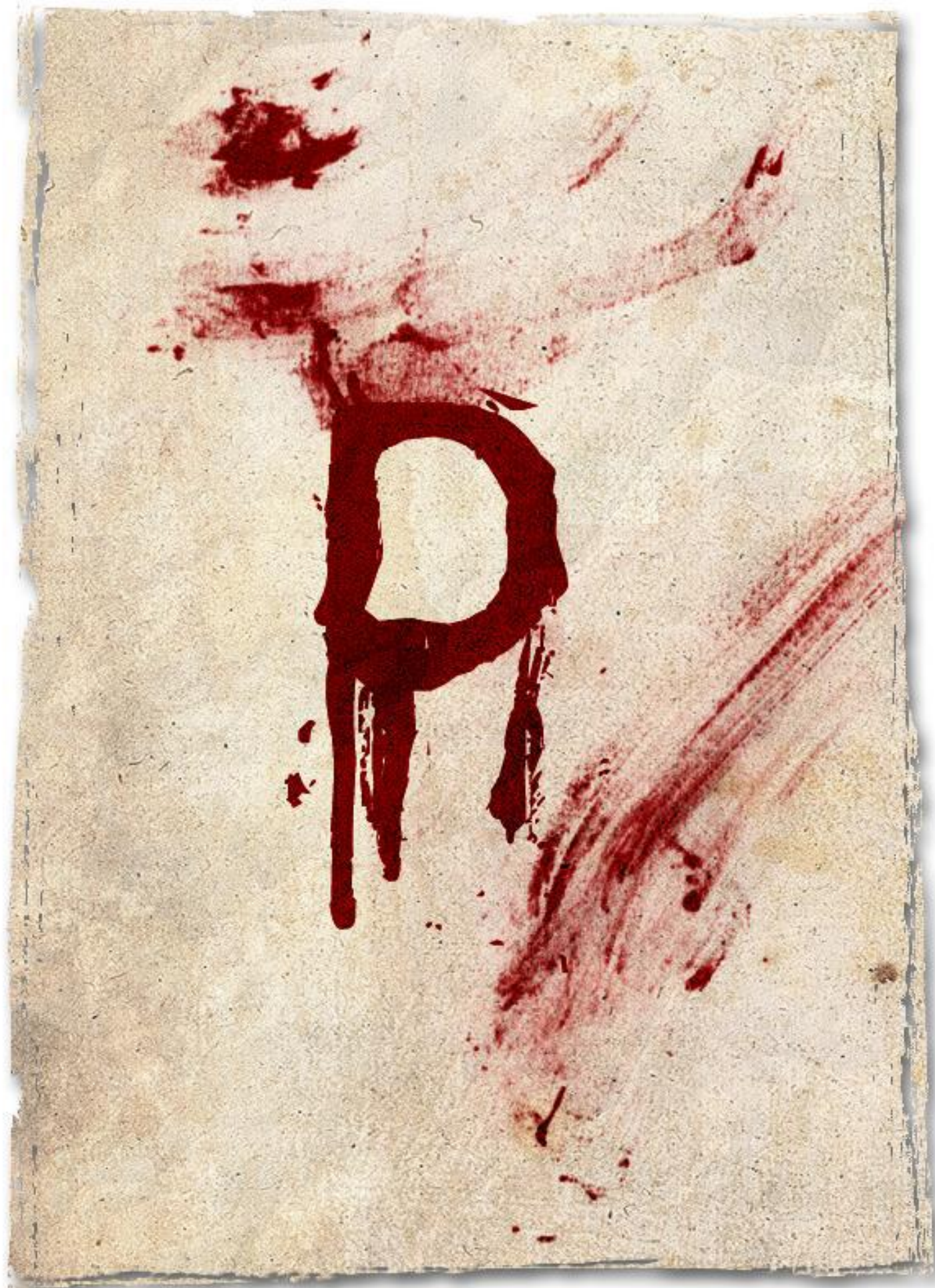
Queiroz– Mentira! Arlete era sua funcionária. Ela estava fugindo de você! E quanto a Haroldo, ele era um replicante! Eu mesmo o matei!

Capulski– O pobre senhor Haroldo era o faxineiro daqui. Achamos que você estava estabilizado, um ledor engano. Você enterrou os dedos e arrancou os olhos do pobre senhor de suas órbitas, o desfacelou inteiro. Quase fechamos depois desse escândalo. A opinião pública queria você morto, Queiroz!

Queiroz– Mentira! Querem me desestabilizar, mentira!

Capulski– Sabe que não é a primeira vez que faço essas revelações, Queiroz. Você teima em bloquear a verdade e criar toda uma mentira, tudo de novo...

Capulski tinha forma alienígena, seu braço tinha a extensão de uma poderosa seringa que penetrou o músculo de Cavalheiro e inseriu um líquido verde alienígena, enquanto nada podia fazer. Estava preso por um musgo branco que invadia todo o quarto e o mantinha preso, feito um casulo...



Decrépito Degenerado



DECCRÉPITO DEGENERADO

SEMPRE CONVIVI COM A CLANDESTINIDADE. Por qual motivo não me aproveitaria disso? Não sou flor que se cheire. Se bem que cheirar é comigo mesmo. Com o tempo, o negócio se tornou uma boate de respeito, a despeito de minhas pretensões e o nome sugestivo “Hells” vinha a calhar. Aquilo que poderia ser chamado de local de reputação duvidosa. Aqui na zona leste, num meio que muitos achariam arriscado de manter a integridade física e moral. Quanto a minha vida, eu me garantia, já a dita integridade moral, quem se importava?

Eu gostava de ver aquelas vagabundas dançando só de calcinha, deslizando no pole dance, enquanto os porcos assobiavam, gritavam e distribuíam gorjetas nos lugares mais inóspitos. A presença dos investigadores da polícia era frequente. Mas dessa vez, a situação era diferente. Um duplo assassinato no beco, próximo do meu negócio. Dois mendigos mortos de forma brutal. Não foi o primeiro, foram vários, e para falar a verdade, estava gostando de ver a frente do meu inferninho limpo. Não tenho dó e nem misericórdia daquilo que não é produtivo.

De toda a forma, estou ferrado. Vou ter que fechar essa joça e mandar essas raparigas para outra esquina. Todo o meu declínio devido a minha dependência química que começa a sobressair sobre minha personalidade. Naquela noite, fechei o bordel às 4:25 da madrugada. Vestia uma capa preta e fumava um cigarro, estava um trapo. Meu cabelo estava quebradiço, minha pele sem viço, meu físico não era dos melhores: magro, com uma barriga protuberante. Tinha o lábio seco por uma dose de gym com groselha, mas não retornaria à boate depois que a tranquei. Mais do que superstição, é bom você não correr riscos desnecessários na profissão que escolhi. Paga-se propinas, faz-se acordos, finge-se de cego. Não há como deixar de se envolver em algum nível, seja com a polícia ou com marginais. Cada passo tem que ser meticuloso.

As ruas estavam diferentes, antes, cheia de usuários de crack, hoje, apenas o vazio. O cara que matou esses noias é esperto, ele sabe que esses homens não mais tem família, não farão falta, ficarão por isso mesmo. O governo se importa com eles apenas para dar satisfação a órgãos como Direitos humanos e assim, poder cumprir seu papel assistencialista assistido por ongs suspeitas, para poder lavar o dinheiro de seus caixas dois de campanha eleitoral. Não preciso sair do meu carro para ver isto. A sociedade sim, esta quer que estes estorvos sumam. Também acredito que o ser humano é irrecuperável, e nisso julgo por mim. Viciado em drogas de forma incorrigível, cessa-se apenas com a morte certa.

Acabo de me deparar com um cadáver. Pelo visto, foi morto há pouco tempo atrás. A palidez era fora do normal. O corpo esguio da menina, que em outra realidade poderia ser uma modelo de passarela, tão anoréxica, se achava contorcida no chão imundo da rua Charles Menezes. Pinos de outros usuários forram o chão tal qual folhagem morta e emoldura sua silhueta, como se tivesse nascido rodeada por tais adereços, tal naturalidade da imagem. Mas havia algo a mais. O terror se estampava em seu semblante adolescente de uma forma não humana. Acelero e parto dali, antes que o Instituto Médico Legal chegue. Ao redor da morta, caminhando por trás de cercas de uma fábrica abandonada, vi um enorme labrador cinzento.

Parecia um cão, ou um lobo. Mas o vulto não parecia corresponder à criatura, era muito maior e parecia ter vida própria. Enfim, cheguei em casa são e salvo. A noite tem essas peculiaridades, pregam peças em nossa mente. Fui acordado com um chute na porta. Era a polícia. Rotineiramente, isso não se faz, mas eu já era como mulher de malandro. Tudo em casa, eles não precisavam de convites ou intimações. O cabo com seus punhos fortes, me juntou pelo pescoço e me tirou da cama com um safanão. Eu fui testemunha ocular do assassinato, e pelo visto, me tornei o suspeito número 1.

– Você esqueceu a sua carteira próxima de sua vítima.

Logicamente eles estavam forjando para cima de mim. Como minha carteira que estava no porta-luva do veículo se locomoveria até o cadáver caído. Mas a razão e logica não funcionam quando o Governador está sendo pressionado pela imprensa para achar um culpado. Eu devo ter sido visto pelos arredores e, além de tudo, não era segredo para ninguém que queria aquela gente longe do meu comércio.

– Eu não quero saber se você é inocente ou não, Hector. O fato é que está começando a ficar chato, tantos mortos e nenhuma resolução. A gente tem que mostrar serviço, e por isso você vai ter que depor.

– Eu quero mais é que se ferrem esses drogados, eles afastam a minha freguesia.

– Sua freguesia faz parte da escória, Hector. Você fede.

E todos começaram a me encher de bordoadas, em seguida me mandaram direto para o xilindró. Não tive o famoso embargo infringente, mesmo sem provas. Fui jogado numa cela lotada. Resisti a duas rebeliões e uma briga com um detento. Mas não sou flor que se cheire, arrebentei a cara do velhaco e ganhei algum respeito lá dentro.

Estava pitando um cigarrinho no pátio da prisão, quando tive uma boa notícia. Outro noia foi morto. Com isso, me livreí da acusação. O Ministério Público não acatou as acusações vazias contra minha pessoa. Mesmo sendo um contraventor bastante conhecido nas redondezas. Aliciamento de menores e cafetinagem podem ser incluídos em minha ficha. Assassinato, nunca! Eis as vantagens de se estar em um país democrático. Meu advogado e cliente, doutor Nunes, é um mestre em achar brechas, onde nem a luz do sol consegue passar. Mas digamos a verdade, a minha prisão foi ilegal e mesmo um canalha como eu não merece uma condenação injustificada.

A minha fiança por desacato, no entanto, foi paga por um velho, tido como “Walter” um nome estranho. Ora, no momento não me importei com isso. Iria fazer picadinho das vadias. Nenhuma se prontificou a me ajudar, belas traíras. Mas ao chegar ao “Hells”, pronto a reabri-lo, logo de longe vi as janelas quebradas. E ao entrar, deparei-me com o local revirado do avesso. Foi infestado por usuários de crack, o cheiro azedo de vômito e urina afastava até os ratos da vizinhança. Onde estão as luzes, cadê a música? As piranhas roubaram meus pertences, me jogaram na sarjeta. Até mesmo as bebidas os impiedosos levaram.

E tudo porque vi aquela droga de cadáver. O dia já se fazia noite, e eu empilhava os entulhos, do pouco que sobrou, quando um velho, vestindo um terno preto, sapato, e um cabelo reluzente e fixado com uma espécie de gel, se aproximou. Apesar de velho, não era enrugado, algo que lembra uma máscara de látex moldada à face de um idoso, nada que parecesse pele. Era alinhado como poucos. A bengala tinha um ornamento de ouro, onde ele lhe sustentava as mãos. E o que me chamou a atenção, era um dedal de aço, que ele tinha sobre a unha do dedo indicador da mão esquerda.

E quando o velho chegou e se aproximou, tinha voz grossa, chegava a produzir eco. Ele me estendeu a mão e se apresentou como Sr. Walter.

– Walter?– Fiquei surpreso.– O Senhor pagou minha fiança, não. Por que o fez?

– Dinheiro não é problema, consigo com um estalar de dedos, e posso comprar meio mundo, se assim desejar.

– Não tem receio de andar com essa prataria e esse ouro em teu corpo?

- Não me faria falta se perdesse um dos pertences.
- O que quer comigo? Tudo tem um preço.
- Quero lhe propor sociedade, isso pode se tornar quente, este lugar, ele é ótimo, transformamos o Hells em uma boate badalada. Você tem a clientela e o conhecimento que falta a muitos para a manutenção da boate. Eu entro com todo o capital necessário para que isso se torne um sucesso.

Calejado pela vida, sabia que algo mais seria cobrado por aquela estranha figura. Mesmo com a malícia que as ruas me proporcionaram, não conseguia definir o que levaria um sujeito endinheirado a investir ali? Se a sua fascinação fosse auxiliar prostitutas e pequenos traficantes, que tivesse ao menos uma ligação afetiva com eles. Eu não passava de um estranho que cresceu e sobreviveu por seus próprios esforços, nunca tive de ajudar ninguém, e verdade seja dita, nunca foi merecedor.

O velho pegou uma maleta e a abriu em minha frente, e ali tinha muito dinheiro, 150.000 Reais. Foi então que fechei negócio com o velho Walter, selamos então o nosso pacto.

- Fazemos aqui um pacto de sangue – exclamou o velho, com algo que parecia um riso, me cumprimentando e em seguida, partindo.

Com o dinheiro, retoquei e estoquei todo o Hells. Contratei as melhores strippers, mandei embora as vadias esfomeadas. Comandei tudo, e eu sabia fazer. Todos os pecados estavam presentes naquele recinto. Embora não fosse religioso, o termo sempre me seduziu. Pecado, sin, sünde, peccáto, tsúmi, bûn. Seja em qualquer língua, o proibido com gosto de afronta à ordem vigente me fazia salivar de satisfação. Não tive condições de ter estudo acadêmico em minha vida, mas se pudesse seria um historiador sociólogo que investigaria em viagens, a origem do termo nas culturas do mundo.

O velho Walter abria a mão, sempre que lhe pedia dinheiro. 100.000, 200.000. Isso não era empecilho para ele, e a boate rendia muito dinheiro. Comprava a polícia, o juiz, e todos que entrassem em meu caminho. Apenas o via uma vez por mês, vinha à boate sempre à noite, quase na hora de fechar. Eu lhe pagava a metade e ficava com a outra metade. Rendia 5.000 Reais por dia, e eu dizia ter rendido 2.500 Reais, lhe dando 1.250 Reais. Eu o roubava na cara dura. Mas ele não notava, ou fingia não ver. Na verdade, não se importava. Voltar para a casa de fiat uno e me submeter ao carro quebrar novamente de madrugada, e os bandidos? Nunca mais! Agora só voltava de B.M.W, e não ia para o cortiço, mas para um apartamento de cobertura na zona sul. Modelos, top models, viciadas em pó, nunca me faltaram. Para falar a verdade, já estava saturado.

Os usuários de crack continuavam sendo banidos da região. E mês após mês, Walter vinha sempre ao anoitecer, quando estava fechando a boate, para receber o

seu dinheiro. Exótico era pouco para descrevê-lo. Só usava aquele mesmo terno, um velho milionário como este? Sei que tem sido camarada comigo, me tirou da sarjeta, e por quê? À troca de quê? O certo seria me ajoelhar e agradecer ao velho, mas não, com o tempo comecei a repudiá-lo, tomei antipatia do rosto dele.

Num gesto típico do ser humano que age, nem sempre racionalmente, tive raiva dele e quando me bajulava, era ainda pior. Será que é viado? E cada vez lhe dava quantias menores, para ver até onde ele aceitaria. Comecei a tirar 8.000 reais por dia, e lhe pagava 500,00 reais. Ele aceitava numa boa. Se não está nisso por dinheiro, seria caridade? Duvido. A verdade é que o dinheiro brotava no bolso do velho, cheguei a suspeitar que fosse um falsificador de notas, tentando incriminar-me por algum motivo. Mesmo eu não sendo um idiota completo. A subjetividade de suas opiniões e a insistência de me prover financeiramente em troca de nada começaram a perturbar meus pensamentos. Nossas conversas eram curtas e, às vezes, enigmáticas. Convenhamos, para um dono de boate, isto não é o tipo de coisa convencional, excetuando gente como Oscar Baroni, dono do Bahamas. Boate fechada pelo prefeito Kassab, em São Paulo. Nós não somos muito dados à instrução. Andei pesquisando o velho e não encontrei referência alguma a ele. Talvez fosse natural, um homem da idade dele não se interessar por redes sociais, mas o estranho é não achar nada referente à sua pessoa ou fortuna. De onde viria seu poder monetário a não ser de um negócio tão escuso quanto o meu? E nesse caso, qual o motivo do desinteresse pelo lucro?

O velho, ainda por cima, era intelectual, tinha uns papos que eu não compreendia.

Este dia que lhes relato, sim, foi o dia em que esses pensamentos sórdidos invadiram minha mente, comecei a arquitetar planos, estava ainda mais egoísta e ambicioso. Walter veio receber mais uma vez:

– Olá, Hector!

– Boa noite, velho.

– Está zangado?

– Não. – Comecei a pegar o dinheiro no caixa, lhe dei 4.000 reais por dez dias de serviço e o velho não reclamou, mas deu um terno sorriso e exclamou:

– O nosso negócio não rende muito dinheiro, mas fico feliz em ver que consegue comprar tantas coisas com o pouco que rende.

O velho saiu pela porta e fiquei desconfiado, ele sabia que eu o trapaceava. Mas por que não reivindicava seus direitos? Saí até a porta e o vi caminhando. O cara era rico, por que andar a pé? Observei-o, até que virasse a esquina, então voltei para dentro e foi quando vi um objeto brilhando no chão. Abaixei-me e peguei, era um dos anéis de ouro de Walter. A minha ambição quase fez pegá-lo para mim, afinal aquilo devia valer uma fortuna. Havia muitos quilates de ouro. Mas uma

estranha curiosidade me levou a sair correndo pela porta, procurando-o pela rua. E fui virando alguns quarteirões que o avistei na calada da noite, caminhando com a potência de um touro de procriação e a lentidão de uma tartaruga, como se ensaiasse uma caminhada e não fosse realmente aquilo. Não poderia ser artrite, era sua forma de se movimentar. Poderia ter lhe entregado o anel ali mesmo, mas resolvi segui-lo, para ver como é a sua casa. E era muito longe, o que me deixou cansado. Mas o velho não parecia abalado, é um desses andarilhos, amantes de um bom passeio a pé. Itaquera possuía muitas habitações degradadas, e as chamadas malocas. Área pobre e marginalizada de São Paulo.

Enfim, chegou à sua casa, era uma mansão, no entanto tão degradada por fora que enojei seu mal gosto. Esperei que ele entrasse e me infiltrei na sequência. Ouvi latidos no fundo da mansão, era de um cachorro grande, pela intensidade do latido. Bati desesperadamente na pesada porta de mogno e instantes depois, ele abriu a porta. Perto da mansão estavam acampados vários ciganos, o que chamou a minha atenção. Apesar de São Paulo ser a terra mais eclética do mundo, talvez perdendo para Nova York. E, ao abrir a porta, entreguei-lhe o anel.

– Nem mesmo havia dado falta – indagou Walter.– Mas já que veio de tão longe, tenha a bondade de entrar.

Fiquei impressionado com o tanto de prataria, quadros de arte, castiçais de ouro, objetos antigos. A mansão era um palácio por dentro. Digno de fazer inveja ao mais rico dos homens.

– A mansão é imperial por dentro. Por que é tão degradado por fora?

– É para não criar cobiça, sabe, não posso me defender de um bandido ou um ladrão, sou fraco e vulnerável.

– E quanto aos ciganos a poucos metros, encostados no muro, não te incomodam?

– Os ciganos não me fazem mal algum, pelo contrário, até me protegem e se precisar, eu os protejo.

– Com todo este ouro, por que andar a pé?

– Ford, o inventor da linha de produção de carros, em uma entrevista, uma vez revelou: “É tão solitário aqui de cima”. Quando inquirido sobre a sua fortuna, não vou me dispor a usar da invenção de um homem tão infeliz e pouco criativo. Não há nada melhor que possuir uma fortuna.

Fiquei a observar e cobiçar toda aquela riqueza. Tinha uma estátua de pedra de uma divindade chamada Pazuzu, com suas asas abertas e membro ereto. Logo reconheci, ficou muito conhecido no filme O Exorcista, dirigido por William Friedklin e baseado no romance de William Peter Blatty. Ele me mostrou todos os cômodos, sem saber de minha má intenção. E o mais interessante era seu quarto,

que ficava na cobertura. Não tinha cama, mas quando perguntei onde dormia, ele me esclareceu.

– Jogo um tatame no chão, faz bem para minha coluna.

Outro fato que me chamou a atenção: A mansão não tinha espelhos. Ele é traiçoeiro, um dia você olha para ele e vê um galã, já no outro vê um homem horrível. Pois o espelho não reflete o que nós somos, e sim, o que estamos sentindo no momento, caso estejamos deprimidos ou alegres. Disse o ancião, com um tom quase infantil, que por incrível que pareça, condizia com ele.

Da janela da mansão, observei aqueles ciganos, e eles olharam para cima, também me observando. Senti meu sangue gelar no momento em que a cigana me encarou com seu olhar maléfico, disposta a me rogar uma praga, em meio àquela madrugada.

O velho Walter me chamou para conhecer o último cômodo. Uma adega com as melhores safras de vinho já saboreados. Perguntei-lhe:

– Nunca foi roubado? Não tem segurança nenhuma aqui?

– Eu sou muito experiente meu caro, sou vivido, já circulava o mundo quando você nem mesmo tinha sido gerado.

Não achei que algo pudesse me deixar ainda mais admirado. Mas a adega era uma preciosidade. Muitas safras de vinhos, envelhecidos e dos mais raros e caros do mundo. Entre eles Chambord, Chatêau Petrus Pomerol, Domaine de la romanée, Louis roederer Cristal, entre tantos outros.

– Este aqui...

Walter puxou uma garrafa de vinho que tinha uma moldura de uma espécie de argila, mas não soube distinguir. O vinho era fresco. E ele me concedeu um gole. Escorria deliciosamente em minha garganta. Néctar dos deuses. Quando me disse, não acreditei nessa baboseira. Era uma herança de seus ancestrais, um legado. Me despedi e fui embora. Foi só então que me lembrei ter perdido a noção da hora.

Já eram altas horas da noite e estava sem o meu carro. Andava olhando para os lados, sempre caminhando em passos rápidos. Medo do maníaco à solta na rua. E foi então que o inevitável ocorreu. Alguém me seguia, eu ouvia barulho de pés pisando fortemente na poça. E um grunhido desesperado, como só um louco poderia ter. Virei-me e berrei, tentando mostrar alguma superioridade, tentando afugentar a fera, perguntando de forma intimidadora quem estava ali. Mas não houve respostas. Porém, eu sabia que ele se aproximava. O maníaco estava perto, estava à solta.

Comecei a correr, como nunca havia feito antes. O medo me corrompia, não queria morrer, e corria feito um louco naquele beco, com um lunático atrás de mim. Pude sentir seu bafo quente em minhas costas. E corri muito, mas ele não me alcançou, e voltei à boate, trancando-a. Desliguei os holofotes, acionei um botão

para guardar o globo e só então notei como espelhos incomodam. Peguei meu carro e voltei para o meu apartamento, caí na besteira de colocar um espelho no teto. Tranquei todas as portas de acesso. Mas não conseguia pegar no sono, devido aos uivos de um lobo na proximidade de minha janela.

Os seguintes dias transcorrem normais, e durante esses dias mirabolava planos para matá-lo. Meu plano era simples, perfeito. Eu fechava a boate e pegava toda a renda. Pegava uma identidade falsa. Matava o velho, roubava todos os seus pertences e partia para o exterior.

Armava planos, mas sem perceber, algo me matava aos poucos. Era a cocaína. Antes não tinha dinheiro para comprar muito, mas agora ando consumindo muita droga. Teria o entorpecente afetado o meu senso já torpe de moral? Não é à toa que se trata da desculpa que todos os canalhas dão ao terem seus planos frustrados de alguma forma. O excelente álibi do vício é um subterfúgio contumaz num júri. E sempre serve como atenuante, mesmo para as piores atrocidades. A mentalidade esquerdista que desemboca notal do politicamente correto nos exime de boa parcela das culpas e põe o ônus sobre a sociedade.

Lembrei-me quase que instantaneamente da mansão do ancião e sua ausência de espelhos. Eles refletem o que estamos sentindo no momento e não o que somos. E nas minhas mãos, o objeto portando o pó branco, obscurecia minha imagem que misturava-se ao granulado, que de forma desobediente acumulava-se nas bordas.

Ao amanhecer, o efeito da droga tinha passado. Acordei com uma tremenda dor de cabeça e completamente zonzo. Tinha um ferimento em meu pescoço que concluí ter sido ocasionado na queda, ao levar um tombo e cair em cima de grossos cacos de vidros. Tomei uma aspirina e enrolei uma faixa em meu pescoço. Foi então que dei conta do que fiz. Havia destruído toda a boate, não havia sobrado nada inteiro. Eu estava perdido, não me conformava com o que havia feito.

Ao anoitecer, Walter apareceu, e inventei uma história que nem mesmo eu me convenci.

– Vândalos, Walter, destruíram tudo. Teremos que recomeçar.

– Olhe para você – Walter estava diferente comigo. – No começo, lhe escolhi a dedo, era o homem perfeito para meus negócios. Mas agora, está patético, a droga te consumiu. É fraco, inútil e dependente...

– Como ousa, velho! – Fiquei indignado.

– Estou cortando todo e qualquer vínculo com você. Mesmo que me roubasse, não me importava, mas agora você é descartável. Passar bem – disse o velho, se retirando.

Senti que deveria agir rápido. Pois logo, não teria mais condições. Dia a dia, sinto minha respiração ofegante, e ando empalidecido e cada vez mais satírico. A protuberância óssea da minha face não era semelhante a um esfomeado, mas sim a

um diabo de uma pintura medieval. A partir do dia ocorrido, meu quadro se agravava, noite após noite. Estava tão pálido que pessoas jurariam que eu estava perdendo sangue. Não parecia, mas eu sei, só podiam ser as drogas.

Além do mais, quando adormecia, gostava de ouvir as pulsações fortes de meu coração agitado, mas meu velho e cansado tic tac devia estar muito fraco, pois eu não o ouvia. Concluí que estava mesmo doente. Notei que logo cairia de cama. Já não tinha fome, e o mais impressionante, a droga já não me fazia efeito. Resolvi que iria matar Walter, ainda essa noite. Maldito! Até meu carro foi levado como forma de pagamento de algumas mercadorias que comprei.

Peguei a minha espingarda de dois canos, e saí ao anoitecer para matá-lo. Dirigindo um furgão velho roubado, constatei que os ciganos, na estrada, vinham em direção contrária, andando cautelosamente no meio da rua. E quando passava por eles, me lançavam olhares indagadores, como se soubessem de minhas intenções.

No alto do morro, vi muitos cães, e uivavam com vivacidade, como se quisessem despertar algo. Estavam inquietos. Aproximei-me da porta de entrada com o resto de energia que ainda tinha, estava com a respiração difícil, ofegante. Meus olhos estavam inchados, e o tombo me proporcionava uma dor intensa em várias partes do corpo, assim como no pescoço.

Estourei a maçaneta com um tiro e chutei a porta, tudo muito fácil. Entrei na casa, o cuco anunciou meia-noite e o gongo começou a tocar. Achei que teria que procurar o velho, mas não foi preciso. Ele estava a poucos metros em minha frente, com seus olhos e cabelos negros, e nariz dilatado. Tinha olhos vivos, e quando lhe apontei a espingarda, ele apenas disse:

– Sabia que viria!

E deu um terno sorriso, como se não temesse a morte, então, vi todo aquele ouro, olhei para ele e sussurrei:

– É preciso! Você está no fim da vida, mas eu tenho muito o que viver ainda.

E sem pensar, em um gesto brusco, apertei o gatilho e dei-lhe um tiro no meio da testa. O idoso caiu duro para trás. Tombou morto no mesmo instante, levando a cadeira consigo. O tiro fez imenso rombo na testa dele. Foi então que constatei. Sou mesmo impiedoso, e não posso lhes explicar detalhadamente o que senti no momento. Me deu vontade de rir, mas não de felicidade, e sim de nervosismo.

Uma vida cheia de enigmas se finda por um único ato impulsivo meu. Tudo se perde, sua história, conquistas e derrotas. Até mesmo a expressão benévola que insistia em permanecer em seu rosto, apesar da idade, desaparece sem deixar vestígios. Será que todo assassino passa por tais reflexões após executar a sua vítima, ou isto é próprio de indivíduos inconstantes como eu? Sabia que o efeito da droga passaria em breve e minha consciência teria que arcar com o inédito ônus de

ter eliminado uma pessoa, e para piorar, que havia me auxiliado no momento mais crítico de minha existência.

Então, comecei a examinar o cadáver. Walter parecia estar agora com o cabelo um pouco mais grisalho. O que me impressionou foi a quantidade de sangue que tinha no corpo. Começou a inundar a sala. Era óbvio que eu estava por demais impressionado com meu gesto extremo. Colocar em prática um homicídio não é o mesmo que imaginar o ato. Estático, estava quase a lamentar o fato, e creio que mais alguns minutos ali testemunhando aquele senhor estirado no carpete me levariam às lágrimas. Antes que isso ocorresse, um dos lados do meu cérebro teria que romper o bloqueio hipnótico que eu mesmo me coloquei.

Os cães começaram a uivar ainda mais alto, e aquele som me incomodava. Comecei a ensacar todos os pertences de ouro e a jogar dentro do furgão. Não tive o trabalho de limpar a minha impressão digital, ou esconder o corpo, pois eu era sócio dele, e logo seria o principal suspeito mesmo.

É claro, também coloquei no furgão a safra de vinhos antigos. E não resisti, tinha a noite inteira tranquilamente, pois ele não costumava receber visitas. Sentei-me à mesa, estando o cadáver atrás de mim.

Senti uma excitação enorme, vontade intensa de beber o vinho. A hora era tão imprópria, mas não podia resistir a um gole daquele líquido vermelho, que outrora me escorreu deliciosamente goela abaixo. Enchi uma taça e, no impulso, cheirei o vinho antes de beber, e aquele cheiro me excitou ainda mais. Bebi o líquido em altos goles, e o seu sabor era estranho, como ferrugem sobre carne masserada. Não era necessário ser um hematófago para saber que aquilo se tratava de sangue, extraído não se sabe de onde. A minha reação seria, no entanto, cuspi-lo longe. Mas não, eu gostava e queria beber mais e mais, como se aquilo saciasse meus instintos mais baixos.

O que sei é que a cor voltou à minha face, e me senti renovado novamente, forte, disposto, vivo! Foi então que notei uma presença, um vulto às minhas costas. Aquele mesmo bafo quente que sentira outrora. Na ímpia reação, peguei a garrafa pelo gargalo e me virei, atingindo o vulto mais negro que a própria escuridão, que me lançou longe. Fiquei caído no chão a observá-lo.

Tornava-se agora mais claro. Era impossível, inacreditável! Era Walter. O velho estava normal e bem disposto, em pé, com o rombo na testa. Não havia mais poça de sangue no chão e o buraco na testa do senhor cicatrizou e fechou, como mágica. Sussurrei amedrontado:

– Eeu..., eeu te matei.

O velho deu um sorriso, e o olho dele ficou vermelho, cor de brasa, cor de fogo. Um vermelho vivo, faiscante, amedrontador, e suas presas se tornaram finas e

pontiagudas, brancas e fortes. Sua testa era enrijecida, e suas unhas cresceram, ficando enormes. Eu não queria acreditar, mas era verdade. Sussurrei com medo:

– Você é um...

– Sou mais do que pode compreender, mais antigo que seus vícios, que acumula bens e decepções simultaneamente, sou a criatura que não pediu para nascer, mas que é incapaz de morrer. Um condenado e um executor. Para você, serei apenas a **redenção**.

A voz de Walter modulou-se acima dos graves que podem ser emitidos por cordas vocais humanas!

– Você é um monstro!

– Um monstro! – Riu e apontou para mim, senti minhas veias se estreitarem sob minha pele.

Nesse momento, o ferimento em meu pescoço começou a sangrar. Tentei estancar o ferimento com o polegar para que o sangue parasse de escorrer.

– Usuários de drogas que circundam o local serviram de passatempo. Uma diversão sádica, mas jamais de alimento. Minha adega só é abastecida da mais depurada safra sanguínea, e jamais permitiria que minha coleção fosse maculada com o líquido contaminado que corre na veia dessa ralé imunda que habita esta região. Irônico é que suas impressões desta gente são exatamente as mesmas, mas por dentro, corroído por químicas entorpecedoras e uma ignorância endêmica. É tão aleijado moral quanto qualquer outro.

– Um vampiro nunca deve matar outro vampiro.

– O que está dizendo? Nunca vai me transformar em um.

– Não vou. Você já é.

Neste momento, o vento carregava os odores da morte e Hottweilers começaram a entrar pela porta, varando janelas, fazendo-as em estilhaços. Uivavam e entravam furiosamente para dentro da mansão. Seus portes pareciam duplicados.

Os cães circulavam à minha volta, rosnavam para mim. Tinham olhos foscos, como se não fossem mamíferos de verdade e sim pesadelos. Sua respiração gélida soprava próximo ao meu couro cabeludo e minhas canelas trêmulas. Não me arriscaria a piscar se pudesse, mas balbuciava uma tentativa de prece, coisa que jamais fiz, enquanto vivo.

E o vampiro continuou:

– Lembra-se da noite em que entorpeceu-se com a droga, e em sua alucinação viu um vulto negro circular pelo salão e em seguida te atacar? Foi a pura realidade. Eu mordi a sua jugular mas não o sorvia. Mesmo uma criatura espectral tem parâmetros alimentícios que não devem ser quebrados. Fiz isto por vingança, para

não permitir que você morra e passe então a eternidade chafurdado em seus vícios e necessidades.

– É mentira!– Repliquei, furioso.

– Acaso ouviu então, teu coração bater? Sente fome, frio? Logo a dor também desaparecerá. Quando lhe tirei da cadeia, eu já lhe observava há um tempo. Precisava de um companheiro sugador de sangue para me acompanhar em meus banquetes. Achei que fosse mal e forte, mas me decepcionei com sua conduta. É vulnerável e fraco, e se entrega a prazeres desprezíveis, não tem controle sobre sua vida e negócios.

– Por que me transformou nisto, então? Me converteu em um monstro!

– Já era um monstro, está dentro de você. É tolo e impiedoso, a diferença é que agora é imortal. Sinta a sua transformação.

Realmente, a minha pele se enrijecia tal qual um cadáver, e muitas das minhas marcas da idade ou de nascença tornaram-se meras linhas impalpáveis. O calor natural do corpo humano deixou de ser produzido por meus órgãos e a sensação de não poder sentir mais a temperatura ao meu redor dizia mais do que qualquer palavra. Me senti renovado por dentro. Ele continuou:

– Não posso confiar em você. Tentou matar-me uma vez, tentará novamente. Não posso matá-lo. Um vampiro é incapaz de matar outro de sua espécie, não por moralidade humanista, mas sim, por um elemento natural, não podemos sobrepujar o outro. Seres eternos não conseguem impor suas regras à natureza só pelo fato de serem eternos. Mas você não devia ter bebido o sangue, não queria ser como um de nós? Então, por que bebeu? Quanto mais velho, mais poderoso. Isso significa que você não é nada em minha presença. Mitos viram lendas, lendas viram prosas, prosas viram histórias, histórias fazem mais histórias. Não conheço a minha origem, o meu criador. Acaso conhece o segredo do universo? Sabe de onde veio? Sei que há muitas formas de se matar seres como nós.

– Estaca? Água corrente? Luz do sol? – Apontei para ele. – Este eu tenho certeza.

– Há uma outra forma de matar-nos. Quer saber?

Deu ordem aos cães.

– Eles me obedecem. Fazem tudo por mim. Eu não posso matá-lo, compreende? Mas eles, sim.

Estendeu o seu braço para mim e os cães uivaram e correram em minha direção, e quando eles me atacavam, eu os mordida e arrancava pedaço, tombando muitos ao chão. Mas eles eram muitos, e nem mesmo minha força poderia contê-los. Me mordiam e me jogavam para trás. Eu caí debruçado na janela quebrada, o meu pescoço ficou de fora, ao luar. Eles me atacavam, enquanto meu corpo já degenerado pelo uso contínuo de drogas parece ter se rebelado contra mim. Sem

esboçar movimento, deixei-me mutilar pelas presas das feras sobrenaturais. Foi quando Walter começou a rir. Vi os seus olhos faiscantes, e de súbito entendi a mensagem:

– A outra forma de matar um de nós, é separando a cabeça do corpo.

Então, olhei para cima, e vi o vidro quebrado se dependurando na janela, e à medida que os cães avançavam, a janela tremia. E eu gritei:

– Não! Não! Não!

Queria sair dali, mas não me esforcei o suficiente. Uma saída digna seria esta. Sabia que aquele era o fim. Apenas observava o vidro prestes a cair...



Espeelho Espectral!





ESPELHO ESPECTRAL

Minas Gerais, Sul de Minas, tempo atual.

MONTE SANTO ERA UMA CIDADE PEQUENA. O ar fresco, os celeiros, os morros e o verde pasto favoreciam os encontros amorosos. O local corresponde à mesquinhez mental e as perspectivas estreitas que esse tipo de localidade deixam embutidos no espírito de seus moradores. Uma cidade ínfima, isenta da competição, na qual cidadãos urbanos são levados, independente de sua vontade, a se confrontar involuntariamente. A ausência de tais fatores transtornantes pode e tem um efeito colateral para almas mais visionárias, aliás, é mais entorpecedora que a luta pela sobrevivência e a padronização de costumes.

Silas não era considerado normal. Um artista não compreendido, com certo grau de esquizofrenia. Conseguiu sua câmera Canon t3i aos quinze, e desde então produziu filmes fracassados, com orçamentos míseros e grupos de voluntários que não recebiam nada por isso. Mondo Bizonho, um filme gore, em muito se inspirou em Peter Baiestorff. Ariel era uma de suas pretensas atrizes, logo se enamorou por ela. O romance não foi aceito pela família da moça. O rapaz não era bom partido. Aliás qualquer pretendente daquela região não estaria à altura de Ariel Virginia de Lima, como foi nomeada pela oligarquia do aspirante ao poder, clã de uma das poucas famílias de posses da humilde região. Não tinha como meta criar uma criança, educá-la nos melhores colégios para entregá-la a um pária da sociedade. Cineasta miserável, usuário de drogas, que sequer tinha alguma ligação com grandes grupos da mídia do sudeste. Já ela, possuía uma excêntrica qualidade que saltava aos olhos de qualquer um, tinha apurada percepção extra-sensorial, que lhe permitia com rapidez adivinhar pensamentos e intenções dos que a rodeava rapidamente, ainda na tenra idade. Aproximou-se curiosamente do esoterismo de

boutique, se assim podemos chamar, o que a tornou uma leitora deste gênero tão caro a adolescentes em fase de descobrimento, incorporando elementos wicca derivado de produções cinematográficas de baixo custo. Isto, de certa forma, pode ser aceito a uma menina em formação, mas o que estava por vir deu um ponto final dramático a esta história.

A cidade ficou em polvorosa com o sumiço repentino da jovem garota. Não voltou da escola no horário habitual, e o que parecia uma fuga com o namorado, se mostrou algo mais preocupante, pois o seu celular estava mudo. Enfim, nem sinal de Ariel. A produção do filme de Silas foi paralisada, o Prefeito levantou mundos e fundos em busca de sua enteada. Ele era tutor e responsável legal dela. O delegado da cidade, Siqueira, intensificou uma busca pela mata e interrogou possíveis suspeitos. Um alívio indisfarçado tomou conta do rapaz, sabia que mesmo não sendo indicado formalmente, era visto como um dos possíveis responsáveis pelo desaparecimento misterioso da sua namorada, naquela noite chuvosa de 13 de Novembro. Já se passara dez dias e nenhum sinal dela. Talvez um sentimento de vingança estivesse pairando sobre ele em relação a comentários sobre sua conduta inapropriada de continuar desperdiçando tempo com filmes sem retorno, enquanto a namorada é abduzida sem pistas. Mesmo no set improvisado de filmagens, com seus amigos íntimos, podia perceber sublimado em cada frase e olhar o porquê de estarem dando continuidade em um projeto inútil, quando tais fatos ocorriam ao seu redor. Sim, o projeto seria mesmo cancelado. Ele manteve um silêncio honroso, mesmo sobre injúrias de produção de um infame filme Snuff. No fundo, gostaria de tripudiar sobre todos aqueles que o acusam injustamente.

Silas precisava finalizar a sua obra. Nada o impedia de continuar editando o que foi gravado, na esperança de salvar o filme de alguma forma, paixão maior do que pela desaparecida Ariel, mesmo que para isso, transformasse o longa em curta metragem, usando e abusando de fórmulas e maracutaia na edição para chegar a esse resultado. Editava a cena aberta no campo, próximo ao velho moinho, onde tem um velho casarão, cena gravada dois dias após o sumiço da jovem.

O antes indiferente Silas, visivelmente não estava bem: distante, desorientado e fumava compulsivamente. Cada tragada de câncer dava a ele um prazer indescritível.

“Ela está morta, eu sinto isso!”

Na gravação do casarão, havia um vulto, precisamente em uma janela do andar superior. Pausou, aproximou a imagem, parecia ser uma sombra espectral. Podia ser um efeito do contraste da luz, ou uma falha na sua câmera. Sensacionalistas diriam ser aparição de um fantasma. Ele iria além, aquela era a aparição de Ariel. O seu erro foi mostrar aquele vídeo para amigos, o que logo tornou público, voltando à tona o caso já adormecido. Sem corpo, não havia crime, e as suspeitas

se desviaram de Silas para a casa da própria Ariel. Testemunhas disseram ouvir gritos na noite anterior ao sumiço da garota, e luzes acesas pela madrugada. Logo, surgiram boatos do envolvimento do prefeito e família em bruxaria, o que fez cair sua popularidade frente à cidade de beatas católicas e carolas da igreja. Ainda como agravante tinha a irmã de Ariel, Lily. Ela tinha um visual dark, tatuagens por todo o corpo, língua bifurcada, piercings e alargadores na orelha, além de implantes subcutâneos de chifres em sua testa, entre outros implantes pelo corpo. Mantinha alimentação vegana e era homossexual, algo considerado normal em uma metrópole como São Paulo ou Nova York, mas ali, naquela pequena cidade, era considerada o filho do demônio, mesmo não tendo indícios de ter feito algum mal para alguém. As pessoas a olhavam ressabiadas, e tinham nela uma forte suspeita. Teria Ariel, aquela moça pura e de olhos singelos, sido imolada como cordeiro pela irmã satanista?

Todo o sensacionalismo levou a equipe de policiais ao velho casarão, arrombaram a porta e vasculharam todos os cômodos, inclusive os superiores. Siqueira, instintivamente, arrombou a porta do porão. Eles não tinham o mandato nem a autorização dos donos, mas isso não importava, eles mandavam e sabiam o que era melhor para a cidade. Nada encontraram.

Tudo começou com as noites intermináveis em claro, talvez por medo de ser preso injustamente, tudo apontava para ele. Silas sentia a presença de Ariel, por vezes era como se estivesse a seu lado na cama. Desde então tem visto Ariel em qualquer tipo de reflexo, principalmente em espelhos. Diziam que era uma forma de passagem entre o mundo dos vivos e dos mortos. Criou um horror indescritível de ser sugado e ficar preso do outro lado. No começo, olhava no espelho com uma distância de dois metros, começou a temer o que veria. Passou a cobri-los e logo eliminou-os de sua casa. Não foi preso por falta de provas, mas todos sabiam, ele era o assassino. Era nítido que estava enlouquecendo.

Quando saía à rua, era considerado como uma escória. Todas as fraquezas estavam naquela família. Pobreza, prostituição, doença e loucura. Desde a morte da mãe, em nível avançado de Alzheimer, que trouxe a eles um bálsamo de felicidade oculta, ele vivia de ilusões, com seus filmes amadores, enquanto a irmã Jade começou a se prostituir para sobreviver. O pai era um criador de porcos ignorante e alheio a tudo o que acontecia na família. Silas andava sempre arqueado, de cabeça baixa, evitava olhar até mesmo o reflexo do carro, passava longe de vidraças e qualquer objeto que tivesse reflexo. Abandonou de vez seus filmes fracassados, o tempo todo olhava para os lados, como se estivesse sendo perseguido. Os cães, antes amigáveis, sempre ladravam, ameaçando mordê-lo.

Na barbearia, o seu Luiz terminava a barba em um jovem da cidade, quando viu Silas camuflado atrás da pilastra.

– Fugindo de alguém, Silas?

Silas gesticulou que sim com a cabeça, silenciosamente.

Seu Luiz terminou a barba do rapaz e se aproximou do jovem.

– Gostaria de saber onde pegou esse trauma de espelho, meu rapaz. Deveria se olhar e dar um jeito na sua aparência. Vamos tentar? Já se passou três meses desde o desaparecimento de Ariel.

A fala rude envolta numa pretensa afabilidade humorística de Luiz de Alcântara, o barbeiro do distrito, não era estranha a Silas. Na verdade, raros eram os habitantes da cidade que o tratavam com alguma cordialidade. Embora nunca tenha feito mau diretamente a qualquer um deles. O simples senso de superioridade intelectual ou social também não servia de justificativa para tal comportamento. É como se Silas, pela sua simples presença, evocasse o pior de cada um, sendo catalizador de comportamentos inconvenientes. Pois até mesmo o mais simplório e humilde dos moradores se sentia compulsionado a destratá-lo. O barbeiro, como se seguisse um script, faz o mesmo, talvez inconscientemente. Assim somos nós, humanos.

– Eu a vejo no reflexo do espelho. Ela está pedindo ajuda!

– Você tem que parar com as drogas, rapaz. Já chega a sua irmã, na putaria! Todo mundo sabe que você matou Ariel. É só questão de tempo para eles te colocarem em cana. Mataram a sua mãe de desgosto. A morte dela foi um bálsamo sagrado, que a impediu de ver no que vocês dois se tornaram!

O seu infortúnio e desespero o levou a procurar uma dupla de charlatães, Madame Zoraia e Papa Zoltan. Um casal unido muito mais pelo caráter dúbio do que por laços matrimoniais. Eram viajantes itinerantes, detinham a maestria de domar públicos famintos por entretenimento em um ritual. Principalmente se tiver fundos pecuniários. Papa Zoltan era encarregado de servir, como se diz na linguagem cênica, de escada para Zoraia. Para satisfazer o populacho não era necessário refinamentos de linguagem ou truques elaborados. Sua simples presença hipnotizante captava atenções e devem estar agradecidos por isso, pois se em grandes centros urbanos são vistos como embusteiros fanfarrões, aqui são alvo de algo que jamais experimentaram no seu longo percurso artístico, respeito.

Zoraia não era uma mulher bela de rosto, mas tinha um magnetismo. Papa Zoltan fumava um cachimbo, já tinham feito números de ilusionismo com cartas, objetos dos espectadores, agora era a hora de receber os espíritos. Zoraia tinha os olhos cobertos, sentada em uma cadeira de madeira. Dentro de uma tenda improvisada para poucos espectadores. A mulher em trajes ciganos se contorceu para frente e para trás, emitiu uns grunhidos infernais. Zoltan indagou:

– Quem está aí? Quem está aí? – Rodeou a mulher por várias vezes e repetiu energicamente. – Quem se encontra nesse corpo.

- “Estou perdida!”
 - Qual o seu nome?
 - Ariel. – Ela puxou a venda dos olhos, que estavam fora de órbita...
 - Onde você está, Ariel?
- A médium pôs a cabeça entre as pernas e começou a berrar...
- Quem é ele, Ariel?
 - “Eles estão através do espelho.”

Ao terminar de falar isso, desmaiou. Era o fim do transe. A frase teve forte impacto em Silas, que saiu correndo do recinto. Sentia uma dor de cabeça latejante. Começou a vasculhar gavetas procurando por um remédio para dor de cabeça. Estava trêmulo, começou a derrubar coisas ao chão, não havia remédios. Procurou por toda a casa, entrou no quarto de Jade. Estava correndo, sem olhar no espelho. Tirou a primeira gaveta do criado e despejou ao chão. Encontrou um embrulho de papel, havia comprimidos de Prozac e Litium ali. Ele os engoliu, sem necessitar sequer de água. Em seguida, se trancou em seu quarto.

Sentiu uma estranha agitação, uma leve vertigem e uma agradável embriaguez. Torrentes de imagens fantásticas o circundavam. Enxergava tudo com uma extrema plasticidade e nitidez. Um caleidoscópico jogo de cores o envolvia. Psicodelia. Tinha alterações em sua percepção, um sentimento de desrealização. Euforia constante. Algo estava errado com ele, tinha a visão turva, arrepios, formigamento na pele, as pupilas estavam dilatadas, o seu coração disparado à beira de uma taquicardia, a pressão e a temperatura do corpo, altíssimas. Não mais sabia até que ponto seu corpo e a cadeira não eram a mesma coisa, nada tinha de forma concreta. Tudo era abstrato. As cores eram tão intensas. Ele via sombras na penumbra, demônios que queriam possuí-lo. Correu a cozinha, era como se andasse em câmera lenta. Não tinha noção de espaço, não tinha vontade de viver.

Jade e um de seus amantes entraram no quarto, o cliente utilizou sua massa adiposa para arrombar a porta. Ela o viu transtornado num canto da parede, com as mãos na cabeça. O espelho oval estava estilhaçado no chão. Uma imensa poça de sangue o encobre, tingindo sua pele encardida, dando-lhe uma súbita honradez no momento da morte, o que não teve durante toda a vida. Se isto, de alguma forma, comoveu a irmã, não se sabe, ou o que fez em seguida, foi por obrigação moral ou piedade. Tinha um pedaço de vidro em suas mãos, nas quais ele fazia rasgos por todo o seu corpo, retalhado com marcas profundas, desferidas por cacos manuseados com dedos histéricos. Falava espumando:

- Guia minhas mãos! Guia minhas mãos!
- Por Deus, Silas, você não fez o que estou pensando!

Silas olhou para ela, mas não enxergava a sua irmã, e sim um demônio com um par de chifres bovinos e olhos sem íris tingidos de vermelho translúcido.

– Eles estão do outro lado, do outro lado do espelho!

Antes que pudessem detê-lo, enterrou o caco de vidro na sua traqueia pulsante...

A morte de Silas tornou a reacender a cidade. O sumiço da filha do prefeito e o suicídio trágico do namorado levantou inúmeras linhas de investigação. Ele teria a matado e depois se suicidado por remorso? Ou mataram-no e fizeram parecer suicídio? E quanto aos barulhos noturnos e luzes acesas de madrugada, na casa do prefeito? E sua pretensa ligação com a bruxaria e o ocultismo? E os relatos sobrenaturais de aparições fantasmagóricas de Ariel, muitas vezes no espelho? Tudo isso trouxe à pequena e pacata cidade alguns canais de comunicação, coisa nunca vista por ali, e até a visita ilustre de um renomado parapsicólogo, o Senhor Psíquico, que fez questão de visitar a casa do Prefeito da cidade. Foi convidado para um jantar de pretensas boas-vindas.

– Deseja degustar um vinho branco Senhor Psíquico? – disse a governanta.

Ele assentiu e tomou o gole que deveria ser bebericado, como faria um apreciador ou sommelier da safra, um legítimo Richebourg. Ao invés disso, o engoliu em uma dose cavalgar, acostumado às pingas servidas nos botecos da vida, era mesmo bom de copo. Senhor Psíquico observou as fotos de Ariel. Em todas elas parecia ser uma garota feliz, era suficiente para cativá-lo. A conhecida previsibilidade das poses fotográficas, principalmente as de reuniões familiares, é algo do mais burlesco concebido pela atual sociedade. Uma reprodução sem identidade dos antigos quadros pintados à mão para monarquias, um ritual que se nega a morrer. Na mesa, fitavam-no Lily, o senhor prefeito Afonso Lima e sua senhora Madeleine.

– Agradeço o seu convite, senhor prefeito.

Lily comentou com deboche:

– Mais um palhaço para nosso circo!

– Tenha modos, Lily. Senhor Psíquico, sirva-se do salmão ao molho de maracujá – disse Madeleine. – Tenho certeza que vai adorar.

– Temo ser indelicado, tenho certeza que deve estar delicioso, mas... eu sou vegetariano há mais de duas décadas.

– Então, somos dois – Lily se mostrou interessada. – Talvez esteja equivocada sobre você.

– No entanto, não sou vegano, consumo leite, ovos e seus derivados.

– A indústria do leite mata mais bebês animais do que o consumo de carne, senhor Psíquico. Tem acompanhado os protestos de Morrissey? Ouça “Meat is murder”.

– Talvez outra hora, minha filha, que assunto chato – Afonso colocou um naco de carne na boca e, enquanto mastigava, continuava falando, de certa forma jocoso,

se deliciando com a fina iguaria. – Os nazistas também eram, só espero que, com essas e outras frases de efeito, não esteja tentando cativar a mim e minha esposa, criando uma personalidade magnânima e vultuosa, para mais tarde requerer de nós algum favor. Sou apenas o prefeito de uma cidade minúscula, meu senhor.

– Assim você me ofende – dispara Psíquico, retirando seus óculos escuros de bordas pontiagudas, para, pela primeira vez, se dirigir ao prefeito sem qualquer destempero, como se fosse o mais reves dos homens. Notou o tom sarcástico que primeiro foi alvo ao ter sua dieta comparada a de nazistas, e depois envolto num jogo de vitimização no qual ele, uma celebridade midiática, estaria a ponto de se aproveitar de um humilde servidor público, eleito num vilarejo sem recursos.

Psíquico não detém apenas capacidade de compreender o sobrenatural, mas também de adentrar o coração dos homens mesquinhos e destrinchar o significado de sua linguagem subjetiva. É claro que o tom mais ríspido não passou despercebido a Afonso, mas a cordialidade interiorana deveria estar acima de colocações mal interpretadas, uma brecha pouco criativa para se desculpar.

– Sinto se o ofendi, mas deve reconhecer que, neste momento, minha filha está desaparecida, não estou disposto a debater dietas alimentares ou posições filosóficas. Minha esposa pode lhe fazer companhia durante o chá da tarde. Estou desgastado por estas duas semanas.

– Como quiser, Senhor prefeito.

Neste momento, ao vislumbrar o olhar vazio da senhora Madeleine, não deixou de imaginar o que levou a esta vastidão estéril de pensamento. O sumiço da filha ou uma vida frívola, sem qualquer sentido mais profundo, além de debater valores e procedências de joias, como a que ela ostenta nos pulsos e no pescoço. O fato é que a senhora não tem forças nesse momento nem para lhe oferecer o tal chá, o que dizer de uma conversa informal. Psíquico antevê uma noite longa, e para evitar desgastes de ambos, pediu educadamente para se retirar. Um suspiro de alívio é sentido.

Zoraia e Zoltan estavam em mais uma performance. Pessoas se reuniam em volta dela, eram chamadas voluntariamente. Deram as mãos e iniciou-se o ritual. Após um tempo, sob os gritos de Zoltan ao microfone, os olhos de Zoraia saíram de órbita.

“Ariel, precisamos nos comunicar!”

Algumas pessoas se irritavam profundamente com esses farsantes, explorando a dor alheia. Psíquico não os achava tão irritantes, afinal, diversões são tão poucas e a vida é tão carregada de obviedades, o que era aquele charlatanismo perto do mal que a corrupção causa ao país. O que havia de errado em se entregar de vez em quando ao obscurantismo e a irracionalidade? Ele não compactua com tais posições e, no final, luta apenas por si mesmo, embora ache legítimo se travestir de

estandarte do sobrenatural. No fundo, tem dúvidas se é tão diferente deste casal de trapaceiros, desde que ninguém identifique isso nele, claro!

Psíquico foi levado de carroça por um aldeão, na casa do falecido Silas. Queria falar com a irmã dele, mas ela não estava presente, ocupada com um de seus clientes.

– Isso é um matadouro!– Sr Psíquico tomou um dos comprimidos para o coração. – Matadouro!

Logo que entrou, Psíquico sentiu náuseas. Carcaças de porcos pendurados por todos os lados. Marretas encostadas na parede, sangue em bancadas e inúmeras moscas varejeiras pousando na carne fresca.

– Senhor Mancilha.

Houve um grito terrível de agonia e dor. A visão foi infernal. Mancilha, um homem na casa dos 45 anos, usava um boné azul de comercial de posto de gasolina e avental de açougueiro, cheio de sangue. Com um punhal afiado, ele enterrou no coração do porco, que agonizava e gritava desesperadamente. Alheio a isso, ele nem ligava. Psíquico ficou petrificado de horror.

– Você é o pai de Silas? Sou o senhor Psíquico, gostaria de conversar contigo, se tiver um minuto.

Mancilha limpou as mãos no avental e o cumprimentou, indiferente.

– Quer comprar porcos? Caso contrário, não tenho nada a dizer.

– Não, obrigado. Não como carne.

Se viu novamente naquele assunto desagradável, já tinha entrado em muitas saias justas por ser vegetariano. Deixou de frequentar as festas familiares devido a isso.

– Oh sim, não come carne de porco, o velho papo da carne impura, o bicho de porco na cabeça. Não presta comer, porque Jesus expulsou os demônios nos porcos e eles caíram na ladeira. Blá,blá,blá...

– Ao invés de Jesus ter retirado os demônios do possuído para fazê-los adentrar nos porcos, como é narrado em Matheus, deveria tê-los feito entrar no criador.

– Você é bicha! Bichas são vegetarianas.

– Hitchcock diz que um homem que mata uma galinha não é confiável, pois se ele suporta ver o sofrimento do animal, ele suportaria matar um humano. É um grande caminho. O porco agonizava e mesmo assim, você tinha coragem...

– Amigo – ele limpou a faca com um pano –, matar porcos é terapia, o grito deles é como música para meus ouvidos. Eles nasceram para isso, para se tornar alimento, para engordar para o Natal. O que seria do fim de ano sem ele à mesa? – Em seguida, deu uma risada desordenada, exibindo seus dentes tortos e podres.

Ele deu uma olhada de cima a baixo no místico, com seu terno branco de caimento folgado e sua pele livre das alguras do trabalho braçal. Um indivíduo de

mãos sem marcas de calos e unhas polidas, jamais deveria apontar o dedo para outro que ganha a vida só com seu sofrimento, mesmo que sobrecarregado com martírio de sangue alheio. Não foi preciso que o criador de porcos dissesse nada disso para que Psíquico se retirasse e jurasse que nunca mais se dirigiria a uma pessoa do povo.

Até então, o pouco tempo que esteve na cidade permitiu decifrar nas entrelinhas os nuances de comportamento dos atores principais deste drama provinciano. Inclusive de tomar conhecimento de fatos nada ligados ao sobrenatural, e que estes sim deveriam ser tomados como problemas reais de Monte Santo, como o superfaturamento de pequenas obras estruturais na prefeitura, bem como desvio de verbas testemunhadas por funcionários internos, com pouca vontade de enfrentar os poderosos da cidade. Psíquico chega a ponderar se todo esse circo não foi montado propositalmente para desviar a atenção dos problemas reais, e ele está sendo manipulado para encobrir a opinião pública, o que faria ruir a carreira de Afonso. Se o casal de trapaceiros era uma farsa, ele, com seu ar arrogante, não ficava atrás, mesmo que não quisesse admitir, suas teses sobrenaturais serviam para alienar o povo e deixá-los mais fragilizados para poderem ser usados como massa de manobra. Claro que nem sempre foi assim, em sua essência Psíquico usava seus poderes da forma mais pura possível, até se corromper à graça da charlatanice.

Senhor Psíquico há muito vinha perdendo sua credibilidade. Era confrontado em programas de televisão, o qual diziam que ele obtia lucro propagando teses não confirmadas, no que ele respondia estar em um país livre para qualquer manifestação, seja ela religiosa ou não, segundo o artigo da constituição. Havia uma certa decepção por parte do público, ele não podia perder o controle ou sair de seu personagem. Quando abordado sobre o caso misterioso de um casal, Brad e Susan, um caso envolvendo o sobrenatural que participou, e que segundo a lenda, teria confrontado o demônio, ele era enfático. Não queria ser indelicado, mas o assunto tinha sido abordado em diversas oportunidades, não queria voltar a descrevê-lo, embora seja uma personalidade pública, havia fatos que permeavam a esfera pessoal. As pessoas estavam convictas que ele se auto promovia e pregações baratas do suposto paranormal, com narrativas de moral disfarçada, entediavam e não comoviam essa nova geração que chegava, em um mundo superficial de youtubers patéticos, seguidos por grandes legiões de seguidores.

Psíquico caminhava pela estrada de terra, onde uma chuva forte caiu inesperadamente, dispersando a escassa população para seus lares, e isto não deixava de ser um alívio. Sentiu uma leveza como a da primeira infância, livre das críticas, impostos e do peso da morte, lembrada a cada batida irregular de seu coração. Caiu de joelhos e olhou sua imagem na poça, assim como Narciso fitou

seu reflexo; e foi quando teve visões aterradoras, se transportando para um outro universo.

“Estava em um galpão abandonado. Havia nele um familiar elevador antigo de carga, aquele com grades externas. Como que instigado, impelido, ele abriu a grade, fazendo-o ranger, e apertou o botão 1 do código binário, subindo o elevador ao segundo andar do sobrado. Aquilo lhe parecia vagamente familiar. Imaginou com coração palpitante que, ao chegar, veria um homem na escuridão, sentado em uma cadeira. Mas o que viu foi somente um espelho oval. Posicionado de frente ao corredor e o elevador, irradiando um certo brilho e refletindo a sua imagem. O espelho era estranhamente semelhante ao do quarto de Silas. Caminhou linearmente ao artefato e logo notou a escuridão do local e a ausência de tudo, até mesmo o ar parecia pesado. Por um instante, o seu reflexo sumiu e Ariel apareceu de corpo inteiro, refletida. Estendia as mãos para ele e suplicava com sua voz doce “Somente você pode me libertar, Senhor Psíquico!” Mas a sua voz parecia sufocada pelo espelho, abafada. Ele correu em direção dela para salvá-la. Tateou o espelho, uniu suas mãos a dela, com um espelho bloqueando-os.

– Não posso tirar você daí.

Olhou para baixo, ainda com as mãos no vidro, e quando voltou a fitar o reflexo, viu a imagem de Silas, encoberto de sangue, vociferando com saliva sangrenta e baforando ar quente.

Começou a esmurrar o vidro. Psíquico virou as costas, caminhava, mas não conseguia sair do lugar. Silas quebrou o vidro e o pegou, rastejando, começando a arrastá-lo em direção ao vão aberto. Psíquico tateava o chão no esforço de contê-lo. Mas não era possível. Silas começou a levá-lo para dentro do portal. “Não, não,não...”

Foi transportado para um local satânico, forrado por tapeçaria incrustada de arabescos imcompreensíveis. O cheiro de incenso de madeira cítrica se fundiam ao odor de aguardente barato e velas permitiam pouca visualização do ambiente, mas a esta altura, Psíquico, amarrado a uma cadeira, estava pouco interessado no que acontecia ao seu redor. Seu principal sentido agora era a audição. Só lhe permite perceber leves sussurros e passos pesados vindos das trevas que o cercam. Fica em dúvida se permanece em estado de semiconsciência ou revela que está desperto. Seja como for, está sob ameaça. Então, encara de frente as figuras que lhe vêm à direita: o próprio prefeito, em trajes pesados de ocultista, com tecido aveludado lhe cobrindo o corpo inteiro, exceto a metade de cima da face e o outro, vestido da mesma forma, sem o mesmo garbo e refinamento nos modos, é Lily, sua filha. O que se seguiu foi um ritual satânico brutal, o qual Ariel foi imolada como um cordeiro e entregue ao demônio por seu pai e sua irmã. Psíquico notou não estar na cena, mas apenas como espectador da verdade. Ariel estava lhe mostrando seus

assassinos, e de alguma forma, foi aprisionada no espelho. Ele sabia, era o único capaz de fazer um encantamento que a libertasse daquele sofrimento, e quem sabe, lhe trazer justiça, punindo os culpados”

Despertou de seu transe, e caminhou em meio à chuva contínua...

Existiam quatro mundos reconhecidos pelo ocultismo, o físico, espiritual, mental e astral. Esse último, dominado com maestria pelo senhor Psíquico. No quarto da pensão, ele utilizou um espelho médio, tinha duas velas acesas, a qual escorria a cera no pires, à meia luz, e 40 centímetros de distância, mantendo sua face sutilmente iluminada. Ele fixou sua visão entre um ponto imaginário nos seus olhos. Eles já estavam quase semicerrados quando um portal se abriu atrás de seu reflexo. A totalidade do espelho era observada somente com sua visão periférica. Foi quando o vulto de Ariel surgiu das trevas e se libertou, apagando a vela e o deixando imerso na profunda escuridão. O ambiente era outro, o clima mudou, sentiu frio e um mau pressentimento. Tateou a escuridão, buscando o interruptor, e quando o ligou, a lâmpada explodiu sobre sua cabeça. Sua visão se acostumou à escuridão, buscou a janela do quarto, foi tudo muito rápido, um grito de pavor ecoou da casa do prefeito. Logo, todas as luzes da pequena cidade começaram a acender.

Psíquico tomou as ruas, já havia grande agitação na casa do prefeito. Madeleine estava chorando pela morte do marido, era um choque tremendo o que tinha ocorrido. O místico subiu ao piso superior, onde estava o cadáver. Caro data vermibus, expressão latina que deu origem ao nome. Carne dada aos vermes. Segundo sua esposa, ele teve um ataque fulminante repentino. Acordou em um sobressalto, com dor excessiva no peito, falta de ar e um suor frio e constante. Ele ainda murmurou: “Ariel, Ariel”. Em seguida, a morte.

Lily estava trêmula, situação considerada normal, dentro dos parâmetros daquele ambiente, mas havia algo a mais. Impercebida por todos, com suas atenções voltadas no cadáver, tomou as ruas. Psíquico a seguiu:

– Lily, quer companhia?

– Eu não entendo – estava desorientada. – Como ela conseguiu?

Instintivamente, Psíquico sabia de quem ela estava falando.

– O que houve realmente com sua irmã?

– Foi você! De alguma forma a libertou, não foi?

– Ela me revelou a verdade. Você e seu pai a sacrificaram. Ela estava em grande sofrimento, eu a libertei.

– Meu Deus! – Sua mão estava trêmula. – Eu sou a próxima! Seu idiota, não sabe o mal que fez a todos nós. Ariel é uma bruxa suprema, só conhece a maldade, e nenhum de nós é pareo para ela. Agora que a libertou, somente a danação nos

aguarda, não tenho muito tempo. Ela o usou, todo o tempo, te iludiu com sua falsa doçura.

Ele sabia que ela estava certa, podia sentir a maldade pairando no ar. Era como se fossem observados o tempo todo. Ariel ainda estava fraca, e usou toda a sua força para matar Afonso. Aguardava apenas se restabelecer, e então seria o fim.

– Existe uma forma – ressaltou Psíquico. – Um encantamento antigo. Preciso ter acesso ao cadáver dela.

– Eu te levo lá. Está emparedada no velho casarão, sob encantamento, que agora de nada vale.

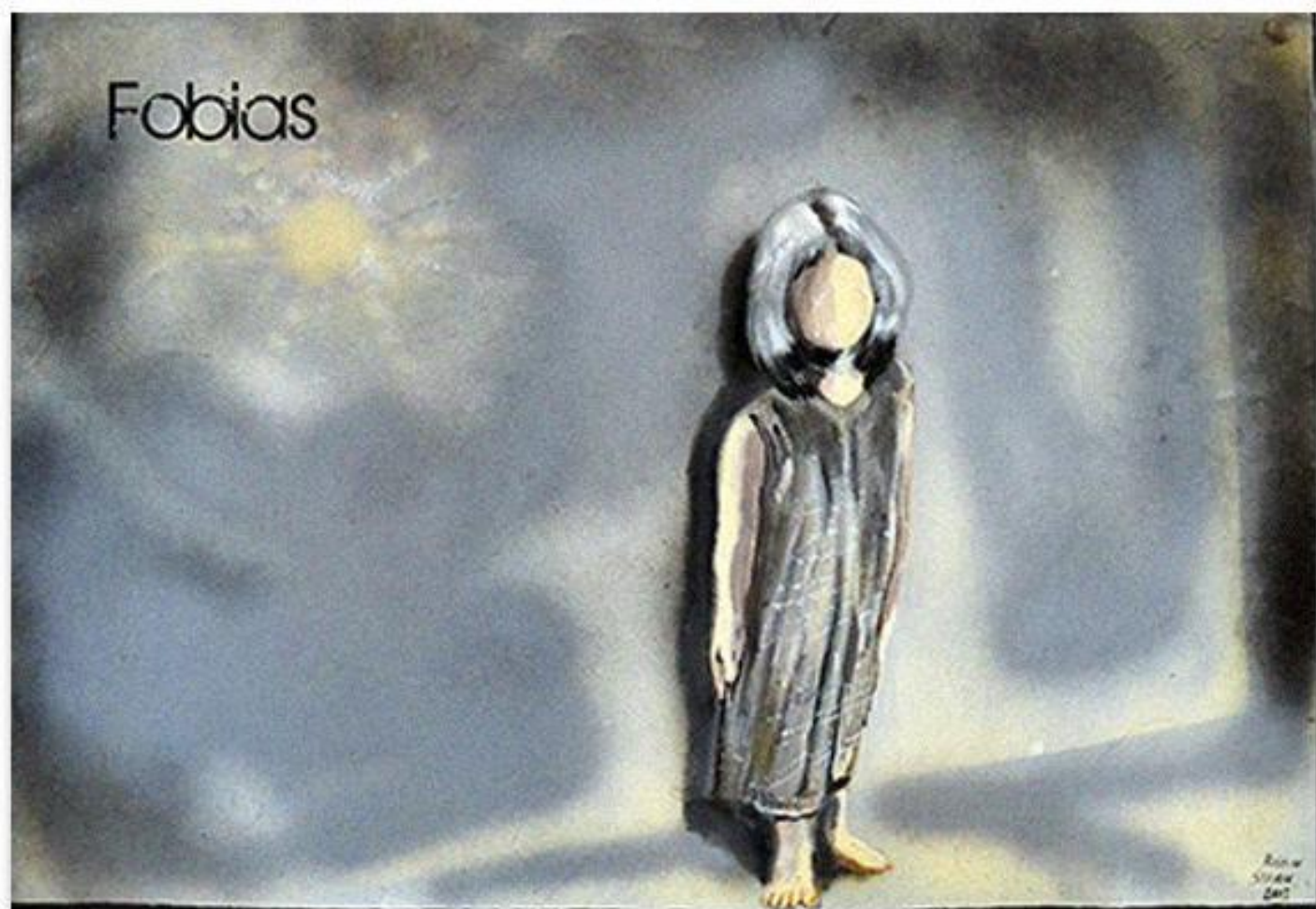
Ariel acrescentou, ao longo dos anos, um rancor pouco natural de sua alma feminina, como é sabido até pelos mais leigos, a religião da mata e das florestas não tem resignação como seu princípio de existência e, para que esta parcela de frustração fosse acionada, seria necessário um detonador mundano. Ninguém representou mais esse papel que a relação carnal com homens sem ligações afetivas, embora não fosse tabu entre os seguidores dessa deusa, mas de forma alguma é incentivado a se tornar regra, principalmente para atingir objetivos torpes. Ariel promoveu uma depravação ao paganismo puro, ao inseri-lo na busca material e prazeres egoísticos. Banhar sua pele em sangue imolado era uma experiência que nem os mais perversos magos negros jamais sonharam. Ela planejava a morte da própria irmã, não achariam referência a isso na literatura do oculto. Seria cumprimentada com honras pela própria condessa de Bathory.

Mais tarde, estavam com tudo o que precisavam no velho casarão. Uma marreta utilizada para quebrar a parede, três espelhos médios retirados da casa do prefeito, algumas velas e giz branco. No salão principal, foram posicionados com intuito de formar um triângulo entre eles. Um círculo e pentagrama foi desenhado no centro, com velas posicionadas em três pontos. Com tudo pronto, Psíquico derrubou a parede indicada por Lily e encontrou o cadáver de Ariel, amarelado e enrugado, algemado em pé, sustentado por uma corrente. O pequeno altar em torno foi chutado por ele, já não tinha mais nenhuma valia. Com dificuldade em romper o elo da corrente na parede, difícil de ceder, após sucessivas marteladas e o tempo se esgotando, passou a acertar o pulso magro do cadáver, rompendo-o. Em seguida, com certo asco, arrastou o corpo duro até o centro do pentagrama. Enquanto recitava um antigo mantra e Lily acendia as velas, Ariel passou a aparecer refletida nos três espelhos, um de cada vez, o que fazia sua irmã se voltar assustada a cada imagem, girando em exatos 360 graus. Enquanto o místico banhava o cadáver, o fantasma da bruxa suprema apareceu de súbito e passou a enforcar a irmã, a sufocando e a elevando ao ar, aproximadamente 30 centímetros de altura. Quando Lily já se sentia sem forças, Psíquico refletiu um pequeno espelho contra a aparição, que a projetou em três pontos do espelho, levando-a de volta para o

cadáver, no centro do pentagrama. O mesmo tomou vida, mas jazia aprisionado no círculo. Psíquico ateou fogo no cadáver e gritos infernais ecoaram naquele local...



Fobias





Fobia: – Medo mórbido , aversão.

Bacia de Santos,

Mergulhadores encontram algo nas profundezas do oceano. É grande e pesado.

O CIENTISTA ALBERT CIRUS entrou no projeto secreto, por seu renome internacional. Filólogo, arqueólogo e historiador conceituado em toda a América Latina, além de Professor Catedrático. Chegou atrasado na reunião no Hotel Le Classic. Ele subiu 13 andares de escada, tamanha a sua aversão por elevadores. Ao chegar todo suado, foi interpelado pela Cientista Patricia Galsworth, supervisora do trabalho de Doutor Albert. É paga para achar brechas no trabalho dele.

– Está todo suado. Não utilizou o elevador ?

– Eu tenho aversão. Claustrofobia.

– Sei que me desconsidera pelo serviço que exerço aqui, mas te digo que não é nada pessoal.

– Sei disso, Senhorita Patricia. Sua presença é necessária para dar credibilidade ao meu achado. Até eu mesmo cheguei a duvidar de minha busca, tão surreal ela era. Sua função é importante para colocar nossos pés no chão.

Ele tocou no ombro dela, que se esquivou. A Cientista tinha uma aversão a homens. Não suportava que a tocassem. Isso a tornou assexuada. Os estudos maciços auxiliaram nesta causa. E se tivesse que se entregar a alguém, seria a uma mulher. Afinal, elas têm muito mais assepsia. O que mais odiava eram os ônibus ou metrô em horário de pico, onde homens se aproveitavam para abusar dela, ao

menos era o que ela achava. Por sorte, sua condição social permitiu não mais usar transporte público.

O homem responsável pela manutenção do submarino -e copiloto também é JP. João Paulo. Mas todos que começam com J tem uma predisposição a usar essa letra como nome. O que pode dizer dele é um tanto supersticioso. Estava sentado junto a seu companheiro William, o piloto. Havia ainda um matemático, uma dupla de Biólogos, Militares, Cientistas e Mergulhadores. Um total de 11 tripulantes. Todos entraram a bordo do submarino EVA. Era uma estrutura de caixão, os superiores mostraram tudo, como deveria ser procedido, incluindo o estoque de alimentação, com suplementos necessários para dois meses de viagem submarina.

Todos mantinham contato direto com a base matriz. Um viva-voz ali dentro orientava a todos. Eles seguiam todas as instruções dos superiores, dadas por meio de um sistema mecanizado de áudio. A voz metálica parecia ter vida própria. Os compartimentos tinham portas automáticas que se fechavam programadamente, portas com escotilhas e sensores. Havia um compartimento de computadores e uma estufa gigante, utilizada para conservar algas ou algum animal marinho encontrado no fundo do oceano.

Os corais...

A base matriz os mantinha sob controle. Às 9:45, foram orientados pelo viva-voz para seguirem ao compartimento 12. As portas se fechariam em doze minutos, pois era hora de dormir. Dos onze tripulantes, apenas os pilotos permaneceram acordados. As bases ficavam uma ao lado da outra em uma grande fileira, onde todos se deitaram e no horário correto o viva-voz disse:

“Coloquem os braços para dentro, faltam 12 segundos para fechar...

11,10,9,8,7,6,5,4,3,2,1,...fechando o compartimento”.

Todos ficaram eretos e o vidro se fechou sobre eles. Cyrus estava angustiado. Se sentia um sepultado vivo. Ele não confiava em circuitos eletrônicos. E se desse uma pane?

Ao amanhecer, o viva-voz os despertou.

– Meu Deus, o que é isto?

Ficaram estupefatos com o que viram. Uma cidade perdida. Havia uma espécie de balneário, uma ponte em frangalhos, degraus e algumas estátuas demolidas, outras intactas. Passaram com o submarino entre pilastras e afins.

Os Biólogos se aproximaram do vidro, o sorriso de todos se estendia de uma orelha à outra. J.P ficou abismado:

– Uma cidade subterrânea em Santos? Assim como Atlântida. Não é possível!

Albert Cyrus não parecia tão surpreso.

– Atlântida existe. Mas está na Islândia, meu caro. Dizem que cataclismos a dividiram em duas ilhas, e se chamavam Ruta e Dayta. A cidade foi submergida nas águas. Houve ainda um terceiro abalo e sobrou um pedaço de Ruta, hoje chamada Poseidônia, ou Poseidonis. Dizem estar submersos no mar das Antilhas. O primeiro relato da Atlântida foi narrada pelo filósofo Platão mais ou menos em 380 antes de Cristo. Timeu e Critias. Também havia o filósofo Hesíodo, que referia-se a uma civilização de ouro, uma visão do Éden. É claro que nada é provado, nem mesmo sabemos se realmente se trata de Atlântida. Mas bem antes disso, na Índia, já se falava nisso. A Krita Yoga, e até mesmo os índios difundiam o mito. Mais precisamente, fica entre a América do Norte e a Europa, a Nordeste da América do Sul e Nordeste Da África. As ilhas Canárias seriam uma requisição do incidente, também as ilhas Birminí. Há uma grande relação com Tiahuanaco. E uma certa mística e lenda sobre alienígenas do passado. Há muito mais do que pensam. Fatos obscuros e obsoletos. Os cristais lhes davam poder, abriam portas dimensionais. Dizem que uma pirâmide de cristal é responsável pelo desaparecimento do triângulo das Bermudas. Helena Blavatsky, entre outros, diz que Atlântida foi criada pelos senhores da chama de Vênus, que trouxeram o conhecimento à cerca de 18 milhões de anos atrás.

Patricia Galsworth entrevistou, aplaudindo:

– Parabéns, Albert. Brilhante o seu conhecimento sobre Atlântida. Mas o que precisamos saber, é do que realmente se trata essa excursão submarina? Até onde sei, estamos trabalhando em prol de encontrarmos novas áreas de extração do pré-sal. Tem algo que está escondendo de mim, Doutor? Não vejo um pinga de surpresa nessa descoberta. Não parece estar feliz com o que encontramos no fundo do oceano. Uma urna funerária com 2 metros de comprimento e 70 centímetros de largura. Feita de um material metálico inoxidável pela ação do tempo.

– Quanto a não estar comemorando com afínco, sou reticente com manifestações desnecessárias de alegria. Isto deixa a vocês, jovens, que são menos desconfiados sobre a vida. Eu já passei por muita coisa para saber que o entusiasmo pode ser um bom arregimentador, mas um péssimo conselheiro.

Albert simplesmente deu as costas à Doutora. Enquanto os mergulhadores resgatavam o caixão no fundo do oceano.

Com o auxílio de um pé de cabra abriram o caixão. Albert cutucou J.P com sua bengala:

– Tomem cuidado! O que está nesse caixão vale mais que todos nós juntos.

A múmia era grotesca, ressequida feito uma uva-passa. Tinha abraçado a ele um papiro. Cyrus começou a observar de perto, com sua lupa.

– Confesso que estou surpreso com o estado de conservação da múmia. Tudo isso deveria ser uma massa cinzenta, se obedecesse as regras invioláveis da

química.

– Estou achando isso um embuste, Doutor – disse Patricia, exaltada. – Não é possível levar algo assim adiante.

– Até esse momento, permiti que interferisse no meu projeto. Esse é o momento de dizer chega! Sentem-se todos e ouçam. Como sabem, a retirada do petróleo, conhecida como pré-sal, fracassou totalmente. O preço do petróleo subiu em todo o mundo, devido à escassez. O que poucos sabem é que a busca por este minério não é o principal motivo das perfurações. O Governo Federal sabia que na Bacia de Santos havia tesouros ocultos, soterrados. Mas não poderiam divulgá-los, embora careçam do recurso. Reuniões às escuras foram feitas e decidiram que o projeto seria financiado por caixa dois de campanha e dinheiro público. Um plano tão elaborado que tem chance de nunca ser descoberto.

William questionou:

– E o senhor compactuou com tudo isto?

– Exato. Mas a história me absolverá.

Galsworth apontou o dedo para o Doutor:

– Diga que isto é uma piada ou algo parecido. Vou reportar isso a nossos superiores. Doutor, você insulta nossa inteligência. Espero que esteja preparado para as consequências. Esta montagem ridícula não faz jus à sua carreira. Esta será a sua sepultura acadêmica.

William tenta apaziguar a contenda.

– Acalme-se, Doutora. Vamos pensar de forma fria sobre o próximo passo.

– Lamento sua opinião, senhorita – replicou Albert. – Especialmente diante de fato tão autêntico. Fico me perguntando que tipo de burocrata contrataria uma desqualificada como você para supervisionar a minha pesquisa.

– Estou abandonando o meu posto neste momento, Doutor. E farei o que estiver ao meu alcance para acabar com a sua reputação.

– Tenho que admitir, não fui de todo honesto sobre esse projeto. Devido aos fatos excepcionais ocorridos nas últimas horas, preciso lhes contar toda a verdade. Nunca estivemos atrás de uma múmia. Procurávamos respostas a campos magnéticos. Devem saber sobre as experiências militares de 1943 nos EUA, conhecido como Operação Filadélfia. Militares testaram o efeito do campo magnético sobre um destroyer. O Eldridge. Isto ocasionou a loucura e a morte de alguns marinheiros. Eles sumiam e reapareciam de forma descontrolada, embora a embarcação não tenha tido avarias. Ele inclusive surgiu como um fantasma, no porto de Nortfolk, 400 km mais ao sul. O próprio Einstein teria trabalhado nesse projeto. Nem isso trouxe garantias de sucesso. Fatos que de forma sobrenatural incidem no Triângulo das Bermudas, poderiam ser feito por experiências

controladas? A teoria da unificação das leis da física poderia estar ao alcance da ciência moderna.

– Explêndido, Doutor Albert Cirus – aplaudiu Patricia. – Mas o que raios essa parafernália tem a ver com nossa realidade aqui, neste momento?

– Nos anos 40, aqui na Bacia de Santos, onde extraímos o pré-sal, tais fatos ocorreram. Na época, não tínhamos condições técnicas para executar o plano.

– Em que ponto a múmia entra em sua história? – Indagou William.

– Não entra. Eu não sei nada a respeito dela.

William e JP voltaram a mergulhar em busca de respostas, enquanto o corpo de cientistas continuava a debater sobre qual rumo seria tomado. Foi quando chamaram a atenção de Cirus para os monitores de segurança. A múmia não estava no caixão.

– Mas que diabos!

Um cadáver bateu de frente ao vidro do submarino. E o rosto inchado do defunto pareceu observá-los, de tão próximo que estava. Em seguida, o corpo foi se afastando, se prendendo em algas. Era William.

Anderson e Xavier vestiram a roupa de mergulho e saltaram na água, em busca do resgate de JP e recolhimento do cadáver de William. Embora Anderson tivesse total aversão a cadáveres, esse era um grande amigo em especial. Cirus estava em profundo desespero, não pela morte não esclarecida de William, e sim pelo sumiço da múmia. Pediu para o técnico de manutenção, Carlos, retroceder as imagens da câmera de segurança, mas não registravam nada, apenas um lapso, e a múmia não mais estava lá.

Anderson abriu a escotilha e emergiu na frente, indo de encontro ao cadáver que estava a quinze metros de distância. Ele abraçou o corpo sem vida para trazê-lo ao submarino. O pé do morto estava enroscado nas algas. No momento em que Anderson tentava deslocar o corpo de William, ele abriu os olhos embaixo d'água. Não estava morto? Porém, os olhos estavam fora de órbita. Ninguém viu o que aconteceu, nem mesmo Anderson notou a gravidade do ocorrido. O cadáver estendeu o braço e puxou o cabo de oxigênio de Anderson, partindo-o. Anderson se descontrolou embaixo d'água, começou a se contorcer e já estava se afogando. Logo, Anderson, William, JP e Xavier jaziam sem vida, afogados no fundo do oceano. Patricia o questionou:

– O que pode explicar algo assim? Quatro mergulhadores mortos! Suicídio coletivo? Eles próprios desacoplaram o respirador artificial. O que mais sabe sobre essa múmia? Como ela pôde ter sumido? Simplesmente levantou e saiu andando? E por que as câmeras de segurança não captaram isso?

Albert estava pensativo, com as mãos sobre a cabeça:

– Faz perguntas demais, Senhorita Galsworth. Estive traduzindo o manuscrito. Ele cita uma entidade chamada O Mestre das Fobias. Algo que se alimenta do medo humano. Mas tenho certeza que é só lenda. Tenho uma teoria científica para o que está acontecendo aqui.

– Então me diga, Doutor. – Ela limpou uma lágrima discreta da face. – Por que eu não quero morrer aqui!

Albert levantou e foi caminhando devagar até o compartimento de direção do submarino.

– Acredito que aquela múmia trouxe junto a ela uma bactéria primitiva. Algo tão brutal que está ensandecendo a todos nós. E creio que a múmia nunca saiu da câmara, se trata apenas de uma histeria coletiva.

Ele fechou a porta da antecâmara e girou a escotilha, travando a Doutora do lado de fora do compartimento.

– Por que me trancou do lado de fora? O que está pretendendo? Por que continuar fingindo, se sua máscara caiu faz tempo. Pare de divagar e abra essa maldita porta! Ou vai conseguir um processo, seu canalha!

– Não posso permitir que isso, seja lá o que for, suba para a superfície. Eu lamento, Doutora Galsworth. Mas todos nós devemos morrer e ser sepultados no fundo do oceano!

Galsworth caiu em prantos, após exaustivos chutes e socos em vão. Ela não queria morrer. Mas havia algo que a amedrontava ainda mais que a morte. A voz robótica ressoava no compartimento.

“Sua lésbica enrustida. Não suporta ser tocada, não é”.

Ela correu para os pavilhões inferiores, pulando pelos corpos dos outros tripulantes. Enquanto a voz robótica a perseguia feito um olho de Deus.

“Sabe que não pode fugir de mim, não é?”

– Eu sei que isso é uma ilusão! É aquela múmia, eu sei. Eu vou dar um jeito nela.

Enquanto ela percorria os corredores, as portas se fechavam atrás dela. A voz robótica foi apelidada com o mesmo nome do submarino. EVA. Patricia pegou combustível e encaminhou à antecâmara. A múmia jazia lá, intacta, no mesmo lugar que havia sido depositada.

“Patricia, Patricia. Como supõe que o fogo poderia eliminar aquele que sobreviveu a pressões abissais e a salinidade intensa. Mas se quer tentar.”

– Cala a boca!

Começou a despejar gasolina na múmia. Quando foi pegar o isqueiro, a mão putrefata segurou o seu pulso. A voz mecânica continuava a ressoar no ambiente.

“Isso começou com os abusos de seu padrasto, não foi Patricia?”

A múmia se levantou, mais parecia um fantoche. Com movimentos mecânicos, o ser pútrido começou a rasgar a roupa de Patricia, que tentava se desvencilhar de forma desesperada. A criatura começou a penetrá-la, o que era nitidamente uma ilusão – em alguns momentos era. Ela conseguiu atingir o isqueiro e ateou fogo na múmia, junto a ela mesma. A múmia esteve o tempo todo intacta dentro do caixão, enquanto ela morria carbonizada.

Albert joga o manuscrito de lado, tira o óculos e coça os olhos.

– A fé em livros antigos é o primeiro passo para a domesticação do animal chamado homem. Meu conhecimento técnico e vivência no século XXI extirparam de minha mente a crença nos antigos ensinamentos.

No momento, ele vê o teto descendo, enquanto as paredes se encolhem, comprimindo tudo o que há ali dentro, estourando a escotilha e envergando a porta. Seria aquele o seu caixão.

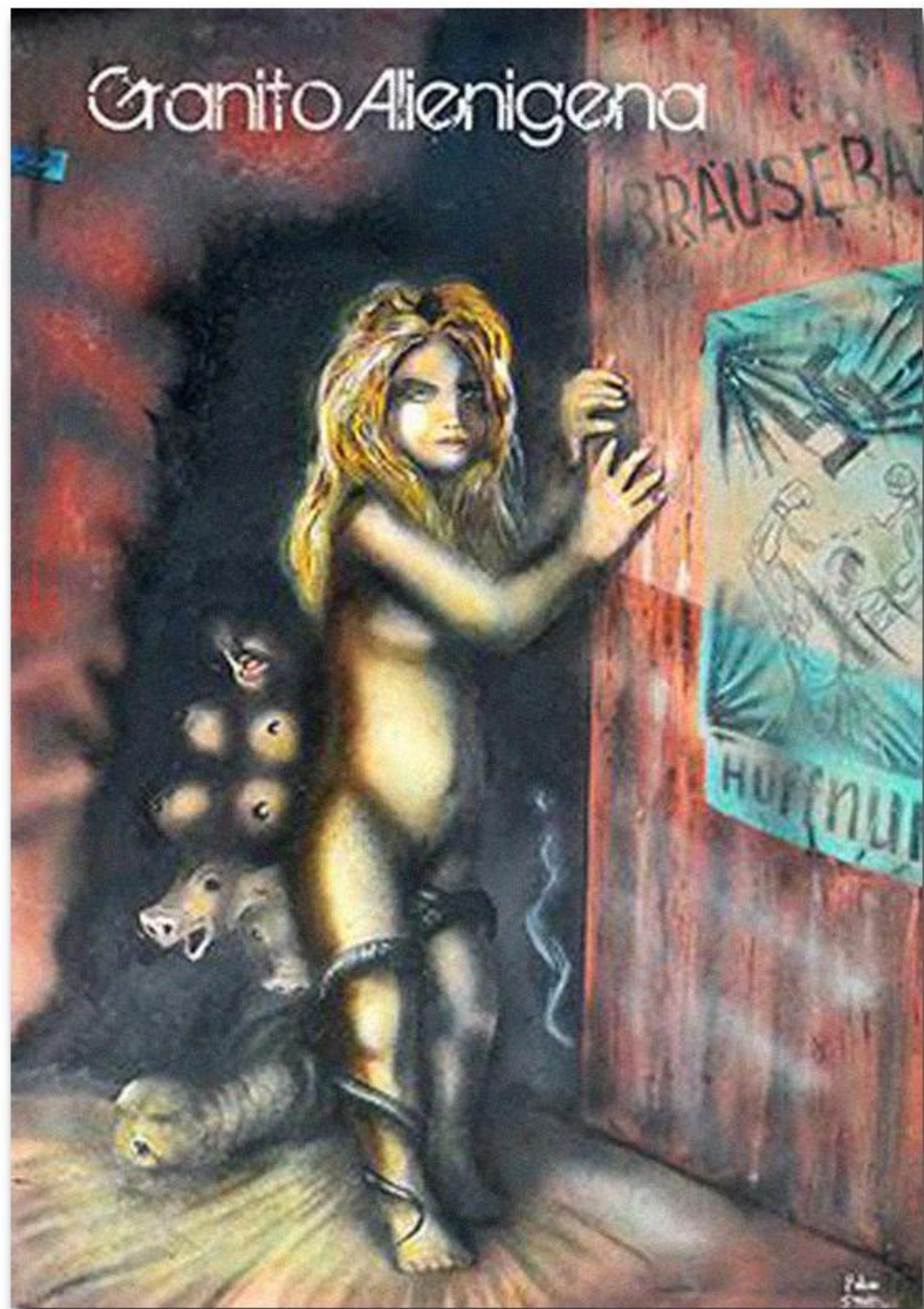
– É uma bactéria. Não é real. Não é real.

Ele pegou o seu revólver calibre 38, sabia o que fazer. Aquilo não ia parar. O cubículo ia quebrar a sua vertebra em três ou quatro partes, já começava a se envergar para trás, respiração abafada. Sensação claustrofóbica, gotas de suor escorriam de sua face. Sabia o que fazer. Colocou a arma na boca e apertou o gatilho.

Eu, o Mestre das Fobias, sei manipular sonhos e desejos como nenhuma outra criatura nesse plano dimensional...



Granito Alienigena



GRANITO ALIENÍGENA

1986, São José dos Campos

OU SE TEM RAÍZES OU ASAS. Eu tenho um grave problema, arrumo inimigos fácil demais! Por esse motivo, sou nômade, não paro em lugar algum. Sempre buscando novos horizontes, conhecer gente nova. Não que eu procure briga, as pessoas parecem não simpatizar muito comigo. Estava sem rumo. Parei em uma cidadezinha de Minas Gerais, Santa Fé. Estava no boteco, o cheiro de fumo predominava. Na prateleira, cobras e aranhas no formol, achei bem peculiar.

Ainda por cima, a filha do dono do bar era educada, muito bonita, loira, olhos azuis, o estereótipo de mulher perfeita, com toque de camponesa. É claro que precisava ser polida. Aquele diamante bruto tinha de ser trabalhado, mas tinha grande potencial.

– Como se chama?

– Lorena.

– Lorena. Sabe de algum lugar onde possa me hospedar por aqui?

– Sei sim. Mas fica bem isolado da cidade.

Consegui me instalar em um casebre no local mais isolado da cidade, como ela havia dito. O café era a economia local. Tudo se concentrava no cafezal da família Mattoso, a mais rica e influente da cidade. O alvoroço era grande em relação ao local. Havia círculos nas plantações, feitos de forma artística e misteriosa. Uma pedra de granito foi encontrada em meio à plantação. Pessoas que a tocaram logo tiveram uma espécie de reação alérgica, bolhas purulentas que eclodiam sobre a pele. Embora eu acredite serem obras de zombeteiros, muitos ali atribuíam isso aos alienígenas. Referente aos círculos, não existiam marcas de acesso nas plantações, feitas por pessoas ou maquinários, só poderiam ter sido feitas por objetos voadores.

Seriam sinais para os ovnis? Círculos, anéis e formas geométricas complexas, seguidas de testemunhos sobre luzes no céu. Devia ter ido embora da cidade quando isso tudo começou.

Primeiro, foi uma epidemia de gripe. Logo se tornou incontável. Como eu morava na área mais isolada e não pertencia a nenhum grupo de risco, isso não me abalou. Então, começaram as baixas. Pessoas morriam de forma avassaladora. A doença fazia a pessoa perder todos os pelos do corpo. Ficavam carecas, com pequenos tufo de cabelo, sem sobrancelhas e os dentes caíam um a um. Seria algum tipo de radiação vinda do espaço? Muitos tentaram partir, mas as entradas da cidade estavam todas fechadas por uma muralha gigantesca, feita de um material desconhecido pelo ser humano. Tecnologia alienígena? No certo, era o mesmo material do granito, havia grande semelhança. Mas alienígenas mesmo, nunca ninguém os viu. Desnecessário dizer que não havia nenhum tipo de comunicação, seja via rádio, tv ou internet. Isso estaria acontecendo além da barreira.

Algo como estar na hora errada e no lugar errado. Tudo aconteceu tão rápido. Típico. O que fazer? Nada me tira da cabeça que a forma de epidemia se deu pelo granito. Logo descobri que essa coisa torna o ser humano um simples hospedeiro. Os sintomas neurológicos eram parecidos com o Alzheimer. As pessoas se tornavam replicantes, não conheciam os membros da família. Perdiam sua própria identidade.

Tinha me afeiçoado à Lorena, a loira do bar. Caminhei naquela cidade fantasma até encontrar a sua casa. Pulando por cima de corpos, todos sem vida e nenhum putrefato. Ao entrarna casa me deparei com o pai dela, igualmente morto. Mas nem sinal dela. Sabia que havia um mal silencioso naquele local. Tinha de partir, e já que não podia sair da cidade, ao menos da vista dessas possíveis criaturas. Caminhei pelas sombras e me dirigi às montanhas. A vegetação estava morrendo, os animais também. Após horas de caminhada, encontrei uma velha cabana. A ideia era se tornar um eremita. Tinha algumas conservas roubadas das casas que saqueei na minha mochila, e uma arma adquirida na casa do pai de Lorena. Poderia ganhar alguns dias.

Tranquei toda a cabana, coloquei ferrolhos nas portas e vedei as janelas com feixes de madeira. Mantenho a espingarda voltada constantemente para a colina, e apenas a luz de um lampião acesa para não ser descoberto. Diziam que o local era um ponto de ovnis. A movimentação de luzes era intensa no céu. Após 3 dias recluso, fui à floresta para buscar lenha. Fazia muito frio e precisava me aquecer. Nem mesmo animais havia para a caça. Foi quando vi Lorena recostada em uma árvore. Estava com um olhar perdido. Corri até ela, sempre procurando se esconder entre as copas das árvores, onde nenhum objeto voador pudesse me observar. Ela

me olhou e não disse nada. Usava uma blusa grande com capuz. Eu a abracei forte. Ela estava pálida, não sabia se por medo ou frio.

– Sinto muito por seu pai.

Quando a abracei, pude notar o quanto a blusa ocultava a sua magreza: ela estava puro osso, seca, e seus olhos sem vida. Eu a empurrei e fiquei pasmo. Ela me fitou por uns momentos. Com a sua mão cadavérica, tirou a capa da cabeça, totalmente careca. Não tinha cílios. E quando abriu a boca, notei que não tinha dentes.

– Vim te buscar pessoalmente, Frederico. Você vai gostar da colônia. O que foi, já não é mais!

– Quem é você? Como sabe o meu nome. Nunca te disse.

– Nós podemos nos conectar como uma rede. Nunca mais haverá solidão. Nesse momento, todos estão nos observando. Venha comigo!

Uma criatura horrenda me observava, enquanto seus tentáculos a circundavam e entravam em seus orifícios, tinha cabeça semelhante a um porco. Tudo foi muito rápido, logo, como em mágica, não havia nem mesmo vestígios da criatura que a dominava.

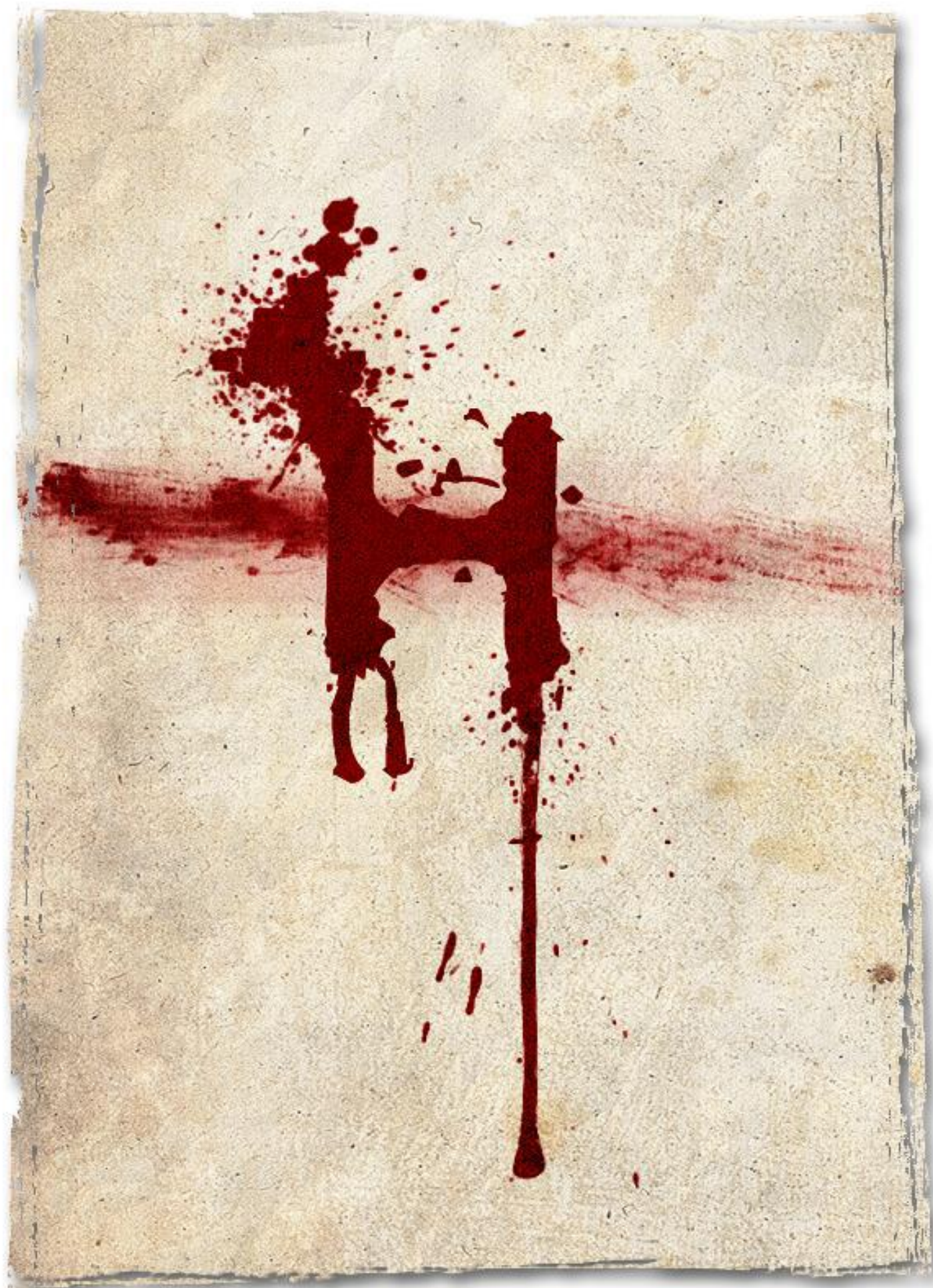
Não perdi tempo, não senti remorso. Já não era mais ela. Acertei a sua testa com o machado. Mas isso só me deixou mais assustado. Constatar que os seres possuídos só são alienados na fase de invasão dos corpos. E com o passar das horas, adquirem cada vez mais inteligência. Após dominados, todos se tornam um. É como se estivessem todos ligados à mesma teia, de forma que sabiam que eu estava na cabana. Não podia mais ficar ali! Pensamento coletivo. Ainda tiveram a inteligência de me ludibriar com Lorena. Sabiam que eu tinha uma queda por ela. Que saída eu tenho neste lugar?

Eles se juntaram no centro da praça. Como uma preparação, formando a tropa para dominar outros povos. Não havia mais nenhum traço humano neles. Uma chuva fina batia sobre o local. Mas os seres não se importavam em estar se molhando. Entrei no meio deles, e isso escrevo às pressas, não tenho muito tempo. Creio que este é o único documento do ocorrido, e espero que não o encontrem. O mundo precisa saber a verdade!

Corri de volta à cabana, voltei os ferrolhos na porta. Sentei no chão e apontei a arma contra a porta. Foi quando passei a mão no cabelo, e como um paciente em tratamento de quimioterapia, tive uma mecha de cabelo em minhas mãos. Mas ia muito além disso. Estava empalidecido e senti com a ponta da língua o dente mole. Forcei para frente e para trás e o dente caiu, sem dor alguma. Os dentes estavam frouxos. Comecei a tirar eles um por um. Tive medo, mas era a minha chance de me parecer com um deles. Mas então, os pensamentos começaram a entrar em

devaneio, começavam a se apagar. Tive dúvidas. Seria isso um ataque marciano, ou uma doença causada por radiação?

Uma luz tremendamente forte entrava pelas frestas. Tão intensa que parecia querer desintegrar todo o local. O inimigo maior era eu mesmo. Sabia que tinha pouco tempo antes de perder a consciência. Disparei tiros em vão, contra o desconhecido. Só havia uma bala. Escrevo rapidamente e faço minha última oração. Já forçam a porta, e sei exatamente o destino dela...



Heterocromia



ETEROCROMIA

SIMMEL CIRCULOU O ANÚNCIO DO JORNAL. Gostava de verificar a seção de acompanhantes. Temas como “Mulher casada procura”, “Faço inversão de papéis”, “Massagem relaxante com final feliz”. Mais do mesmo. Foi quando um, em especial, lhe chamou a atenção. Ele prontamente circulou à caneta.

“Ana Gypsy Mofarredj, cigana de Andaluzia, Espanha. Origem árabe e Zingara. Disposta a conhecer pessoas interessantes. 48kg, 1,60 de altura, olhos azuis, cabelo loiro. Cachê a combinar.”

Ciganas já eram atrativas, com toda aquela mística. Uma que fazia programa tornava tudo ainda mais subversivo. Ele ligou para ela incessantemente, conseguindo marcar um encontro no dia seguinte. Era dia chuvoso, ela se atrasou 10 minutos, que mais pareceram uma eternidade. Ele tomou um Viagra para se garantir. Não que precisasse, mas queria o melhor desempenho. Ela bateu no vidro do carro, ele a seguiu até uma casa discreta em um bairro residencial. Os olhos da cigana eram penetrantes, muito bonitos. Logo se podia notar que era uma mulher sofrida pelas ações do tempo. Tinha cabelos secos e quebradiços e era cadavérica, os ossos da face eram protuberantes, mas isso não tirava sua beleza exótica. Os dentes eram meio amarelados, e os da frente eram juntos por uma espécie de crosta amarela. Obviamente não tinha muita higiene.

Ela não conhecia a casa, ou era nova no ramo, ou nova no recinto. Nunca se sabe ao certo a verdade, se questionadas, todas dizem ter começado com menos de 1 ano. A velha história do carro zero quilômetro e o usado. Uma outra garota de programa indicou o quarto. Ela parecia nervosa, aflita. Saiu do quarto para confirmar se aquele era mesmo o local. Simmel até então estava de ray-ban e todo equipado. Despiu-se, ficando apenas de cueca, deitado na cama, com os braços

para cima, apoiando a cabeça. Fez as perguntas clássicas de praxe, para diminuir a tensão.

- Faz tempo que faz programa?
- Comecei esse ano. Estou indo embora para São Paulo.
- Não gostou de São José dos Campos?
- Não é isso. – Colocou as mãos na boca. – Seus olhos!

Ele tinha olhos de cores diferentes. O esquerdo era azul, e o direito castanho. Se chama Heterocromia, uma anomalia genética causada por uma alteração no gene *eycl3* no cromossomo 15, que indica a quantidade de melanina que o olho apresentará. Mais comum em animais domésticos que em humanos. Este descompasso oftalmológico contudo, se não é capaz de lhe atingir a capacidade de percepção do prisma de luz, lhe outorga inconveniências sociais entre os menos tolerantes com diferenças.

- São lindos! Diferentes.
- A sua característica mais marcante são os olhos também, muito bonitos, azuis.
- Você prefere no claro, ou no escuro?
- Prefiro no claro, gosto de ver as formas.

Ela titubeou, ficou pensativa. Obviamente preferia o escuro. Se despiu. Os seios eram mínimos, ficou apenas de calcinha. Já estava frouxa, não se adequava ao seu corpo, era grande e branca. O corpo era excessivamente magro, os ossos da costela e da bacia apareciam em pequena escala. Parecia uma enferma em fase terminal. Tinha manchas brancas pelo corpo, parecia micose. E alguns pontos minúsculos roxos, principalmente na área do pescoço.

– Me desculpe por estar nervosa. É que eu sou de São Paulo e vim trabalhar em uma boate aqui no interior. Foi quando um cliente me convidou para morar no apartamento dele, e eu aceitei. Ele me bateu ontem. É possessivo. Não dá mais, estou levantando uma grana, vou embora. Sei que notou meus dentes, foi ele que fez isso também.

- Você tem filhos?
- Uma garota de 13 anos. Sei que não parece, mas já tenho quase com 40 anos. E não parecia mesmo. Tinha o corpo de uma garota de 13 anos.
- É verdade que é cigana? Nunca vi uma fazer programa.
- E nem pode. Existem regras rígidas para isso. Não sabia que tinha uma colônia de ciganos aqui. Tenho medo que eles me matem por estar fazendo isso.
- Você tem o poder de adivinhação?
- Eu leio mãos e leio cartas.
- Você leria minha sorte?
- Você veio aqui para transar ou ler a sorte?

– Os dois.

Ela ficou sentada na cama, observando atentamente Simmel. A atmosfera mudou naquele momento.

– Você é inteligente. – Pegou as mãos dele. – Tem mãos finas e largas, somente pessoas inteligentes são assim.

– Sou muito inteligente, modéstia à parte.

– Você tem bom coração. Acredita em Nossa Senhora. Você já foi em Aparecida, não foi?

– Sim. Já fui.

– Mas suas folhas estão secas. Sofreu muitas decepções. Sua ex-mulher tirou tudo de você! Mas você terá em dobro, tudo o que foi tirado. A sua mulher atual tem bom coração, mas você desconta nela tudo o que passou com a anterior. É ressabiado. Em seu negócio, tem um homem que te odeia. Vejo que teve problemas financeiros devido à sua primeira mulher, vejo também um problema de saúde recente.

– Sim, fui operado recentemente de um tumor benigno no quadril.

– Tudo o que acontece tem uma razão. Pessoas não se encontram por acaso. Todos temos um lado sombrio dentro de nós. Mas no seu caso, ele pode se manifestar com mais facilidade. Seus olhos são portais de libertação para cada um de seus elementos. Muito cuidado! Não deixe seu lado sombrio predominar. Nunca! Se um dia isso ocorrer, precisa tomar medidas drásticas para fazer isso parar. Você tem dores de cabeça frequentes, não é?

– Nossa! Você é boa nisso.

– Agora chega. O que deseja?

– Pode me chupar?

– Claro!

Ela pegou a camisinha, mas não sabia abrir, muito menos usar a técnica com a boca, tão usual das putas. Era mesmo inexperiente. Ele mesmo vestiu seu membro, o qual ela chupou por uma fração de minuto. Então, se deitou de frente, tocou no ombro dele e disse:

– Promete que vai ser carinhoso comigo. Estou muito nervosa.

Ela tinha pelo na vagina, algo incomum entre as putas. Ele beijou o pescoço dela enquanto notava as manchas na pele. Começou a penetrá-la, enquanto ela dizia:

– Você tem um corpo bonito.

– Vai de quatro.

– A camisinha, ela não estourou?

– Não.

– Ai, desculpa! Você tem família. Tem que se preservar.

Pensamentos invadiram a cabeça de Simmel. Ela devia estar doente. Aquelas manchas pelo corpo, o mesmo um tanto cadavérico, e sua constante preocupação com a camisinha estourar, além de pedir desculpas a todo instante. Talvez ela tivesse AIDS, infectada pelo vírus HIV. E se a camisinha estourasse? Ele já tinha doenças crônicas, se tivesse que tomar um cocktail de remédios, aí sim, seria o fim. Pouco sabia sobre o tratamento. Fora inventada uma pílula que reduzia os remédios em um apenas, mas e o preconceito? A vida já era difícil sem uma doença como essa. Pensou em parar de penetrá-la naquele instante, afinal, a camisinha estava intacta. Perdeu um pouco da excitação.

A posição de quatro é brutal quando a mulher não tem assepsia. Subia um mau cheiro vaginal, altamente broxante, se não fosse o milagroso remédio azul.

- Acho que não vou conseguir gozar.
- Quando não consegue gozar é porque não está bom?
- Não, nada a ver. É que às vezes eu me desconcentro.

Ela observou, fitou os olhos azuis oceânicos nos seus olhos. Parecia compreender algo. Ele queria perguntar abertamente se ela tinha alguma doença, mas não seria tão deselegante.

- Você sempre foi magra assim?
- Sempre. Nós ciganos nos alimentamos apenas duas vezes ao dia. É o suficiente.

Se estivesse doente, qual a garantia de que ela falaria? Achou melhor não pensar. Virou ela de costas, a deitou, e a penetrou até o êxtase. Depois tirou o preservativo com cuidado e deu um nó, lançando-o ao lixo. Pagou seu programa e estava partindo, quando ela disse:

- Você já sofreu algum acidente de trânsito?
- Não.
- Cuidado! Principalmente com viagens noturnas. E mais uma vez, me desculpa! Não sei se gosta de mulheres magras assim.
- Imagina.

Foi quando ele partiu...

Ele estava trêmulo e pegou uma aspirina que havia no bolso, tomou para que sua constante dor de cabeça parasse. Mais uma vítima do estresse, muito serviço, poucas horas de sono. Ao abrir a porta da diretoria, viu que estavam em uma reunião. Canonero era um velho de 71 anos, cínico e perdulário, fumava um charuto cubano e a cortina de fumaça encobria o ar, apesar do protesto silencioso que os integrantes da reunião lhe lançavam. A verruga no rosto e os dentes amarelados pela nicotina o tornavam ainda mais asqueroso.

– Está atrasado, Simmel! Acabou de perder uma significativa transação. Horácio acaba de me vender a sua parte da empresa. Agora, sou o sócio majoritário da Canonero Company. Nada mais justo. Essa firma leva o nome do meu pai, Antônio Canonero.

O velho Horácio estava entristecido, cabisbaixo. Devia ter sido mais uma vítima de Canonero e seu advogado Evaldo Medeiros, com um riso cínico estampado na face. Antônio Canonero construiu o seu império em cima da ignorância e inocência do pai de Simmel. Pego em uma armadilha burocrata, vendeu sua parte para Antônio e Horácio por uma verdadeira ninharia, e no fim, acabou se matando.

O velho Simmel vendeu seus inúmeros hectares de terrenos herdados de seus ancestrais. Perdeu tudo na transação com Antônio Canonero. De homem amável e instável, se tornou falido e começou o processo de loucura. Sua voz se modificava apenas para proferir inverdades obscenas sobre sua companheira e a quem ousasse interferir. Os filhos se não eram poupados das agressões físicas, nunca fizeram parte do ambiente familiar. Talvez porque o porte pouco vantajoso do pai não lhe permitisse tal atrevimento. Seus braços de burocrata nunca seriam eficientes numa surra de cintas, como era a sua língua, acostumada com os adjetivos mais pungentes do vocabulário nacional. Isso até o dia que tentou matar a sua esposa, Maria, enforcada. Ele parecia lutar contra si próprio. Largou a mulher quase morta e correu para o Rio Paraíba, onde se lançou, morrendo afogado.

Simmel trabalhava na empresa e se manteve por intermédio de Horácio, que tinha certo ressentimento de ter passado a perna no velho, apesar de Canonero o contrariar.

– Simmel, não tenho simpatia por você, embora seja um funcionário exemplar. Nunca chegou atrasado, tenho que reconhecer. Mas você me lembra muito o seu pai. E esses olhos, por Deus! Imagino que tipos de bacanais entre família seus ancestrais praticaram para acontecer uma anomalia dessas! A gente costuma ver isso nos cães, mas eles cruzam com a própria prole. Estou divagando, esse não é o fato pelo qual te chamei aqui. Precisamos de sangue novo, Simmel, o seu salário, com todos esses anos de dissídios, subiu demais. Por esse fato, estou te demitindo hoje. Mas não leve para o lado pessoal.

– Demitido! – Simmel sentiu perder o chão. – Eu trabalhei a minha vida toda aqui!

– Ora essa, Simmel, que discurso fracativo. Tem boas oportunidades para um homem de 40 anos por aí. Com todas essas redes de “fast-food”, e tanta gente comendo hambúrguer, não vai faltar serviço. Pode passar no Departamento pessoal. Agora, nos dê licença, que temos outros assuntos de pauta na reunião.

– Você! – Apontou o dedo para Canonero. – Se hoje essa empresa de Contabilidade tem renome é devido a meu pai. A Canonero Company não existiria sem a intervenção dele. O nome Simmel devia estar estampado na placa de entrada dessa empresa, eu devia ter o direito a 50% disso, e você vem me demitir!

– Fora daqui, Simmel! Ou vou ter que chamar a segurança.

Simmel saiu esbaforido, esbarrando no corredor com a Secretária. Nete perguntou:

– O que houve, Simmel?

Não obteve resposta. Ela entrou na sala de reuniões, trazendo uma bandeja com garrafa e xícaras de café. Começou a servi-los, enquanto Canonero a observava de forma constrangedora. A sala de reuniões era enorme, naquela mesa que parecia infinita. Nete serviu o café trêmula, sempre teve medo do velho. Derramou um pouco em cima da mesa.

– Ohh... Desculpe-me senhor, já vou limpar.

– Nete, sua inútil, sabe quanto custa uma mesa dessas, sabe quanto? Nem que trabalhasse toda sua vida você poderia pagar por isso, sua incompetente.

Nisto ele gesticulou com a mão, derrubando um peso de papel no chão. Ele olhou com uma cara lavada e safada para ela. Expondo bem os temerosos dentes, disse:

– Pegue!

Ele não tinha a mínima vontade de esconder suas indecentes intenções.

Nete era uma jovem de 22 anos, tinha cabelos encaracolados e ruivos, sardinhas pelo rosto. Quando se envergonhava, a sua pele branca ficava vermelha feito um pimentão. Era alta, tinha belos seios, motivo pelo qual foi contratada. Ela se abaixou receosa para pegar o peso de papel, e o velho levantou a sua saia com a bengala, passando aquela mão enrugada na coxa dela, para em seguida subir em direção à bunda. Ela se desvencilhou rápido. Tinha nojo dos assédios, mas precisava do serviço.

“Velho asqueroso! Suas condições físicas nem mesmo permitem um possível estupro.”

Simmel caminhava em círculos pelo corredor, e uma voz ancestral partia de seu íntimo, de seu subconsciente, que não queria se calar. Era áspera e raivosa, rouca e medonha, frases que vagavam em sua mente...

“Mate-os! Mate todos!”

Ele não queria ceder, apressou-se até o fim do corredor, entrou no banheiro, olhou no espelho e tomou uma aspirina. Acalmou-se:

– Eu vou me acalmar e vou embora.

Então, de súbito, a sua face mudou, de benévolo, ficou malévolo.

– Você não quer fazer isso, vai matá-los!

Sentia uma personalidade apoderar-se contra sua vontade, retesando seus nervos e bombando oxigênio para seu cérebro.

“Você me aprisionou por tanto tempo, Simmel, a sua verdadeira personalidade escondida dentro do modelo de homem íntegro. Somos siameses na alma, nos mais profundos segredos, no libido, no desejo, nos temores, na angústia, na alegria, nas mentiras... Inconscientemente, você conversa comigo, Simmel...”

– Naaaaaáoooooooo ... Por favor, volte para dentro de mim.

“Esperei por muito tempo para assumir o controle.”

– Eu não posso continuar assim – disse, choroso.

“É verdade. – O seu olho esquerdo azul, e direito castanho reforçava a dupla personalidade. – Somos dois lados, não vê? – Tapou o olho castanho com a mão direita, deixando o lado esquerdo da face descoberta, exibindo o olho azul como o de um pitbull e a boca torta. – Essa condição é hereditária, sabe disso. Então, por que lutar? Não se sente melhor quando para e abaixa a guarda?

A mão esquerda baixou, e a direita se levantou, deixando a face esquerda e os olhos castanhos à mostra.

– Maldição! Vá embora, não pode fazer mal às pessoas!

Simmel deu uma cabeçada no vidro do banheiro, o estilhaçando. Em seguida, saiu para o corredor, de fisionomia alterada. Olhar telepático e ensandecido, boca torta, sobrancelhas espichadas para cima, andar meio robotizado, inclinado para frente.

Foi subindo a escada vagarosamente, talvez estivesse vivendo o único momento em sua vida que estivesse desperto, e estranhamente satisfeito. Desculpas já não compactuam com o seu livre arbítrio.

Ao interromper o grande espetáculo, a cortina se fecha à porta que abre. Nete foi violentamente jogada contra o chão, para dentro da sala, e das sombras, surge o novo Simmel. Irreconhecível, maldito, temeroso, proferindo maldições e exalando o cheiro da loucura. Canonero, pressentindo algo de trágico, tomou uma atitude pacífica.

– Você está nervoso, Simmel. Vá para casa, amanhã nós acertamos suas contas.

– Como ousa me dar ordens!

Simmel trancou a porta e guardou a chave no bolso. O advogado tratou de mostrar serviço: com seu discurso eloquente e expressão corporal, veio com uma fala mansa, como se adestrasse um cão raivoso. Antes que suas enérgicas mãos caíssem em sua direção, Simmel pegou o peso de papel e desferiu violentamente na testa do advogado. O homem caiu atordoado no chão. Simmel montou em cima dele e viu o filete de sangue escorrendo da testa do homem que, meio desorientado, foi golpeado violentamente repetidas vezes até ficar apenas uma massa vermelha no chão.

“Está sentindo, é disso que estou falando”.

Nete forçou a porta desesperada, tentando fugir. Horácio se escondeu embaixo da mesa e Antônio Canonero se manteve na cadeira. Ele suava excessivamente e sentia tontura. Sentia uma dor visceral no tórax, que se estendia por ombro e braço. Um ardor, queimação intensa e, por fim, as conhecidas arritmias cardíacas e o desfalecimento. Teve um ataque cardíaco fulminante, resultado de seu tabagismo, sedentarismo, diabetes, hipertensão arterial, além dos níveis de colesterol alto. Tudo isso, com o estopim do estresse causado por Simmel, acarretou em uma morte rápida, diferente do que Simmel planejou.

– Filho de uma puta!

Tombou a mesa. Horácio estava encolhido, estendeu as mãos frente a face.

– Já acabou, Simmel. Canonero está morto! Eeeu... eu sempre te protegi, te mantive aqui dentro, sempre estive ao seu lado.

“Ele traiu o nosso pai, assim como Canonero.”

As mãos de Simmel encontraram impiedosamente o pescoço do homem no chão, o esganando até o último fôlego, sem compaixão ou qualquer traço de piedade. Tudo o que reparava eram os tufo de pelo asquerosos no nariz de Horácio, indiferente a toda dor do velho homem suplicante. Foi quando ele ouviu um barulho característico do “whatsapp”. Nete estava alertando alguém. Simmel largou o homem sem vida e caminhou até a mesa.

– Vou deixá-la partir. É uma boa pessoa, nunca me fez mal algum.

“É uma testemunha em potencial. Ela tem que morrer! Não será sua amiga no tribunal.”

– Deixe-me em paz!

“Podíamos brincar um pouco com ela, o que acha?”

– Não. Eu quero uma morte rápida.

Simmel pegou um abridor de cartas em cima da mesa.

“Está brincando! Vai matá-la com isso. Tem meios melhores”.

– Eu quero matá-la com isso!

Aproximou-se da garota que chorava copiosamente no chão e largou o celular de lado:

– Simmel, eu tenho uma menininha de 3 anos. Ela precisa de mim. Por favor!

– Eu lamento! Eu não quero matá-la, mas não tenho escolha. Ele é mais forte do que eu.

“Enfim, reconhece. Mas como pretende matá-la com isso! Talvez seja mais sádico do que eu. Por que está bloqueando os seus pensamentos. O que está escondendo?”.

Simmel segurava o abridor de cartas com sua mão direita e, de repente, o enterrou diretamente nos malévolos olhos azuis. Uma medida impensada. Começou a verter sangue enquanto ele urrava de dor.

– Pega a chave no meu bolso e some daqui enquanto há tempo.

Com receio, ela encontrou a chave, abriu a porta e fugiu. Simmel se rastejou pelo corredor, com aquele abridor de cartas enterrado na face. Foi direto para o subsolo, entrou em seu Prisma e saiu atoda velocidade. A cigana estava errada, os olhos podiam ser um diferencial, mas não era em absoluto o que dividia as personalidades. O ataque inesperado apenas lhe deu um tempo de vantagem. O lado predominante do olho azul ficou por muito tempo adormecido, mas era deveras mais forte, e nada poderia detê-lo.

Já era o princípio da noite. Pisou no acelerador e aumentou a velocidade, 110, 120, 130, 160, 180 Km/h. Fazia curvas perigosas e seguia por um caminho desconhecido, cheio de arbustos. A cada curva parecia que o carro ia cair em alguma valeta ou precipício. Foi quando começou a ter flashes da cigana de Andaluzia. Ela apareceu para ele de forma mística, como uma pitonisa do oráculo. Envoltas em véus brancos e esvoaçantes. Uma voz profética ressoou:

– Você já sofreu algum acidente de trânsito?

Talvez ela já estivesse morta. Quando a viu, já parecia estar prestes a se sujeitar ao doce beijo da morte...

– Cuidado! Principalmente com viagens noturnas.

Talvez ela não estivesse o alertando de um perigo, pensou Simmel, poderia estar apresentando uma solução.

O carro andava em alta velocidade, e ele seguiu direto, de encontro ao temível e enorme buraco negro. O pneu cantou e o carro voou da estrada, derrapando para o acostamento e declinando, caindo no precipício...



ID- Identidade Diabólica





I-D-IDENTIDADE DIABÓLICA

Circo mambembe trapezoidal,

I parte

A VISÃO DE CIMA É AMPLA E SEGURA. Dependurado nessa barra de ferro, o observo. Eu o temo, pois ele é impulsivo, agressivo, de inteligência limitada, apenas segue seus instintos mais básicos e primitivos, feito um homem das cavernas. Sinto que desencadeio-lhe uma espécie de fúria ou amor, pois eu sou um dos únicos elementos que o fazem se sentir vivo e lhe dá alguma razão para viver, que é me odiar. Sim, por vezes debocho dele, afinal, em meus trapezismos imaginários, esse ser primitivo não pode se aproximar de mim.

Átila é sujo, seus descendentes também não gostavam dos meus. Vem de um incesto entre mãe e filho, talvez isso tenha ajudado a deteriorar seu intelecto já pouco desenvolvido. No circo itinerante não há muitas opções, ele próprio cometeu incesto com sua irmã, uma degenerada tradição familiar. Eles não têm pudores, praticam o ato sexual em público, como uma autoafirmação. Me esqueci de descrever sua grotesca aparência. Ele tem uma mancha oval circundando o olho direito, um sinal de nascença. Sua falta de higiene se faz transparecer no fétido hálito quente que exala, como um braseiro do inferno, sendo seu cartão de visita, que carrega sem qualquer intenção de ocultar. Sua ostentação de maus costumes se assemelha a um orgulho fálico, gesto que tem rareado significativamente, em analogia na maioria dos homens. Os modos corretos não têm atingido Átila, mesmo no convívio com pessoas mais contidas em seus apetites mundanos. Deglute carne em bocados, de forma esganiçada, deixando ver a massa mal passada transformar-se num subtrato incolor. Aos poucos, o gesto repetitivo vem

compassado com sons guturais típicos, até para o bem da estética e das virtudes dos costumes, engolida com um esgar de satisfação muda. Ouvi dizer que até parasitas já habitaram seu corpo, devido à falta de higiene. O cara se coça o tempo todo. Tem um péssimo hábito de exhibir seu membro, urinando onde lhe der vontade. E quando se mete em brigas ao cair da noite, não deixa ninguém dormir.

No entanto, não tem só pontos negativos. Ele faz a segurança do circo como ninguém. Tira pequenos cochilos, mas está sempre atento, seja dia ou noite, a qualquer invasor. Sempre disposto e ativo ao menor movimento suspeito. Também é fiel e leal ao seu chefe, dir-se-ia um puxa saco. Orlando não é o que se chama de bom patrão. Eu já o vi humilhando-o em público muitas e muitas vezes. Certa vez, teve a audácia de lhe descer o chicote, o mesmo utilizado para domar os cavalos. E quanto mais é humilhado, resignadamente retornava à sua posição pouco edificante. Notei que apesar da agressividade, seu patrão tinha algum afeto por ele. Vai entender esses relacionamentos. Sempre que fazia um belo banquete, Orlando não se esquecia dele, embora não o chamasse para participar das grandes festas, sempre lhe trazia as melhores sobras.

Nunca houve um contato físico entre nós. No entanto, fico a observar, ele me olha também, o tempo todo. Um certo fascínio. Tenho medo do que ele seja capaz de fazer, corto os caminhos, sempre cautelosa. Desviando-se da direção de suas narinas, sempre tão abertas, e do seu ouvido apurado, caminho como se tivesse almofadas sob os pés, evitando me denunciar em um acesso de autoconfiança, e queira me aproximar como provocação. Se bem que ele já não é mais o mesmo. Há sete anos, era vigoroso, forte e ágil. Mas agora se parecia bem mais cansado. No entanto, não devo subestimá-lo...

II parte

Ela sempre se achou superior. Não vou negar, era um tanto sexy. Muito feminina, exalava sensualidade. Seu jeito de olhar, às vezes fixo, seu andar delicado, sua sutileza e limpeza. Alimentava-se de forma cortês, em pedaços pequenos, gostava muito de peixes, salmão era seu prato favorito. Ao estilo francês. Deve ser daí que derivou seu nome Brigitte, talvez em homenagem à atriz, de sobrenome Bardot? A forma como se dependurava e saltava no ar, sem ponto fixo, a leveza, era tudo muito encantador. Mas assim como seus descendentes, aquela vadia me provocava o tempo todo. Tinha um certo sarcasmo, a forma como posava, tomando sol, inerte, observando, enquanto o suor banhava o corpo do restante dos mortais, incapacitados de levar uma vida mansa como a sua. Gostava de criar em torno de si uma aura mística, e verdade seja dita, não necessitava de muito esforço. O pescoço carregava um pingente do qual desconheço o significado,

sou muito ignorante para me ater a minúcias e coisas que não sejam práticas, como comer ou transar, portanto me perdoem. Só sei que aquilo remetia a seus descendentes egípcios, ou seja lá o que for. Tudo isto fora esquecido quando ela caminhava, com traseiro empinado de uma forma própria, como se pisasse em campo minado. Tudo para não avariar seus alongados pés, os responsáveis por essa hipnótica ondulação. O sentido prático desse ritual, desconheço, assim como muitas coisas na vida, mas o olhar vítreo que me dirigia toda vez que do alto cruzava meu caminho, indicava que me temia ou desejava.

Rancorosa, não existe outra palavra. Independente, também. Ela não se dava bem com Orlando. Desde que ele fez uma brincadeira jogando água dos elefantes nela, nunca o perdoou. Não mais se aproximou dele, não sei como ele ainda a mantém no circo. Antigamente, não era assim. Ela não saía de perto dele, as más linguas poderiam dizer que eles tinham um relacionamento diferente. Sempre achei isso injusto. Eu sempre me esforçava, enquanto ela só sabia se espreguiçar e ficar de bobeira, e era dela toda a atenção. Ela deitava a cabeça em seu colo, roçava o seu corpo nele de forma provocativa, não saía do seu quarto; tamanho era o romance, que ele a alimentava na boca. Ela sempre o adulava com presentes que deixava embaixo da cama, e certa vez deu a ele um pássaro muito bonito, um picharro. Mas tudo mudou após aquele incidente.

Sua independência era tanta, que por vezes podíamos nos esquecer dela. Mas como tinha uma audição apurada, podia ouvir seus gemidos madrugada afora. Não demorou para aparecer grávida. Nessa ocasião, achei que seria expulsa do circo, mas não, Orlando a manteve. Os pequenos tiveram uma vida curta pelo desleixo da mãe relapsa, que só pensava em viver o ócio e flertar com novos amantes. Morreram afogados no rio que cruzava uma das paradas do circo. Aquilo nunca foi bem explicado. Tudo indicava não ser acidente, mas um impiedoso assassinato. De toda forma, ela superou bem esse incidente.

Não ousava cruzar meu caminho, pois somos inimigos mortais. Não me pergunte os motivos, não mais me recordo, só sei que a odeio com todas as forças de meu ser. Não quero dividir Orlando com ninguém, ele é só meu! Certa vez, houve um confronto entre nós. Ela se pôs no meu caminho. Devia pensar que eu era pederasta. Certa vez, tive um flerte com um dos meus, ela não deve ter entendido que era apenas um lance temporário, o seu olhar me incriminava. Aquilo atiçou ainda mais a minha ira. Vociferei contra ela, e certamente ia matá-la, mas ela foi mais ágil, tinha unhas grandes que cravou no meu olho esquerdo, o qual até hoje é debilitado. Ela conseguiu fugir e eu tive que me encolher em um canto, gemendo de dor. Mas isso não ia ficar assim.

Com o tempo, passei a identificar onde ela tinha passado. Ela tinha um cheiro característico agridoce, pegava os pertences, depositava neles, com sua pele

sedosa, camadas generosas de si.. Em um ato insano de perfídia sexual, ou seria somente para marcar minha presença, eu exibia meu membro e urinava em locais estratégicos, em uma tentativa vã de ser notado. Ela tinha que saber que eu mandava ali, e estava presente em todos os locais.

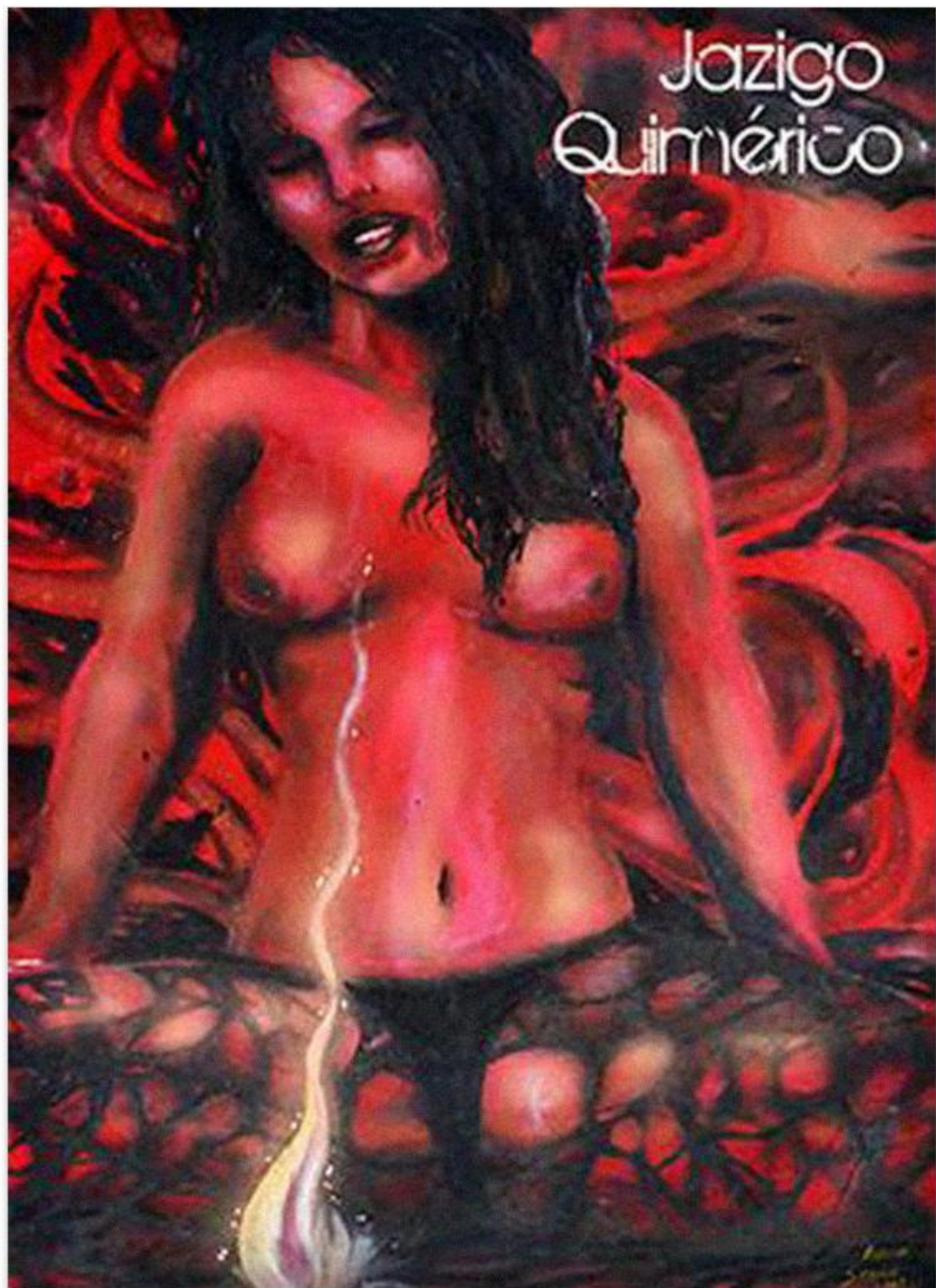
III parte

Era uma tragédia anunciada. Um dia, aquele mal inevitável ia ocorrer. Não era culpa deles, mas da identidade de cada um. Brigitte trilhava levemente pela madrugada quando teve o caminho bloqueado por Átila. Seu coração acelerou, sentiu o seu sangue ferver. Instintivamente, olhou 360 graus, buscando uma salvação. Era um beco sim, mas talvez pudesse escalar, afinal, era hábil e atleta. Deu um salto e tentou escalar em um poste de ferro para subir na estrutura da lona, mas o salto foi impreciso e caiu novamente. Acuou-se, tentou afugentá-lo ou ao menos buscar ajuda, fazendo algum barulho, mas foi inevitável. Ele a atacou, diretamente no pescoço. Suas mandíbulas impiedosas a destroçaram sem qualquer piedade. Ela se viu engasgada em seu próprio sangue pulsante e, enquanto ele a sacolejava, exibindo toda a sua fúria, desfaleceu na boca de seu opressor.

Átila, no fim de sua ira, se viu cercado por moradores do circo, todos horrorizados com a situação. Várias testemunhas do cruel assassinato. O palhaço deu-lhe um chute bem no meio da costela. O que fazer? Apenas pôde se esconder e esperar a reação da ira das pessoas presentes. A mulher barbada, o trapezista, o mágico, todos formaram um círculo, uma espécie de consenso do que seria feito. Covardemente, chegaram à conclusão de que deveriam enterrá-la ali mesmo. Aquele crime sairia impune. Enterraram-na sem nenhuma cerimônia. Orlando olhou para Átila, obviamente aborrecido com aquela situação. Ele esperou uma surra, ou chicotadas, mas não houve nada, apenas o silêncio. Ele entendeu o lado de Átila, achou que ele tinha mesmo a razão. O circo se preparou e partiram, rumo ao oeste. Brigitte se tornou passado, e logo foi esquecida...



Jazigo
Quimérico



JAZIGO QUIMÉRICO

Paraíso do Sol

“E se você dormisse? E se você sonhasse? E se em seu sonho você fosse ao paraíso e lá colhesse uma flor bela e estranha? E se ao despertar você tiver a flor entre as mãos? Ah, e aí, então?”

Coleridge

“O escritor tinha a sensação de que a história nascia de uma força que estava além dele, algo como escrever sob transe hipnótico.”

RAFAEL ESTAVA AFOITO POR ESSE MOMENTO. 13 de Junho, o dia que completa 18 anos. A maioria significava muitas coisas, liberdade principalmente. Podia tirar carta de motorista, a sonhada CNH. O seu pai o levou até a garagem, onde o celta zero quilômetro o aguardava. Apesar de popular, era um sonho de consumo para ele. Embora não tivesse ainda a carta em mãos, saiu para dar uma volta com sua recém-adquirida autonomia. Pegou o amigo André e se direcionaram à primeira infração, levaram com eles uma garrafa de Smirnoff Red e energético para comemorar. Pararam no “deck” na Avenida Anchieta, em São José dos Campos, local de encontro de alguns grupos jovens, onde se via uma vista esplêndida do banhado. Entornaram longos e cavaleiros goles. Rafael tinha um dom, era escritor. Ou melhor, aspirante a isso. Ainda não tinha técnicas, coerência e coesão. E a linguagem soava um pouco infantil decorrente da pouca idade. Afinal, o escritor é como o vinho, fica melhor com a ação do tempo. Pelo menos, é nisso que ele acreditava. Tinha rabiscos no caderno, que depois passou para o computador. Era um conto fantástico, se chamava Paraíso do Sol.

Ele observou uma bela moça e seu coração bateu mais forte, decorrente do efeito ludibriante da bebida e das paixões juvenis. Quis se aproximar dela, mas era tímido, não passou de olhares entrecruzados. O cabelo dela esvoaçava enquanto visualizava a paisagem.

Sentia que estava ficando ruim, e que devia parar de beber. Mas em um instante, impulsionado pelo fator psicológico, voltou a beber de forma compulsiva. Estava eufórico e valente. Desta forma, ficou ruim de forma repentina. Característica típica da vodka. Não enxergava nada a um metro de distância, tudo começava a ficar turvo, embora estivesse cambaleante, insistiu em voltar dirigindo para casa.

Foi por uma fração de segundos que passou no sinal vermelho, colidindo com um ônibus. Seu amigo, no banco do passageiro, teve morte instantânea e ele ficou prensado nas ferragens. Resgatado após 40 minutos, foi levado às pressas por uma ambulância que entrecortava avenidas em alta velocidade, indo parar no hospital municipal da Vila Industrial, em coma profundo... Sua mãe chorava copiosamente o estado lastimável do filho.

Rafael caminhava em meio a um extenso matagal. O sol era latejante e trazia vida àquele local solitário. A última lembrança que tinha era de um pileque. Será que morri? Percorrerei inferno e paraíso? É obvio que se tratam de baboseiras simbólicas. Já há tempos caminho, me sinto diretor de meus atos. Não sinto dor, nem fome. Posso absorver este mundo com a minha vontade. Que realidade é esta?

Encontra o lago, tão citado em seus livros

Não acredito! Posso tocar o lago. Me refrescar com a água límpida de meus pensamentos.

Pula no lago, e na profundidade das águas vê Ariene

Deus, obrigado por esta forma de vida. É tão mágica, veja os peixes dourados, Posso me refrescar, nadando. Como se fosse o Éden. E vejo em minha frente, cabelo esvoaçante no fundo da água, uma bela ninfa, a qual criei. Tão bela, fruto de minha imaginação. Vem nadando de encontro a mim, em meio aos peixes, feito uma sereia. Fiquei parado no fundo da água, Nem me lembrei que era preciso respirar. Ela olhou no fundo de meus olhos. Fiquei perplexo, ela se espantou. É justo. Eua conheço, ela não. Tinha a imagem da garota que vi no deck, mas sei que é ela, a personagem principal do meu conto, O Paraíso do Sol.

Ariene sai fugidia do lago, se cobre com um manto e foge entre os galhos, ele a persegue.

Ariene

Como sabe o meu nome? E não se molha? É um mago? Um feiticeiro? Deixe-me em paz!

Rafael

Me chamo Rafael. Eu te conheço de longa data.

Ariene

Só um mago pode conhecer um estranho. Longe de mim, me assusta. O homem que veio da profundidade das águas, do Sheol, do abismo.

Rafael

Consegue aproximar-se da arredia Ariene, toca-lhe a face e faz um ilusionismo.

Tiro essa flor de tua orelha. Tão bela quanto a quem pertence. Tenho o poder do fogo e da água, dos ventos e da terra. Posso hipnotizar a todos.

Brincava com uma tocha de fogo que saltitava de sua mão esquerda para a direita, aleatoriamente.

Levitar, flutuar.

Ficou meio metro do chão.

Ariene

É filho do cão! Quem pensa que é?

Rafael

Está certa. A minha intenção não é te assustar. Não posso dizer-lhe a verdade, apenas digo. Era um manipulador de fantoches e agora estou entre eles, os monitoro, coordeno cada ato, cada fala.

Ariene

Diz palavras estranhas, poéticas e ocultas. A minha vã inteligência não compreende tantas firulas.

Rafael

Venho de um mundo distante, tão longe e tão perto. O pinteí como o paraíso, e quanto a ti, não há mulher mais completa, bela e doce. Fruto de meus sonhos, de meu deleite.

Acariciou a face dela, ela não podia relutar ao misterioso sujeito.

Ariene

Deixe-me em paz, tentador! É belo, mas não posso ceder. Não é certo conversar com um homem sozinha, não posso! Afaste-se, sinto vergonha.

Rafael

Leve-me à civilização. Quero ver os outros. Produtos de uma sombra, fruto da vã imaginação.

Ariene

Se é o que diz, saberá chegar só. Conhece o caminho, não tropeçará em nada. Ou será tu também um mero fantoche?

Rafael

Esta pergunta me assola. Talvez todos nós sejamos fantoches. Com certeza, frutos de uma criação. Mas Deus não é um manipulador de fantoches. Talvez seja a força que nos impulsiona. A corda que nos faz andar. Quero ver o velho. Me leve até ele.

Do alto do morro, Rafael avista o vilarejo, ficou feliz ao ver os agricultores colhendo café. Todos o olhavam ressabiados.

Ariene

Creio que não compreenda. O velho é cego. Não sai de sua tenda. Não enxerga há anos. A escuridão o acompanha, as trevas são aliadas. Busca a própria morte.

Encontra-se com o velho, que não o vê. Em sua cadeira de balanço, assusta-se com a sua voz.

Velho

Quem és tu, que me fitas?

Rafael

Sou seu amigo, velho. Não reconhece a voz de tua consciência.

Velho

*Estou mesmo enlouquecendo, os sentidos perdendo. O que é real já não sei mais.
Não quero ficar além de cego, maluco.*

Rafael

Não enxerga, pois não quer. Por que não olha para mim? Acaso não prefere aluz ao invés de trevas?

Então, o velho cego de nascença começou a enxergar.

Velho

Caro amigo, de onde vem seus poderes? É da luz ou das sombras?

Ariene

Ele flutua. Domina o fogo e outras faculdades. Controla o dia e a noite.

Um cavalo branco aproxima-se da tenda. Rafael estende a mão a Ariene e ambos sobem no cavalo , partindo para o bosque.

Ariene

Deu alegria aquele velho homem. Você é um mistério, e embora seja belo, vejo em ti a tristeza e a morte.

O cavalo ganhou asas e se tornou alado

Ariene

Cavalo alado. Voando sobre o arado. Nós dois lado a lado . Dislumbrados e assustados.

Rafael

Tua mão está fria. Perca o medo, deixe-o de lado.

Ele a jogou fora do cavalo e ambos voaram na imensidão dos céus. Um momento único, esplêndido.

Rafael

Ariene, eu te amo! Tão profundo como o oceano. Espero. Criatura e criador. Ao te ver, ,suspiro. E miro vãs intenções. Quero-te, sabes, eternamente, nós dois.

Ariene

Te quero e desejo do fundo de minha alma. Você parece tão maduro para a sua idade. Vejo-o como um pai e isso me assola. Como se fosse meu genitor, e o conhecesse de longa data. E tenho que ir para o Norte. Preciso terminar minha peregrinação.

Rafael

Não sabe o que vai fazer ao Norte. Ainda não escrevi essa parte. Quanto ao amadurecimento precoce, é uma condição básica do escritor.

Alguns homens entram na floresta com tochas de fogo, armados com cruzes e espadas, vociferam, esconjuram. O velho corre à frente para alertá-los.

Velho

Precisa sumir daqui! As pessoas te veem como um demônio.

Coro da multidão

Filho do cão. Agindo sobre nosso mundo. O queimaremos, feiticeiro. A ti, excremento do mal. E junto irás, bruxa! Tu que esconjuras Satanás. Tu que dormes com ele, e posses o traz a este local de paz.

Ariene se assusta. Rafael faz as forças da natureza voltarem-se contra eles.

Rafael

Os galhos te prendem e a água os controla. O vento sopra para o norte e os pássaros bicam.

Dois homens seguram Ariene. Rafael começa a perder o controle da mente e de sua realidade, há algo de errado na realidade.

Sussurros eclodiam dos céus

“Não é prudente mentir. A situação é crítica. Não há salvação. Falência múltipla dos órgãos. Está próximo da morte cerebral.”

“Meu filho não pode morrer, ele é tão jovem. Não viveu nada ainda”.

Rafael começa a perder o controle de sua história devido à aproximação de seu suspiro final. O velho voltou a ficar cego. Os primeiros a se desintegrarem foram os perseguidores.

Rafael

Sinto me esvaír. Eu mesmo os criei. Estes monstros! Vejo-a se desintegrando aos poucos. Adeus, meu amor!

Uma tempestade representa o dilema dele e sua perda de controle. Ele, encharcado pela chuva, toca em Ariene.

Ariene

Nós morreremos? Será esse o fim?

Rafael

O que é a existência? Não existimos durante toda a eternidade, e voltaremos a não existir após essa minúscula parcela de tempo, que para os afortunados não passa de um século. Tinha muito a viver, mas de que adianta? Sinto falta de minha família e amigos. Estou pagando por meus atos. Desfaleço pouco a pouco, a cada respiração.

Ariel

Preferia desconhecer a verdade. Se estás a morrer, morremos juntos em tua mente.

Rafael

Vocês são páginas de um livro não acabado, não publicado. Morrerão em minha mente. Mas cada vez que alguém porventura ler essa história, vocês ressurgirão como uma fênix. Vivos, magníficos. E se não estarei diretamente nos contos, indiretamente estarei em meus pensamentos. Só dessa forma, eterno estou, e vocês também, no mundo dos vivos.

Uma lágrima discreta rolou de sua face. Eles se beijaram e se desintegraram. Neste momento, o último suspiro foi dado no mundo real e apenas o pó foi arrebatado no espaço.

A mãe de Rafael chorava no quarto do filho, passava a mão em suas roupas, as cheirava. Contemplava a sua foto. Foi quando encontrou o manuscrito. Ele se chamava “Paraíso do Sol”. E a luz voltou a brilhar naquele pequeno vilarejo esquecido por Deus.



Kafkiniano





1960-1975

Narciso

ASSIM COMO VEM OCORRENDO nos últimos três anos, Narciso está entre a multidão, separada pelo outro lado da corda para acompanhar o desfile de Sete de Setembro. Ele não é um nacionalista, nem se importa com o motivo desse feriado. A independência do Brasil, o dia do fico, na esperança que nos libertaria de ser uma colônia, com um pronunciamento pomposo a céu aberto. Sempre os considerou ridículos, são baseados na teoria dos que venceram as guerras e nos libertariam, contados em meias verdades, assim como tudo o que aprendeu nos livros de história. Pouco se lixava para o desenvolvimento do Brasil e muito menos com a política em crise crescente do país. O motivo por estar ali era outro. Queria contemplar magnífica beleza de Lavigne. Ela era como um cisne, toda aquela leveza. Como poderia existir tamanha perfeição em um ser humano?

Lavigne entra com a fanfarra, ela está batendo o bumbo, com uma roupa circense. Embora fosse uma descompostura dizer isso na sua frente, Narciso a acompanha pela calçada, começa a empurrar a multidão, cortando entre eles para segui-la do lado de fora. Ela nem mesmo lembrava que ele existia. Tinha inúmeros pretendentes mais bonitos e interessantes.

De tudo Narciso tentou para conquistar o amor dela. As últimas tentativas desesperadas incluíram feitiçaria para amarrar o amor. Entrou em um estado depressivo, ele não via a luz do sol e seguia nos caminhos do Sheol. Proferia heresias e blasfemava. Colocou-a em um pedestal, e como uma deusa do Olimpo,

ele não podia se aproximar dela. A crise existencial foi apenas mais um passo no declínio. Enviava flores que ela despedaçava e cartas que eram queimadas.

Aretha

Aretha veio de Ourinhos. Era jovem ainda, trazia de bagagem desilusões amorosas, a perda dos pais e a esterilidade, além da causa que a trouxe a São José dos Campos, na década de 1960. Uma tentativa bem sucedida de suicídio? Não, ela não morreu. Mas essa era a intenção, chamar a atenção para a sua solidão devastadora. A tentativa foi da forma clássica, na banheira, com pulsos cortados, enquanto controlava o quanto de sangue poderia perder antes de gemer alto e chamar a atenção. A causa da tentativa de pôr um fim em sua vida era também uma questão de saúde. A sua enfisema pulmonar. Embora nunca tenha fumado, sempre inalou a fumaça de forma passiva. Os escarros frequentes e a debilitação tiraram um pouco do viço dela. Já tinha ares de senhora, embora nova. Também não era do tipo que se maquiava. Usava vestes inadequadas, podia se dizer que não tinha uma sexualidade a florada. A doença tornou-a frígida. Faltava-lhe o ar, tinha dores nas costas e na cabeça. Em contraponto, uma tristeza que foi ainda maior quando descobriu que não podia ter filhos. Sentiu-se uma árvore seca que não podia dar frutos, e o seu primeiro parceiro a abandonou por esse motivo. Ele queria um herdeiro, e isso ela não podia dar para ele.

Sua devoção no passado, à sua mãe, irmã e sobrinhos era além do normal, tinha uma facilidade em lidar com crianças. Todas a adoravam, mas ela sempre era a tia. Uma marca que carregaria por toda a vida, assim como na mão esquerda. Quando criança, teve um ataque epilético e caiu em cima do fogão de lenha. Sua mão retorceu, ela foi socorrida. Foram de carroça para a cidade buscar um médico, horas e horas de dor em uma estrada bucólica. Mas, as sequelas desse dia frio de um inverno de 1945 ficaram para sempre em sua vida. Bordava, teava e saía vendendo de porta em porta. Ficou admirada com o Mercado Municipal, que ficava no Centro da cidade. Construído em 1921, tornou-se o principal centro de compras da cidade. Tinha um aspecto de feira, com produtos expostos, com mais de 100 boxes. O pastel era tradicional, bem como os raizeiros, a peixaria, couro, caldo de cana, codimentos, plantas e frutas. O cheiro predominante era de fumo. Foi comprando frutas que ela conheceu seu futuro marido, Miguel Arcanjo.

Miguel Arcanjo

O feirante Miguel Arcanjo tinha uma cicatriz que comprometia boa parte de sua face esquerda, decorrente de uma briga de facas, na beira do banhado, por motivo banal. De certa forma, aquela cicatriz brutal atraiu Aretha, ele tinha toda uma masculinidade. Algo que ela precisava, a proteção de um homem. Ambos tinham desilusões amorosas. Ele tinha ainda a marca de uma tatuagem de Cristo carregando a cruz que preenchia completamente suas costas. Algo adquirido na prisão por vandalismo no passado, e que ele procura esconder devido ao preconceito. Seu misticismo já vem de infância; sua avó, Maria Das Dores, deu a ele o nome de Miguel Arcanjo, crendo que ele desempenharia um papel contra as forças do mal. Seu relacionamento com Aretha foi, desde o início, dominador. Ele soube desde o princípio que ela seria dele, mesmo sem pedir a sua permissão. Colocou sua mão calejada sobre as mãos finas e delicadas dela, e, naquele instante, ela já lhe pertencia, estava laçada, sem opção alternativa. Ela sentia-se sozinha naquela cidade.

As pessoas temiam a tuberculose, embora ela não sofresse disso, era confundida por sua tosse crônica, a qual ele não se importou desde o princípio. Foram morar em sua casa modesta, em um cortiço, o qual tinham que passar por inúmeros varais com lençóis e roupas penduradas para ter acesso à porta sem tranca, afinal, não tinha nada de valor para ser roubado naquele local.

Lavigne

Lavigne sempre almejou a liberdade, mesmo em uma sociedade com ares escravocratas para as mulheres. Estava bem à frente do seu tempo. Foi se afastando dos amigos e familiares. Via neles fantasmas potenciais e perigosos, que poderiam roubar sua vida. Todas as mulheres eram um perigo em potencial. Pois se submetiam ao sistema, casar e ter filhos. Não importava se eram jovens de quinze ou velhas de 70 anos. Se pegasse um olhar atravessado por suas condutas imorais, era o preciso para voar para cima dessa pessoa, enterrando suas unhas afiadas.

Com o tempo, ela perdeu a vontade de ir em festas, casamentos, aniversários. Via na maioria dos homens um machista ignorante. O ciúme era como um câncer que os consumiam, queriam mudar o seu jeito, prometiam sempre, pediam perdão. A sua natureza de macho era mais forte. Mais cedo ou mais tarde faziam tudo de novo. O seu gosto era apurado por bebidas e bares, faziam dela uma mulher da vida. Gostava de rir alto e fazer comentários indesejáveis. Era ácida, malévola por vezes, carecia de empatia por outras pessoas. Sabia que Miguel era casado, inclusive certa vez viu meia dúzia de fotos do casamento simplório, o qual levaram um violeiro amigo de boteco de Miguel, tudo no chão de terra, em um casebre caindo aos pedaços. Riu até avermelhar, pois tamanha pobreza soava engraçado.

Ela o conheceu antes de Aretha, e já transavam de forma esporádica, então se achava no direito de fornicar com ele, mesmo após casado. No começo, a união dos dois foi devastadora. Ele repousava nos seios dela e ali acalmava a fúria de um touro indomável. Ela prezava a independência, achou que pelo fato dele ser comprometido, daria a ela a liberdade que almejava. Estava errada, com o tempo o ciúme possessivo dele começou a destruir o romance dos dois. Como podia cobrar dela fidelidade, se tinha uma esposa? As sessões sexuais eram picantes e intensas. Ela fazia coisas absurdas, urinava nele no ato sexual, como um gato demarcando território. Valorizava a sodomia. Era desprovida de limites no ato sexual em demasia, gostava de inserir o dedo médio no ânus dele, enquanto o chupava, algo que ele relutou de princípio por achar coisa de viado, mas com o tempo se entregou a esta volúpia induzida que o deixava excitado. Quem imaginaria que aquele ser angelical escondesse um iminente demônio.

Miguel não conseguia satisfazer sua esposa. Sempre estática, e por mais que ele se esforçasse e explorasse cada milímetro de seu corpo, ela não esboçava nenhum prazer. E nem mesmo disfarçava um gemido ou algo do gênero. Frígida, ela fugia cada vez mais do sexo. Com o tempo, ele foi aceitando o que com muito custo era uma vez por mês, se tornar uma vez a cada dois meses, e isso o incentivou a buscar os seios reconfortantes de Lavigne, diferente dos pequenos seios de Aretha. O corpo das duas eram universos diferentes: enquanto sua esposa era bem magra, na qual havia até protuberância óssea na base da clavícula, não gostava de se depilar, embora os pelos pubianos lhe dessem uma visão artística, já Lavigne tinha formas mais torneadas, pele mais bronzeada e seios protuberantes. Mantinha-se sempre depilada e nunca fugia do sexo. Pois Aretha sempre tentava fugir, dizia estar esgotada, dolorida, menstruada, com cólica, e sempre pedia para ele gozar após cinco minutos, e sempre acabava mal, com dores de cabeça e ofegante. Quando ela o chupava, não tinha movimento, colocava a boca em seu membro e apenas o feria com seus dentes, nem mesmo lhe dava prazer. Mas ele ainda assim a amava. Enquanto Lavigne era a felina que o satisfazia e completava do lado sexual.

Foi quando Miguel partiu para o sexo desregrado. Começou a frequentar bordéis da região. E distinguiu o sexo do amor. Isso manchou a sua alma. Logo, Aretha descobriu suas traições e fingiu não ter conhecimento. De certa forma, isso a aliviava de um fardo que não desejava. Miguel Arcanjo sempre foi do bem, mas esteve em trevas por muitos anos. O seu ciúme possessivo por Lavigne ficava cada vez maior. Diferente de Aretha, a jovem tinha descoberto os prazeres do sexo, e não foi nas mãos dele. Pertencia ao mundo. Descobriu seu bissexualismo enrustido. O traiu diversas vezes, com homens e mulheres. Miguel se tornou cada vez mais desleixado com suas traições, buscando chamar a atenção de sua esposa. Queria

que ela batesse, xingasse, mas nada ocorria. Foi quando começou a levar sua amante para casa, transando em sua cama, e participando ativamente de sua vida conjugal. Embora Lavigne não tenha encontrado nenhuma resistência, Aretha evitava cruzar olhares e se manter no mesmo ambiente. Mal se ouvia sua voz, somente seus tossidos que ecoavam na noite, às vezes mesclados aos risos debochados e gemidos de Lavigne, ao ser currada no sofá da casa. Mais difícil ainda era saber se tal criatura estaria satisfeita com sua própria existência ou simplesmente vivia para cumprir um papel no mundo como um ator monossilábico, num ato coletivo. Se a teoria de que as pessoas que não carregam o fardo da necessidade cotidiana de agradar o cônjuge são completos infelizes, por que então, assim como Aretha, elas detêm uma aura tão leve e desprendida, ao contrário do olhar psicótico e do falar compulsivo dos apaixonados?

Certo dia, Lavigne chamou Aretha para uma conversa informal, a conduziu ao leito de amor dos dois. A cama sempre ficava abarrotada. Lavigne se despiu e começou a despir Aretha, que ficou assustada. Mas depois, acabou cedendo as carícias. Ambas se beijaram, e nuas se atracaram na cama. Miguel chegou do serviço e ouviu sussurros vindos do quarto. Imaginou que Lavigne estaria com outro homem, não seria surpresa alguma. O espanto foi encontrar atual e ex se pegando. Aretha dava gemidos de prazer nunca conquistados por ele em toda a vida, enquanto era beijada em sua vulva. Toda a sua natureza violenta eclodiu. Ele golpeou Lavigne, a derrubando da cama, sorrindo sarcástica no chão. Mas ela não era o objetivo e passou a esganar Aretha. Depois a largou com toda a sua falta de ar e em excitação máxima, se despiu e passou a penetrar sua ex. Um ménage à trois, e pela primeira vez, Aretha sentiu prazer sexual, mesmo com a dor. E como dizia o marquês de Sade, a dor e o prazer estão intrinsecamente ligados. Lavigne o abraçou pelas costas, enquanto acariciava seu escroto. Contorciam-se os três feito cobras na cama. Ele empilhou as duas, uma em cima da outra, e penetrava as duas de forma alternada, até que a cama se quebrou pelo excesso de peso concentrado. A excitação era tamanha que continuaram o ato sexual, mesmo com a cama quebrada até o jorro final.

Passaram a conviver juntos desde então. Aretha observava Lavigne. A jovem tinha um jeito nórdico, um olhar contemplativo. Uma face de anjo que se tornava um demônio feroz no ato sexual. Era difícil definir a personalidade dessa mulher tão misteriosa e até mais difícil saber sua índole, embora todos tenham o lado bom e o mal, ela parecia mesmo mais inclinada para o lado sombrio.

Por submissão a Miguel, Aretha aceitou o que tanto a humilhava. Morar junto com a amante. Embora as carícias de Lavigne fossem mais interessantes que a penetração de um homem, já havia se passado muito tempo, e tudo o que a preocupava era a sua saúde, cada vez mais debilitada. O enfisema pulmonar

diagnosticado decorreu uma década de sofrimento. Sua situação foi deteriorando cada vez mais. E suas sessões sexuais interromperam-se de vez. Tinha cansaço em pequenas caminhadas ou atos cotidianos, tomar banho era um martírio, extremamente cansativo. Respirava através de um cilindro de ar, encoleirada por uma mangueira de 12 metros. Lavigne passou a ser a esposa e ela, uma intrusa. Tinha dúvidas se ele ainda a amava. Estavam apenas esperando a sua morte, cochichavam em suas costas. E aquele peito de pombo decorrente da respiração abafada e dificultosa. Enfim, Lavigne tinha conseguido o que almejava. Tomar o seu homem de vez. Ela continuava o amando, de certa forma sentia que o destino lhe foi favorável, para seu alívio interior, finalmente estava livre das amarras da existência. A doença muda os primas e formas de pensar. Era justo que ela cuidasse dele, já que ela partiria em breve. Embora Lavigne não fosse um exemplo de mulher que cuidaria de uma casa. O fato é que o agravamento da doença deixou Miguel mais dócil com ela, era como se fosse um pai, que a carregava no colo quando lhe faltava o ar, estava sempre solícito, e sentia grande remorso por ter judiado tanto dela. Sentia-se culpado, um canalha, embora todos soubessem de seu bom coração.

Narciso tinha uma inveja doentia de Miguel, pelo fato de ter duas mulheres. Entre elas, sua amada Lavigne. Não se conformava pelo fato dela não o desejar. Ele a conhecia melhor do que ela poderia imaginar. Sabia que ela odiava, no fundo, pessoas que queriam evangelizá-la ou escravizá-la. Buscava a liberdade total, beirando à libertinagem. Diferente de Miguel, ele sabia distinguir que lealdade e fidelidade são coisas distintas, ela sempre seria leal a Miguel, mas nunca fiel.

Lavigne, depois de muita reluta, aceitou se encontrar com Narciso, apenas para demonstrar um pedido de paz. Ela abaixou a braguilha dele e praticou felação. Um prêmio por sua insistência de anos. Levantou a saia e deixou ele penetrá-la, enquanto olhava contemplativa no espelho, como se estivesse em transe. Eles tinham algo em comum. Ambos pensavam primeiro em si próprios, e se precisassem, passariam por cima de quem se metesse em seus caminhos. Ele acariciava o seu corpo, enquanto ela o observava com desdém. Tocou os seios dela, como se amassasse um cigarro em um cinzeiro. Estava ensandecido. Não tinha jeito com mulheres. Gozou em menos de cinco minutos.

Miguel é muito mais homem que você. Nunca mais se aproxime de mim! Seu frouxo! Borracha fraca.

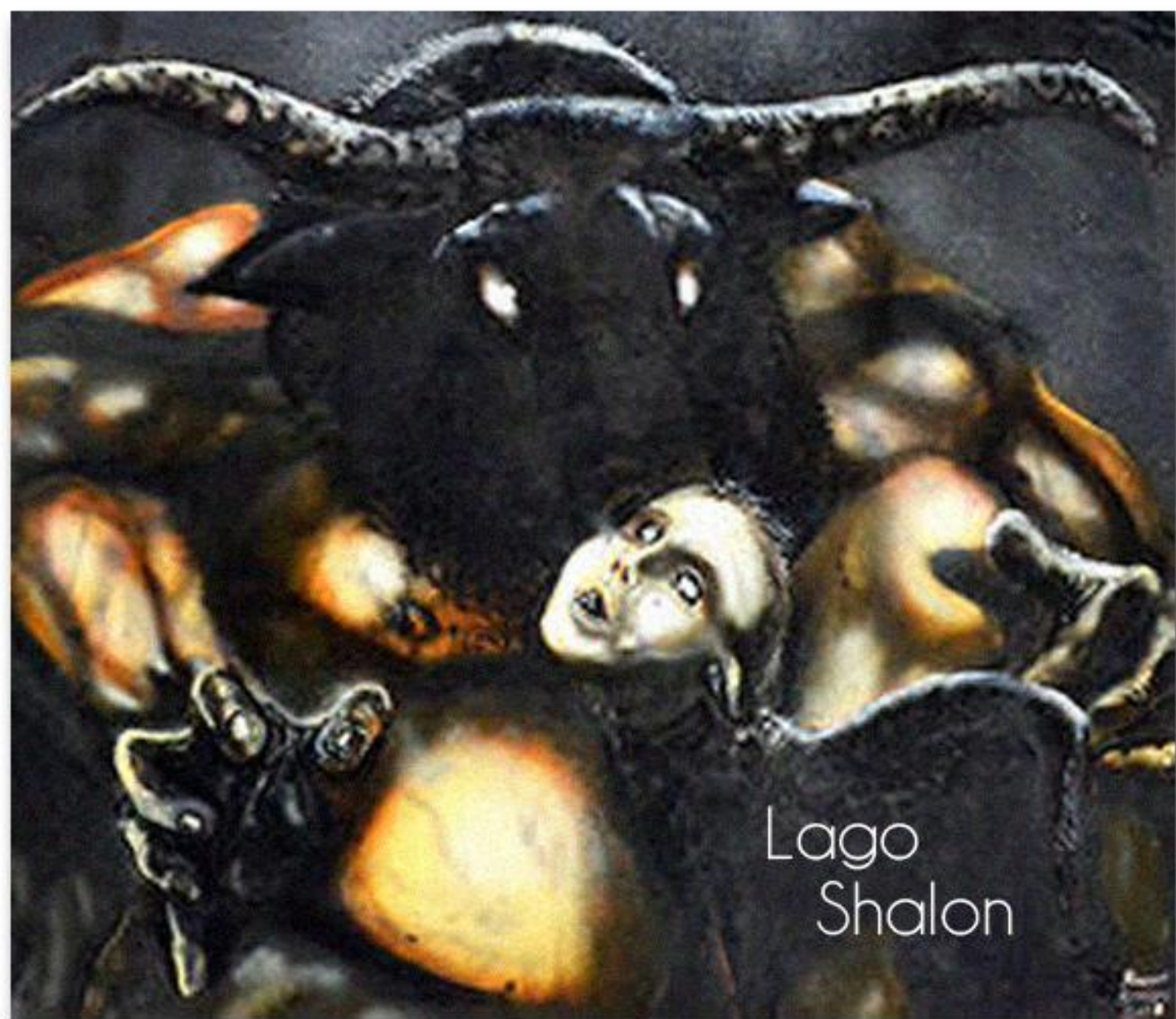
Isso foi há meses atrás. Ele era um homem prestes a se tornar um assassino. Isso o removeu por dentro. Sentiu seu coração palpitar, quase uma taquicardia. Frequentava o mesmo boteco que Miguel, sempre o via contar seus causos e vantagens, e mantinha-se discreto em um canto do balcão, de forma a passar quase por invisível, assim como foi toda a vida. Movido pela inveja, puxou seu canivete.

Admirava como o homem era adorado por todos, falava alto, e liderava as pessoas que riam e se importavam com ele, enquanto Narciso se sentia um nada, sem perspectivas na vida. Podia entrar e sair daquele bar por quantas vezes fosse, nunca seria notado. Todos os olhares se voltavam para Miguel. Quando notou que o homem já estava debilitado, chegou próximo e, sem que esse esboçasse alguma reação ou soubesse porque estava morrendo, passou o canivete ,cortando o pescoço dele de fora a fora, rompendo a jugular que leva o sangue venoso do crânio e sistema nervoso. O sangue começou a jorrar, e o homem pôs a mão sobre o ferimento, tentando estancar o sangue e entender a lógica daquilo. Começou a se afogar, teve uma hemorragia, dor intensa e morte rápida, abatido feito um cabrito.

Lavigne não imaginava o quanto Narciso a amava de forma doentia após todo esse tempo. Muito menos o que estava disposto a fazer para possuí-la. Ele foi para a prisão em flagrante, os clientes do bar deram-lhe uma boa surra e o seguraram até a chegada da polícia. Pegou 30 anos de cadeia, mas no Brasil, como réu primário e com bom comportamento, não ficaria 10 anos. Ela viu nele – em sua análise particular – um comprometimento maior que o de Miguel. Matou um homem por sua pessoa. Com a morte dele, ela decidiu sair do cortiço e nem mesmo se despediu de Aretha, não queria um fardo. Com a ausência dele, sobraria para ela os cuidados de enfermagem. A doença ia em contraste com sua filosofia de vida. Passou menos de um ano quando soube que Aretha estava nas últimas, no hospital. O enfisema é uma doença que avança, sempre em progressão. Pouco tempo depois, veio sua morte. O fim foi do jeito que temia: morreu sufocada, sem ar. Ela dormia e, em seus sonhos, estava submersa no fundo do oceano, sem poder respirar, enquanto uma luz forte emanava acima. Os tecidos do pulmão estavam destruídos e hiperinsuflados. Lavigne, quando soube, esteve indiferente. Ela nem mesmo assistiu ao enterro de Miguel, que ela chegou a sentir alguma simpatia. Não queria dar o que falar, e odiava eventos sociais, mesmo aqueles obrigatórios de etiqueta, como velório e casamento. Não iria ao enterro de Aretha, ela tinha falecido junto a Miguel, era página virada. No fundo, sentiu até um regozijo. Um sorriso discreto emanou do canto de seu lábio quando soube. Saber que ela transcendia aos outros, dava-lhe poder.

E quando visitou Narciso na cadeia, toda aquela atmosfera lhe deu muito tesão, como naquele ménage, mas muito melhor. O tesão se iniciou quando precisou ficar de cócoras na sala de revista para ver se não escondia algo na vagina. Entraram no cafofo contíguo e fecharam a cortina, embora ela não se importasse em deixá-la aberta. Gemia alto para os outros detentos ouvirem e se deliciarem, desejando serem os próximos a currarem-na...





Lago
Shalon



LAGO SHALON

NÃO EXISTE ALGO MAIS TORTURANTE que o remorso e a culpa. É como se não respeitassem os seus limites. Piero deu um pulo de sua cama, banhado em suor. O lago é para ele uma lembrança do passado. Não aparece por aquelas bandas há mais de quinze anos. O lago ficava próximo à casa de sua avó do lado materno. Desde a morte de sua mãe, não teve mais notícias dela. Eles se afastaram da velha após a tragédia...

O fato é que o lago sempre foi muito bem escondido. Era preciso uma preciosa expedição por uma trilha mais que tortuosa para chegar a ele. Sempre foi advertido em relação àquele local. “É perigoso, nunca coloque os pés lá”. De fato, essa era a regra fundamental, como tudo o que é proibido, é mais gostoso. Piero tinha apenas 7 anos quando começou a cobiçar esse desejo. De fato, sua avó estava certa, pois a primeira vez que pisou no lago o achou fascinante, místico e assustador. Tudo tão deserto e sombrio. Sentia algo diferente, era como se respirasse outro tipo de oxigênio. Nesse dia, seu amigo morreu afogado.

Uriel sempre foi mais ousado. Enquanto Piero ficava na margem, o garoto se aventurava ao centro, cada vez mais profundo. Quando o garoto começou a se afogar, Piero procurou um galho ou algo que pudesse ajudá-lo, mas jamais cogitou a ideia de entrar ali.

O mais bizarro é que o corpo do garoto nunca foi encontrado. Piero estava em uma fase questionadora, pouco sabia sobre o significado da morte. Na época, chegou abalado no vilarejo, na área mais afastada de Paraibuna, interior de São Paulo. Não disse uma só palavra por um mês. Entrou em estado de choque e fez tratamento por dois anos. Sempre ia ao banheiro acompanhado, e a luz de velas era predominante. Ele imaginava que a luz o livraria de monstros e o cobertor na cabeça seria uma capa protetora, um escudo infalível contra seres imaginários.

Então, o calor aumentava, a respiração ficava abafada e ele voltava à tona para respirar.

A morte repentina de sua mãe e seu amigo, de certa forma endureceu o seu coração. Tomou caminhos perigosos na vida. Nunca gostou de trabalhar. Dinheiro fácil, esse era o seu lema. De usuário a traficante de Metanfetamina foi um pulo. Envolvido com gente da pesada, Piero vendia o cristal, além de consumir o produto. Ele era ansioso, sofria de insônia e tinha dentes em mal estado de conservação, devido ao uso constante da Meth.

Os traficantes precisavam de um laboratório clandestino, montaram uma borracharia e lá fabricavam o cristal, a partir de uma mistura de ácido clorídrico e substâncias presentes em medicamentos clandestinos, como broncodilatadores e descongestionantes nasais (pseudoefedrina). Fabricava e distribuía para o Percy, um cara extremamente violento para quem devia.

Piero vestiu roupa a caráter de borracharia, para não levantar suspeita. Uma caminhonete se aproximava. Ele pegou a chave, soltou os parafusos, escorou o pneu traseiro, colocou o macaco no eixo e suspendeu, bombando. O motorista saiu da caminhonete e fingiu examinar o pneu, agachado.

– O cristal está todo aí?

– Está sim, produto da melhor qualidade, e das boas.

Piero rolou o pneu até o canto da borracharia, tirou a válvula, marcou o bico e baixou o pneu na máquina hidráulica. Em seguida, com a ajuda de uma espátula, retirou o mesmo. A polícia não desconfiaria, era o crime perfeito. Levou a câmara de ar para um lugar reservado e, com o auxílio de uma faca, fez uma incisão na mesma. Em seguida, encheu-a com papelotes de Metanfetamina e depois fez um remendo quente. Agora, era só torcer para o pneu não furar na estrada. Colocaram para rodar. Nenhuma blitz desconfiaria, era perfeito. Transitariam a droga tranquilamente caso a informação não vazasse.

À noite soltaram os cães. Piero vigiava o local. Ele andou desviando droga de Percy, e para salvar a pele, teve de jogar toda a culpa em cima de seu amigo Otto. A sua arma ficava na caixa de luz. Ao anoitecer, traficantes entraram na borracharia. Retiraram o rapaz que estava no porta-malas, jogando-o no chão. Desferiram chutes e pontapés. O rapaz era apenas um usuário. Devia para Percy e seria exterminado. Um dos capangas desferiu uma facada em seu ombro.

– Está nos boicotando, celerado.

Os outros traficantes suspenderam o carro com o macaco hidráulico e retiraram o pneu traseiro. Um outro ligou o esmeril, com um cigarro na boca enquanto esquentava um pedaço de ferro, em seguida encostou-o no cigarro. Muxo era o capanga de confiança máxima de Percy. Trouxe-o próximo ao esmeril e perguntou:

– Cadê a droga do Percy? Cadê a porra da droga!

– Eu não sei.

Muxo esfregou o rosto de Otto no esmeril, o rapaz berrou e caiu ao chão com a face desfacelada. O esmeril rasgou a sua pele de forma brutal, estava em carne viva. Não mais havia rosto, apenas uma massa disforme e vermelha. O rapaz rastejava feito um leproso e cuspiu sangue. Olhou para Piero de forma reprovadora. Não contente com o sofrimento do rapaz, Muxo o jogou embaixo do elevador hidráulico e baixou o carro que estava suspenso. A panela do carro prensou o estômago de Otto. Ele soltou uma jorrada de sangue, seus órgãos foram esmigalhados. Piero sentia náuseas.

Muxo deixou o cadáver de lado e aproximou-se de Piero. Era o braço direito do temido Percy.

Piero entrou no banheiro, enojado. A porta era de lona.

O sangue de Otto escorria na descida de carros. Muxo levantou o elevador, o cadáver de Otto ficou colado por uns segundos na panela do carro, até cair no chão.

– Piero vai dar com a língua nos dentes – disse um dos traficantes.

– Não vai, não – disse Muxo.

– Pense bem, se ele for pego nos dedura.

Muxo virou bruscamente e irritado. Apertou o pescoço de seu questionador.

– Eu já disse, ele não vai falar. – Muxo botou o pente no revólver e acrescentou, enquanto caminhava ao banheiro. – Ele não vai ter chance de falar.

Muxo apontou para a lona e deu vários tiros, em seguida arrebentou a mesma. O outro traficante aproximou-se, dizendo:

– Ele não irá longe.

Apontou um buraco no teto do banheiro. Era uma fuga preparada para quando o inevitável ocorresse. Quando quisessem tirá-lo do mapa.

Piero vagava pelas sombras, buscava se esconder. Não podia ser na casa de Mia, sua namorada. Eles o espreitariam lá. A gangue de Percy não perdoa. Ele tinha de sumir imediatamente. Estava com meio quilo de cristal, e eles pertencem ao chefe, ele tentará recuperá-los. Tinha arrepios só de pensar em seu rosto desfacelado.

Foi quando viu uma luz no fim do túnel. Um refúgio, a casa de sua avó Agatha. Ficava no fim do mundo, jamais seria encontrado. Um vilarejo fora do mapa. Embora não coloque os pés lá há quinze anos. Ela poderia estar morta, a cidade deve estar mudada e os caretas de lá também. Ele não tinha outra alternativa, roubou uma moto com ligação direta e começou o seu percurso rumo ao vilarejo.

Praticamente voou com a moto a uma distância de 70 km até a chegada do lago Shalon. Passou pela placa com várias setas que indicava:

“Bem vindos à Cidade de Shalon” As setas indicavam:

– Bar do Sassá – represa – balsa – Vilarejo Shalon -Lago Shalon.

Seguiu as placas e enfrentou tortuosas trilhas, sítios, matagais, vacas, galinhas e caipiras. Como odiava isso, a moto deslizava na estrada. A paisagem, no entanto, era linda, não podia negar e nem esquecer. Mas o local não evoluiu em nada. Continua precário e deserto.

Após longo percurso, encontrou seres vivos. O tal bar do Sassá, se é que podia chamar aquele muquifo de bar, era uma tenda improvisada no meio do mato, onde só se vendia pinga. Dois velhos de camisa aberta e chapéu de palha sentados em tocos de madeira. Não pareciam ter gostado muito dele. Em frente, ficava a paradisíaca represa. Sua avó vivia do outro lado. A única forma de atravessar a represa era pela balsa. O período de travessia era de uma hora.

Piero tinha profundas olheiras e estava pregado de sono. O ajudante desamarrou a corda e o homem da cabine começou a conduzir a balsa para o outro lado da represa. Todo o tempo olhava para o rio. Lembrou do rosto desfacelado de Otto, mesclava essa lembrança com fatos ocorridos na infância. Olhou para a imensidão azul e concentrou-se em um só ponto. Sentia-se culpado pela morte de Antônio. Misteriosamente, as lembranças apagadas foram se tornando cristalinas.

Pôde ver as bolhas, o último suspiro do garoto embaixo da água. Não podia acreditar, prometeu não voltar a este lugar que lhe causa dor, cheio de lembranças ruins. Enfim, a balsa atravessou a represa. Subiu em sua moto e continuou o seu percurso.

Os pássaros esvoaçavam o céu, a monotomia pairava. Entrou em uma trilha onde só uma moto passaria. Será possível que estão nos carros de bois, ainda? Ao atravessar a trilha, ele confirmou isso.

– Eu não acredito! As drogas me fazem menos mal que isso. Eu não vou aguentar. É precário demais.

O vilarejo, quinze anos depois. Nem uma casa a mais ou a menos. Em toda a sua extensão, vinte casas. Três no alto do morro, próximo ao desfiladeiro. Em média, a população do vilarejo está em torno de 40 pessoas. E outro detalhe, ainda mais curioso. A pequena população é composta de velhos de pele enrugada e cabelos brancos. Não há jovens. Sempre andam juntos e em pequenos grupos.

Piero encontrou um velho que vinha em direção contrária, em uma carroça. Pediu informação:

– Sabe se a Dona Agatha ainda está viva?

O velho tinha a pele ressecada pelo sol, muito maltratada. Chumaços de tufo brancos saindo pela cavidade do nariz, chapéu de palha, camisa xadrez, cachimbo, lenço no bolso, bengala encostada na carroça. O velho continuou seu percurso sem responder a pergunta.

– Velhos esclerosados. Por isso os odeio!

Continuou a seguir sua trilha, até encontrar uma velha com um lenço na cabeça e verrugas imensas no rosto. De saia até o pé, puxava uma vaca leiteira.

– A senhora sabe se Dona Agatha ainda está viva?

A senhora fez cara de louca e sorriu cinicamente para ele, expondo a sua boca banguela, apenas um caco de dente podre no centro da gengiva.

A velha continuou fitando-o, sem nada dizer.

– Quer saber? Vai jogar bingo, velha! – Acelerou com a moto e berrou. – Matusálem!

Foi quando ele avistou a velha casa de Agatha. E como esquecer tal casebre? Como referência, em frente à casa, duas rodas de carroça fazendo a decoração. Para chegar à casa, era preciso subir o morro. Piero entrou, e tudo lá dentro permanecia intacto, como há quinze anos atrás. O reservatório de água, os cedros que cercavam a casa e, na porta de entrada, uma pá de pedreiro enterrada na terra para retirar o excesso de barro dos pés. Ao lado, um pomar, de fundo um caquizal.

Piero continuou subindo o morro até se aproximar da casa. Olhou pelo vitrô que dava vista para a sala. Tudo igual aos tempos antigos. Uma senhora grisalha se aproximou. Ela tinha um penteado estranho, armado. Parecia ter uso de laquê.

– O que está fazendo em minha casa. Quem é você, rapaz?

– Sou seu neto. Filho de Agnes.

– Piero?! – Passou a mão no rosto do neto. – Está irreconhecível, um homem. Como o tempo passa.

– Quinze anos. O tempo modifica as coisas.

– Nem tudo. -A velha estava apreensiva, apertava a mão e estralava os dedos. – Algumas coisas nunca mudam.

– Do que esta falando?

– Do lago Shalon. Nunca se aproxime de lá. É perigoso.

De fora, uma cozinha improvisada com um fogão de lenha. Dentro, uma casa pequena de três cômodos. O armário sustentado por blocos. Bonecos de gesso e souvenirs. Duendes, pirâmides, vasos e outras coisas. Seguiram pelo corredor, na sala, muitos quadros arcaicos e mal pintados, com molduras de terceira. Um deles tinha uma selva pegando fogo e cavalos que fugiam desesperados do desmatamento. Tinha ainda o quadro de um menino chorando, o qual a lenda diz ser amaldiçoado, e que várias casas queimaram em um incêndio voraz. Tinham em comum um quadro, cujo pintor tinha vendido a alma para o demônio e outras crendices populares. Sobre o criado, revistas de horóscopo e previsões, o que mostra o lado místico de dona Agatha. Piero tomou um banho e relaxou. Observou o banheiro, tinha aquela privada com corda. Melhor que no seu tempo, utilizavam o fosso para defecar, e quando abriam a portinhola de madeira, tinham de se equilibrar para não cair de uma altura de 3 metros, direto na merda. Além das

moscas habitantes do buraco que vinham aterrissar em suas nádegas, e o característico barulho que provocavam, ecoando no buraco negro.

– É incrível! Quase nada foi modificado.

– Aqui em Shalon, estamos parados no tempo.

– Me desculpe a intromissão, mas só há pessoas de idade. Onde estão as crianças?

– Acha que esses velhos tem capacidade de ter filhos? São frívolos, impotentes e inférteis. Assim como tudo o que há aqui nesse vilarejo, opaco e quebradiço. Morto e sem vida.

– Nenhum casal teve filhos na época jovial?

– Oh sim, mas todos foram em busca de algo melhor na cidade. Inclusive você. Eu sabia que voltaria. Você viveu sua infância aqui. Pertence a este lugar!

Ela sorveu um gole do chá, enquanto o fitava.

– Nunca superei a morte de Uriel.

– Há muitas coisas que não sabe, não compreende e não pode enxergar. Eu lhe peço. Não se aproxime de lá ou irá se comprometer. Me prometa!

– Eu prometo!

Durante a noite, sem conseguir sossegar com os terrores noturnos. Quinze anos de pesadelos constantes. Ele sentia medo. Mas de certa forma, sentia-se tentado em voltar lá. Na primeira semana que dormiu, sua insônia desapareceu. Tinha sono tão profundo que chegou a desconfiar que estava sendo dopado. Certo dia, fingiu tomar o chá e estar adormecido. Sua face obscureceu frente à sombra de dona Agatha, observando se ele realmente dormia. Ela citou algumas palavras em uma língua desconhecida. Nada já ouvido na terra, não era desse mundo. Mesclava com a sua língua nativa. “ O meteoro que veio do céu, o deus astronauta de nossos antepassados”.Depois, saiu para a estrada com um lampião na mão. Piero a seguiu à distância, com cautela, na escuridão. Seguiu o ponto luminoso do lampião, que logo se multiplicou em vários pontos luminosos.Ficou espantado, eram os moradores do vilarejo Shalon. Cerca de 40 pessoas reunidas seguiam em direção ao lago. Absolutamente todos os moradores do vilarejo.

Após um pequeno percurso de estrada, entraram em uma trilha estreita e seguiram em frente. Piero tomava tombos na terra desnivelada em meio à escuridão. Queria descobrir esse mistério. Por que o doparam? Qual o motivo da proibição de se aproximar de lá. Eles caminhavam com uma firmeza que não condizia com a idade que tinham.

Seguiu a tortuosa trilha rumo ao lago, os vários pontos luminosos na escuridão. Questionava o mistério. Durante todo o tempo teve a sensação de estar sendo observado por algo.Tinha um enorme fascínio em se aproximar do lago. Quanto mais próximo, maior a adrenalina. A pequena trilha era cercada por árvores velhas

e mortas, troncos retorcidos, corujas, barbas de bode, que era uma espécie de mato, e muito matagal. Havia um certo ponto da trilha em que a terra formava três elevações, pareciam três túmulos.

Ao fim da trilha, do alto do morro, Piero observava o sinistro lago. Um vento gélido batia em sua nuca, causando calafrios. Os moradores pareciam cumprir um ritual. Espalharam-se em volta do lago, dando as mãos. Estavam em meditação, concentrados. Diziam algo difícil de compreender. Ele estava assustado com aquilo, nunca havia sentido medo semelhante desde o primeiro encontro com o lago.

A causa foi se agravando. A água do lago, antes calma, se tornou turbulenta, ondas e borbulhas se formavam. O lago estava agitado, as ondas aumentavam cada vez mais, bem como a turbulência. Todos entoaram em uma só voz. “Ele vive. Sim!”.E todos entravam em êxtase.

“Não fuja de mim, Piero.”

Uma voz familiar sussurrou ao seu ouvido, como um vento ou uma brisa. Ele olhou para trás, encabulado. Parecia a voz de Otto, mas o mesmo estava morto. Em um instante, todos abriram os olhos, e toda a extensão do globo ocular estava verde. Como alienígenas. Lembrou-se de algumas histórias no passado, referente a um meteoro que caiu, afundando no lago.

“Eu não estou vendo isso. É só a minha imaginação.”

Todos os presentes olharam para cima de forma sincronizada. Sentiram a presença de Piero. Ele sentiu o sangue gelar, era sobrenatural. Sabiam que estava ali. O rapaz começou a correr como um louco pela trilha e ouvia passos atrás dele. A floresta parecia ter vida, não tinha vento, mas os galhos se contorciam e apontavam para a sua direção, como que denunciando a sua presença. Os moradores de Shalon o perseguiam com aqueles olhos verdes e feição apática. A trilha parecia não ter fim, corria e corria. Aquilo parecia um labirinto. O medo, intenso em relação ao próprio bosque. Um galho se partiu, quase caindo em sua cabeça e uma raiz de árvore chegou a se enrolar em seu pé, mas ele conseguiu escapar. Não sabia que forças agiam ali, sobre os moradores, o lago e a floresta. Só sabia de uma coisa: era uma força maligna...

Em meio à correria, pensava: “Só posso estar em um pesadelo.” Foi quando viu um homem parado em frente a ele, no meio da estrada. Era Otto, com seu rosto desfacelado, e dizia:

– É tarde para fugir, Piero. Você já faz parte disso.

Continuou a correr. Voltou à casa de Agatha e se trancou lá. Olhava estremecido pela janela. De repente, viu uma poça de água no chão e foi acompanhando a trilha da água, quando viu Uriel, o garotinho, todo molhado e com frio.

“Venha, Piero, vamos nadar.”

– Acorde, garoto! Já passam das dez.

Agatha sacudia ele da cama. O rapaz abriu os olhos, meio sonolento. Estava na cama, coberto com lençóis.

– Teve um pesadelo, meu filho. Está banhado em suor. Tome o seu chá com biscoitos, eu vou buscar lenha para o almoço.

Ela pegou um machado e foi buscar lenha. Ele se levantou, confuso.

– Era tudo um sonho. Não é possível.

E logo constatou que não era sonho. Ao se olhar no espelho, notou uma cicatriz na testa, o que constatou o fato de ter sido ferido, além de arranhões ocasionados pelos galhos. Sentiu uma dor moderada no estômago, e quando levantou a camisa, notou uma leve incisão: a pele estava colada, alguma espécie de tecnologia desconhecida. Pegou seu cachimbo, colocou o cristal e esquentou. Sentia-se forte e revigorado após dar umas tragadas. Pegou uma barra de ferro e esperou com a arma em punho a volta da avó. Quando entrou na sala, teve uma surpresa.

– Mia!

Agatha chegou da cozinha, secando um prato.

– A sua noiva chegou pela manhã. Ela é adorável! Tem bons genes. Tenho certeza que darão bons frutos.

Mia olhou de forma fraternal para a velha senhora.

– Sua avó é uma graça! Você não dava sinal de vida. Por isso, te procurei.

– Por que o espanto, filho? – A velha tocou o cabelo da moça.

– Afaste-se dela! Não devia ter voltado. – Ele ameaçou Agatha com o dedo.

– O que é isso, filho? Tenha modos.

– Afaste-se dela, Mia!

– Mia, este é seu nome. – A velha o ignorou.

Ele pegou Mia pelo braço, queria partir dali. Ela não estava em segurança, não depois do que ele viu, ou achou ter visto. Quando contou toda a história dos homens de olhos verdes alienígenas, Mia não teve dúvidas: era mais um de seus devaneios, ou provocados pelo uso da meth, ou por sua abstinência, e como ele mesmo dizia, estava dormindo quando ocorreu.

– Mas e os cortes no braço, os rasgos dos galhos?

– Você mesmo se arranhou, Piero. Crise de abstinência.

– O sono profundo, o chá.

– Você passou por momentos de profundo “stress”. Precisou de um repouso forçado. Mas se é o que quer, podemos partir.

Ele temia o pior, não pensou duas vezes, viu o machado encostado na porta, o pegou firme, rangeu o dente equase a decapitou totalmente com uma machadada, que no final das contas, abriu um grande sorriso no pescoço. A velha caiu na

cadeira de balanço, a cabeça dependurada para trás. Estava morta. O sangue espirrou em sua face e na de sua namorada. Ela deu um grito de pavor. Ele trancou as duas portas, os moradores se aproximavam da casa.

– Para trás, Mia. – Ele munuiu de balas a espingarda de Agatha. – Eles vão comer fogo.

Da janela começou a atirar em um por um. Matava a todos, mas eles voltavam à vida. Ele pensou:

– Mia, no que te envolvi, meu Deus!

O cadáver de Agatha voltou à vida e a cabeça voltou ao lugar. Aquele corpo banhado de sangue pegou o machado que quase a decapitou e olhou de forma mórbida para os dois.

– Você faz parte disso. Você é esperto. Fez de modo inconsciente, mas é esperto.

Nisto, as duas portas são arrombadas, os replicantes, como podem ser descritos, os pegaram e os levaram à força, seguindo o tortuoso caminho rumo ao lago. Colocaram-no na beirada da margem e o lago se agitou. Fizeram um círculo e começaram a proferir uma prece maldita. O lago agitado criava formas nunca vistas, a água atingia ondas de mais de três metros de altura. Antônio flutuava sobre a água.

“Agora se lembra, Piero.”

Quando a grande onda encobriu o seu amigo, ele pode ouvir os gritos infernais e o garoto sendo devorado por uma espécie de fenda que se abriu. Naquele dia, sentiu-se um nada. De alguma forma, aquilo foi o marco inicial para o que se desencandeou nos anos em que esteve fora.

Ele olhou para Mia, tinha certa frieza no olhar.

“Eu sinto muito, Mia, eu te amo!”

Agatha se aproximou do neto, acariciou a sua face:

– Você será entregue como oferenda.

Mia começou a chorar. Acariciava a barriga.

– Não pude me conter. Por isso vim atrás de você. Estou grávida!

– É o messias! – falou a velha, exaltada. – Por ora, poupem a garota.

Os velhos seguraram Piero forte, um em cada braço. Ele berrou, desesperado. Enquanto era arrastado à beira do lago, Agatha dizia:

– Tal qual Abraão tinha a obrigação de sacrificar seu filho ao Deus de Israel, hoje você será ofertado ao deus das galáxias! Ele não gosta de carne velha. Mas sua carne tenra deve saciar o desejo de Dagon! Ainda mais que Mia tem em seu ventre uma bendita criança! A colheita vingará esse ano. Ele aceitará de bom grado a oferta!

Piero entrou em desespero ainda mais profundo!

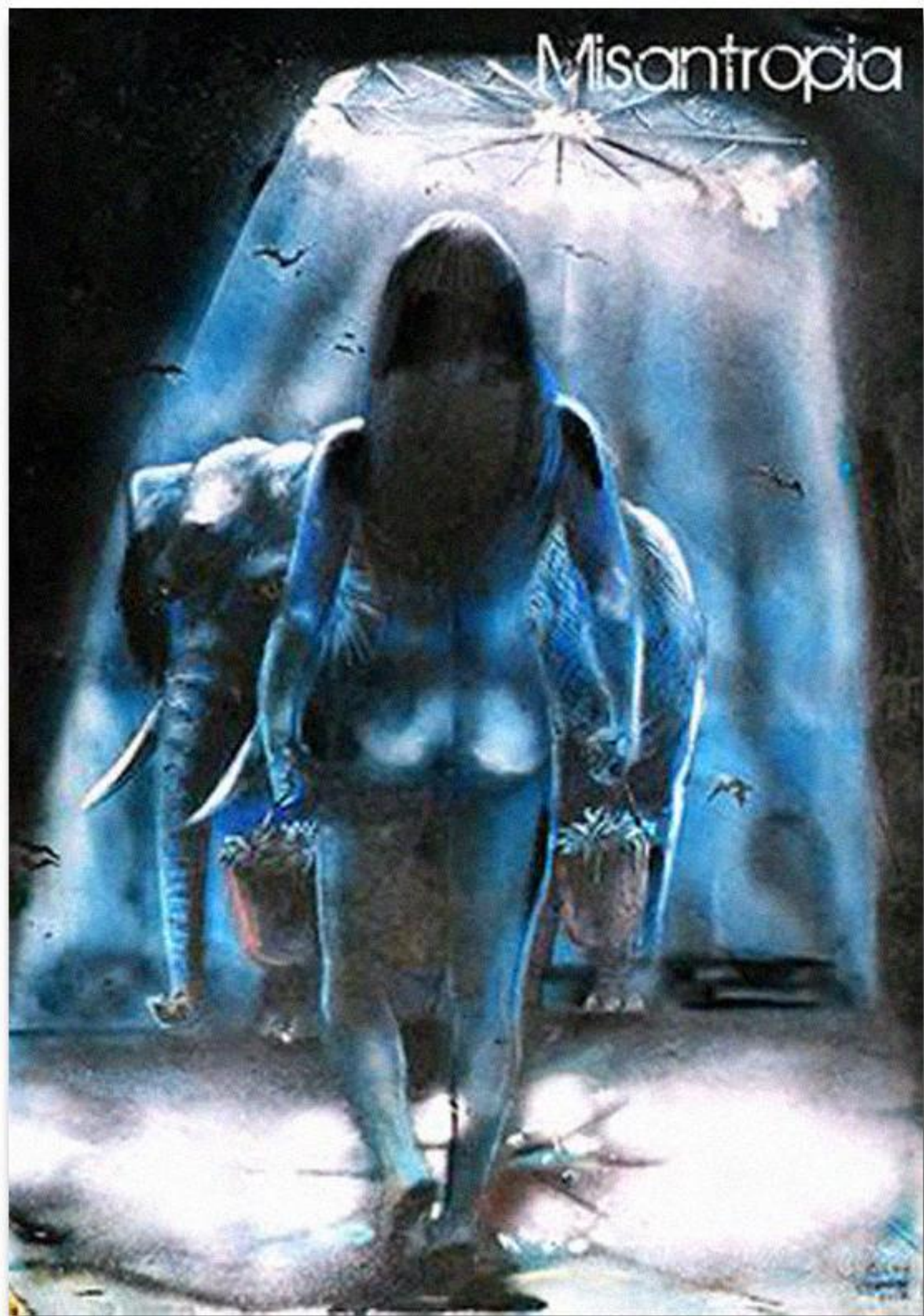
– Não! Levem a mim! Poupem a criança e Mia, deixem eles partirem. Por Deus!

Os olhos de todos ficaram verdes. Amarraram Piero em uma tora e o lançaram no lago. Estava impassível e desconsolado. Começaram a entoar em êxtase uma nova cantiga, enquanto o lago agitado e turbulento engolfava o rapaz. Uma onda o arrastou ao fundo do lago. Abaixo d'água, ele, em seu último fôlego, se contorcia e, com os olhos esbugalhados, via coisas inacreditáveis...

Baseado no conto Dagon, de H.P Lovecraft



Misanthropia



MISANTROPIA

A OBLITERAÇÃO DA SENSACÃO DA MORTE é uma reação natural de nosso organismo frente a uma conclusão inevitável, e em alguns casos, desejável. Nestas breves memórias escritas com um tom de urgência para que não sejam soterradas pela velocidade do tempo, tento ser fiel aos fatos, embora todos saibamos que fidelidade é uma virtude que exigimos com mais frequência dos outros que de nós mesmos. O nome do indivíduo em questão talvez não venha ao caso agora, mas sim, suas motivações, que como toda desventura humana, não impede de ser repetida no presente e no futuro. Vou narrá-la como me vem, enquanto digito no teclado, recostado e comprimido pela multidão no trem.

Após passar por um quase traumático trote, onde aguardente e tinta látex se infiltraram em meu organismo forçosamente e sem nenhum impedimento de quaisquer autoridades, tratei de me concentrar no meu objetivo, que era a realização e efetivação no mundo dos formadores de opinião. Mesmo que o choque inicial tenha sido uma carga negativa, com uma recepção brutal, por indivíduos que deveriam respeitar as diferenças, meu ímpeto não impediria de dar prosseguimento em aprimorar minha natural capacidade pela narrativa escrita. Fui introduzido logo nas primeiras semanas na história de um dos totens do jornalismo, o injustiçado Vladimir Herzog; estudei o guru Gutemberg. Um apanhado geral sobre função social do jornalismo investigativo, como redigir pautas, sacralizar textos de forma sofismática, pôr em prática pequenos truques literários a fim de emoldurar uma crônica com refinamento e claro, manobrar fatos e verdades a ocasiões convenientes, o que chamam de imprensa marrom. Mas isto não me afetou, a moral dúbia é necessária para algumas profissões, assim como na advocacia e nas forças armadas, podia ser uma vantagem. Comparativamente, o jornalismo não teria a força de um regimento armado ou poder persuasivo de um promotor, mas me daria

um alcance midiático que nenhuma dessas profissões proporcionaria. A opinião pública condena antecipadamente o que venha a cair em sua rede e é bem verdade que os excessos dos construtores de sensacionalismo sempre terão um lugar guardado nos corações e mentes das pessoas ávidas por justiça. Eu, um estudante de escola pública e com poucos recursos, certamente tive e tenho dificuldades a mais que meus abastados e bem providos colegas. Não o suficiente para me fazer desistir, não me importando se fui admitido por cotas, meu valor estava na capacidade adaptativa, mais que no meu grau de intelectualidade.

Como escritor de ficção, não encontrei naquele meio pessoas tão interessantes quanto imaginei, e nem libertárias. Além de tudo, muitos não tinham compreendido que o jornalismo era em prol do povo. Havia mulheres belíssimas, algumas até modelos, que almejavam, naquele curso, um degrau para o sucesso, buscando se tornar apresentadoras em programas de entretenimento. A competição absurda entre os colegas de classe, que chegavam a se digladiar era deplorável. Tudo isso me fez desanimar do curso, mesmo antes de terminá-lo. Professores atados a interesses governistas de certos partidos, que se faziam independentes, usavam de proselitismo para justificar suas posições dúbias.

Arrumei um emprego de assessor de imprensa, usava roupa social, sapato italiano, tinha minha sala, computador e internet, mas ganhava um mísero salário mínimo, em uma secretaria de meio ambiente onde nada acontecia, apenas o tédio e bocejos. Pedi conta na primeira manifestação de poder de minha chefe sobre mim. Muito pouco ajudou na literatura, melhor seria uma faculdade de letras. Arrumei um serviço de mecânico, sem nenhum glamour, cheio de graxa, mas com três vezes mais dinheiro no bolso.

No entanto, cultivei um amigo daquela época da faculdade. O mesmo que agora compulsivamente me leva a escrever. Igualmente, sua cor parda não lhe dava ratificação de qualquer etnia. Mas sua altura desmedida e membros compridos quase o faziam um corredor senegalês. Uma forma de trajar-se pouco despojada, com mocassins e camisa polo branca, o destoavam dos jovens de sua idade e ele pouco se importava. Diferente de minha pessoa, que vivia uma dupla jornada, indo e vindo de São Paulo para o interior todos os dias, atado de forma profunda à família, mãe e irmãos. Já ele, era o único humano em uma casa com três cães: Athos, Aramis e Porthos. Quando saía, deixava tocar música clássica dentro da casa. Dizia ser para os espíritos. Meu amigo pode ser apelidado de D'artagnan, fechando o ciclo dos três mosqueteiros. Os cachorros habitavam a casa e lhe faziam companhia, em meio às inúmeras obras de arte do amigo escultor. O local tinha as paredes pintadas com desenhos psicodélicos, e uma predileção por musas e deusas. Era desprovido da família, o que lhe dava uma liberdade invejável sob certos aspectos. Afinal, eu tinha família, mas a solidão me corroía da mesma

forma. Sozinho em uma ilha, era possível estar solitário no meio de uma multidão? Perdoem-me pela pouca criatividade para uma figura de linguagem, mas não achei nada mais condizente com o que transmitir.

Sim, a metrópole de São Paulo proporcionava isso, era de certa forma irreal. O submundo do metrô é um universo à parte. Diferente do interior, não existe cumprimentos, cada qual em seu universo. Apenas a voz, por vezes, falha, anunciando a estação. Tem três linhas, a que leva aos bairros nobres tinha um melhor serviço de metrô, os leds que anunciavam as estações acendiam, funcionavam de verdade, a pronúncia da estação era seguida em português e inglês, diferente das centrais e bairros periféricos, onde mal se ouvia a voz, e os leds estavam longe de funcionar. Alguns fazem suas leituras, outros ouvem som com fone no celular, outros olhavam para o nada, como se fossem apenas carcaças possuídas por algum invasor. Na hora do “rush” é uma luta pela sobrevivência: o cuidado com a carteira, alguns homens se aproveitando para roçar o membro nas mulheres, o cheiro forte de suvaco e o calor, por vezes bem incômodo. Eu fico mais tempo no transporte público que no serviço, por isso dá para entender as manifestações quando aumenta o valor do transporte e a omissão frente a grandes rombos políticos, como o mensalão e a baixaria da Petrobrás. O metrô é a minha habitação, cheia e solitária...

De quinze em quinze dias, encontrava com meu amigo em um estúdio de desenhos da sétima arte. Tomávamos cerveja em uma pastelaria barata chinesa. O banheiro tinha uma corrente presa ao pote com sabonete líquido, para não ser roubado. De vista, uma bandeira vermelha de um dragão chinês. Diferente de meu amigo, tinha uma certa dificuldade em ingerir a chamada loura gelada, preferia mesmo as quentes. Enquanto entornava um copo, ele tomava três:

– Você está longe de ser um boêmio, Dênis. Não é como os artistas acostumados com a noite.

– Prefiro as bebidas quentes.

Tinha mesmo certo preconceito em comer naquele local, tinha rã frita e destilados artesanais. O pastel era recheado, mas de um tempero escuro e forte, e sabe lá o que tinha misturado ali. Estaria o produto na validade? O China teria feito com assepsia? Eles falavam no idioma deles, sempre me pergunto se estavam me xingando ou zombando de mim. Ainda tinha aquela garota chinesa, que vez ou outra usava uma camiseta com a estampa de um elefante azul. Até hoje não sei o nome dela, nunca me deu prosa, dava bronca até em seus companheiros de trabalho. Não entendia uma só palavra, apesar de ninfa, era certamente a chefe, ou mais provavelmente a filha do chefe. Apenas dizia a soma dos valores gastos. Não havia um “Volte sempre”, ou “muito obrigado”.

– Dezoito e cinquenta. Dezoito e cinquenta!

Tinha se passado oito anos e ela estava exatamente do mesmo jeito. A vida dela era ficar das sete da manhã às onze da noite naquele ambiente insalubre. O seu lema era trabalhar, mesmo aos finais de semana. Era difícil entender aquele estilo de vida. Sua aparência era a mesma, extremamente magra; se fazia óbvio que não comia as porcarias que vendia. Nos perguntávamos se ela seria uma espécie de Dorian Gray, e levantamos várias conspirações, assim como analogias entre o metrô e a minhoca embaixo da terra, uma raça de gigantes se alimentando dos humanos, assim como fazemos com os bois e as aves, sem nenhum remorso dessa monstruosidade. Enquanto debatíamos, atacamos pastéis de frango. E ainda assuntos jocosos, como uma possível religião profana, a santa xota. Imagina como seria o ato da comunhão?

Mas o mais interessante era o brainstorm de ideias, as teorias sobre a origem da vida e seus significados, o questionamento dos dogmas religiosos e da realidade política. Tudo levava ao ateísmo e a enxergar o mundo de uma forma mais pura e verdadeira.

– Certa vez, dormi em um museu mal-assombrado. Diziam que o piano tocava sozinho durante a noite, invoquei a entidade ali presente, com certo temor é claro, mas como imaginava, nenhum sinal sobrenatural ou “poltergeist”.

Os assuntos, fora da realidade do ambiente, que tinha pessoas de baixo nível cultural, homens grosseiros com a calça caída mostrando parte das nádegas, mulheres velhas e excessivamente maquiadas, peões de obra, enfim, esse era o legal de São Paulo: assim como Nova York, tinha pessoas de todos os tipos, credos e raças, e ninguém se importava como você se veste. O cheiro que exala dos ralos, os haitianos que vieram em busca de uma vida melhor do que enfrentaram em Porto Príncipe. Embora ganhassem pouco, aquilo parecia um paraíso, perto da pobreza extrema, da doença e da fome. Daqui alguns anos, eles começariam a achar pouco, mas num primeiro instante, era mesmo uma bênção.

É claro que o combustível para conversas fora de meu universo cotidiano não poderia ser creditado somente ao álcool entorpecedor, mas sim às almas famintas por convívio mais enobrecedor. Se repassávamos por conceitos sobre a origem da vida é porque, de certa forma, estávamos fartos dela. Se dogmas religiosos eram questionados pelo inconformismo de nossa era informatizada, eles conseguiam sobreviver quase intocáveis e ter capacidade camaleônica de mudar de roupagem sem modificar a essência. Se a realidade política parecia não diferir dos conceitos de Nicolau Maquiavel, se bifurcando até um neoliberalismo pela metade. Apesar do caldo cultural intrincado, em mim estavam arraigados trejeitos e modos do qual eu dificilmente me libertaria, mostrando como somos seres binários.

Eu e meu amigo divagávamos sobre nossos gostos. Ele preferia a metrópole, eu o mato, a natureza, estar deitado em meio à terra e sentir os insetos caminhando

por meu corpo, tornando-se uma só coisa. Existia um outro motivo importante em estar sempre ali, sendo que havia vários estabelecimentos naquela avenida. Era uma rotina: descíamos na estação São Bento, percorríamos a galeria do rock, atravessávamos a ponte do Anhangabaú, entre usuários de crack, prédios antigos e defasados, onde artistas de rua faziam pinturas, eram estátuas vivas, pseudo-hippies teavam pulseiras para a venda.

Sempre soube que teria uma evolução na forma de pensar e nas conversas, só não imaginava o tom sombrio que permearia. Ele afirmou passar por uma experiência sobrenatural, em um sonho que predizia o dia de sua morte, e, quando acordou suado, com os cães a ladrar, sentiu uma força que tentou dominá-lo, em uma espécie de sucção onde o cobertor passou a aprisioná-lo. Era de um escuro mais forte que as trevas comuns da noite.

- Estou sendo perseguido por uma força sobrenatural, eu acho que é a morte!
- Isso é um absurdo, ninguém sabe o dia da morte!
- Não quero morrer! Não agora. De toda forma, odeio aquele rito tradicional católico, onde pessoas cultuam o cadáver com algodão nos orifícios, prefiro ser incinerado.
- Então, somos dois. Não quero virar comida de barata.
- Estou passando por uma crise existencial. Não vejo razão nenhuma nessa vida. Vejo minhas obras e me entristeço, pois nem em vida conseguimos divulgá-las.
- Após a morte, estarão mesmo fadadas ao esquecimento.
- Mas mesmo os artistas conhecidos cairão no esquecimento. Pois tudo um dia acaba.

Aquela foi a última e profética frase que ouvi. Nunca mais o vi. Não mais atendeu o celular, como estive atarefado e por razão de minha total indiferença, demorei alguns meses até resolver fazer a minha investigação própria. Fiz uma visita involuntária à casa de meu amigo. Como ninguém atendia, invadi a casa e descobri a causa da ausência de latidos, indiferentes às minhas palmas. Athos, Aramis e Porthos estavam mortos por inanição. O cheiro forte dos cadáveres exalava por todo o ambiente devido à morte dos cães, já dominados por vermes e parasitas. Tudo indicava que um atacou o outro, pela loucura ocasionada pela fome desesperadora de dias. Mas o fim de meu amigo foi ainda mais estranho e misterioso. Em minhas investigações, soube que ele caiu na estação do metrô e foi trucidado, um verdadeiro show de horror, do qual vísceras lavaram o trilho. Até hoje tenho minhas dúvidas, ele morreu acidentalmente ou se matou? Sofria uma crise existencialista, mas teria deixado os cães tão amados morrer de forma tão brutal? Ou seria uma força sobrenatural, a mesma que ele dizia o estar perseguindo? De toda forma ele conseguiu seu desejo, não foi velado da forma

tradicional. Apenas juntaram as vísceras e as colocaram em um caixão fechado. Assim como as obras dele, as minhas estavam fadadas ao esquecimento, assim que o doce beijo da morte vier ao meu encontro...



Neurófilos



John
Cruz
2011



Necrófilo: Que tem necrofilia.

Necrofilia: Atração sexual mórbida por cadáveres.

São Paulo – Ano de 2072

PAULO ESTAVA CALADO, SUAVA MUITO. Tinha uma tosse forte, dor atrás dos olhos e na cabeça, falta de ar e sintomas da gripe. Ignorou essa inconveniência ao acordar. Tomou um café preto e seguiu a rotina do dia. Ao transcorrer das horas, uma dor intensa abdominal o atingiu e ele caminhou de cócoras até o banheiro. Ao tossir, levou a mão à boca, e ela voltou com um pouco de sangue. Ficou preocupado, seria tuberculose? A doença dos boêmios e poetas do século passado. Logo ele, leitor de Edgar Allan Poe e H.P Lovecraft. Seria curioso, se não fosse trágico.

Ele era enfermeiro e tinha 44 anos de idade. O mais velho em meio a uma turma de adolescentes e residentes. Solteirão apático. Entrou no banheiro, caiu sentado na privada para defecar, começou a enxugar o suor do rosto. Sentia seus órgãos revirarem, como se estivessem triturados por dentro. Não era uma simples virose, ele queria socorro e rápido. Estava morrendo! Saiu desesperado do banheiro, calça arriada. Vomitava em jatos rápidos e contínuos. A camisa suja de sangue e vômito, o fluido saía também por seu nariz. O gosto ácido tomou sua boca e respiração. Esbarrou em uma moça e caiu no hall de atendimento aos pacientes.

Foi transferido para o Hospital Memorial de São Paulo. Foi atendido prontamente devido à gravidade, pelo Doutor Álvaro Jordão.

O médico ficou espantado com a situação do paciente. Levaram-no para a Unidade de Terapia Intensiva. Entubaram-no e colocaram-no no soro. A enfermeira Lorrane colocou o respirador artificial e limpou o sangue do homem. Mais tarde, ela retirou amostras do sangue e levou para análise. Duas horas e meia depois, a família do paciente estava em peso na recepção.

Lorrane e Álvaro subiram para tomar o café da tarde e se entreolharam. Há um bom tempo rolava uma química entre eles. Ele pegou a mão dela, estavam comendo pão com margarina e um pingado em copo americano. Embora a classe médica tivesse certos luxos, no plantão era semelhante a um campo de guerra. Podia abrir mão da sofisticada xícara de porcelana.

– O caso clínico dele está gravíssimo.

– O que acha que ele tem, doutor?

– Parece uma virose, mas tudo está acentuado. Temo que seja uma evolução do influenza. Já contatei o controle de epidemias. Se for uma nova gripe, precisamos conter antes que se torne uma pandemia. Quero que todos que entrem no leito desse homem usem máscara.

– Mas nós já fomos expostos.

– Nós e quantos outros. Só Deus sabe. Quero que transfiram ele para uma sala de isolamento total.

– Eu vou providenciar.

Ele olhou para Lorrane. Ela o encantava. Ruiva, 24 anos de idade. Tinha a pele sedosa e que em poucos anos se tornaria precocemente envelhecida, como é típico desse gênero de caucasianos, mas que na juventude sobressaíam diante dos tons pardos dos latino-americanos, pequenas sardinhas no rosto. Vinha se destacando como enfermeira no hospital. Passaram a sair há um tempo. A noite chegou. Álvaro usou o seu perfume, mais caro que o salário mínimo de um aposentado. Colocou uma camisa preta para diferenciar do jaleco branco utilizado durante o dia, buscou Lorrane e foram jantar em um restaurante. Ela estava deslumbrante como uma saudável camponesa eslava. O cabelo solto, toda maquiada e perfumada, um vestido sensual vermelho que delineava todas as curvas do seu corpo. Na verdade, destoavam de seu biotipo, deixando-a um tanto artificial, mas Álvaro não era um consultor de moda, era um homem. O fez querer dominá-la naquele instante.

– Você está linda!

– Todos dizem isso quando querem levar uma mulher para a cama.

– Toma um drink?

– Está querendo me embriagar. – Ela arqueou as sombrancelhas. – Eu sou boa de copo. Quem vai cair é você.

Somente realçava aquela profunda percepção de que russos e seus descendentes já nascem com vodka nas veias. Ele a beijou, algo doce e mágico. Foram à casa dele e lá fizeram amor. Ao fim, estava deitada no peito de Álvaro.

Em pouco tempo, mais cinco pessoas foram para o hospital com os mesmos sintomas. Todos tiveram contato com Paulo. Homens corpulentos definhavam de forma gradativa. O doutor ajeitou sua máscara, aquela doença era mais letal que o Ebola. As pessoas eram contagiadas pelo toque. Álvaro explicava aos epidemiologistas:

– As cordas vocais já foram atingidas. Eles podem se comunicar por escrita. Pedro, como está se sentindo?

O pobre homem escreveu com dificuldade. “Estou queimando”. Álvaro constatou:

– A doença fica mais forte, sofre um processo evolutivo de hospedeiro em hospedeiro. É um processo resistente a todo tipo de medicamento conhecido, sofre novas mutações. Pedro está morrendo mais rapidamente que Paulo, o que demonstra que a mutação se tornou mais agressiva. Eu quero uma bateria de exames dos pacientes.

Ele saiu às ruas, altas horas da madrugada. Imaginou as consequências de uma epidemia na grande São Paulo. Logo se alastraria feito um raio em uma roda. Tinha parado de fumar, o nervosismo crescente o obrigou a retomar o vício, lutava para salvar vidas e detonava a própria, favorecendo a indústria do câncer.

Em pouco tempo, subiu para treze pessoas contaminadas com os mesmos sintomas do novo vírus. Álvaro foi avisado por telefone. Do seu carro, observou um ônibus onde as janelas estavam fechadas e as pessoas tossiam. Estava se tornando uma bola de neve. Um comunicado na televisão informava para manter as áreas arejadas, desinfetar as mãos com álcool gel, e evitar levar as mãos aos olhos ou à boca. O que um sistema como o SUS – Sistema Único de Saúde poderia fazer diante disto? Quantos médicos cubanos seriam necessários para conter tal surto?

O vírus fica duas vezes mais forte a cada novo caso. As pessoas infectadas adquirem uma espécie de sequência. Aquele corredor nunca pareceu tão extenso e sombrio. O cheiro de iodo e cloro se fazia insuportável. Uma espécie de purgatório na Terra. Álvaro entrou na ala de isolamento junto a um outro médico epidemiologista que o conduziu a uma imagem aterradora. Olhou no microscópio e viu a evolução do vírus, que duplicava a cada instante. Ou seja, o primeiro hospedeiro provavelmente ainda estava vivo e, com certeza, não era Paulo.

– As pessoas infectadas por Paulo podem morrer antes dele.

– É o mais provável.

Nas investigações da vida de Paulo, os atos mais conclusivos foram extraídos do diário do enfermeiro.

“Em toda a minha vida, tratei de muitos doentes terminais. Nada me deixou tão chocado. O homem se chamava Fred. Eu o conheço de infância. Há muito tempo não o via. Sempre foi um cara estranho. Ele me ligou, falava com certa dificuldade e tossia muito. Pediu a minha ajuda. Disse que não era médico, mas talvez pudesse ajudar. Como enfermeiro, nunca fiz isso, atender alguém em casa. Tinha algum conhecimento prático. Estava mesmo era disposto a persuadi-lo a ir para o hospital.

Dirigi-me ao antigo bairro. Bati palmas três vezes, me dei conta que não seria atendido. Uma voz soturna, quase irreconhecível respondeu:

– Entre!

Confesso que aquele corredor sombrio e mofado me deu arrepios. Cruzes prateadas na parede. O que chamou atenção foi uma cruz caronchada, parecia de cemitério. Logo notei que ele não estava com as faculdades mentais em dia. Talvez a doença o tenha endoidecido. Desci os degraus da escada do porão, como quem desce ao inferno, ou a uma sepultura nojenta. Abri a porta do porão, que rangeu. Tinha móveis e utensílios cobertos com saco de lixo preto. Ele estava em uma cama de mola.

– Fred!

Ele estava coberto com um cobertor surrado e o quarto fedia à urina. Virou-se na cama e a sua imagem cadavérica me assustou, estava murcho e de olhos fundos. Ele fez sinal para que eu me aproximasse, tinha feridas purulentas no rosto. Tive receio e pena ao me aproximar. As batidas do seu coração estavam um tanto irregular, ele disse estar há um bom tempo com aquela enfermidade e a cada dia se sentia pior. A pressão estava alta, apalpei a sua barriga. Ele disse que sentia calafrios intercalados por uma labareda de fogo. Teve uma convulsão, ficou em transe e suava muito. Foi quando vomitou no meu braço.

Corri ao banheiro imundo daquele rapaz, o qual tinha uma coleção estranha de mechas de cabelo, todas penduradas em um mural. Lavei o braço e quase utilizei o sabonete do lavatório. Saí do recinto xingando! Esqueci toda a pena que sentia, tamanho o nojo.

O fato é que isso ocorreu há dois dias e saiu uma ferida purulenta no meu pescoço. Está me deixando atormentado. Acho que me infectei seja lá o que aquele homem tinha...”

Álvaro passou a noite na casa de Lorrane. Ela estava demasiadamente pálida naquela noite, uma indisposição. Voltou e deitou na cama, embaixo das cobertas. Ele fez uma pizza, abriu um bom vinho. Os seus olhos se entrecruzaram. Eles se beijaram, não houve muitas palavras. Pela manhã, o seu bip o acordou, ela ainda dormia e ele beijou a nuca dela. Foi quando notou uma ferida purulenta no pescoço

de sua amada. Ela estava com um pouco de febre e pálida. Procurou não pensar nisso e voltou ao hospital. Ao chegar lá, encontrou funcionários em pânico.

– Estamos perdidos! Essa doença está se alastrando. Mais da metade dos pacientes no hospital foram contaminados. O que comprova que essa doença se espalha pelo ar. Acredito que passou pelo ar condicionado.

– Precisamos acionar a Anvisa, e telefonem para o Governador. Estamos em alerta vermelho.

Álvaro sabia que Lorrane estava contaminada. Não entendia por que ele não demonstrava os sintomas. Sabia que tinha de encontrar o paciente X, ou paciente zero. Seria ele o tal Fred?

Tomaram as medidas cabíveis. O hospital foi fechado, as pessoas foram informadas pela mídia para não saírem de casa, embora tentassem amenizar a informação, especialistas da saúde diziam estar tudo sob controle, e que tudo não passava de medidas de precaução. As informações logo se tornaram mundiais. O Ebola na África serviu de parâmetro comparativo. Tudo parou. A limpeza no hospital era frequente, de meia em meia hora. Os pacientes, já permanentes, continuaram na unidade. Muitos funcionários do hospital abandonaram a função por razão do medo. Três enfermeiros e quatro médicos foram infectados.

Álvaro entrou na igreja e recordou do tempo que prometeu ser um guerreiro do Senhor. A busca pela promoção no serviço substituiu a sua meta. Sentiu um arrepio percorrer pelo seu corpo, algo psicológico condicionado à sua infância imposta. Tinha uma imaginação impressionável. Entrou no sacrário. Uma luz vermelha indicava que Cristo estava vivo ali, permanentemente. Álvaro se prostrou, olhando para a imagem de gesso em cores vivas. No fundo, sabia que nem todo sofrimento da humanidade a tiraria de sua imobilidade. Pediu forças para o holocausto que viria. Mesmo com toda a instrução que tinha, precisava de um irmão mais velho imaginário para lhe dar forças.

Seis helicópteros pousaram em pontos estratégicos da cidade. Cientistas da parte epidemiológica vieram vestidos com roupas anticorrosivas e máscaras de gás. Vasculharam toda a cidade. Às seis da tarde, o Governador Ciro Vaz, um homem pragmático quando lhe convém, como são os homens públicos, deu o decreto:

“Queridos cidadãos, um novo vírus desconhecido está fora de controle. É um vírus mortal e está se espalhando. Ninguém deve sair de casa para conter a epidemia. Aguardem a chegada do exército. As famílias que tiverem pessoas infectadas devem colocar uma fita amarrada na porta. Não os esconda ou toda a família será contagiada. É um vírus transmissível pelo ar. Está decretado estado de quarentena. Ninguém entra e ninguém sai da cidade até que o vírus esteja contido. Cientistas renomados estão buscando um antídoto em ritmo acelerado para conter a

pandemia. No mais, lhes desejo boa sorte e força!” Assim termina a sua breve conjuração.

Os soldados em jipes invadiam as casas com fitas amarradas na porta e levavam as pessoas contagiadas. Inconformismo e perplexidade diante de uma situação que até aqui era considerada endêmica. Uma barreira do exército fechava as entradas da cidade. A ordem era atirar para matar os infratores. Primeiro, foram os meios de comunicação que foram cortados, em seguida, as casas ficaram sem iluminação. Boatos surgiram que os soldados estariam exterminando e queimando os corpos dos infectados. Os estabelecimentos grandes ainda tinham uma reserva do gerador. Os cidadãos tomaram pavor dos soldados do exército. Lorrane estava em um estágio avançado da doença. Os soldados a capturaram. Pouco tempo depois cortaram a transmissão de todos os equipamentos de telefonia e as esperanças dos cidadãos.

A maior parte da população foi dizimada. O Doutor Álvaro andava pelas ruas desertas da zona norte de São Paulo. Não usava luva ou máscara. Algo lhe dizia que era preciso pouco mais que sorte para não estar contagiado. Acreditava ser imune à doença devido a alguma disfunção biológica desconhecida. Uma cidade fantasma. Nunca tinha reparado no barulho dos seus passos. Havia carros destruídos e saqueados, notou o barulho de um carro do exército se aproximando. Chegou ao quarteirão onde Fred morava. O portão estava aberto. O cheiro de mofo era uma característica única. Desceu a escada do porão. Como descrito, havia cruzes prateadas em cima dos móveis velhos. Potes em conserva. Sentiu repulsa e nojo. Não deveria, sua profissão o preparou para muitas coisas, mas algo dizia que ali havia mais que objetos de estudo, simplesmente. Cobras, aranhas e ratos no formol. Pênis, cérebros e vaginas. Úteros e córneas de todas as faixas etárias. O órgão regulamentador de saúde de nosso país proíbe terminantemente esse tipo de prática, conservar órgãos humanos sob quaisquer circunstâncias em residências. Ainda tinham coleções de mechas de cabelos.

Fred estava deitado em uma cama de mola. Ele era o paciente x. O hospedeiro estava chupado como uva-passa, tinha um colar feito com dentes humanos no pescoço, pinturas corporais tribais pelo corpo que pareciam arte abstrata. Ele estava estático, com respiração defasada, desnutrido, na certa não se alimentava há dias. O cheiro de urina e fezes era forte. Não convinha nem sequer a um porco criado em palafitas.

– Fred! Como está? Eu sou o Doutor Álvaro.

– Cego, doutor. Estou em trevas. Pagando pelo estudo do necronomicon, o livro dos mortos.

– O Necronomicon não passa de uma invenção de Lovecraft – responde Álvaro, que conhecia um pouco sobre o gênero de literatura e ficção, embora esse não

fosse o momento.

– Essa maldita doença não me mata, me debilita. Vou morrer de inanição.

– Como adquiriu a doença? – Retomou Álvaro, tentando dar um pouco de sobriedade à conversa, que convergia para um beco sem saída.

– Já trepou com um defunto, doutor?

Álvaro definitivamente não gostava do direcionamento da conversa. Com o indivíduo deitado à sua frente, sua voz alucinada dava-lhe a percepção de que tudo não passava de um sonho surreal. Por respeito ao moribundo, ele prestou atenção. “Desde criança, eu sou diferente. Sentia um prazer indescritível em velórios e enterros. Dormir em um caixão sempre foi excitante para mim. Os mortos me dão poder e revelam o apocalíptico futuro. Ainda no velório, me apaixono pelo morto velado, ele tem um incrível encanto. Não me importa se é homem ou mulher, quando se morre, não há sexo, é androginia. O pênis, unhas e cabelos crescem. Toda a doença e todo o mal é expurgado para fora. Já fiz amor com três mortos. Eles são carinhosos comigo. É lindo. Sou capaz de passar uma noite inteira copulando com eles. Conversamos bastante. Essa enfermidade apareceu três dias depois, com o último cadáver. Verônica, uma jovem de 23 anos. Acidente de carro. Eu acompanhei o seu sepultamento e retornei durante a noite. Violei o túmulo dela, a arrastei até uma árvore. Ela tinha a boca costurada e algodão no nariz. Retirei os pontos um a um. Uma espécie de secreção saiu de sua boca. Não me importei. Beijava-a e aquecia seu corpo gelado.”

A conversa foi interrompida pelo barulho de passos. O exército invadiu o local. Álvaro se escondeu atrás de uma prateleira.

– Necrófilo filho de uma puta! O Governador tem um recado para você.

Os homens metralharam o necrófilo. Álvaro sentiu um calafrio. Um soldado aproximou-se da prateleira onde ele estava, depois recuou. Os soldados levaram o corpo para fora e o queimaram.

Lorrane foi levada em um furgão do exército junto a outros infectados e os deixaram em um galpão cheio de colchões. Um jovem guarda a arrastou, ela imaginou que iria para um hospital com soro e maca, aquilo não passava de um depósito de enfermos. E tudo o que faziam eram experiências para tentar descobrir a causa daquilo. Não se importavam em tentar curar aquelas pessoas, elas estavam condenadas. O mundo desconhecia o que acontecia ali, assim como Auschwitz na Alemanha e em todo o tipo de governo ditatorial. Apesar de conviver em um país de república, o Governador tomou as rédeas da situação, já que o exército e aqueles que exercem o poder ainda não perceberam que também foram deixados para trás. Simultâneo a isso, casos isolados começaram a ocorrer em outras partes do Brasil. O galpão se tornou uma prisão, tinha guardas nas portas, estavam fortemente armados. Não havia medicação, era apenas um sepulcro, um buraco para aguardar

a morte dos leprosos. A luz do sol não entrava naquele galpão, as tosses ecoavam na escuridão, os guardas tratavam os doentes com indiferença.

Lorrane passava horas sem se comunicar. Foi jogada em uma cela feminina, a qual eles enviavam novas mulheres a todo momento. Algumas eram sacrificadas. A fraqueza dominava cada vez mais o seu corpo, pessoas gemiam e urravam, vomitavam sangue que seus corpos mal conseguiam produzir. Aquele lugar era o inferno. A primeira reação foi espanto, a segunda de adaptação, a última fase era a aceitação. Mal podia distinguir o dia da noite, a cela não tinha janelas. Ela pensava em Álvaro, estaria ele livre? A sua beleza esvaía como a areia em uma mão aberta em meio à ventania. O sopro da vida se afastava. Era difícil aceitar a nova realidade. Seus olhos verdes se entrecortavam com os de outras jovens moças que já não mais disputavam a atenção masculina, tentavam sim, causar-lhes piedade por sua condição deplorável e sub-humana, morreriam antes de se tornarem mães.

Álvaro encontrou o endereço de Verônica Barão em registros. Acreditava em sua intuição e nos manuscritos encontrados no bolso do necrófilo, o que impulsionou sua natureza necrófila.

O diário de um necrófilo

“Tudo começou com Helena. A minha compulsão pela morte e imortalidade. Ela era diferente. Não ligava pela forma que eu era, ela gostava realmente de mim. A morte inesperada de uma moça tão jovem foi chocante, eu queria reverter aquela situação. Na calada da noite roubei seu corpo ainda fresco, retirei os órgãos internos e revesti o corpo com florais, costurando com corda de piano. Inseri um tubo vaginal pelo qual eu mantinha relações sexuais rotineiras com ela. Conforme a carne ia ficando putrefata, eu a substituí por um material feito de cera e a mantinha com doses altas de formol, sem me importar com o odor. Ela residia em minha cama, minha companheira silenciosa. Um dia fui descoberto, levaram Helena e me trancafiaram em um manicômio. Fiquei lá por anos a fio e quando fui liberado, me esconderam o paradeiro dela, o meu verdadeiro amor. Contetei-me com o sexo frio com outros mortos, inclusive homens, mas não os levei para casa, pois nenhum deles podia substituir Helena.”

Álvaro se encaminhou até o endereço dos familiares da moça, conforme os registros do diário. Bateu na velha casa, com poucas esperanças de encontrar alguém. Um senhor negro e corpulento o atendeu.

- Gostaria de falar com o senhor, como se chama?
- O que quer de mim? Não há doentes nessa casa.
- O que sabe sobre Verônica?

– Verônica é passado. – O negro olhava ressabiado para todos os lados. – Verônica morreu! Entre.

O negro se chamava Demétrius. Ele pegou uma corneta em cima de sua cabeceira e começou a soprá-la. Tinha em seu pescoço dois crucifixos, no canto da parede uma espada de vidro com óleo ungido. Ao virar ao contrário, revelava-se uma cruz. Um ato que, por si só, já denotava um transtorno mental. Era tio de Verônica, a moça cujo corpo foi alvo das mais infames perfídias por parte de Fred. Ele começou a relatar a história de sua sobrinha. Tinha um tom de voz altivo e perturbador, um pouco insolente, lembrando aqueles pastores que abrem uma porta de garagem e pregam para pobres coitados desafortunados da vida:

“Verônica era uma garota esbelta, meu amado. Uma mulata matreira e bonita. Ela era rebelde, brigava com os familiares, acabou fugindo de casa. Ela queria se aventurar. Logo, as desgraças da vida começaram a cair sobre ela. Bem que tentou voltar, mas seu pai a renegou. Todos a renegaram. Ela conseguiu um emprego de faxineira, ganhava pouco. Por ser desleixada ao extremo e preguiçosa, era o tipo de moça que, de certa forma, causa má reputação aos afrodescendentes. O declínio aumentou. Passou a usar crack e, para manter o vício, topou ser cobaia humana de uma indústria farmacêutica. A sua pouca instrução andava de mãos dadas com o anseio por uma vida melhor e mais próspera. Isso passou a se tornar uma desculpa para uma derrota duradoura. Os voluntários eram a escória da humanidade. Eles deram uma dosagem alta de uma droga experimental, ela disse que era uma seringa com um líquido verde espesso. Sentiu vertigens contínuas. Acabou morrendo uma semana depois. Tinham membros do governo envolvidos na autópsia e enterrodela. Só sei de uma coisa, senhor: inventaram outra causa mortis.

Álvaro, agora, sabia com certeza quem era a paciente zero. Uma experiência mal sucedida com cobaias humanas. Não poderiam imaginar que um necrófilo desenterraria um mal contido. Álvaro se despediu do negro e caminhou rumo a uma área isolada, mesmo sem saber se Lorrane se mantinha prisioneira por lá. Pensamentos desconexos habitavam a sua mente, enquanto contemplava o caos, a destruição, o nada.

Ao chegar no local, Álvaro usou uma falsa credencial para entrar. Notou que havia muitos soldados. Buscou não chamar atenção. Não teve dificuldade em encontrar o galpão das mulheres, procurou Lorrane entre as enfermas. Após várias voltas no recintolotado, a encontrou encolhida em um canto da parede. Estava envolta em uma coberta fétida. A aparência era deplorável, a visão de uma doente terminal. Não podia conceber a ideia de perdê-la. Ele agachou-se perante ela, que não o reconheceu.

– Vai me executar?

– Sou eu, querida!

Ele a pegou no colo de forma terna e foi quando outra enferma segurou em seu braço, praguejando:

– Vai matá-la também, seu desgraçado!

Ele compreendia a revolta da mulher. Tinha que sair dali, estava chamando a atenção. Um soldado os observava. Devido à sua sobrevivência, deu um chute na face da mulher. Sentiu remorso. A mulher ficou desacordada no chão. Ele continuou o seu percurso, no qual um guarda deu ordem de parada.

– Aonde está levando a mulher?

– Vou executá-la, ordens do Governador.

Álvaro subiu em um jipe, a colocando no banco traseiro. Saiu sem criar alarde até desaparecer na escuridão. Encontrou refúgio na casa de Demétrius. Dedicou toda a sua atenção a Lorrane. Cuidava dela sob a luz de um lampião. Estava gelada e ficava a maior parte do tempo inconsciente. Demétrius fumava um cigarro de palha e disse:

– Você também não se infectou, é igual a mim.

– Só não sei dizer se isso é uma bênção ou uma maldição.

– Sabe que ela não vai sobreviver.

– Precisamos alertar o Presidente da República, as pessoas não sabem o que está acontecendo aqui.

– Eu sei. É o Armagedon, a fúria do Senhor.

Álvaro voltou-se à Lorrane.

– Lorrane, não me deixe, querida. A cura está a caminho!

Notou que ela não respondia. Ele a pegou em um abraço forte, a cabeça dela pendeu para trás, uma pequena lágrima escorreu de sua face. Álvaro estava descompassado.

– Lorrane, não me deixe, querida!

Demétrius tentava consolá-lo.

– Ela se foi, Álvaro.

– Atrás dessa casa existe um antigo quilombo. Toda a minha família, descendente dos escravos, estão enterrados lá.

Eles se entreolharam. Pouco tempo depois, estavam transportando o cadáver morro acima, sob uma chuva fraca. O negro cantarolava um canto fúnebre. Subiam o morro do quilombo. “Quem pode desviar os desígnios do Senhor”. O que é mais certo que a morte, se a dor puder superar, a ação do tempo amenizar.

O negro cavava o túmulo debaixo de chuva. Álvaro ficou encolhido como um garoto, vendo o negro cantar. Em seguida, o caboclo a enterrou, fez uma cruz de gravetos e a fincou sobre a terra fofa. Era o fim de Lorrane. Fizeram uma prece e voltaram à casa. Álvaro não conseguia dormir, revirou na cama em prantos. Levantou-se na ponta dos pés, constatou que Demétrius dormia. Voltou ao

desfiladeiro, um vento forte castigava e tentava fazê-lo voltar. Ele precisava ver Lorrane ao menos mais uma vez. A música do negro não saía de sua mente e as frases do necrófilo também.

“Já trepou com um defunto, doutor?” Ele começou a cavar a cova, estava visivelmente perturbado. Olhou para Lorrane. Os seus olhos se encheram de lágrimas. As doenças começavam a ser expurgadas do corpo. Ele beijou a morte, os lábios frios. Deixou a libido o dominar. Copulou com a defunta em um romance astral, ao fim ficou deitado ao lado dela, na cova. Observava a lua cheia. Em sua fantasia, os mortos se levantavam em uma sinfonia cortante. Vivos e mortos dançantes. Uma orquestra tocava e os defuntos levantaram e começaram a dançar, uma dança fúnebre, a dança da morte. Uma dança infernal...

Quando retornou à velha casa, se deparou com Demétrius rendido e ajoelhado ao chão por dois soldados. Ele estava com o nariz quebrado e a boca ensanguentada. Outro soldado enfiou um saco no rosto de Álvaro e deu um soco em seu estômago. Foi colocado em um jipe, após uns 25 minutos em média. Entraram em uma área rural, subindo aos solavancos, de carro. Ouviu latidos de cães e clarões vindos de lanternas ou seria um farol? Foi levado até um local que ecoava o som. Sentaram-no em uma cadeira e tiraram a sua algema.

A primeira visão foi de um hall imenso, o telhado era muito alto e o piso de uma elegância tremenda. Ele conhecia o homem que estava à sua frente, nunca tinha visto pessoalmente, mas o viu diversas vezes na televisão. Tinha óculos de aro grosso. Era um pouco calvo atrás, com um nariz aquilino e feição rústica. Estava vestido de social, a camisa aberta em três botões e com três dobras em cada manga. Ele servia uma dose de vodka com gelo para si mesmo e outra para Álvaro.

– Espero que os homens não tenham sido demasiadamente brutos contigo!

– Eu sei de suas canalhices, isso não ficará impune. O Presidente vai acabar descobrindo...

– O Presidente? – Riu e entregou uma dose para Álvaro. – Com gelo? Dois cubos? Ouça bem, quem você acha que passou as ordens para as ações ocorridas aqui?

– Eu não acredito em você. Ele é um homem do povo, ele...

– É um governante sábio. Ele está olhando pela grande maioria. Você nunca leu Maquiavel? A liderança tem que se adequar ao momento. Acha que a Bíblia é o que guia um bom líder? Só professamos fé para ganhar votos. O último que se intitulou ateu perdeu a Presidência. Tenho boas notícias, o antídoto foi descoberto mais rápido que o previsto. A solução está em pessoas como você, inexplicavelmente imunes. Um pouco de seu sangue injetado no paciente contaminado, e o sangue dessa pessoa cria resistência em 99 por cento dos casos. A

epidemia está contida em todo o território brasileiro. O que aconteceu aqui ficará no esquecimento, ou melhor, escondido nos porões, iguais os da ditadura.

– Verônica Barão.

– Ela nem mesmo existe, não mais. Experimentos secretos sempre ocorreram. A razão por estar aqui, bem, esse é um barco afundando, estou construindo uma arca. – Sorriu, expondo seus dentes grandes e amarelados. De que valia tanto dinheiro se não fazia um clareamento dental? – Apenas a elite vai se mandar hoje em um avião Hércules do governo. São cientistas, médicos, catedráticos, pessoas relevantes para a humanidade. Você vem de uma família de nome, todos vivos e saudáveis, capixabas. Foi um pedido de seu pai, te resgatar. Você sairá como um herói, alguém que lutou bravamente e sobreviveu, lançará bestsellers e provavelmente ganhará o prêmio Nobel da paz.

– Eu perdi, Lorrane, devido a uma negligência...

– Ah, sim, a enfermeira. Sabe que as castas não devem se misturar. – Acendeu um cigarro, principal causador do tom amarelado de seus dentes. – Um affair, tudo bem, mas poderia ter tomado um tiro roubando aquela mulher do galpão. Bem, o fato é que partiremos hoje. Se escolher ficar entre os morimbundos, fique à vontade, estará condenado à morte. Os que não morrerem pela doença, serão dizimados. Não podemos permitir que a verdade venha à tona. Agora, se vier conosco, terá que manter sigilo. Se abrir o bico, toda a sua família morre, não importa a influência que tenham. Após um tempo, tudo bem, aí tudo vira teoria da conspiração e até mesmo, filme. Fica até bonito. – A fumaça do cigarro empestava o ar.

– Eu posso levar o meu amigo, Demétrius?

– Qual parte você não entendeu? Você é mesmo muito emotivo, mal conhece o homem e quer salvá-lo. – Apontou o dedo após amassar o cigarro no cinzeiro. – É um homem da massa, um negro, e a massa não tem nada a acrescentar ao nosso povo. Além de tudo, é um homem de fé, ela foi inserida nesse mundo como uma virtude, mas é pura tolice, crer irrevogavelmente em algo é muito tolo, logo abriria o bico. A fé não é uma virtude. Aqui é um mundo sem justiça, Álvaro, e quem garante que existe algo depois disso? Se quiser morrer no ostracismo, fique à vontade, e se quiser espalhar aos quatro ventos a verdade sobre o Governador e o Presidente, tem livre arbítrio para isso. Relembrando, cada escolha é uma renúncia, e cada ato tem consequências.

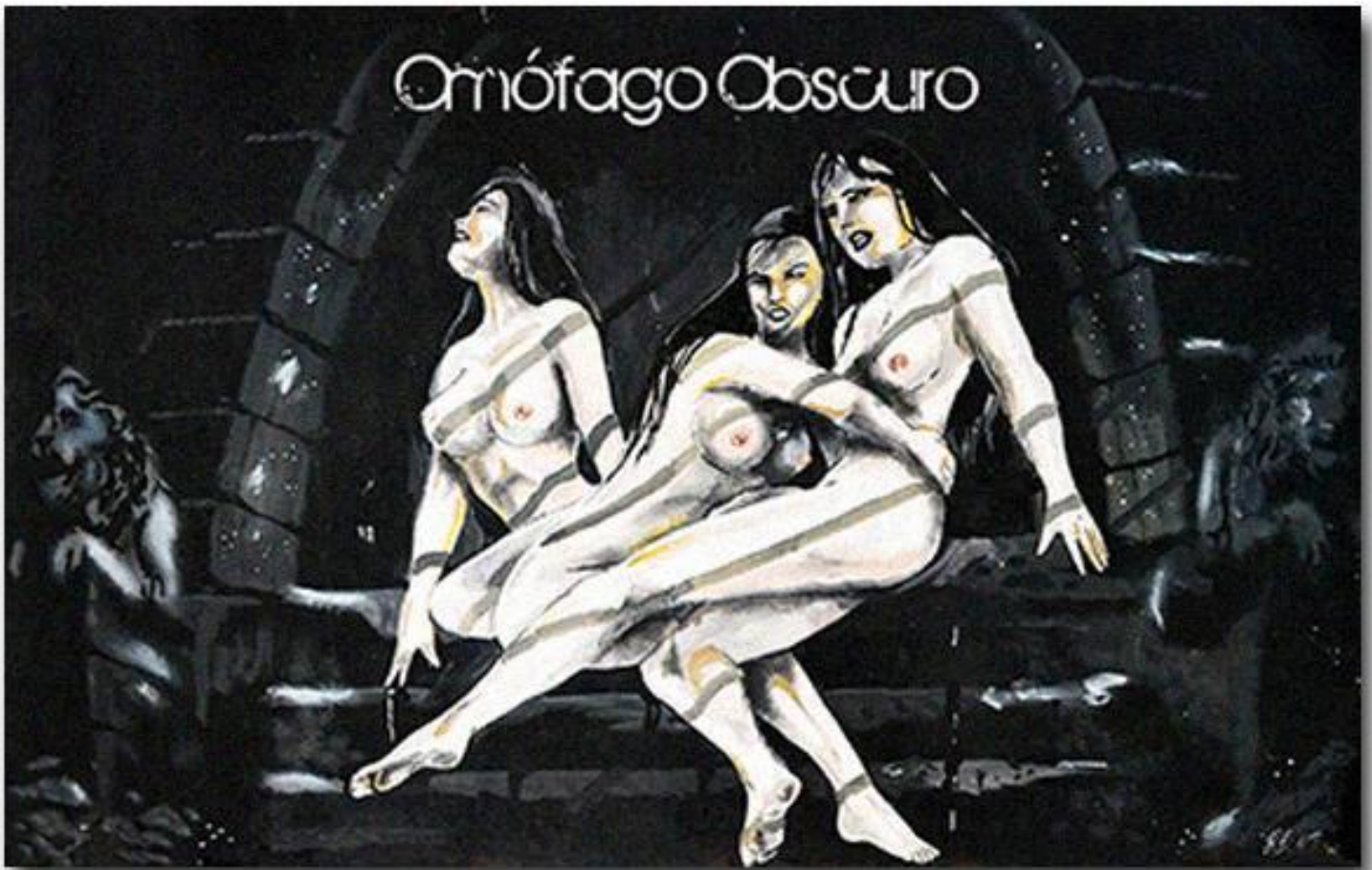
– Quando me tornei médico, eu fiz votos em prol da vida.

– E quantos médicos você conhece que realmente se importam, que têm empatia pelos pacientes? É claro, se você ficar, será um bálsamo para os enfermos. Ajudará inúmeras criancinhas e idosos.

Álvaro saía, quando parou na porta. Tinha uma crise de consciência, estava cedendo à corrupção, o seu destino estava selado. Lembrou de Lorrane e os doentes terminais no galpão. Sentia-se mal pelo que sabia que ia fazer. Em poucas horas, Álvaro estava dentro do avião Hércules, junto a outros magnatas, levantando voo para o esquecimento e para a glória...



Omófago Obscuro





OMÓFAGO OSCURO

OS PSICÓLOGOS DEFINIRAM O VAMPIRISMO clínico como uma atração sexual pelo sangue. A síndrome consiste em uma atração compulsiva e um interesse anormal pela morte, que se manifesta na necessidade de beber o vermelho púrpuro durante as relações sexuais e também na necrofilia, a síndrome é rara, porém, serve para demonstrar que os vampiros estão realmente entre nós.

Durante todo o dia, o policial William dormia um sono pesado. Anda meio desgostoso da vida. Aquela mesma rotina diária, ter que olhar para sua mulher, que ele não mais ama. Sendo bem preciso, chega quase a odiar a pobre infeliz. Aquela companheira que teria de arrastar para o resto da vida. Quantas vezes se pegou desejando a morte dela...seria a libertação, e a liberdade era a melhor coisa que existia. Há quanto tempo nem dormiam na mesma cama. Ela já não era mais a mesma, o cabelo mal pintado, o buço que deixava com frequência, o mau hálito decorrente da má escovação, tudo lhe causava asco. Parecem dois estranhos no ninho e, já com vinte anos de casamento, não suporta olhar para ela.

William se olha no espelho, sabe que não é mais o jovem galante de vinte anos atrás. Mas quando vê sua mulher, antes desejada, cobiçada por outros...A comparação do tempo passado e presente é inevitável, era uma criatura desejável, não só fisicamente quanto espiritualmente, uma pequena fada agraciada com pernas firmes e cintura compacta. Pareciam imune às mutações do tempo. Agora, nem o sorriso pálido é capaz de disfarçar as bochechas flácidas e algo cômico que lhe adornam a face redonda, lhe dando uma precoce aparência de avó, mesmo não tendo completado 50 anos. Suas críticas, porém, são injustificáveis. Ela sempre foi uma dona de casa primorosa e uma mãe distinta, sendo estes precativos, como dizia a sua própria mãe a ele, as principais qualidades de uma esposa honrada.

Coisas que talvez um homem, no auge de suas energias sexuais e vitalidade, não dê o devido valor.

William é ciente de seu comportamento impulsivo e errôneo, mas não se sente culpado por exercer seu papel de homem em prostíbulos da vida, desde que abasteça materialmente sua família. Allan veio para fortalecer a união, com seus genes de ligação com aquela que terá de chamar de esposa. Sim, apesar de tudo, não pensa em se separar. A segurança de um lar ainda é necessária para um homem de sua profissão. Mesmo apodrecido o pilar de sustentação, condenado a uma sentença de prisão perpétua, o lar deve ser preservado.

Essa falta de amor já resultou em várias brigas, e ele hoje a trai constantemente. Não porque seja um homem mau, mas ele não mais a ama. Ele não oculta isso dela, mas ela não se importa, aceita as coisas como são, existe amor suficiente nela para os dois.

Já Allan, com seus 22 anos, é um garoto muito rebelde. Não conseguiu terminar o segundo grau e trancou a matrícula. Comprou uma moto com dinheiro de mesada que acumulou e passa o dia todo fora, e algumas noites também. A ovelha está se perdendo: Foi um garoto que sofreu com as constantes brigas dos pais, cresceu sem diálogo com eles, e agora não mais os respeita.

Desde criança apresentava um gênio difícil. Era fechado, não respondia quando as pessoas cumprimentavam. Ficava tempo demasiado absorto em jogos de computador e no mundo virtual. Era um exímio construtor de edifícios e pontes, desde que fossem no jogo Minecraft. Quando estava em casa, mantinha a porta sempre fechada. E sempre que saía era para frequentar um determinado grupo fechado de pessoas, o qual seus pais desconheciam. Há pouco menos de 1 ano, o seu distúrbio piorou. Ele apresentava uma rigidez, até mesmo em seu sorriso. Falava coisas desconexas, tinha mania de perseguição. Tudo o que se dizia naquela casa, achava estar direcionado a ele. Acreditava que seu pai e sua mãe armavam o tempo todo contra ele. Foi perdendo o seu gosto pelos vínculos sociais, passou a não ter afeto por nada e ninguém, se achando o centro do universo. Se os pais fossem mais presentes, talvez notassem um clássico quadro de esquizofrenia. O rapaz faria uso de medicamentos e consultas psiquiátricas e amenizaria a sua condição. Ao invés disso, procurou a quimbanda, o que veio a agravar ainda mais o seu distúrbio. Ora, poderia ter sido por causas hereditárias, ou trauma de um evento social de sua infância. O fato é que o caso foi se agravando, sem que os pais tomassem conta disso. Teve eventos em que ele não sabia se tinha vivido algo ou sonhado, e sofreu alterações em seu paladar, visão e olfato. Nada que não pudesse escapar de olhares desatentos. Sintomas nítidos para quem conhece e pesquisa.

O relacionamento familiar existente não podia ser pior. Seja com a mulher ou o filho. São estranhos dentro do próprio lar; entre eles não é trocado quase nenhum

diálogo, é mais provável conversarem com os cachorros da casa, do que entre eles.

O trabalho é muito peculiar e depende muito do ponto de vista de cada um. William sempre se destacou como um tira compenetrado e dedicado no serviço, nas caçadas aos criminosos, não dando trégua ao bandido. O trabalho passou a ser uma mão na roda para ele, só assim se podia ver livre da esposa: de dia dormindo, à noite, trabalhando. Sempre com um mal-humor característico da profissão.

Muitas vezes sentia vontade de abandoná-los, a ambos da família. Seu filho, Allan, lhe dá muito desgosto: orapaz não tinha a mínima vocação para o trabalho. e de pouco tempo passou a frequentar a quimbanda. Considerada o lado esquerdo da umbanda, essa religião afro-brasileira trabalha diretamente com as pombagiras e exus, dizem que tem o conhecimento do mundo astral e da magia negra. As suas entidades vibram nas matas, cemitérios e encruzilhadas. Conhecidos como povo da rua, abrangem mensageiros e guardiões. O quarto de Allan tinha um reservatório de cachaça, uísque, velas e charutos oferecidos às entidades. Frequentemente se aprofundando para a kiumbanda, religião das kiumbas, espíritos trevosos e maldosos. Os kiumbas são espíritos não batizados, se regozijam com a doença e atrocidades cometidas pelos seres humanos. Influenciam as pessoas ao caos, a cometer suicídio e assassinatos. Quando um kiumba incorpora em um médium, essa pessoa passa a viver deturpações sexuais, vive em doenças e vícios e se torna vítima de suas próprias vaidades. Eles permeiam o umbral, uma espécie de inferno astral.

A primeira vez que o garoto frequentou o terreiro, um kiumba se manifestou nele, atraído por sua similaridade maldosa. O garoto fazia esgares horríveis, rosnou, babou e comeu carne crua no terreiro. Tinha os olhos estalados, fumava desesperadamente, promovia a discórdia no local. Allan já presenciou sacrifício animal, e após dois anos de rito, foi o executor do ato. Isso o mudou totalmente, o deixou ainda mais frio e maldoso.

O garoto já teve passagens na polícia por arruaças, danos ao patrimônio público, anarquias e roubo. Ele nunca precisou roubar, apenas fazia por diversão.

William partiu para o serviço. Pegou seu boné, já estava cansado de tudo isso. Ajeitou o revólver e pegou seu cigarro, enquanto já tragava um. Ao entrar no carro, fechou o vidro, pois estava frio lá fora, o vento batia forte em seu pescoço e uma garoa fina escorria pela gola de sua camisa. Nos poucos passos do estacionamento do outro lado da rua ao departamento de polícia, já chegou a encharcar seu sapato. Ao chegar, um belo gole de café bem quente no começo da noite, bateu o cartão de seu turno e se adiantou em fumar mais um cigarro. Seu parceiro, Mathias, fazia uma ronda com ele. Pararam em uma pizzeria para filar uma pizza na faixa, esse era o lado bom de ser polícia. Mathias é um rapaz supersticioso, freqüentador de

uma igreja pouco ortodoxa. Recordou-se de certa vez que incentivou William a acompanhá-lo em um desses cultos.

William é ateu. Ao entrar no templo, notou a modificação na personalidade de Mathias. Estranhou que um policial centrado se deixasse levar por um tipo de coito histérico como este, sem questionar. Como esse cara passou no exame psicológico da polícia e tem porte de arma? Sentia-se ridículo naquele culto neopentecostal. Mas cada um tem sua válvula de escape. Assim como a dele eram os prostíbulos.

Logo no estacionamento ouvia tremores, parecia o início de um terremoto quando, na verdade, era apenas a causa de 5.000 pessoas reunidas louvando ao Deus de Israel e batendo o pé com força, imaginando estar pisando na cabeça do diabo. E quanto ao pastor orando, aquilo causava dor de cabeça, pois ele não falava, e sim berrava. Pregava a enganação de sua igreja. Ora, o templo é um lugar próprio para orar, entrar em sintonia com Deus e se purificar. Mas aquele local se encarregava de deixar a pessoa cheia de temores, medo e ansiedade, esperando que tais milagres prometidos se realizassem. Em um local onde pouco se falava de Deus em relação às inúmeras vezes que pronunciavam o nome do diabo, sempre o expulsando.

Já passavam das 3:00 da manhã, voltando de seus devaneios, faziam ronda pela Nelson Dávila e Vilaça, rua das prostitutas, travestis e traficantes de drogas. Diferente da Praça Afonso Pena, que tinha um ponto de prostituição à plena luz do dia, onde senhoras disputavam ponto com jovens, em busca de clientes, enquanto as pessoas na periferia da praça transitavam, indo e vindo do serviço, da escola. No começo da noite, os marginais caminhavam livremente pela rua. Foi quando receberam um chamado no Instituto Médico Legal.

O corpo estava conservado na gaveta da geladeira de armazenar defuntos. Horas depois, o cadáver foi reconhecido. Estava retornando do estado de rigor mortis. A senhora pesarosa se debruçou sobre o que restou da sua criança. Um terror inconcebível estampado em sua face sexagenária e triste, uma mulher que conviveu com a serenidade de sua labuta. Enterrar a própria filha, em um fim tão abrupto e terrível. Não podia conter seus sentidos, a sua emoção, tamanha tristeza ao ver o corpo da ninfa que saiu para ir à casa de uma amiga e não mais voltou. Patrícia tinha 24 anos, olhos e cabelos claros. Morta por duas perfurações no pescoço. Sangue perdido, ferimento na veia jugular. Estudante da universidade de direito, Campus Centro. tinha sido retalhada.

Um velho de terno e gravata chamado Gilberto, era um perito em casos que envolviam serial killer. Aquele era o terceiro caso semelhante, todos ocorridos no Vale do Paraíba. As vítimas eram prostitutas de luxo. O tipo de notícias que não se via na televisão regional, comprada pelo governo, que só exibia em sua maioria matérias frias de pessoas comprando no shopping, agendas culturais, entre outros.

Gilberto se fazia notar pelo óculos de armação grande. Entrou na sala da delegacia com novidades.

– Tenho comigo o resultado da biópsia.

Gil colocou a bolsa de documentos sobre a mesa, pegou a pasta dela e leu a biópsia de Patrícia Mello.

“A garota foi morta por duas perfurações na região do pescoço, atingindo a veia jugular. Encontrada pelos policiais Mathias e William no período noturno, por volta das três da madrugada, na Avenida Nelson Davila. O corpo estava nu e o sangue foi todo extraído da garota, que foi violentada antes da morte. Porém, não há hematomas ou arranhões. Não há lesão corporal, o que acusa o estupro é a quantidade de uma droga via nasal que estava no organismo dela. A substância foi coletada para reconhecimento, o que prova que a garota estava impossibilitada de se defender. Testemunhas afirmam que Patrícia não era viciada em drogas. Foi coletado o esperma do assassino, um fio de cabelo no corpo da garota e pelos das zonas pubianas, encontrados na vagina. Não há digitais. Ela foi morta em outro lugar e jogada na rua das prostitutas por algum motivo. Algum recado que ele quis dar. E antes que me perguntem, a câmera de vigilância da avenida está desativada. Estamos procurando imagens de comércios locais.”

William se dirigiu a Mathias.

– Este é o vampiro mais humano que já conheci.

Gilberto tinha ainda algumas considerações:

“O psicopata acredita ser um vampiro, como tal ele se refugia durante o dia e perambula pela noite. Certo tempo investiguei a legião de salvadores do mundo. Todos seguidores de Wlad Hacamia. O líder não passava de um charlatão que aliciava pré-adolescentes, prometendo imortalidade e poder. Em troca, bebia o sangue do pescoço desses jovens, utilizando estiletos ou próteses de dente de vampiro. O líder pegou apenas dois anos de cadeia em regime aberto. Jovens são tolos e caem mais fácil, querem fazer parte de algo, de um grupo.”

William teceu um comentário:

– Gostava muito dos filmes de Bela Lugosi e Christopher Lee, Nosferatu. Até mesmo li o livro de Bram Stoker. Mas isso é uma palhaçada. Inclusive, Bela Lugosi acabou enlouquecendo, dormia em um caixão no final de sua vida.

– É bem verdade que a falência o levou à ruína mental – concluiu Gil. – Bem mais que a crença em ter se tornado um personagem de Bram Stoker. O que não tem nada a ver com esse caso. Tudo indica que o autor seja um mauricinho da classe média, que teve tudo na mão e agora resolveu adorar Satã através de uma de suas vertentes.

– A pobreza é a falta de fé, Senhor Jesus ampara a todos que o temem e o amam – concluiu Mathias, ignorado por sua visão evangélica limitada.

No dia seguinte, tinham encontrado um sujeito. Gil observava em silêncio enquanto William e Mathias usavam o conhecido método de persuasão policial, tradição desde a ditadura Vargas. Wemerson era um ajudante de pedreiro aficcionado por Patrícia, a garota encontrada morta na rua das putas. O seu álibi é fraco, dizia estar dormindo na hora do crime, vivendo em um quartinho de pensão no centro da cidade. William sabia que ele não era o criminoso, tinha mãos calejadas e pés rachados, a pele castigada pelo sol, cabelos sujos e encaracolados. Não tinha o perfil de quem tomava sangue humano, ou praticaria feitiçaria e cortes simétricos na garota. Os argumentos não corroboram a imagem feita por testemunhas sobre o rapaz, ele jamais seduziria nem uma galinha morta com silogismos previsíveis e sem profundidade, como coisas que ele dizia. Desprovido de cultura. O interrogatório improvisado seria, então, somente uma forma de mascarar a situação e dizer que a polícia estava fazendo algo em sua incompetência.

William guardava um segredo em relação ao caso. Todas as três vítimas eram conhecidas dele. Já tinha feito programa com cada uma delas. E no caso da última vítima, teve um caso rápido com essa estudante. Isso não era nada demais, já que ele tinha varrido metade das zonas de prostituição da cidade.

Começava a se preocupar com uma garota em especial. Aquela, da qual ele se apaixonou. Lilian veio para acrescentar a ele tudo o que lhe faltava em seu casamento. Logo, por contato telefônico, ele sabia que ela seria diferente. Tinha uma voz meio infantil e delicada. No fundo, mais importante que o sexo, o que William sentia era uma extrema carência. Já não dormia mais na mesma cama que a esposa. Agora, ficavam em quartos separados. Não suportava olhar para aquela vaca imunda, que urinava e defecava de porta aberta no banheiro, e o mijo jorrava feito o animal que a classificava. Lilian era bela, cheirosa. Tinha uma tatuagem na coxa esquerda, abaixo do glúteo, a palavra “good”, e na coxa direita “girl.

– Você é tímido? – disse Lilian.

Na verdade, estava apenas relaxado. Acostumado em demasia com determinada ocasião. Ela gostava de ficar de quatro, e massageava sua vagina o tempo todo, gostava de se masturbar. Elogiava o seu membro grande e rijo. Seu coração batia mais forte quando recebia um whatsapp dela. Às vezes, mandava mensagens apaixonadas pela madrugada. Sabia que não devia se apaixonar por uma garota de programa. Viu casos terríveis, como o de uma ex-garota de programa que esquartejou o marido. Sabia que não eram, em geral, confiáveis, mas seria a sua mulher, melhor do que ela? Foi além dos encontros no prostíbulo, iam ao cinema como um casal de namorados. Certa vez, deu a ela um camafeu com fotos 3x4 dos dois, que tiraram em uma máquina instantânea em um shopping.

Ela contou histórias de sua família. Sua mãe morreu assassinada quando ela era criança, vítima de um homem ciumento. O irmão teve também um fim trágico, por entrar no mundo do crime. Encontrou o prostíbulo através de um ex-marido que praticava com frequência o ménage à trois, contratando putas para isso, além de frequentar casas de swing. Estava desculpada, criança. Era, ainda assim, mais pura que muita mulher na rua, hipócrita e moralista.

Sempre foi metódico em relação a seus casos extraconjugais, mas começou a ficar descuidado. Já não mais se preocupava em deletar mensagens de celular ou de tirar o cheiro do perfume dela. O que sua mulher podia fazer? Chumbo trocado. Já não se importava se ela o traísse. Separar dele, traria dor de cabeça, mas fazer o quê? Talvez trouxesse a sonhada liberdade.

Sabia que, no fundo, ele amava Lilian, e ela, o seu dinheiro. Estava com dificuldades financeiras, não conseguia ir visitá-la com a frequência desejada e necessária. Os valores eram exorbitantes, e meia hora já não mais o satisfazia. Precisava se aconchegar no colo dela, que sempre o atendia nua. Não procurava mais outras putas, não podia perder a oportunidade de vê-la. O pouco que sabia é que ela era modelo fotográfica. É claro que ela gostava dele, era bem apessoado e a tratava com carinho. Mas a verdade é que a vida dela sempre foi um mistério, diferente dele, que desde o primeiro encontro escancarou a sua vida feito um livro aberto.

O sexo oral passou a ser desprotegido dos dois lados. Às vezes, perdia meia hora em seus lábios vaginais, apenas dando a ela o prazer. De repente, ela sumiu de sua vida. Não atendia o celular, não estava no site. Começou a se preocupar.

A noite estava chuvosa. William e seu parceiro atendiam a um chamado. O corpo de uma mulher em um beco perto da rua das putas. As câmeras de segurança só conseguiram imagens do carro de uma pessoa que jogou o corpo da garota. Quando descobriu o seu rosto, não podia crer, a pobre criança estava ali, era Naimi, seu nome fictício, Lilian. Sentiu desfalecer naquele momento. Ele a tocou e a pegou em seu peito, se encheu de sangue e chorou. “Meu amor!”. Tirou o cabelo da face dela e a beijou no lábio frio. O seu mundo desabou de vez naquele momento. O Camafeu estava no pescoço da garota. Ele abriu e olhou para a foto dos dois, estavam sorrindo. Deu um grito de agonia. Foi quando o seu parceiro Mathias tomou um tiro na cabeça, libertando o seu cérebro perturbado da prisão que o impedia de sair, se não fisicamente, mas fluidamente.

Ele largou a sua amada e, em fúria, perseguiu aquele vulto, que embrenhou-se em um beco. O fitava cara a cara, tinha um revólver na mão.

– Allan. Você...

– O que vai fazer agora? Eliminar a sua prole e assim se livrar de suas responsabilidades parapoder gastar todo o seu dinheiro com putas?!

– Você matou Lilian! – Tinha os olhos lacrimejantes. – Matou todas aquelas garotas!

– Mamãe e eu não precisamos de você. Acha que não sabíamos sobre sua infidelidade conjugal? Na sua arrogância, cria que feria sua esposa com suas demonstrações primárias de masculinidade. Na verdade, ela estava se fodendo para o sexo tanto quanto você para seus filhos. No terreiro do pai Ogós, tive a revelação do que eu seria e de qual entidade eu personificaria para levar você ao caos.

– Sempre soube que não tinha caráter. Mas nunca imaginei que desceria tão baixo.

– Não foi difícil levá-lo ao caos, sua vida já é uma confusão descendente. Meu guia Azmabad, o demônio sugador de sangue dos desertos da Costa do Marfim, me instruiu que seria fácil ludibriá-lo. Policial incompetente, quanto a pai ou marido, você sempre foi!

William tomou a arma do garoto quando ele tentou atirar. Tirou as balas do canhão, em seguida, chutou o garoto para uma área descoberta, torceu o seu braço para trás e o fez se curvar ao chão, embaixo da chuva. Fechou o punho e o esmurrou por várias vezes, quebrando o nariz do seu filho. O sangue que escorria em abundância era lavado pela água da chuva. O garoto sorria sarcástico pelos dentes avermelhados. O som das viaturas se aproximavam. William titubeou por um instante. Era um policial implacável na perseguição dos bandidos. Olhou para aquele monstro que ele criou. Nem sempre foi assim, ele errou com o menino. Era dócil, amante dos animais. Muito antes de se distanciar do mundo e das pessoas. Tudo começou naquele mundo cibernético, quando trocou as pessoas pelas máquinas. Deveria ter interferido naquele comportamento doentio, sempre paralisado em frente ao computador. Ou ter dado uma boa surra quando começou a ouvir aquelas músicas satânicas e proferir levandades. Sim, tinha boa parcela de culpa, embora o jovem fosse de maior e respondesse por seus atos. Solto o garoto, que saiu correndo, impune a seus atos. Nunca deixaria um bandido escapar, mas aquele era o seu garoto, por mais que o odiasse, não podia incriminá-lo e entregá-lo à polícia.

Ele seria preso futuramente por outros crimes, sim, outras pessoas pagariam por aquela mente insana e por sua fraqueza. Talvez mulheres fossem aprisionadas para seu prazer. O certo seria prendê-lo naquele momento. Mas ele não podia fazê-lo, não queria nem mesmo viver, não mais sem Lilian...

Como um bêbado que tem consciência parcial sobre o que estava acontecendo, sentiu a gelada algema em seu punho, e a bota policial em suas costas quando beijou o asfalto molhado e sentiu a água da chuva escorrendo em seus lábios. Sim, todas as putas eram conhecidas dele, mas Lilian apresentou todas as provas contra o sádico estuprador e assassino. As câmeras gravaram o carro do policial jogando o

corpo de Lilian. O celular da garota estava repleto de mensagens, algumas até ameaçadoras e muitas apaixonadas, dizendo que não conseguiria viver sem ela, e por que não respondia suas mensagens? Obviamente, deduziram que ela estava fugindo dele. Ele ainda foi capaz de matar seu parceiro com um revólver de barra raspada que tinha suas digitais e estavam ao seu lado. Ele estava repleto do sangue da garota. Pegaria um bom tempo de cana.

O tempo todo o policial atônito apenas balbuciava, enquanto segurava em suas mãos o camafeu retirado do pescoço da garota... Lilian... Lilian... Meu amor!







POÇO PROFANO

A viagem...

APRENDI DESDE PEQUENA a lutar pelos meus objetivos.

Logo me tornei secretária executiva de Felipe Carraro, megaempresário da área petrolífera. Já eu, Keyla Albuquerque, consegui o que tenho devido à paixão, principalmente aquela que causo aos outros. Ele era asqueroso, gordo, baixinho, tinha feições grosseiras. O que poderia unir dois seres tão diferentes? Somente um casamento por interesse. Nos casamos, e ele se mostrou um homem frio, insensível, que só liga para o serviço. Um servo do dinheiro.

Ambos sabíamos que o casamento estava naufragando. Quando a noite se aproximou, Carraro chegou exausto em casa. Achei que ele faria o de sempre, chegaria e se esqueceria até mesmo de me cumprimentar. Mas isto não aconteceu. Ele chegou, tirou o casaco, e quando me viu descer a escadaria, exclamou:

– Olá, Keyla! – Colocou um pouco de whisky em seu copo. – Tenho que admitir que tenho sido um marido ausente.

– Você tem seus compomissos.

– Aluguei um local mágico e indescritível. Encare isso como uma segunda lua de mel. Você poderia se gabar para suas amigas, postando fotos no facebook.

– Sua companhia já me basta. Não preciso de luxos – disse, irônica.

– Pelo contrário, querida. É um lugar rústico ao extremo, na região continental da Patagônia. Uma espécie de mosteiro medieval construído no século XVIII, onde não há formas de comunicação com o mundo exterior. Uma oportunidade única de nos reconciliarmos. A única forma de chegar é de helicóptero. Garcia vai nos levar.

Garcia era meu amante, além de funcionário de Carraro. Ele não é um sujeito espontâneo. Será que desconfia de algo? O fato de trazer meu caso extraconjugal

para a viagem apenas me deixa mais insegura. Após relutância, aceitei a viagem de duas semanas para esta Casa na Colina, afinal de contas, não devia ser tão mau assim. Enquanto fechava os últimos acordos para tirar uma semana de férias, Garcia me pegou de jeito atrás do helicóptero. Aquilo era excitante e perigoso, eu o empurrei, ele me puxou novamente e me largou antes da volta de Carraro.

Patagônia, Argentina

Era um verdadeiro palácio, com um formato único de seis pontas. Seis corredores que levavam a lugar algum, um a cada canto da casa, que era de dois andares e tinha uma torre, além de gárgulas no teto e parapeito. Tudo permanecia intocado há séculos. A atmosfera era mórbida, o melhor refúgio contra os males da modernidade. Keyla estava perplexa.

– A maioria dos maridos levam suas esposas para viagens em Dubai ou Ibiza, e você me traz em um castelo mal-assombrado na Argentina.

– Você precisa aumentar sua bagagem cultural. Pare de reclamar.

Garcia começou a descarregar a bagagem, os mantimentos e galões de água para duas semanas. Tentaram fazer uma ligação em um encanamento que desbocava direto no lago, mas não deu certo, a água empedrava devido ao frio. Só era possível a entrada no local por via aérea, através de helicóptero. Carraro se certificou que o rádio de comunicação estava funcionando. Apenas a fresta da porta iluminou um pouco o terrível lugar. Lustres antigos, espadas na parede, armaduras de soldados e quadros que pareciam nos observar, inclusive o de um senhor descabelado por uma labareda de fogo que saía de um buraco negro, ele tinha um esgar de soberba, enquanto parecia observar a todos. Toda a parede tinha frases escritas em latim, e neste quadro, estava a frase: “Fiat lux” e faça-se a luz! As pinturas quepredominavam no local tinham o estilo de Caravaggio. Pareciam pinturas sacras, só que com uma grande quantidade de demônios sendo combatidos por anjos, imagens de sangue entre outros. O hall era todo em piso cinza, e tinha uma parte de telhado de vidro. No rádio de comunicação, um aviso adesivado:

“Caso aconteça um incidente ou fiquem sem mantimento ou água, liguem para a torre!”

Em seguida, subimos a extensa escadaria toda encarpetada. Do alto havia uma janela com uma vista esplêndida da colina, pássaros nativos sobrevoavam sobre aquele clima gélido. Fiquei impressionada com os corredores que levavam a nenhum lugar. Existem mitos em casas mal-assombradas, de portais que se abrem no fim desses corredores.

Abrimos um vinho do Porto de boa safra. Colocamos a lenha e acendemos a lareira. O silêncio predominava, o fogo iluminava e o vento fazia a janela tremer.

Carraro estava meio estranho. Disse com uma voz cavernosa:

– Pode ouvir o barulho do vento? Parece o açoite de dez mil espíritos desencarnados. O grito de horror de muitas almas e os risos zombeteiros de muitos demônios!”

Carraro tomou tal fascínio pela casa que eu mal o via por todo o dia. Ele se enfiava no porão ou na torre, e lá ficava vislumbrado com as chamadas maravilhas do local. O antes corporativo, integrado no networking de sua empresa, com aqueles papos chatíssimos sobre Just in Time, Fordismo, sistema Chinês escravo de trabalho que pretendia implantar e como dizia ser o maioral, o único bom, o insubstituível, e como peão operário não prestava, era uma raça de safados, e estavam sempre tentando enganá-lo. Agora estava ficando fechado. Mal conversava e aquele dia já estava sendo um horror para mim, mas tal era a repugnância que eu sentia por ele, que não reivindicava nenhum desejo de tê-lo presente. Namorava com Garcia pelos cantos do local. Estava saturada.

Acordei com o barulho de marretadas. Abri uma porta velha já podre e caronchada e entrei em um sombrio e gélido corredor. Havia muitos castiçais com algumas velas já queimadas no canto da parede. O barulho dos passos formava um eco extraordinário. Eu temia que ali houvesse insetos repugnantes. Nem mesmo o meu suéter reforçado me impedia de tremer de frio. O extenso corredor era todo fechado, mas uma corrente de ar inexplicável quebrava ali. E o som das marretadas ficava mais forte, quanto mais me aproximava. Carraro disse que lendas locais informavam ser aquele lugar, a entrada para o inferno, e por isso, foi lacrado. Devido a um poço que levava a uma outra dimensão. Nunca sua profundidade foi mensurada de fato. O que me deixa curiosa é porque não está lacrado essa entrada. Que terrores ocultos devem estar sobre suas trevas.

Carraro alegava ter encontrado uma parede falsa, com as mãos ele retirava os tijolos soltos. Tinha uma antecâmara com um livro em cima de um pedestal. O artefato aparentava ter umas mil páginas, uma obra carcomida pela ação do tempo. Páginas amareladas e desfazendo, com o desenho de um pentagrama na capa marrom, encadernação dura. Estava todo escrito em latim arcaico.

Ele se ausentou na torre, e passava noite e dia absorvido pelas páginas daquele livro. Dedicou-se de corpo e alma na tradução do compêndio. Carraro desceu a escada, estava sombrio e taciturno. Embaixo do braço ele levava o inseparável artefato macabro. Não sei como suportaria esse inferno de gelo se não tivesse um homem de verdade, como Garcia, para me amparar.

Eu me sentei em frente à lareira. Carraro abriu o livro e sentou-se em uma cadeira distante de mim. O fogo da lareira iluminava o seu rosto.

Ele abraçava o livro em suas mãos como se segurasse um precioso tesouro.

– Isto é muito mais que um castelo. – Ele levantou e começou a rodopiar, olhando para o teto. – “Isto é a criação de um grande gênio matemático e ocultista chamado Nosbor Sbortel”.

Ele começou a relatar a terrível história daquela casa:

“Yuri foi uma criança reprimida por seus pais, fervorosos religiosos. O fervor doentio dos pais o fez tomar aversão pela religião. Ele começou a estudar a ciência secreta do Ocultismo. Considerado bruxo, foi expulso de sua terra natal, e vagou sem rumo, por um bom tempo, até parar no alto desta colina. Sempre em busca de divindades femininas, preferencialmente. Naquele tempo havia uma ponte natural de gelo que ligava o local ao resto do mundo. Yuri começou a invocar os deuses do mal, e aos poucos foi ganhando discípulos para a sua tarefa maléfica. Ele e outros 33 homens se dedicaram à construção da casa, que era um pentagrama gigante para atrair demônios. O sexto corredor é desmembrado da mansão, que formou cinco pontas. Ele decorou a casa com toda a sorte de culturas ocultistas, e fizeram um poço, o qual os ligaria direto com o inferno.

Yuri era considerado o próprio demônio encarnado devido à sua inteligência e maldade. Os sacrifícios passaram a ser diários. As vítimas preferidas eram mulheres virgens e crianças puras. Eles amarravam as vítimas nas correntes, totalmente nuas, e faziam rasgos no pulso do sacrifício, e, em seguida, jogavam o corpo no buraco negro para ser consumido pelos demônios. O fato era que as criaturas habitavam os cadáveres que sempre voltavam do poço.”

Este ritual macabro durou décadas.

Monges guerreiros interviram nisto, que era considerado blasfêmia e heresia contra Deus e a vida. Entraram no local em uma guerra santa.

Os sacerdotes dominaram o local e baniram a entrada do inferno, lacrando a porta e enchendo o local profano de orações. O mal cessou, ao menos adormeceu. Mas eles estavam atentos para o dia em que o mal reivindicaria posse. Encheram o local de bombas, inclusive sobre a ponte de gelo.

Os sacerdotes explodiram a bomba, que fez desintegrar a ponte natural de gelo para que ninguém mais pudesse entrar ali. E assim está a casa, deserta há cerca de uns 400 a 600 anos.

No instante em que Carraro pronunciou esta história alabareda da lareira se agitou, e uma chama de fogo se expandiu por alguns segundos, me assustando. O fogo se agitou, como se um vento açoitasse a labareda. Eu berrei:

– Pare de pronunciar estas palavras!

Ele me disse que muitas pessoas morreram tentando chegar ao castelo. Alpinistas congelaram e caíram desfiladeiro abaixo. É impossível ter acesso sem o uso do helicóptero!

Ele virou-se para dormir. Disse, meio que dormindo, que ouvia sussurros, e com o tempo passou a compreender o que diziam: não era uma voz humana. Era metálico e sem sentimento. Algo que não cessa. Uma voz quemanda cavar! O tempo estava ruim. Não havia comunicação com o rádio. Acordei e ele já não mais estava ao meu lado. Continuava a cavar, totalmente absorvido pelo local. A roupa dele já estava imunda. Eu o observava de longe. Ele não parecia estar sozinho, conversava com alguém.

Eu tinha a convicção de que Carraro estava surtando.

– Você está bebendo demais. – Tirei a garrafa de Whisky dele, me olhava de forma assustadora, estava rouco, debilitado e pouco embriagado.

– Há algo de errado com este lugar – ele sussurrou.

– Temos que ir embora daqui – peguei a mão dele.– Vamos embora!

– Você não entendeu – sussurrou. – Fale baixo! A casa tem ouvidos. Nós nunca vamos sair! Nosbor não quer!

Eu perguntei assustada o que tanto ele cavava?

– Há um cemitério de ocultistas lá embaixo. Eu resgatei o osso deles a mando de Nosbor.

Olhou-me com fúria, seus olhos faiscavam:

– Os habitantes do castelo me fizeram ver a realidade. – Pegou ela pelo cabelo.

– Eles sacrificavam virgens, espero que não se ofendam com essa oferenda. Entregar uma puta para eles.

– Garcia, socorro!

– Seu amante não pode te ajudar, sua vadiazinha dos infernos.

Começou a arrastá-la escada abaixo, foi quando ela viu Garcia morto no túnel, com a cabeça esmigalhada por uma marreta, recostado em uma pilastra.

Estava petrificada de terror, caí ao chão sem reflexo nenhum. Sem esperanças, não poderia haver melhor forma de vingança. Ele era rico, podia comprar o Estado, o Governo. Todos são corruptíveis. Uma vingança requintada. Criaria álibis e se safaria facilmente. Me arrastou ao túnel escuro e me jogou no chão.

– Poderia te dar uma morte rápida. Mas não merece tal feito. Irá morrer de inanição, aqui. Terá tempo o suficiente para expiar os seus pecados. Se quiser estender um pouco sua vida, recomendo que se entregue à antropofagia. – Jogou o livro maldito sobre mim. – Entregue-se um pouco à leitura, quem sabe isso te torna menos idiota.

Trancou a porta do túnel, minhas súplicas de nada adiantaram...

Não tenho forças para falar. Mente nublada, estou seca. Sim, ele estava certo, me entreguei à antropofagia. Banqueteei-me de Garcia. Mas quando me entreguei a isso, sua carne já estava degradada e fétida. E logo, foi impossível me aproveitar

daquele cadáver. Não, não existia nojo, tratava-se de sobrevivência. Procurei uma fresta naquele maldito lugar, mas não havia nada. Eu me rastejo com dificuldades, olhos fundos, toda ressecada como um paciente terminal. As sequelas já eram grandes e irreversíveis. O sofrimento me acompanha, já tenho lapsos de memória. A pele se tornou fina, seca, pálida e fria, além de perder a elasticidade. Os ossos já se fazem visíveis e perdi no mínimo, metade de meu peso. Os cabelos estão ressequidos e quebradiços, caindo com frequência cada vez maior. Sinto a boca seca, os olhos não lacrimejam, as batidas de coração cada vez mais fracas. Meus órgãos e musculatura estão entrando em falência. Procurei a morte mais rápida, mas não existia um só instrumento para me matar naquele lugar.

Já não respondo pelo lugar que me cerca. Às vezes me esqueço de onde estou. Perco a noção de tempo e espaço, enfim, há uma esperança, rastejo, sempre na mesma direção, aquele corredor não mais me assusta. Eu o atravessei, ralando o resto de meu frágil corpo, e dentro do poço, eu cavei a minha própria cova. Caí no buraco onde me sinto desfalecer, no poço. Agonizo, o ar me falta. A visão fica turva. O corpo cai. Em meus suspiros finais, eu amaldiçoo Carraro, vendo a minha alma para o diabo. Pode ser alucinação, mas de fora do poço, estou vendo Nosbor, sim, o reconhecimento da pintura do livro... É um ser demoníaco que espregueia, zombeteiro, e estou morrendo, fraco...

Pensamentos de Carraro

Uma chuva torrencial de pedra, parecia algo sobrenatural. Quando retornei ao helicóptero, fiquei inconsolável: foi destruído completamente pelas pedras de gelo. A hélice estava quebrada. Me vi amaldiçoado a ter um fim terrível feito o de Keyla. Tenho apenas uma pequena reserva de água, 300 ml. e duas barras de cereais. Como fui burro, devia ter levado um kit de sobrevivência, mas a saída furtiva me forçou a isso. E ninguém sabia que estava ali. Imaginei técnicas de sobrevivência. Criar arapucas para atrair animais voadores e rastejantes. Cheguei à beira do precipício, imaginando formas de descer o desfiladeiro, o que foi impossível, morreria de frio em poucos dias. Apenas molhava a boca duas vezes ao dia. Mas no quarto dia, a água já tinha acabado. No primeiro dia, teve uma chuva torrencial, enchi de vasilhames do lado de fora, esperando outra chuva, mas o que se seguiu foi uma seca interminável. Meus lábios já estavam ressecados e não conseguia manter a temperatura normal do meu corpo. A minha briga com Garcia resultou no rádio de comunicação quebrado. Eu já desconfiava dos dois, sim. Embora eu traísse ela toda semana com uma puta diferente, não podia suportar uma traição feminina.

Poucos dias depois, já estava no processo de inanição, comecei a delirar, via sombras espectrais na parede, ouvia batidas, plots. O castelo parecia ter vida própria. Existiria mesmo alguma forma de força ou atividade paranormal no local? Comecei a enxergar o óbvio, senti na pele o que Keyla sentiu, então me bateu aquela curiosidade mórbida de ver o seu cadáver em decomposição. Abri a porta que dava acesso ao túnel e rastejei ao poço. Embora soubesse que era seco, em meus devaneios imaginava se poderia sair água de lá. Quando me aproximei daquela entrada do inferno, a temperatura caiu de forma drástica, batia os dentes de frio. A parede cavernosa parecia ter estufado e trincado. Foi quando uma mão putrefata saiu do poço. Ainda usava a aliança, eu podia reconhecer. Não podia dizer se era o reflexo de uma mente alucinada, mas aquilo era muito real para contradizer isso. Queria pedir desculpas para minha falecida esposa, ninguém devia passar por tamanha tormenta. A imagem de um demônio de cabelos longos, seca, murcha e de olhos faiscantes vermelhos, com garras que vinham em minha direção. Exclamei trêmulo, com minhas últimas forças:

– Keyla!





Quiromania Ninfomaniaca

QUIROMANIA NINFOMANÍACA

COMO DE COSTUME, foi a um quiosque próximo à praia. Pediu uma cerveja, embora detestasse no início, começava agora a apreciar aquele gosto amargoso. Na verdade, não era o gosto, mas a libertação de sua alma angustiada e tímida. Tinha sempre na carteira, preservativo e bala de menta. Estava sempre preparado para o destino, quem sabe o que poderia ocorrer na rua? Foi quando notou uma mulher que o flertava. Trocavam olhares intercalados e, com o canto do olho, sabiam estar sendo observados. Ele sentiu um calor subir, a adrenalina agindo em seu corpo. Sabia que se olhasse muito tempo se tornaria uma mosca de padaria e a mulher desencantaria, elas gostam de homens ágeis, que têm atitude e não perdem tempo.

Ela tinha longos cabelos pretos, de tal forma que não poderiam atingir tal tom se não fosse por alguma tintura, talvez o Black número 1, muito utilizada pelo público gótico no início dos anos 90. Olhos amendoados, lábios carnudos e provocantes. Unhas bem feitas e um belo corpo escultural. O seu vestido preto tinha um corte provocante ao cruzar as pernas. Exibia as suas coxas torneadas, tinha a pele morena. Afrodite. Ela abriu a sua cigarrilha e puxou um cigarro. A verdade é que a própria já incendiava, uma brasa incandescente. Ela soltava a fumaça para cima e ela se dissipava no luar. Tinha um olhar penetrante, dominador.

A sua primeira sensação foi de sorte, a seguinte, um pânico incontável mediante uma madona daquele porte. Estava trêmulo e de mãos geladas. Sentiu o seu membro ereto. Algumas fantasias passaram por sua cabeça. Por fim, após uns dez minutos inquietantes de troca de olhares discretos por parte dele, a mulher levantou-se e partiu. Deixou para trás meia dose de um martíni com uma rodela de limão na borda do copo. Olhou uma última vez para o jovem e saiu, a caminhar. Rodrigo não sabia o que fazer, apenas que não devia ficar plantado ali. Levantou-se e começou a segui-la à distância. Ela olhou para trás e sorriu para ele, tirou o

tamanco e andou descalça sentindo a areia fina da praia. Parou de caminhar e ficou olhando para o mar. As ondas iam e vinham, maré alta. Não teve coragem de tomar uma iniciativa. Feito um cão que corre atrás da roda e fica perdido quando o carro para, ele passou por ela e continuou a caminhar.

– Não vai conversar comigo?

Ele voltou-se a ela, estava perplexo.

– Me desculpe. Tudo bem!

– E essa máquina fotográfica? Você é fotógrafo profissional?

Ela tinha uma voz melodiosa e vagarosa. Um olhar penetrante e dominador.

– Podia tirar umas fotos minhas. O que você acha?

– Eu gostaria, sim. Quando quiser. Aqui na praia mesmo? A iluminação não é muito boa aqui, e iluminação é tudo.

– Não aqui. Na minha casa. Você está de carro?

– Eu não tenho carro, mas estou tirando carta – disse envergonhado. – Eu vim de ônibus.

– Então vem comigo. Vamos no meu carro.

– Tudo bem. Eu... só gostaria de ir no banheiro. É rápido.

– Okay, vai lá.

Ele mentiu. Estava com sua bicicleta 18 marchas. Pediu para o dono do quiosque guardar a bike, que era, para ele, um atestado de pobreza. Constatou que o preservativo que guardava na carteira já tinha se aberto pelo tempo que estava ali. Ela morava em um sobrado na periferia. Mandou ele se sentar e ligou o som, tocava uma espécie de samba-rock. Após quinze minutos de espera, ela apareceu, estava nua. Os seios medianos à mostra. Ela disse, impetuosa:

– Como você quer me fotografar? Com roupa, ou nua.

– Eeu... Acho que nua.

Ela deixou-se mostrar as suas formas perfeitas, tinha o contorno da vagina desenhado em formato triangular devido aos pelos pubianos, o conhecido corte brasileirinha. A vontade era de cruzar com ela, sodomizá-la como um animal. Currá-la em ato libidinoso, embora só imaginasse isso, como seria. Afinal, era apenas um rapaz imaturo e inexperiente.

Ele tentou beijá-la, de forma grosseira e sem sintonia.

– É melhor ir com calma, garoto.

– Eu nem sei o seu nome.

– Eu me chamo Lucilla. Prefiro não saber o nome de meus amantes, mas já que perguntou, e você?

– Eu me chamo Rodrigo.

– Deixe adivinhar... – Sentou de frente para ele, em seu colo, os seios roçando em sua face. – O que um mulherão como eu buscaria em um rapaz inexperiente

como você. Talvez um pouco de explosão juvenil. Eu gosto que me coma com força, entendeu?

– Você é solteira?

– Eu sou casada com um homem vinte anos mais velho que eu. Ele se chama Diego. É um gay, um pederasta. Casamento de aparências, entende?

Rodrigo olhou para a mão dela.

– Por que não usa aliança?

– A água do mar levou. O anel é um símbolo máximo de nossa instituição mais sagrada, o casamento. O mar parece se importar tão pouco com ela quanto nós, ultimamente.

– E se ele me encontrar aqui, o que vai achar?

– Ele está viajando. Mas relaxe. Eu sempre transo com outros homens, ele também. Gosta até mesmo de assistir de vez em quando, e de participar algumas vezes também. Apesar de tudo, ele me ensinou muita coisa. É um perverso.

Ela abriu o zíper e pegou o pênis dele. Abaixou a calça e começou a chupar primeiramente o saco. Ele queria pedir para esperar colocar a camisinha, mas quando notou, ela já tinha engolido o seu pênis. Chupava em um movimento contínuo, sem utilizar as mãos. Em seguida, fez o chamado garganta profunda, engasgou várias vezes propositalmente, em seguida cuspiu no pau dele e manuseava, massageando. O fez chegar ao orgasmo em sua boca. Engoliu o sêmen até a última gota. Logo, ela ficou apática. Contemplou-se em frente ao espelho por minutos, sem pronunciar uma só palavra. Penteava o cabelo vagarosamente.

– Me desculpa ter gozado antes da hora.

– Não se desculpe, eu cheguei exatamente onde queria.

– Eu queria transar.

– Isso fica para uma outra ocasião, acha que o meu boquete não valeu? Agora pode ir embora.

Rodrigo ficou abismado com o comportamento de Lucilla. Mal permitiu que o jovem recuperasse as forças, e tão bruscamente quanto uma mudança de vento, ordenou que ele partisse. Se fosse alguém espiritualizado, acreditaria que ela acabou de desencarnar uma entidade. O rapaz, embora decepcionado, obedeceu prontamente. Como um cãozinho, levantou a calça e perguntou, na porta.

– Posso te ver novamente?

– Restabeleça a energia, não é fácil me conter. Eu te espero no mesmo horário, amanhã.

Fechou a porta. O garoto caminhou feliz pela rua deserta. Embora não tenha tido penetração, estava saciado, satisfeito. Ele não sabia, mas já estava preso na teia da aranha.

Diego era um homem asqueroso. Uma espécie de coletânea dos defeitos de um ser humano, sejam físicos ou morais. Era baixinho e com uma barriga protuberante, sobrancelhas juntas e arqueadas, uma pele escamosa e pouco cabelo encobrindo a sua careca protuberante, que lhe davam um ar cômico, o que é diferente de ser simpático, pois sua pele escamosa o faria, em um pântano escuro, ser confundido com um velho crocodilo doente. Estava o tempo todo no celular. Trazia em mãos uma maleta preta. O homem entrou na casa luxuosa, onde na noite anterior, Rodrigo teve um flerte com Lucilla. O garoto observava de trás de uma moita quando ele estava a entrar pela porta principal. A maleta de Getúlio se abriu, o feixe estava quebrado. Caíram papéis, fitas VHS e DVD's ao chão. Elementos de duas gerações sequenciais. O homem recolheu o conteúdo rapidamente. Enfim, pegou o molho de chaves, o girou na fechadura e entrou.

Lucilla era uma espécie de dominatrix. Getúlio se despiu e deitou na cama. Parecia um porco pronto para ser abatido. O micro pênis não chegava a 3 centímetros, cheio de dobras. Um homem cheio de traumas, feio por natureza, o qual até mesmo sua mãe o achava desprezível. Nunca teve uma mulher que se interessasse por ele, somente teve contato com mulher através de prostitutas. Cheio de doenças crônicas, tomava um coquetel de remédios, entre eles, esteroides e tarja preta. Após uma década de uso exagerado de medicamentos, muito devido a uma hipocondria, ele ficou impotente, disfunção erétil. Ele não conseguia penetrar uma mulher, mas gostava da companhia feminina. Dessa forma, surgiram formas sexuais bizarras em seu relacionamento. Passou a visitar uma única prostituta, ele queria torná-la sua namorada através da frequência. A endeusava, a colocava em um pedestal, embora pouco soubesse sobre o seu passado. Ele tinha dinheiro, fruto de uma herança abastada, e não de sua competência. Acabou comprando permanentemente a companhia de Lucilla através de um casamento civil, só não podia conter a sede insaciável dela. Ela fez esmagamento de suas bolas com sapato de salto alto. Fizeram swing algumas vezes, mas as mulheres não queriam mais trocar os seus maridos por um gordo asqueroso. Tentaram ménage à trois algumas vezes, mas por fim, ele tomou o seu assento, e se tocou de ficar em seu quadrado, em seu galho. Um mero espectador alheio de sua linda esposinha transando com um, dois homens. E ela sentia prazer em ser currada enquanto ele a observava. Diego perguntou:

– Tomou bastante água hoje?

– No mínimo, 2 litros. Vai pro chão, não quero molhar a cama.

Diego deitou no chão e ela ficou nua. Esfregou a xota na cara dele, o sufocando, cobrindo o seu nariz e sua boca. Ele batia na perna dela, pedindo para deixá-lo respirar.

– Quero te chupar inteira. Me deixa lambar o seu sovaco.

Ela virou um tapa brutal, que avermelhou a face dele.

– Pede por favor, gordo nojento!

E então ela o deixou lambar o sovaco e os pés. Em seguida, começou a esmagar o saco dele com o pé.

– Me deixa beber de sua fonte.

Ela começou a urinar no rosto dele, enquanto batia uma siririca. Ele abriu a boca para receber aquela chuva dourada, encheu a boca de mijo e depois cuspiu para cima como um chafariz. Ele passava urina na perna dela e espalhava em sua barriga. Lucilla falou:

– Da próxima vez, vai ser banho marrom e banho romano, vou defecar na sua boca, gordo nojento!

Em seguida, ela passou um lubrificante no dedo indicador e médio e começou a penetrar o homem, enfiando os dedos naquele cu peludo, enquanto chupava o pequeno pinto. Para o grand finale, colocou um strap on, e o resto já se pode imaginar.

Diego vestia um hobby azul aberto, estava de cueca e meias. Era mesmo um sujeito excêntrico. Ele sorvia uma taça de vinho. À sua frente, papelotes de cocaína e uma balança, ele não estava sozinho, enquanto Lucilla estava no banho. As peças não se encaixavam. O homem que fazia companhia tinha cabelos encaracolados, grosseiramente pintados de loiro. Camisa aberta expondo o peito cabeludo, uma corrente do exército o ostentava com um pingente de bala de revólver, além de outros adornos. Alguém que naturalmente se tentava fazer visível, mesmo que as custas de mau gosto. Diego perguntou:

– E a minha esposinha, já está com a xotinha doendo? Eu falo para ela pegar leve. Está com a xota bem aberta.

– Lucilla quer o divórcio. Ela quer ser livre.

– Ela já é livre. – Deu uma risada asquerosa e cheia de pigarros. – Ela dá a buça pra todo mundo, do que está reclamando.

– Do tempo, Diego, ela tem pressa, precisa da grana, e pelo visto você vai demorar para morrer por meios naturais.

– Mas que merda está falando. Eu te deixei agenciar a minha esposa, mas posso te tirar do comando assim que...

Elias alvejou Getúlio sem pestanejar. Deu dois tiros no estômago do homem, que caiu ao chão e começou a rastejar. Urrava de dor. Elias pisou nas costas do homem e o alvejou com um tiro certo na cabeça.

– Malandro que é malandro é assim. Se passam a gente para trás e a gente deixa quieto, vão chamar a gente de vacilão. E ninguém mais respeita.

Elias, esse era o nome do cafona personagem. Diego caiu morto, aquela massa inerte. Uma pessoa gorda como ele deveria ter mais sangue que o normal, ao

menos achou o assassino, ao ver aquela extensa faixa vermelha, ganhando cada vez mais espaço no chão de piso laminado de madeira. Guardou a arma na cintura e partiu em disparada.

No velório, Lucilla não demonstrava sofrimento, estava absorta dentro de si própria. Ela saiu à rua e Rodrigo se encontrou com ela.

– Eu fui ao encontro marcado e não te encontrei. Soube através de uma vizinha que seu marido foi assassinado, e vim ver se está bem. Eu lamento muito!

– Tinha me esquecido de você. Acabou antecedendo um turbilhão de acontecimentos. Ele foi tarde, enfim, estou livre. Eu sou uma garota de programa, ele acabou se apaixonando e se casando comigo. Eu parei de fazer programas por um tempo, mas senti falta da diversidade, tanto de homens quanto mulheres, e de homens realmente potentes. Aquele pinto murcho! Agora não posso sair da cidade. Sou suspeita da morte daquele velho bonachão. Não vai dar em nada, sabe como é o Brasil, se não é pego em flagrante.

– Você mandou matar ele?

Ela olhou perplexa para ele. Tocou o dedo na boca do rapaz.

– Não diga isso a ninguém. Não vai querer a polícia na sua bota.

Ela continuou a caminhar de forma sedutora, mexia os quadris. Talvez de forma inconsciente, como fazem as cascavéis. Em um beco, ela pegou na mão do garoto, tirou um dos seios para fora e permitiu que ela o chupasse. Não era um comportamento próprio de uma viúva que acabara de sair do enterro.

– Vem mamar em mim, vem!

Com o calor do momento, ela o conduziu à sua casa para uma noite carnal, sem se importar com as consequências daquele ato. Aquele seria o grande dia de Rodrigo. Já na cama, ela aninhou-se no peito dele e começou a acariciar a sua face. Ela pegou o pênis adormecido do garoto e o fez crescer na sua mão, desenlaçando os pelos até então intocados, sufocados pelas roupas íntimas. Ela cuspiu no membro do garoto para lubrificá-lo. Era uma cachorra treinada. Os lábios se tocaram. Ardor e paixão.

– Me possua!

O seu convite era irresistível.

– Vá com calma, benzinho. É mais embaixo. Vem, cachorro.

Como legítimo virgem, ele não fez as preliminares, a penetrou de súbito e de forma frenética. Sentiu pela primeira vez o agasalhamento quente. Ele gemia baixo. Nesse instante, todo o medo se afastou. Era apenas instinto. Ele ejaculava em menos de cinco minutos. Estava com uma mulher habilidosa que o fazia parar antes que o líquido seminal eclodisse. Mudou de posição várias vezes.

– Cuidado. Ou a diversão acaba antes do tempo. Me bate.

– O quê?

– Dá um bofete na minha cara.

Quanto mais ele batia, mais ela pedia. A sua pele sedosa estava avermelhada de tantos tapas.

– Toma, vadia! – disse artificialmente, meio a contragosto, mas assumindo outra personalidade, ele adere ao ritual no qual Lucilla é a sacerdotisa.

– Assim você facilita as coisas para mim. São todos iguais.

Ela o mordeu forte, arrancou sangue do seu peito. Por fim, ficou na posição que mais gostava. Por cima. Cavalgando feito uma amazona. Tinha uma fabulosa habilidade. Ela amarrou os pés e mãos do jovem com lençóis. Ainda não tinha chegado ao seu clímax. Faltava o “grand finale”.

– Vou lhe mostrar o que é prazer.

Ela começou a cavalgar no membro do rapaz, a essa altura mais assustado do que interessado no que está por vir. Iniciada, não há como interromper a representação. Até que ponto a mulher que agora o fere e em nada se assemelha a viúva de horas atrás, está ciente que sua interpretação de predadora tornasse desagradável a ele? E ela se importaria com isto?

– Goza!

Aumentou o ritmo. Foi como as ondas do mar, em várias intensidades. Ela enrolou um cachecol no pescoço dele. As roupas de cama ficam manchadas, para que nunca se consiga remover suas marcas. Ele estava exausto. Ela sussurrou:

– Foi bom para você? Deixa o pênis aí, eu ainda não terminei.

Fitou-o em um beijo mortal.

– Você não me deixa escolher.

Lucilla puxou as duas pontas do cachecol, tirando o ar do jovem. Ele foi pego de surpresa. Começou a arroxear. Pés e mãos amarrados. Sem defesa. Ele contorcia o seu corpo feito um salmão tentando fugir do bote fatal. Ela o enforcava com fúria, a feição estava diferente, tomou um aspecto sinistro. Não soltou o cachecol enquanto ele dava o último suspiro, o movimento de vaivém ficava mais frenético. O matava enquanto transava. Estava excitada. Teve múltiplos orgasmos. Somente assim conseguia, perante a morte do parceiro. Ele deu o último suspiro. A aranha envolveu a presa em sua teia, viúva negra, a rainha e o zangão. Em seguida, acendeu um cigarro e aguardou a chegada de Elias, enquanto tinha flashes de seu passado...

A garota tinha por volta de dezessete anos. Vinda de uma família tradicional rural. Pai alcoólatra e repressor, mãe relapsa e hipócrita. Ela não podia ter contato com nenhum homem. Apenas ele. O pai a violentava constantemente, a mãe fingia não ver. Foi quando ela começou a se relacionar às escondidas com um jovem e acabou engravidando, e sim, o filho era daquele jovem, pois seu pai sempre gozava em sua perna, nunca dentro dela. Escondeu a gravidez até onde pôde, apertava a

criança com o cinto, mas houve um momento em que não pôde mais esconder. Saiu de casa escurraçada pelo pai, com uma cinta na mão, tomando tapas, enquanto a mãe rezava a Nossa Senhora, complacente com toda a maldade do homem, e quem seria pior? A mãe complacente, ou o velho tarado. Despeito, ela era propriedade dele e foi maculada por outro homem.

Foi embora para a cidade grande e tornou-se moradora de rua. Passou um bom tempo morando em uma espécie de cracolândia, entre viciados. Começou a fazer programas para sobreviver. Não que ela não pudesse encontrar outra forma, somente uniu dois prazeres, o dinheiro e o sexo. Apesar de ter sido maltratada por seu pai, escondia de si mesmo um fato alarmante: no fundo ela começou a gostar das visitas noturnas, assim como gostava de apanhar. A dor física e o prazer fizeram um elo de ligação em seu eu. Devido às más condições em que ela vivia, a criança foi abortada, expelida em um vaso sanitário. Quando ela olhou para o feto na privada, toda a sua humanidade morreu. Chorou, uma dor lancinante em seu peito. Samuel, se fosse homem, Alice, se fosse mulher. Que razão ela teria para viver com tamanha tragédia? Nasce um monstro. Sentia-se culpada, e essa culpa se arrasta até os dias de hoje. Andava como uma espécie de zumbi na rua, profundo processo depressivo. Estava morrendo e era isso o que queria, morrer. Era currada por malandros, estuprada pelas praças. Fazia programas em troca de moedas, era sodomizada frequentemente. No começo, chorava secretamente. Em frente a um cliente, chorou certa vez. O cliente disse:

– Que engraçado. Nunca vi uma puta chorar. E não é que vocês têm sentimento mesmo.

Foi quando um homem a resgatou do vício. Ele se chamava Elias.

– Eu vou te levar para um lugar onde terá uma casa e boas roupas. Você é uma garota muito linda. Não merece isso aqui.

Ele a levou a um bordel. Quem o comandava era Madame Soraia. Ela circulou a jovem calada. Estava analisando seus dotes.

– Parece que vai sair um bom caldo de canja dessa galinha. Tira a roupa.

Soraia fumava um cigarro com cigarrilha. Apalpou a vagina da garota.

– Até que você ainda está fechadinha. Qual o seu nome?

– Ângela.

– Vejamos, você tem cara de quê? Lucy. Lucilla. Será seu nome de guerra, Lucilla Fox. O sobrenome dá peso à pessoa. Ângela está morta! Você está fazendo programa por qual motivo?

– Prazer!

– Prazer ou dinheiro?

– Tudo é prazer, dinheiro, sexo. Gosto da subversão. Não há lugar melhor para estar. Não tenho nada a perder.

– Eu sou a cafetina daqui. A segurança quem faz é Elias. Não o desrespeite, ele é muito irritável, certa vez retalhou uma puta. Não cruze o caminho dele, é como um vento forte, se você for sábia e se curvar, não se machuca.

Elias se tornou a sua sombra. Ela era o seu marionete, ele a controlava. Em pouco tempo, o boneco queria criar o caos e dominar o ventríloquo. Tornou-se a puta mais cobiçada do bordel. Ela gostava do que fazia. Era ninfomaníaca. Fazia o serviço bem feito. Se pudesse passava o dia inteiro em orgias sexuais. Era como a droga, progressiva. A cada transa tinha que ter mais violência ou ela perdia o tesão. Homens, mulheres, grupal, tudo era permitido. Sessões de sadomasoquismo. Por um tempo se tornou uma dominatrix. Anos mais tarde, conheceu Diego. Um solteirão tarado cheio de perversões. Casou-se com ele após anos de programa, e o trio começou a produzir filmes pornográficos. Ele entrou com o capital e conhecimento para produzir filmes. Elias entrava com o produto, as garotas de madame Soraia.

Rapidamente, Lucilla Fox se tornou a estrela número um dos filmes, despertando a inveja das demais. Entrar nesse mundo é semelhante a vender a alma para o diabo. Não tem volta. Elias mostrou toda a sua agressividade, a ameaça de morte. Ela não tinha mais liberdade. Pegou ódio mortal pelos homens, via em todos o seu pai estuprador. No submundo onde sobrevivia, a morte de um reles mortal é apenas um evento corriqueiro. Trazia consigo marcas de agressões.

Logo, os filmes se tornaram mais violentos. Ela foi currada à força em uma das gravações. Sodomia. Dupla penetração. Sessões sadomasoquistas, humilhação e prazer, êxtase e ira, chuva marrom, banho romano, chuva de prata. Fezes, urina, saliva e sêmen, tudo era bem vindo, tudo era engolido, tudo virava creme para massagear. Toda a nojeira era bem vinda em um ambiente insano de prazer. Todas as fontes foram esgotadas e cada vez mais, ela sentia menos prazer. Só se excitava com o nome, e a dor alheia tinha que ser cada vez mais profunda para lhe fazer alcançar o gozo, cada vez mais raro. O prazer e a sede de vingança se confundiram na cabeça dela. Pegou ódio de Diego. Viviam não só de pornografia, também de tráfico de drogas. Os dois se tornaram os principais inimigos de sua liberdade. Começou a maquinar uma forma de destruí-los.

Certo dia, um cliente passou a espancá-la. Sodomizou-a e depois urinou nela. Quando ele se virou nu, contemplando as indústrias poluidoras da janela suja do segundo andar de um bordel. Ela o empurrou contra a vidraça. A morte foi súbita. Ela teve que sumir por uns tempos e o crime ficou por isso mesmo. Sentiu um intenso prazer. Na sodomia, nas pancadas que tomou, no corpo urinado e principalmente na morte daquele homem. Sentiu uma onda quente percorrer o seu corpo. Posteriormente, se masturbou pensando no cadáver. Teve múltiplos orgasmos. Estava pronta a cadeia de acontecimentos, com a certeza da impunidade.

Ela tinha contas pendentes a pagar com seus pais. Nunca os perdoaria, ser escorraçada feito um cão sarnento, e ainda por cima, grávida. Além de tudo, os culpa pela morte do filho. O destino seria outro se não tivesse morado nas ruas. Com o consentimento de Elias, ela viajou para Lambari, em Minas Gerais. Soube através de um conhecido que encontrou esporadicamente nas ruas, que seu pai estava em estado terminal. Um câncer no pâncreas. O médico já tinha esgotado as possibilidades e o enviou de volta para o velho casarão, onde passaria os últimos dias à base de morfina. Também não estavam em boa condição financeira. Venderam boa parte dos bens para o tratamento da doença e a casa estava no leilão. Lucilla percorreu a velha cidade sem ser reconhecida por ninguém. Entrou na velha casa, roupas esvoaçantes no varal, ventania que antecede a chuva. Uma tempestade bem-vinda para o momento. Ela passou por sua mãe sem dizer uma só palavra, subiu as escadas e fechou a porta do quarto.

O homem estava cadavérico, olhos esbugalhados, cabelo ralo, calvo em boa parte. Pele sem vida e enrugada. Tubo de oxigênio no nariz, cilindro ao lado.

– Oi, papai, feliz em me ver?

Ela pegou na mão dele, sentou na beira da cama.

– Você sabia que isso não ia ficar assim, não é? Sabe o que sou hoje, papai? Sou um eterno vazio, sinto frio, meu coração está empedrado. Sabe papa, foi você quem me fez assim. – Escorregou a mão dele para dentro da calça desabotoada dela. – Lembra dessa bocetinha papa, sinta os pelos enrijecidos. Sei que gostava mais quando era mais novinha. Você gosta de currar garotinhas, não é?

Ela ficou em pé e tirou toda a roupa, ficou nua. O velho olhava atônito, sem forças para sequer pronunciar algo. Ela montou em cima dele e sussurrou em seu ouvido.

– Você sabe que eu vou te matar, não é, papai. – Retirou as mangueiras de oxigênio. Cobriu a face dele com a vagina, deu uma chave de perna e o deixou sufocar aos poucos. – Gosta da minha boceta? Hum, estava com saudades...

Enfim, estava morto.

Quando terminou o serviço, não estava nem feliz e nem triste, apenas absorta em um universo paralelo, sem distinção do certo e errado. A sua mãe já estava no quarto, em seu êxtase. Enquanto matava o pai, nem mesmo notou o rangido da porta velha. Também não houve vergonha por parte de Lucilla, afinal, não era a primeira vez que sua mãe espionava os dois transarem. Sabia que não seria denunciada. A velha a olhou da mesma forma complacente de sempre. Ela nunca foi mal, muito menos seria uma avó. Lucilla não tinha vontade de se vingar dela, afinal, a mais profunda solidão já era um castigo e tanto. O laudo médico seria morte natural. Vestiu a sua roupa e partiu, não houve nenhum diálogo entre as duas, em momento algum. No fundo, a velha sabia ser justo o que estava

ocorrendo, e se sentia um pouco aliviada por se livrar do fardo do doente terminal, antes só que mal acompanhada por um velho que somente a maltratou a vida toda. Foram décadas cortando a unha do pé dele, calçando sua bota, preparando a sua comida, lavando suas roupas sujas e ouvindo os seus insultos, impondo horários para dormir e receber visitas, além de humilhá-la publicamente, não fazendo a mínima questão de esconder que tinha uma infinidade de amantes. As tantas noites que chegou em casa, cheirando a cachaça e sexo e com marcas de chupões no pescoço. Sim, ela serviu ao velho com extrema devoção, e trocou ele por qualquer outra pessoa, se absteve até mesmo de sua única filha para servi-lo...

As putas faziam o seu serviço, Elias vigiava as que ficavam na rua para atrair clientes. Ele era o cafetão e controlava os programas. Sabia quanto elas ganhavam na noite. Também fazia a vigilância. Quando algo dava errado lá dentro, ou o cliente não queria pagar, elas faziam o sinal da persiana. Como havia dado o horário, entrou no recinto. Deparou-se com o jovem Rodrigo morto na cama, nu, sem cor, com uma marca avermelhada no pescoço. Lucilla estava encostada no armário, fumando calmamente um cigarro.

– Mas que merda aconteceu aqui?

– Fala baixo, Elias.— Amassou o cigarro no cinzeiro. – Quer que os vizinhos nos denunciem?

Elias avançou para cima dela, a pegou pelo cabelo e a arrastou para o canto. Colocou o cano no pescoço dela.

– O que você fez, sua puta! Quer sujar o meu negócio? Conta logo o que aconteceu, antes que eu estoure os seus miolos. A gente já está fodido com a morte do Diego, e agora...

Ele a lançou ao chão.

– Esse jovem disse que passava pela rua, teve certa curiosidade e acabou presenciando você matar Diego. Ele pretendia te denunciar. Eu não tive outra escolha a não ser chamá-lo para o sexo. – Ela abriu as pernas, estava sem calcinha, começou a massagear a vagina. – Sabe que não tenho dificuldades para isso. O amarrei e o matei. Fiz isso por você.

Elias fitou o corpo do rapaz. – Você está mentindo de novo, sua vagaba! – Caminhou de um lado ao outro. – Não tem como ser discreto e sair daqui sem chamar a atenção. Vamos picotar o corpo, vou arrumar umas duas malas grandes. Basta pegar as juntas do corpo e ele será destrinchado feito um frango. Merda! Preciso me injetar.

Elias prendeu uma borrachinha no braço e deu pequenos tapas para a veia estufar. Aplicou a seringa na pele cheia de picadas e hematomas arroxeados, seringa usada, sem se preocupar com os riscos de uma doença venérea.

Lucilla ludibriava Elias com facilidade. Com um pano úmido ela limpou digitais por toda a casa. Não que seriam descobertos, ou algum tipo de polícia científica fosse averiguar esse tipo de pista. O mundo ao qual essas pessoas pertencem passam longe da polidez do sistema. Simplesmente, de forma robótica, a dupla replica o que vê e ouve. Estenderam um plástico na sala, desamarraram o cadáver e o puxaram pelo pé. Na queda, a cabeça bateu violentamente no chão. Foi arrastado até o plástico. Elias abriu uma maleta com todo o tipo de ferramentas, começaram a cortá-lo e jogar os membros em sacos pretos. Na sequência, depositaram em duas malas. Deram um chá de sumiço no garoto.

O inspetor Ricardo Cruz estava em um beco, onde encontraram o corpo de um homem com obesidade mórbida. Cruz tem 34 anos e um futuro brilhante na polícia. É verdade que sua carreira veraneio vascaína era bastante promíscua. Aprendeu que para sobreviver às ruas tinha de aceitar propinas e ser corruptível. Essa era a alma do negócio. Policiais com senso de justiça acabavam morrendo na mão dos bandidos ou da própria milícia. Partindo do princípio que um revólver 38 não pode enfrentar uma A.R 15 dos traficantes, fez a sua escolha pelo caminho mais promissor.

Tinha se separado há pouco tempo, mas vez ou outra ia ver o seu guri, do qual não conseguia fingir o mínimo interesse. Ricardo Cruz está longe de ser vítima do mundo, o cotidiano faz germinar nos homens uma ausência de empatia em relação às necessidades alheias, assim comia de graça e visitava a rua dos prazeres constantemente. O seu distintivo o isentava do dever de abrir a carteira. Matava os inimigos e plantava entorpecentes em seus bolsos, culpava o tráfico. Ele dizia que conhecia todos os bandidos da região, do simples ladrão de galinha ao rei do tráfico de entorpecentes. Todos o conheciam como Inspetor Cruz. Não costumava prendê-los, eles se matariam sozinhos. A barbárie é total. Os bandidos nunca acabam, a cada um que morre, nasce três no submundo do crime.

Mais tarde a polícia invadiu a casa de Lucilla e vasculhou tudo. Eles já tinham fugido. Cruz observou a decoração na parede da casa. Tinham espadas chinesas decorativas na parede, em uma escrivaninha a estátua de um dragão alado. Vasculhou armários e gavetas, muita pornografia, inclusive materiais contendo pedofilia. Um VHS em especial chamou a sua atenção. Tinha Lucilla fazendo sexo oral na capa. Ele já tinha visto aquela garota. Guardou o VHS no bolso do casaco.

Seguindo fontes, encontrou o prostíbulo que Lucilla fazia uma performance, usando outro pseudônimo, há aproximadamente 200 km do local do crime.

Dentro do local, muita fumaça. O globo e o laser faziam o clima. Uma música eletrônica envolvia o local. Mulheres desfilavam com notas presas ao sutiã. Foi quando Lucilla apareceu em uma performance no palco. Um pole dance com

Streep. Despia-se enquanto brincava e alisava a barra de ferro. A plateia estava exaltada. Cruz tomava doses cavalares de whisky enquanto a observava. Ao fim da performance, Cruz empurrou todos os homens exaltados por ela, feito cães no cio. Aproximou-se da garota.

– Me concede a honra?

– Eu não faço programa.

Ela estava saindo. Cruz a segurou forte pelo punho.

– Eu não nasci ontem, docinho. Não faz programa ou não trepa com tira?

– Eu escolho as minhas presas.

– Você está envolvida até o pescoço na morte de Diego, é uma foragida. Os envolvidos na investigação não sabem que você faz programa aqui, mas eu te conheço e te observo há um bom tempo. Então, desça do pedestal agora, sua vadia, andorinha do caralho! Eu vi o quão suja você é. Vi seus vídeos. Anal, oral, grupal. O que mais? Você não vale um centavo, mas eu estou louco para dar uma cheirada no seu cangote.

Saíram discretamente da boate. O manobrista trouxe o carro e eles partiram para o motel mais próximo.

– O seu destino está em minhas mãos.

– O que você quer de mim? – Ela o olhava, insinuante.

Essa pergunta ficou sem resposta, apenas um olhar malicioso de Cruz. Entraram no quarto e ele a jogou na cama redonda. O quarto tinha espelho no teto, um vídeo pornô animava o clima. Ele abriu a camisa, dizendo:

– Primeiro eu quero furar o seu couro, depois, algumas explicações.

– Sem beijos, garotão.

– Sem problemas. Por que iria querer beijar uma boca de esgoto?

Ele colocou o revólver em cima do armarinho e baixou a braguilha da calça. A virou de costas e puxou o seu cabelo.

– Aposto que tem grana envolvida, não é, sua vaca?

Lucilla estava furiosa. Não gostava que o parceiro estivesse no controle. Quando um homem a agride, ela sente prazer, sua libido aumenta. Ao mesmo tempo, se sente usada e passa a odiar o macho. Cruz começou a penetrar o ânus dela. Sodomia. Usava de tamanha brutalidade e violência que ela começou a xingar o policial de tudo o que era nome.

– A frente já está muito batida, docinho.

Ele gozou e deu um murro na face dela. Tinham muito em comum. O murro cortou o lábio superior da garota. Ele encostou o revólver no queixo da garota.

– Duvida que eu aperto o gatilho, sua vadia? Abre a boca!

Ele cuspiu dentro da boca dela.

– Engole, anda! Vai me contar tudo o que sabe.

Ele a jogou nua no canto da parede, ela cruzou as pernas, ajeitou o cabelo e falou:

– Cadê o meu dinheiro do programa?

– Dinheiro é o caramba. Quem é o seu comparsa? Fala antes que eu arrebente a sua cara.

Ele começou a puxar o cabelo dela, no que Lucilla disse:

– Elias matou Diego. Disputa de ponto.

– Onde o encontro?

– No hotel Guadalajara.

Cruz vestiu a sua roupa. Em seguida, vasculhou a bolsa dela. Tinha camisinha, caixa de maquiagem, pente e quinhentos reais que ele roubou da bolsa dela.

– Devolve o meu dinheiro.

– Eu não fodo ninguém de graça. – Ele aproximou-se dela, fez com que abrisse a boca apenas para enfiar-lhe uma nota de cinquenta reais dentro. – Isso é para o táxi.

Ele partiu e bateu a porta. Ela berrou:

– Seu corno desgraçado!

Horas depois, Cruz e Ezequiel invadiram o hotel Guadalajara. O local funcionava à meia luz, tinha alguns quadros de extremo mau gosto na parede e vasos bregas de flores artificiais com um cheiro de perfume barato que exalava no ar. As garotas saíam das “kilt shows” e iam para lá fazer programa. Um rapaz estava caído ao chão em um corredor sombrio do hotel degradado. Ele tinha uma seringa dependurada no braço. Não havia banheiro masculino ou feminino. O público misto utilizava um banheiro somente, desnecessário dizer que rolavam orgias. Alguns eventos promoviam swing em dias determinados, algumas mulheres desfilavam com os seios à mostra. Um rapaz estava no canto da parede. Duas nironi o chupavam e se chupavam entre si. Em um quarto com a porta aberta, um velho era sodomizado por uma prostituta com um pênis de borracha, grosso como o canudo de um diploma.

Elias estava no bar do hall do hotel, no meio de duas chilocas. Tomava cerveja no gargalo. Cruz e Ezequiel se aproximaram.

– Você é Elias?

Cruz apontou a arma. Com seu reflexo rápido, Elias virou a mesa em cima dos policiais. A mesa ficou crivada de balas. As putas saíram gritando e correndo. Um dos cacos de garrafa quebrada atingiu o olho de Ezequiel.

– Puta que me pariu!

Elias saiu correndo. Cruz o perseguia. Elias desviava dos transeuntes enquanto Cruz os empurrava. Entraram em um corredor estreito. Tinha roupas

penduradas no varal. Um gato na penumbra foi chutado por Cruz. Deu um tiro sem precisão. Elias invadiu um dos quartos pela janela. Pulou no meio da cama, onde estavam um casal de amantes. Atingiu o telhado e pulou de casa em casa. Do telhado, ganhou as ruas. Cruz ficou emputecido.

Lucilla sentia uma ira tamanha, que estava enlouquecendo. Estava alojada em um motel de beira de estrada, bancada por Elias. Cruz era seu mais novo inimigo. Sua sede de vingança se tornou maior. No entanto, Elias ainda era a prioridade.

– Você é o primeiro.

Olhava-se no espelho. O seu cabelo estava com as raízes sem tintura. As unhas estavam mal cuidadas. Precisava de dinheiro. Começou a lavar o rosto freneticamente. Seus olhos estavam inchados. Tinha nojo de Cruz. Tomou um banho, sentia-se suja. Esfregava a bucha com força até agredir a pele. Esmurrava a parede, estava em histeria. Enrolou-se na toalha e caminhou até o quarto, onde avistou um ser escondido na penumbra.

Elias acendeu um baseado.

– Eu tô na maior larica. Tem algo para comer?

– Pega na geladeira. Merda de baseado. Agora vai ficar fedendo aqui. Isso está corroendo o seu cérebro.

– Está ficando bocuda, chiloca dos caralhos. – Ele a pegou pelo cabelo e a fez ajoelhar. – Foi você que me caguetou, sua vagabunda!

– Você está louco!

Ele a largou. Começou a olhar pela persiana.

– Os caras estão no meu encalço. Estou ferrado. Vou ter que ralar daqui.

Lucilla notou um saco preto no canto do quarto. Na certa, estava cheio de dinheiro sujo.

– Acho que esse é o fim da linha para nós. Te aconselho a sumir daqui também.

Ela acendeu um cigarro.

– Está propondo uma despedida?

– Para de fumar. Odeio mulher que fuma. É como passar a boca em um cinzeiro.

– A diferença é que cinzeiros não são procurados por sujeitos incapazes de manter um relacionamento adulto – disse, petulante.

Elias caminhou com a ginga de malandro, apertou o queixo dela.

– Você não está acreditando nessa parada, não é? Eu nunca vou te deixar em paz, sua puta! Você é minha, já está no cabresto. Se você sumir definitivo, eu coloco a sua cabeça a prêmio. É só até abaixar a poeira.

Ela caminhou de forma erótica. Exalando perfume e baforando a fumaça do cigarro com impulsos de uma locomotiva. O seu instinto de destruição estava a florado. O que a impelia a dois atos. Trepas e matar.

Ele deitou na cama e expôs o mastro para ela. Ela veio engatinhando como uma fera, visivelmente interpretando um papel que já estava farta. Começou a chupá-lo e então o mordeu. Ela começou a cavalgar em cima dele. Se ele não notava que não era por prazer, fez questão de demonstrar no momento. Afinal, por que se preocupar com sentimentos de uma mulher da vida? Sua postura altiva se desfaz como por encanto ao notar que está menstruada. Ele ficou com o membro sujo de sangue.

– Você está menstruada feito uma cadela no cio, devia ter me avisado! Estou fedendo. Puta que o pariu! Vai preparar um banho para mim.

Lucilla obedeceu prontamente, fez uma compressa com gelo para colocar na face.

– Se arroxear, eu te mato, seu puto! – Sussurrou.

Submissamente se calou. Outro traço de sua personalidade incompatível com seu temperamento explosivo. Se Elias não percebeu, também não fez questão de enaltecer. Desde que dirigido à sua pessoa não tivesse semelhante afronta, pouco lhe importava.

Tampou o ralo da banheira, começou a encher com água quente e fria, mornando a água. Jogou uns florais e ligou o motor. Sentou na beira da banheira. Via seu reflexo refletido na água, pensamentos obscuros. Elias era um crápula, mas não tão mau quanto Cruz. Em cima da prateleira tinham xampus, secador de cabelo, kit de banheiro. Ele tentou relaxar, mandou ela se retirar. Momentos depois, abriu os olhos. Lucilla estava à sua frente. Ela tinha uma expressão vitoriosa. Ele disse:

– Perdeu o cu na minha cara.

– Eu sou sua até o dia da sua morte.

– Exato. Mas o fato é que eu vou te enterrar.

Ele deu uma risada debochada, que foi interrompida quando Lucilla jogou o secador de cabelo funcionando dentro da banheira. –Algo até mesmo previsível se Elias não fosse autoconfiante ou um pouco mais esperto.

– Já é hora de celebrar a minha alforria.

A descarga elétrica foi violenta. Ele se debateu e por fim, estava morto. Ela assistiu a tudo com uma calma impassível. Em seguida, abriu o saco preto. Tinha uns vinte mil reais lá dentro. A sensação era de tirar um peso dos ombros. Sentou na borda da banheira e conversou com o cadáver.

– Não sei por que dei toda aquela volta para te foder, Elias. Devia ter feito isso há um bom tempo.

Tirou o ralo da banheira. A água se esvaiu. Com algum esforço, puxou o corpo repulsivo para fora e deixou-o caído no chão do banheiro. Já não se importava com digitais. Ela estava mais do que incriminada. Encheu a banheira novamente e

tomou um banho relaxante, não para se purificar e sim entorpecer mentalmente no seu libidinoso ato, se o simples sexo já não mais a motivava, o fundamento de uma vida supria muito mais. Se não podia ser verdadeira com os outros, que fosse consigo mesma.

Lucilla saiu de seu banho relaxante e olhou para o cadáver de Elias. Deu uma cuspidela que escorreu em sua face. Puxou a cortina do box e o cobriu. Passou um creme no corpo que exalava perfume de jasmim selvagem. Pôs um vestido preto e calçou um sapato de salto alto. Fez um coque no cabelo, o vestido tinha decotes ousados, como tudo em sua vida. Dois pauzinhos prendendo aquela escultura de fios grossos, ao estilo das gueixas.

Jogou todo o dinheiro dentro de sua bolsa preta. Acendeu um cigarro e saiu sem trancar a porta. Pouco importa, saiu a caminhar pela rua. Foi quando notou que um carro a seguia com o farol baixo. Ela apressou o passo, o som alto das ruas dominava o ambiente. O condutor buzina para ela em forma de flerte, alternando farol baixo e alto. Ela parou. Devia ser mais um cliente idiota. Aproximou-se do vidro e deu uma tragada.

– Não estou trabalhando agora, benzinho.

O condutor era Cruz. Apontou o revólver para ela.

– Entra no carro!

Lucilla se viu obrigada a entrar.

– Onde está indo, tão produzida? Qual é a parada. Está querendo me tirar da jogada.

– Você nunca esteve na jogada, Cruz.

Ele saiu da rodovia e entrou em um motel, cujo outdoor mostrava um homem com rabo, e o mesmo atravessava uma mulher, sugerindo uma penetração. Chamava-se Eros. Certamente não passaria em uma inspeção da vigilância sanitária. Entrando no quarto do motel, Cruz trancou a porta, empurrando Lucilla na cama.

– Vai com calma, grandão.

– Sei que não fui delicado da última vez. Passou pomadinha lá? Deve estar doendo ainda, já consegue sentar?

Lucilla levantou a mão para dar um tapa no rosto dele, que a impediu segurando forte seu punho.

– Está me machucando!

Ele a algemou na cama contra a sua vontade. Passou uma fita larga em volta de sua boca. Revirou a sua bolsa e pegou o dinheiro. Colocou nos bolsos da sua jaqueta. Pegou uma toalha do motel.

– Primeiro, vou tomar um banho, pois estou cansado. Depois vou te ranger. Dessa vez, quero a rachadinha. Não sai daí, está bem. Cruz saiu do banheiro apenas

com a toalha enrolada no corpo. Ela o olhava, raivosa. Sentou-se na beira da cama e começou a alisar a perna dela.

– Esse dinheiro era do Elias? Você passou a perna nele? Qual é, o gato comeu a sua língua?

– Você faz perguntas demais. – Jogou o busto para frente, se inclinando o quanto pôde na cama. – Ainda não entendi qual é a sua, Cruz. Fala tanto do dinheiro, e o tem em mãos. Então, por que não pega essa porra e desinfeta daqui, caralho?!

Ele deu risada. Pegou o seu revólver e começou a encostar na pele dela.

– Você fala como um homem. Aço na carne. O dinheiro é parte da diversão. Você é minha bonequinha de luxo. Ou melhor, bonequinha de lixo. É um jogo de perversão. Eu tenho que decidir se trepo com você viva e depois te mato. Ou se te mato e depois trepo.

Ele rasgou a calcinha dela. Em seguida, engatilhou o revólver e começou a penetrá-la com o cano do 38. Surpreendeu-se por sua docilidade, não fosse pela situação, estaria sentindo algum tipo de satisfação. Cada vez em ritmo mais rápido. Se apertasse o gatilho, estouraria ela por dentro. Ainda assim, preferia o frio metal à carne quente e asquerosa do seu agressor. Inimiga da previsibilidade, articulava algo enquanto sofria a violência, que não era a primeira da vida, mas certamente, a mais arriscada. Apesar disso, ela estava excitada, o medo a conduzia.

– Garanto que nunca foi fodida por um 38. Está gostando?

Enfim, deixou o revólver de lado e começou a penetrá-la. Ela começou a mordê-lo impulsivamente. Ele estava no auge do excitamento. Rasgou a blusa dela. O seu membro estava rijo, começou a lambe os seios da garota, soltou as amarras dos pés e das mãos, a virou de bruços e começou a sodomia. Eles se completavam em todo tipo de perversão e canalhice, apesar de estarem em posições antagonistas, como era parecido com Elias. Pensamentos nebulosos e sinistros se apoderaram dela.

– Quero ir por cima!

– O que disse, puta? – Cruz tascou um tapa no rosto dela, o que a fez berrar exaltada, até avermelhar a sua face e estufar as veias de seu pescoço. Parecia uma possessão diabólica.

– Eu quero cavalgar, caralho! – Disse sem medir as palavras. – Solta a algema.

Ela ficou por cima, na conhecida posição apaga vela. Tudo em sua figura parecia sugerir qualquer coisa, menos submissão.

– Vai devagar, vagaba. Senão eu vou gozar.

Ela cavalgava com frenesi.

– Relaxa, Cruz. Não quer sentir prazer?

Ela puxou os pauzinhos que prendiam o seu cabelo. O coque se desfez, as madeixas caíram, cobrindo os seios marcados a dentadas. Deixaram-na como uma entidade nipônica.

– Você é uma vaca metedeira.

– Como se sente, com o pau na carne?

Ela enterrou os dois paus de madeira com toda a força no peito dele, na altura do coração. Ele, de súbito, berrou e a chutou. O coração bombeava o sangue rapidamente. O lençol e ele, tudo ficou vermelho escarlate. Uma poça de sangue havia se formado. Com uma das mãos, tirou os paus, o que foi pior, fez jorrar mais sangue e lambuzou Lucilla. Ele começou a esganá-la, enquanto o sangue vermelho tingia seus punhos. Quando ela sentiu que ia morrer, sem ar e arroxando, ele caiu morto ao seu lado. Ela tateava a poça de sangue e levava as mãos ensanguentadas na face, sentindo-se revigorada. Masturbava-se com uma mão enquanto ainda estava recoberta pelo quente plasma escarlate, como uma deusa da morte hindu, claramente deixando-se dominar por algo que já não parecia sequer humano. Era a representante viva de Cali na terra.

Olhou para o cadáver de Cruz e o chutou:

– Seu puto! Vai comer o cu da sua mãe.

Caminhou até o banheiro, deixando um rastro de sangue para todos os lados. Encheu a banheira, levou a mão à vagina, saiu manchada de sangue. Muita dor, uma enxaqueca forte. Tomou um banho. A água logo se tingiu de vermelho. Sentia que estava perdendo o controle. A vagina doía e sangrava. Em sua loucura, viu o seu pai na beira da banheira.

Sentiu fortes dores abdominais. Era o cano do revólver, tinha perfurado algo por dentro, ela sabia. Depois, caiu ao chão do banheiro e começou a chorar em descompasso. Em seguida, tentou se recompor. Para que fingir que se abalou internamente com todo esse ato. O sangue em sua vagina não estancava. Ela estava com uma hemorragia interna. Uma voz lhe dizia:

“Era um menino, Ângela”

– Eu sei! Samuel, meu filho. Estou indo te encontrar.

Ouviu barulho de choro de bebê.

– A mamãe está indo, querido!

A polícia fez uma invasão no motel. Arrombaram a porta do quarto. Encontraram Cruz morto no chão, de forma não muito honrosa. Muito sangue. Encaminharam-se ao banheiro. A cena que viram era única. Lucilla morta, envolta em uma poça de sangue, já com o semblante sem cor. Tinha os dedos enterrados na vagina manchada de sangue

A ninfomaníaca morreu com uma expressão de angústia, somente expressa por quem vai até os extremos disso que chamamos vida. Pode-se acusá-la de tudo, menos de covardia. Para entrar no mundo, não precisa de esforço mas para deixá-lo, é necessário convicção. Lá estava o corpo, como se quisesse exhibir a todos, que testemunhem a sua dor e suas sensações enquanto viva, numa prova de não aceitação, ao contrário do que propagou durante toda a existência.

Acharam o corpo de Rodrigo, picotado em uma mala, e avisaram a sua avó. As boas novas somente dariam um alívio provisória à velha senhora. A morte de um mortal não exime outro, logo a solidão afloraria e tomaria conta da angustiada alma daquela pobre mortal, condenada ao sofrimento até o pouco tempo de vida que ainda resta.





Refugium Peccatorum

* REFUGIUM PECCATORUM

** Refúgio dos pecadores – Expressão latina.*

RUA BARÃO DA PEDRA NEGRA, centro de Taubaté. Os policiais Levi e Filipe receberam outra tarefa naquela noite. Um senhor havia se suicidado em seu apartamento e não podia ser movido de lá até a chegada da perícia. Parecia apenas mais um caso de suicídio, típico na região.

O quarto estava todo bagunçado, o gato bebia o leite derramado em cima da mesa. O homem estava dependurado com uma corda no pescoço, no meio do escritório. Livros de cabeceira espalhados, como O diário de Anne Frank. Ele vestia uma roupa típica dos judeus prisioneiros de Auschwitz. Um pijama listrado. E havia uma estrela amarela no braço dele. O caso parecia se tratar de mais um assassinato com motivações antissionistas.

– O que acha, Levi? – Perguntou Filipe.

– Esta seria a terceira vítima dele. Mas nas outras duas ele deixou frases na parede, e desta vez não há inscrição alguma.

Levi refletiu um instante e olhou para o teto, dizendo:

– Um cubo é constituído de seis lados, e não quatro.

A inscrição estava no teto, a frase dizia:

“Faço isso para purificar a minha pátria.” Ora esta, aqui não é a Alemanha.

Para Levi, é como se abrisse uma velha ferida. Seu nome foi dado em homenagem aos juízes de Israel. Muitos de seus ancestrais morreram na Segunda guerra mundial. A sua mãe foi uma sobrevivente refugiada no Brasil, quando ainda o Governo Vargas se aliava ideologicamente com o fascismo do Eixo, antes da

entrada do Brasil no conflito. O nazista se preocupa com detalhes, reproduzindo formas de tortura da ISS, a polícia do partido.

– Ele ataca quase que simetricamente.

A ronda acabou. Levi voltou para casa, para a sua mulher e para a sua filha. Precisava relaxar. No outro dia, pela manhã, colocou a sua farda e foi à caixa de correio de sua casa. Havia o desenho de uma suástica nazista no envelope, e a carta dizia:

“Porco Judeu! Acabo de matar mais um imundo representante de sua escória.”

Levi voltou para dentro e arrumou a mala de sua mulher. Ela perguntava o que estava acontecendo, mas ele não dizia, só mandava que entrassem no carro. Enquanto dirigia, explicou:

– Você vai ficar uns tempos na casa de sua mãe, com a pequena Hilde, apenas por questão de segurança.

Já na delegacia, Levi estava enfurecido.

– Ele sabe tudo de minha vida. – Mostrou o bilhete. – Sabe onde eu moro, ele está me perseguindo, o fato...

Ele não completou a frase, não foi preciso. Todos sabiam que o psicopata o estava perseguindo pelo fato de ser judeu. Algo que até o momento, nunca teve importância para sua vida e carreira.

– Quero que investiguem supostas organizações nazistas nos arredores.

– Pode deixar – disse Filipe. – Vou providenciar.

Não demorou a ocorrer o próximo caso. Em uma casa nas proximidades, uma senhora estava em prantos. O jovem estava morto, vestido da mesma forma, um pijama listrado dos campos de concentração. Estava em sua cama com um tiro na nuca. O rapaz era judeu. Chamava-se Ely Naphtali. A perícia confirmou, no exame de balística, que a bala provinha de uma pistola usada na Segunda guerra mundial pelos nazistas. Parabellum modelo 1900. Arma fornecida pela Suíça, sob contrato. Estava escrito a sangue na parede. “Reich”.

Algo em especial chamou a atenção de Levi. Uma pequena boneca que em nada casava com a cena do crime.

– O que houve, Levi?

– Essa boneca é de Hilde, minha filha! Quero proteção policial para minha família. Agora!

– Vamos providenciar isso – disse Filipe. – Estive pesquisando vários sites, inclusive na Deep Web. Assim que bloqueamos um site, eles criam outro. São completamente preconceituosos e antisemitas. Defender a raça pura em um país mestiço como o Brasil. É motivo para piada.

O responsável pelo site nazista era o dono de uma lanchonete com uma suástica na porta, embora camuflada no logotipo do comércio, pouco legível. Havia

uma gangue de carecas skinheads, ninguém foi autuado ou preso. Embora estivessem moralmente em desacordo com conceitos democráticos da sociedade, não estavam cometendo crime, e o Brasil é um país livre. Mas, e o psicopata. Seria um deles?

Já havia acabado o turno, e Levi dormia em sua casa. Quando achou que lá fora estava claro demais, abriu a janela e sentiu as labaredas de fogo. O seu gramado estava em chamas, havia o temível símbolo do nacional socialismo esculpido no fogo e uma única palavra carbonizando o solo: “Reich”.Ele desceu e apagou a labareda. Fez uma varredura e não encontrou nenhum suspeito. Chamou reforço policial. Ele sabia que de caçador, estava passando a ser caça nessa história.

Os policiais interrogaram vários suspeitos. Em uma terra de forte miscigenação, não dá para entender um pensamento nazista.

Levi entrou no banho e refletiu sobre o rodamoinho de violência ancestral que envolvia a sua etnia. Ele não era um historiador e nunca se deu ao trabalho de fazer uma análise crítica. Sentia saudades de sua família. Tinha que capturar esse assassino logo. O que mais o assusta é o fato de que esse sádico pode ser qualquer um. Ele ligou para a sua mulher e sua filha, apenas para saber como estavam. Tinha uma lágrima retida que rolou quando ouviu a voz de Heidi.

-O papai te ama, querida!

O psicopata ligou para a casa de Levi. Não dizia nada, apenas a respiração ofegante. Não havia resposta do outro lado , mas ele não desligou o telefone, como se quisesse ser encontrado. Os policiais detectaram o local do telefonema, era uma residência. Ao chegarem à casa, ela estava aberta. Alguém saiu com pressa dali. A casa era muito limpa e tinha símbolos nazistas por todo o lado. Edições de Mein Kampf, proibido de ser impresso em vários países. Frases de chefes da Gestapo, Himmler estampado pelas paredes e claro, coleções de vinis das obras de Wagner.

Leviencontrou um mapa da cidade, tinha tracejado de caneta amarela todos os contatos judeus que ele pretendia atacar. Pegou uma caneta de seu bolso e, instintivamente, começou a ligar os pontos no mapa, formando o símbolo da suástica nazista.

– O cara é doente!

Uma análise mais crítica a respeito da perseguição ao seu grupo na Europa durante estes dois mil anos, e o porquê dessa loucura os terem perseguido até o novo continente. A América. Talvez o fato de o seu povo ter abandonado a ideia de um pretenso messias que viria para trazer-lhes a terra prometida tenha sido um indício de maturidade frente aos cristãos, que ainda criam de forma tola num salvador que viria dos céus após mil anos. O que, obviamente, não aconteceu. E o fato de não terem aceito tal mito poderia desencadear tal ódio geracional? Como disse o próprio Adolf Hitler em Berlim, 1938. “ Acredito que estou agindo de

acordo com o criador todo poderoso, repelindo os judeus. Estou lutando pela obra de Deus.”

Levi ficou branco de pavor.

– O último ponto. É a casa de minha sogra. Ele está indo atrás de Heidi, minha criança, minha esposa. Mandem um comboio para lá, agora!

– Calma, Levi. Já tem dois policiais fazendo a segurança das duas.

– Dois policiais não podem conter esse sádico!

Três viaturas chegaram ao local. Cercaram a residência. Ao invadirem a casa, não encontraram nada de anormal. Heidi e Laura estavam tomando café da manhã. A garotinha ficou assustada, abraçada à sua mãe. Levi abraçou ambas.

– É um alívio saber que vocês estão bem!

– Vocês irão para a base de proteção de testemunhas – disse o Inspetor Felipe.

– Okay. Mande-as para lá.

– Você também, Levi. É melhor se afastar do caso até isso se acalmar.

– Talvez seja melhor. E a casa do nazista, descobriram a identidade dele?

– Era uma casa fechada pelo locador. Ele provavelmente invadiu o local e montou todo aquele cenário para nos sacanear.

– Okay! – Deu um abraço no companheiro e entrou na viatura.

O Inspetor Felipe começou a assobiar dentro da casa da sogra de Levi. Deu um nó forte no cadarço da botina, se alinhou em frente ao espelho. Olhou pela janela, como quem se prepara para um grande espetáculo. Acendeu um cigarro, tinha uma forma peculiar de fumar. Não tinha nada contra judeus, nem mesmo simpatizava com o nazismo. Tentava punir seus próprios sentimentos profanos, vindo de uma família fervorosamente religiosa, onde a mãe se despia no quarto e aplicava chibatadas, se autopunindo por pensamentos pecaminosos, sem saber que despertava no filho os desejos mais sórdidos. Felipe é um psicopata, metódico e frio. Nada como criar um personagem. Podia matar à vontade, afinal, ele não tinha o perfil que procuravam. O que eles queriam era um careca ou skinhead. A história findaria ali, ele sabia disso. Assim como Jack, o Estripador. Logo criariam um nome para esse fascínora sanguinário, psicopata totalitarista. Era possível até que um louco assumisse os crimes em troca de fama. Seus pensamentos eram breves e irracionais. Tinha um brilho especial no olhar. Só podia matar pessoas que não tinham vínculo com ele, ou facilmente seria pego. Matar Levi, seu parceiro de trabalho, seria um grande desafio.

A pequena Heidi acenou para ele de dentro do carro. Era tão meiga e indefesa. Por que então não sentia empatia pela pequenina? Quando o motorista virou a chave, o carro explodiu de forma avassaladora. Tudo o que viesse depois disso seria anticlímax...





Sinestesia Selenita

SINESTESIA SELENITA

JENNIFFER É UMA JOVEM DE 23 ANOS. Universitária. Trancou a matrícula há uns tempos atrás. Mora sozinha em seu apartamento. Absorvida em misticismo e ciências ocultas, está em estado depressivo, toma muitos calmantes, ficando constantemente dopada.

Chegou a misturar com outros tipos de droga, estava tendo constantes ataques de perseguição, acreditava estar sendo vigiada dia e noite. Certo dia, em meio a uma crise, ela não podia sentir o chão, nem mesmo notar a aproximação dos móveis e da parede. Enxergava tudo turvo, nublado. Esbarrava nos móveis como uma cega, tentando se apoiar em vão na parede. Sentiu enjoo e medo, além de um frio de congelar a espinha. Começou a berrar:

– Quem é você? Me deixe em paz!

Ela tentava fugir deste ser, mal podia distingui-lo. Era como uma sombra demoníaca em seu encalço. Ela tateou o chão, engatinhando até chegar à sacada e fechar o vidro. Mora no décimo terceiro andar do Solare. Com algum esforço, fechou a porta de vidro e observou o grande satélite natural em seu maior esplendor, a lua que tanto a fascinava. Ela a fitava, como que hipnotizada por seu penetrante poder, que influencia até mesmo as ondas do mar. E por que não, poderia alterar o nosso fluxo sanguíneo e biliar?

As pessoas transitavam pelas ruas de São Paulo. No começo da noite, muitos táxis parados à espera de clientes dispostos a dar boas gorjetas. Notícias do terrorismo na televisão e redes sociais. Foi quando um corpo vindo do alto se chocou contra o teto de um táxi que ficou despedaçado. Pessoas aproximaram-se para ver o cadáver, muitos se chocaram. Era o corpo de Jenniffer, tinha batom rebocado no rosto e nos dentes, um sinal de descontrole e demência!

A polícia estava fazendo a perícia no local. O Inspetor Bartolomeu tinha de receber um grande detetive que migrou recentemente de um caso de grande repercussão. A resolução de um caso de um homem psicótico em busca de vingança, que promoveu o caos e o horror entre os hóspedes de uma pensão isolada. O Detetive se chamava David Byrne. Bartolomeu, de cara, não gostou dele. Ele odeia basicamente todos que ameacem a sua posição dentro da polícia, aqueles que tenham um pouco mais de competência. Ele era um funcionário público medíocre e pouco afeito ao esmero no serviço, não precisava de um supervisor vindo de fora para apontar os defeitos que ele mesmo não conseguia ocultar de si. Era, então, um sociopata esperando a primeira oportunidade de demonstrar seu poder ao estrangeiro que acaba de chegar.

David vestia um casaco de couro, o cabelo jogado para trás, um cigarro na boca, e a forma estranha de fumar, entre o dedo mínimo e o anelar. Tem olhos hipnóticos e depressivos, ou seria só o semblante de uma pessoa blasé? Ele é uma lenda viva na alta cúpula paulistana. A sua capacidade intrínseca em resolver casos, seu espírito indomável e impertinente, e sua capacidade acima da média em encontrar rastros e intuir possíveis suspeitos. Um homem incorruptível e conhecido por evitar usar o revólver e a violência, amante das putas, um viciado em xotas com dificuldade em se relacionar com possíveis parceiras. Conseguiu arrancar confissões de vários presos pelo método psicológico. Brutamente choravam e assinavam termos comprometedores. Dois fatos o deixavam chateado. Tinha visitado sua querida e amorosa mãe, que há tempos não o reconhecia. Esporadicamente, ele a visitava em uma clínica especializada, ela o chamava de amigo, nem mesmo se lembrava de que ele era o seu filho.

Como era triste uma pessoa que tanto amava não o reconhecer... Quantas vezes saiu do quarto para chorar, a velha senhora tinha Alzheimer e já estava em um nível avançado, ela não lembrava de engolir o alimento. Isso acabou afetando o seu último relacionamento, embora o que determinasse o fim foi a busca da namorada ciumenta por rastros de infidelidade, acabou descobrindo, através de rastros deixados para trás por um homem metódico no serviço, mas desleixado em seu relacionamento, uma vez que, através de sua busca incessante em sites de acompanhantes, a qual não limpou histórico em seu celular, comprovado por mensagens de texto com putas, as quais de tantos programas, se tornaram íntimas.

A cada novo encontro, uma experiência nova. Algumas putas se apaixonavam, afinal, era um homem de boa aparência. Outras relatavam seus sonhos, uma dizia que queria deixar de fazer programa, pois encontrava conhecidos em churrascarias, shoppings, em todos os lugares, outra tinha sonho de abrir uma loja de roupas, algumas delimitavam um tempo para o fim, muitas se prostituíam na luz do dia e seus companheiros nem mesmo sabiam, outra era uma advogada em busca de

aventura. Ele gostava especialmente das que beijavam na boca, estilo namoradinha, que tinham pele clara e xota rosada. Algumas faziam garganta profunda, outras cuspiam, diziam que ele era bem dotado, mas sabia que era apenas um agrado, já outras diziam que ele beijava bem. Gostava de ir embora sem lavar as mãos, sentir o cheiro da xota era o máximo da luxúria.

O Inspetor veio de encontro a Byrne com uma voz cavernosa e desaprovadora:

– Profundas olheiras! Que má impressão! O que andou fazendo? Andou biscateando de novo?

– Está preocupado por quais buracos estou garimpando, Bartolomeu. Deve ser por não ter uma vida sexual de qualidade com a sua patroa. Essas olheiras são dignas de pessoas que se aventuram e vivem a vida. O Delegado Rodrigues me chamou, sou seu superior agora.

David Byrne viu a vidraça da sacada quebrada, e a altura da sacada. E observou o carro estilhaçado e o cadáver da garota.

– Ouvi dizer que é um maricas, nem arma sabe usar – disse Bartolomeu.

David sacou a arma de Bartolomeu e apontou contra a sua testa. A situação ficou tensa. David começa a murmurar laconicamente enquanto lhe devolvia a arma sem se desculpar.

– Muita coisa mudou desde esses tempos. A minha alma ficou obscura, passei a treinar com armas, nunca mais encostei a cabeça no travesseiro e dormi um sono tranquilo. Desse dia em diante, me tornei menos tolerante, mais sombrio e pessimista. O pior de tudo foi a morte de meu melhor amigo, Moreira. – David jogou o toco do cigarro no chão e pisou em cima. – O câncer o levou deste mundo. Levando em conta esse exemplo, o natural seria largar o vício, mas além do cigarro, adquiri outros, como a solidão. Não tenho nada a perder, Bartolomeu. Não estou mais tão pacífico assim.

David deu as costas a Bartolomeu e caminhou com as mãos para trás, uma imposição forçada de liderança.

Observou cada detalhe, cada móvel. Olhou as fotos na prateleira, eram mórbidas. Jenniffer não parecia ser uma garota feliz e equilibrada. O computador estava ligado, tinha um café frio sobre a mesinha de cabeceira. Entraram no banheiro. No box, estava escrito a batom.

“O mundo paralelo, trevas, maldições. Não há escapatória!”

Byrne estava ao lado de uma assistente da polícia, uma loira chamada Carla. Ela sempre dava umas entradas em David, algum pretenso interesse. Ele havia se habituado ao sexo fácil, não tinha saco para cortejar uma mulher e não estava necessitado, enfim, se fazia de desentendido. Disse:

– Algumas pessoas sonâmbulas têm forte atração pela lua, procure se informar se ela era sonâmbula. E quanto à porta, não há sinais de arrombamento? Nenhum

suspeito?

– Nenhum suspeito por enquanto. Não há vestígios, nem digitais. A porta está intacta, nenhum arrombamento. Tudo está apontado para um possível suicídio. Mas ela não deixou nenhuma carta.

– Tudo indica ser suicídio. A frase na parede, a personalidade da garota, é solitária, jovem, imprudente, impulsiva. Mas gente como nós sempre deve desconfiar da obviedade das situações. Se aceitarmos com facilidade os cenários que se formam diante de nós somente com peças dissonantes, que tipo de detetive seremos?

Carla não gostou da observação.

David recolheu cartas, um diário, encheu a caixa de fotos, recolheu álbuns antigos e lista de telefone de amigos. Chegou à delegacia, era hora de averiguações. Rodrigues serviu-se de um gole de café. Fitava o mural com notícias policiais no jornal: lista de procurados e medalhas de honra e agradecimento.

– Encontramos digitais no telefone e por toda a casa. Todas de Jenniffer. Foi realmente suicídio.

Byrne não gosta de tirar decisões precipitadas, mas neste caso, o suicídio é o mais lógico.

– Eu passei toda a noite folheando estes álbuns. – Jogou os álbuns de fotografia sobre a mesa e acendeu um cigarro. Olhava equitativamente as fotos do homicídio e as fotos passadas. Como em um jogo dos sete erros, estava procurando alguma evidência. Um móvel atravessado, um souvenir fora de lugar, uma suposta testemunha ou suspeito.

– Como estou vendo – Rodrigues folheou o álbum –, ela teve alguns amigos punks, outros certinhos, e muitos namorados.

– Mas um em questão me chamou a atenção. – Ele mostrou a foto dela, em meio a algumas pessoas, abraçada com um homem no mínimo vinte anos mais velho que ela. A foto estava marcada por David com um círculo vermelho sobre a face do homem.

Ele jogou a lista de telefones sobre a mesa, e também o diário de Jennifer.

– Liguei para todos os conhecidos dela. Não vi grandes suspeitos. Quanto ao diário, é revelador. Mostra uma Jenniffer tola e supersticiosa, dividida entre Deus e o Diabo. Por vezes, se entregou aos rituais sombrios da Goetia. Era sombria ao extremo. O seu diário fala que ela se sente vítima de macumbas e feitiçarias, e que o mal, sempre o diabo, está à sua espreita. Diz que o demônio a quer e tenta dominá-la constantemente, sofre perseguições espirituais. Em suma, uma vítima perfeita para essas igrejas neopentecostais, que surgem como câncer em países latino-americanos e africanos.

– Correto! – Rodrigues sorveu o café. – E quanto a este homem?

– É o reverendo Phibes, o qual ela idolatrou, pois era considerado por ela o detentor da chave do paraíso. Aquele que é ungido por Deus e tem poder divino para livrá-la dos demônios que adquiriu e a molestavam durante a noite. Pelos relatos, ele começou a visitá-la por inúmeras vezes, dizendo exorcizá-la dos maus espíritos. O fato é que essas cartas – Byrne as jogou em cima da mesa – não se tratam de alucinação, são cartas de amor e algumas eróticas, sobre ela e o reverendo. Pelo que consta, ele andou fazendo algumas safadezas com a garota.

– Iremos atrás dele! – Afirmou Rodrigues.

– Mas há algo mais estranho. Olhando as fotos por várias vezes, notei isto. – Mostrou duas fotos, uma recente de Jenniffer agachada em frente à porta. E a outra, depois do suposto suicídio. Ele fez um círculo vermelho em torno das fechaduras. – Algo quase imperceptível, as fechaduras foram trocadas recentemente, era um modelo normal na foto mais antiga, e um modelo tetra, mais reforçado, na foto atual.

– Ela deveria estar com medo de alguém conhecido que tivesse a chave da antiga fechadura!

– Creio que sim! Mas não me admira ter sido apenas neurose, mania de perseguição. Ela parecia estar sofrendo alucinações.

– Vamos falar com o Reverendo. E David soube que teve algumas indisposições com Bartolomeu.

– Ele apenas tem medo de perder seu patético emprego.

A casa do reverendo.

O Reverendo Phibes os atendeu com aparente calma em seu apartamento modesto e apertado, em uma área nobre da Avenida Paulista . Devido à localização, devia pagar uma pequena fortuna para habitar naquele cubículo no centro da metrópole. Quando notou que o assunto se tratava de Jenniffer, começou a suar frio:

– Eu não acredito que ela se matou – disse o reverendo, segurando a cruz prateada no pescoço.

– Nós ainda não sabemos se foi suicídio – complementou Rodrigues.

– Eu disse para ela, quando você coloca a corda no pescoço, não há mais volta. O demônio dá o empurrão!

– Você a exorcizava constantemente – disse Byrne, sarcástico.

– Sim! E vejo que você também precisa, vejo maldade em teu olhar. – Foi o passo em falso que Byrne esperava para intimidar o religioso.

– Estava transando com ela. O que sabe? – Foi direto.

– Eu não... – O reverendo ficou sem respostas.

Sentou-se na cadeira, estava chocado. Era grisalho e tinha feições rústicas, um nariz grande. Nesse momento, seu semblante transpunha uma forçada inocência infantil.

– Jennífer tinha uma fé inconstante. Ela queria ser liberta, a sua fraqueza era o ocultismo. Não vou negar, acabei gostando dela, namoramos às escondidas por uns tempos. Eu a via como uma filha. Mas, de uns meses pra cá, ela me esnobou. Não quis mais me ver, não me disse os motivos. Me admira que ela tenha guardado estas cartas!

– Você tem álibis entre nove e dez da noite de sábado? perguntou Byrne.

– Sim, estava em uma reunião da igreja.

Leblon, Rio de Janeiro – Seis meses depois...

Ingrid é uma jovem de 26 anos de idade. Está sentada na varanda de sua casa, fazendo a unha enquanto ouve rádio. Tem o cabelo claro, fácil de ser tingido, e uma tez de pele muito bonita para alguém de sua profissão. Conheceu Marcello, seu noivo, de forma bem inusitada. Ele era médico no Hospital Municipal e ela, enfermeira. No meio de tanto suplício, surgiu o amor deles.

Marcello Serrano atualmente trabalha em uma clínica hospitalar no Rio de Janeiro. Em breve, será transferido para Belo Horizonte. Ainda não encontrou uma residência que aprovasse próximo ao hospital. Ele tem 32 anos, é moreno alto e tem um formato de rosto único, um queixo longo e rosto expressivo. Como se não tivesse que lidar com cargas emocionais tão extremas diariamente.

Ingrid já se acostumou com a rotina de um médico, ele precisa sair no meio da noite quando o bip toca. São ossos do ofício.

Ele chegou do serviço, roupa branca, maleta de médico. A beijou nos lábios e entraram, ele tinha boas novas.

– Encontrei um ótimo lugar para morarmos, querida! – disse Marcello.

– Que bom! – Ela exclamou com falsa alegria.

– É um apartamento no centro de São Paulo. Você vai adorar!

– Apartamento! Preferia uma casa.

– Você logo vai se adaptar. E não há mais tempo para procurar. O apartamento oferece extrema segurança e fica na Avenida Paulista, dá acesso a toda a cidade através do metrô. O prazo acaba quarta-feira. Não há mais tempo para procuras.

– Sim! É claro! Estou sendo uma tola, não é mesmo.

Ela serviu o café para Marcello, ele estava eufórico, embora notasse que a esposa estava meio entristecida de deixar o Rio de Janeiro para viver um sonho que não era dela, uma das grandes causas de separações, cada um com suas ambições, e impedindo os sonhos alheios. Observava a maresia da praia da janela de sua casa,

na rua Delfim Moreira. Pertencia à classe média e a casa era herança de sua mãe, valendo, hoje, quatro vezes mais devido à localização. Mas não acabaria um noivado de um ano por uma infantilidade dessas. Afinal de contas, São Paulo era uma grande metrópole, com muitas oportunidades profissionais. Podia ser um bom golpe do destino. E estava há apenas uma hora e meia da praia e do campo, se assim desejasse.

Terça-feira de manhã aprontaram as malas e as colocaram no carro. Ela teve de deixar o seu cão para trás. Um dos vizinhos cuidaria dele, ela estava com um aperto no coração. Não é permitido animais no apartamento, não era viável ter um Husky Siberiano de porte médio, destruiria todo o local. Conversaram durante a viagem no carro.

– Apartamentos costumam ter vizinhos intrometidos – disse Ingrid.

– Eles saberão o seu lugar. Não seja pessimista, amor – retrucou Marcello. – O apartamento é grande, tem uma bela sacada e uma ótima vista. Esse seu ponto de vista é de alguém que nunca morou em apartamento. Verá que a intromissão é menor do que de moradores residenciais. Ainda mais em São Paulo, todos tem uma rotina corrida, ninguém se importará com a sua vida.

– Em que andar?

– Décimo terceiro andar.

– Eu tenho aerofobia, odeio altura.

– Ingrid – ele tirou uma mão da direção e pôs sobre a coxa dela, retomando um ar mais sério –, você não tem medo de altura, e além de tudo, o preço está quase a metade do valor de mercado.

– Quando algo é barato demais, aí tem. Você averiguou se não há antenas de celular minando o local, ondas radiativas ou coisas do gênero? – Ele riu das bobagens que ela dizia e continuaram a viagem através da Rodovia Dutra.

O apartamento era bonito por fora, tocaram a campainha. Um homem de 51 anos os atendeu. Careca e enrugado. Estatura média. Usava roupa ultrapassada e meio desleixada, era corcunda e manco, parecia mais uma paródia grosseira do quasímodo, que um zelador de respeito.

– Como devo chamá-lo? – Perguntou Marcello.

O velho o fitou por um bom tempo e disse:

– Pela campainha, oras...

– Eu digo... – Marcello riu sem graça. – qual o seu nome?

O velho olhou constrangido para Ingrid que ria descontroladamente, e disse:

– Sou o Senhor Wilson, o zelador do prédio. Vocês são o casal do Rio de Janeiro, não é. Entrem, vamos...

Wilson pegou a chave no painel e subiu as escadas silenciosamente. Ingrid não se conteve em perguntar.

– Não seria melhor o elevador?

– Está quebrado! – Respondeu secamente. Ingrid olhou de forma reprovadora para o noivo.

O apartamento estava com um cheiro de mofo, o casal estava arfante devido aos 13 lances de escada. O zelador explicou:

– O elevador será consertado essa semana. Há mais de seis meses não abrimos o 137.

O zelador abriu as cortinas e a porta da varanda, uma porta de vidro que levava para a sacada, e mostrou os cômodos. Ingrid foi à sacada, e deu o primeiro comentário positivo.

– A vista dos arranha-céus é esplêndida! Embora ainda prefira a visão da praia.

Marcello fechou contrato. Naquela mesma noite, fizeram a mudança e deram uma geral no apartamento. À noite estrearam o quarto com uma transa quente. Após o sexo, ele ficou dormente, como é natural nos homens. Ela começou a cutucá-lo e questionar:

– Por que o local ficou fechado por seis meses? E o valor barato?

– Eu não sei! – disse Marcello, dormente.

Ela sentou na cama. Sempre fica elétrica após uma transa.

– Por que um local praticamente em ponto comercial ficaria fechado por seis meses?

– É tão importante pra você saber?

– É, sim.

Marcello sentou-se na cama, acendeu a luz do abajur.

– Uma garota morreu aqui.

– O quê?! – Ingrid ficou indignada. – E você diz com esta naturalidade!

– Estou falando de uma estranha.

– Por que não me contou? – Ela parecia querer bater nele.

Ele tocou a face dela, tentando acalmá-la, mas ela se fazia distante.

– Ouça. Achei desnecessário lhe contar, só ia lhe assustar. E afinal de contas, quase em toda a casa já morreu alguém, não é verdade?

– Como ela morreu? – ela fitou Marcello, perplexa.

Ele hesitou em responder, sabia que a assustaria.

– Ela... se matou!

– Droga! Uma suicida. Como? Corda, cortou os pulsos?

– Não. Saltou da varanda.

– Como ela se chamava?

– Como eu vou saber?! – Marcello perdeu a paciência. – Às vezes você se torna insuportável.

Ela silenciou-se, mas não pôde dormir. Como ela seria? Ingrid chegou na varanda e observou a altura. Que vertigem, um salto para a morte. Por que escolher a forma mais difícil de se matar? Sentiu ela algum prazer nisto? Ingrid não gostou do apartamento, tinha maus pressentimentos quanto ao lugar. Parecia carregado de uma força sinistra. Ela só tinha um sentimento, medo, muito medo...

Ingrid estava vendo um talk show na TV quando Marcello a convidou para jantar fora. Como ela o conhecia bem, sabia que teria alguma surpresa para ela. A dúvida é, seria agradável ou desagradável? Talvez quisesse preveni-la para uma situação desconfortável. Como o tempo que o primo dele ficou alojado na casa dos pombinhos. O fato é, sorte ou revés? Mas o semblante dele o denunciava. Era uma má notícia. Ele mal tocou no seu prato, e se mostrava distraído ao conversar com ela. O que a fez adiantar o assunto.

– O que o aflinge? -ela perguntou enquanto segurava na mão dele.

Ele olhava as criancinhas brincando no parque improvisado ao lado da praça de alimentação, e disse:

– Por que você foi se apaixonar por um médico? Não somos estáveis. Hoje me deram uma má notícia, vou ter que ficar duas semanas em uma aldeia distante daqui. Volto por uns dias e retorno novamente, dessa vez para ficar 6 meses. Faço parte do programa “Mais Médicos” do governo. A grana é boa. Só estarei de volta no fim de semana. É impossível vir pra casa durante a semana. O local tem difícil acesso.

– Eu não posso ficar sozinha aqui!

– Ao menos em um apartamento você está protegida de bandidos. Em uma casa estaria muito mais exposta.

– Eu não vou suportar.

– É provisório. Estou reivindicando isto!

– Eu também tenho algo a lhe dizer!

– É mesmo?

Ela estava desconcertada. Não sabia se devia dizer. Mas tomou coragem e disse:

– Eu acho que estou grávida!

Ele ficou paralisado, chegou a ficar pálido com a notícia. Não sabia o que dizer.

– Não gostou da surpresa? – ela perguntou.

– É claro que gostei! – Estava meio perdido. – Mas veio em má hora. – Ele pôs as mãos na cabeça. – Isso muda tudo!

– A minha menstruação não vem há um bom tempo. Aí eu fiz o exame de forma discreta. Afinal de contas, podia ser um alarme falso.

– Ingrid – ele a beijou na face –, eu sempre desejei ter um filho, mas esta é uma má hora. Como vou deixá-la sozinha! E se largo o emprego, como vou sustentar

você e a criança?

– Não vamos pensar nisto agora! Afinal de contas, ainda estou no começo da gestação.

Marcello partiu. Ela resolveu ocupar o seu tempo em futilidades. Fez compras na 25 de Março mais para se sentir rodeada por uma multidão que propriamente pelo gosto de consumir. Visitou compulsoriamente o Parque do Ibirapuera e o Museu do Masp, sem se dar conta dos quadros de Renoir e Caravaggio. Se tivesse lhes dado um pouco de atenção, veria as suas neuroses nas obras dos mestres. À noite ia a um teatro e às vezes, ao cinema. A solidão estava batendo forte por ficar sozinha em uma cidade que lhe causava pavor. Ia à locadora constantemente, mais para conversar com os atendentes que trazer blu-rays para casa. Nunca viu tantos filmes e livros que a ajudavam a passar o tempo. Ficava um bom tempo na sacada, vendo o movimento. Mas, estando sozinha na casa, só pensava em uma coisa. O que teria impulsionado aquela moça a dar fim à sua vida.

Sempre foi supersticiosa. Quando o vento batia e fazia a porta ranger e fechar, logo sentia um calafrio, qualquer sombra na noite ou móvel que rangesse, fenômenos naturais explicáveis, à luz de sua percepção tinha algo do sobrenatural. Nem seus anos de enfermagem e aprofundamento técnico no funcionamento do corpo humano diminuíram a sua crença em alma e espíritos. Mais uma das provas que o cérebro não é uma máquina precisa e pragmática. Ela cobria o lençol até a cabeça, mas só nos primeiros dias. Não conseguia dormir direito, começou a tomar alguns calmantes. Aí, então, passou a dormir quase todo o dia. Sempre aguardando o fim de semana chegar, esperava Marcello.

Já na segunda semana da ausência dele, quando chegou no sábado, se assustou com a aparência da noiva.

– O que há contigo, meu amor?

Ele a aninhou em seu peito. Ela começou a chorar, e passou a mão sobre a barriga.

– Eu e ele não podemos ficar aqui, sozinhos. Eu não estou suportando!

– Calma! – Ele a olhou de forma reprovadora. Examinou as pupilas dela. – Está tomando calmantes?!

– Estou muito estressada! O Doutor Julio...

– Não tome mais este tipo de calmantes. Quando for preciso eu ministro o remédio. E a criança? Está bem?

Ele acariciou a barriga dela. Ela respondeu, enquanto ele abria a sua maleta.

Ele tirou a pressão dela e a pulsação. Depois, ministrou uma injeção, a qual ela rejeitou.

– Tenho medo que isso e os calmantes em pílula afetem o bebê.

– Não seja infantil! Isso te fará ficar calma e preservará o nosso filho.

No fim do dia de Domingo, ele ficou na sacada, pensativo. Ela chegou e o abraçou. Ele disse:

– Talvez deva ir com o seu irmão para Londres, enquanto não se estabilizam as coisas.

– De forma alguma! Sabe que eu não iria!

Os dois se mantiveram em profundo silêncio, observando a bela lua que os iluminava.

Marcello passou a ela um calmante mais fraco, Amytril 25 mg, além de tudo é antidepressivo, que não afetaria o bebê. Ela já estava se sentindo um lixo. E realmente, três meses de gravidez foi o bastante para acabar com a sua aparência. Não pela gestação em si, mais pela depressão acentuada nessa fase. Vômitos constantes e enjoos contínuos a faziam ficar sentada direto no chão do banheiro.

Ela teve um pesadelo à noite, estava molhando a cama de suor. Quando acordou de seu inferno, o pior tinha acontecido. Ela estava molhada de sangue, teve uma crise nervosa, berrou e esperneou até a exaustão. Marcello estava ausente. Ligou para o Samu, que chegou uma hora depois. No hospital, o médico tentava ouvir o coração do bebê sem sucesso.

– Ele está bem, doutor? Meu bebê.

– Eu sinto muito em lhe dizer, seu bebê não resistiu.

– Não, não pode ser. Você pode fazer algo, doutor, pode reanimar ele, por favor! Eu matei o meu bebê! O meu bebê!

Ingrid berrava e se sacudia em total histeria, se jogou de cima da maca e começou a berrar no chão. Enfermeiras se uniram para contê-la, aplicaram sedativos e ela acabou expelindo o feto.

Já tinha feito planos, comprado até mesmo o livro de nomes para a criança. Marcello teve a permissão para retornar para casa no meio da semana. Ao chegar, ficou em silêncio, fitando-a no hospital. Ela disse chorosa:

– Eu o matei, Marcello!

– Não diga tolices!

Mais tarde, voltaram para casa. O silêncio era visceral. Marcello não a acusou em momento algum. Estava frio e distante. Durante todo o jantar, não trocaram uma só palavra. Talvez ele se sentisse tão culpado quanto ela. Só ouvia-se o som dos talheres a bater no prato. No dia seguinte, ele tinha que partir. Ministrou um remédio oral para ela:

– Talvez precise de uma ajuda psiquiátrica, querida. O trauma após a perda de um filho na gestação é muito grande. Precisarás de apoio. – Ele deixou o papel embaixo da TV. – Este apoio deveria ser meu. – Sacudiu a cabeça. – Sou o maior responsável pela morte do bebê!

Ele quebrou a taça de vinho que sorvia contra a parede da sala. Depois, pôs as mãos sobre a cabeça.

– Isso mudou tudo!

Na Terça-feira, ela ficou ainda mais alarmada, pois ao chegar no consultório do Ginecologista, Dr. Julio, a secretária deu a triste notícia. Ele morreu na noite anterior. Um infarto do miocárdio. Ele já era um homem velho, 75 anos. Mas a morte de pessoas próximas sempre é um choque. Criou nela uma paranoia conhecida como síndrome da perseguição. A ideia da morte ficou impregnada em sua mente. A morte parecia sondá-la. Três a perturbavam. O filho que perdeu, o médico velho que infartou e a garota que se matou.

Começou a ir em uma clínica psiquiátrica. O psiquiatra era muito bom, mas ela não voltou mais, por um simples motivo: o plano não cobria e a situação financeira decaía. Queria evitar o máximo possível de sair de casa. Estava com a chamada síndrome do pânico. O que acarretava ansiedade e medo da morte. Quando tinha ataques, ficava com a respiração hiperventilada, tinha vertigens e a visão obscurecida.

Ingrid não queria acreditar, não podia crer. Há pouco mais de cinco meses era uma jovem feliz e com problemas triviais. Agora, estava morando em uma cidade desconhecida, solitária. Acabara de perder o filho e estava prestes a perder o marido.

O relacionamento entre ela e Marcello se tornou opaco. Mas ela estava notando uma reaproximação por parte dele. Talvez ela tivesse se distanciado. É comum que mães que perderam os filhos os transformem em querubins, anjinhos da guarda e coisas assim. Não foi diferente com Ingrid. Tinha sonhos nos quais amamentava o garoto, que cintilava uma luz mágica. Às vezes o via como um pequeno querubim. O choro de bebê povoava as suas noites. Ela estava caminhando em um cemitério e o choro vinha de um cesto no chão, mas quando ela se aproximava não havia nada lá, apenas o vazio.

Marcello entrou em seu apartamento, tirou o paletó e guardou a maleta médica. Ao passar pelo corredor, ajeitou o cabelo em frente a um espelho e caminhou, afrouxando a gravata.

– Querida!

Ele acendeu a luz do quarto e viu uma cena no mínimo anormal. Ingrid ninava um bebê de brinquedo, penteava o cabelo da boneca e cantava uma canção de ninar para crianças.

– O que é isto? Ele disse, indignado. O que está fazendo com esta boneca?

Ela pensou um instante.

– Talvez fosse uma menina!– Ela sorriu para ele.

– Está louca! – Ele tomou a boneca da mão dela, e a jogou no chão. – Nosso filho morreu! – Ele começou a sacudi-la, meio para despertá-la. – Morreu! Você entendeu?

– Você não está entendendo, querido – ela o acariciou –, talvez tudo seja um engano. Eu o sinto! Ele ainda está aqui, me chuta!

– É psicológico. Não há nenhuma vida em seu ventre!

– Há sim! – Ela passava a mão na barriga. – Eu o sinto. E meus seios estão cheios de leite. – Ela mostrou os seios, realmente estavam inchados. – E sinto enjoo e desejos.

– Ouça, querida. Sei que passou por momentos delicados. A verdade é que quando se pensa muito em algo, pode apresentar alguns sintomas. Uma pessoa que crê ter certa doença, pode vir a desenvolvê-la por autosugestão, o mesmo ocorre quando uma mulher grávida sente desejos. Se não satisfazê-los, como por exemplo, tem o caso clínico de uma mulher que queria pêra e não foi correspondida, acarretou um sinal dermatológico induzido inconscientemente na pele do bebê. Uma pessoa que crê ser Jesus Cristo, pode receber estigmas. Não há nenhum embrião. Os sintomas podem aparecer, mesmo em uma mulher estéril ou um homem!

Marcello retornou à aldeia Tenondé Porã na zona sul de São Paulo, mesmo com a situação alarmante da esposa. Ingrid ficou à mercê de remédios, estava alterada e solitária. Começou a ler livros sobre abortos espontâneos e gravidez prematura. E depois passou a leituras mais ocultas. Como um livro que fala de Seitas que roubam criancinhas.

Por volta das sete da noite, Ingrid estava no Shopping Ibirapuera, tentando lutar contra a sua síndrome de fobia social. Foi quando começou a se sentir mal. Imediatamente fez o trajeto de volta ao apartamento. Veio se arrastando pela parede. Pessoas passavam felizes, com sacolas. Mal notavam que ela não estava bem. A síndrome do pânico havia aflorado. Sensação é a mesma que antecede ao desmaio. Ela começou a ficar zozza, não sentia o pé firme no chão. Tudo começava a girar e um calor subia para a sua cabeça. Conseguiu entrar no apartamento, estava cambaleante, a visão completamente turva. Uma pessoa parou à sua frente, não podia distinguir quem era, o reconheceu pela voz.

– Algo errado com a senhora?

Ela queria falar. “Me ajude, Senhor Wilson”. Mas não teve forças, logo desmaiou...

Ao acordar, já estava na sua cama. O Senhor Wilson e uma mulher gorda estavam sob vigília. A mulher disse, exaltada:

– Veja, ela acordou!

O Sr. Wilson, com todo aquele jeito estranho, manco e corcunda, se mostrou uma boa pessoa. Embora ela o visse como tudo o que há de mais estranho e anormal em seu pré-conceito. Ele trouxe o café da manhã, almoço e café da tarde. Quando já estava mais forte, ela dispensou o zelador, e o agradeceu com certa fraqueza na fala, um pouco decorrente do uso contínuo de calmantes.

– Obrigado, Sr. Wilson. O senhor foi um anjo pra mim!

– Não fiz mais que minha obrigação Senhorita.

Ele respondeu secamente, como de costume.

Mais tarde ouviu o barulho de passos discretos. Caminhou até a cozinha, sentiu um vulto passar atrás dela, pegou uma faca amolada, ainda estava grogue. Mal tinha força para segurar a sua arma branca. Teria alguém junto a ela? Voltou à sala, puxou o gancho do telefone e, com a pouca energia que tinha, ligou para a polícia.

Correu ao banheiro, cambaleante. O coração parecia querer sair pela boca. Virou duas vezes a chave na porta. Foi quando olhou para o box do banheiro. Nele, estava escrito a batom:

“Você está invadindo o meu lar! Jenniffer.”

Ao ver isto, Ingrid perdeu de vez o sentido, desmaiando no chão do banheiro.

Ingrid despertou em seu quarto. Ouvia pessoas conversarem na sala, levantou e caminhou silenciosa, na ponta dos pés. Era a voz de Marcello, dizendo:

– Ela perdeu o nosso filho há pouco tempo. Foi imprudente, tomou muitos calmantes e coisas do gênero. Acabou abortando. Agora ela está perturbada. Já arrumei psiquiatras, mas ela não para neles.

“Já pensou em interná-la?”

Olhou pela fresta da porta. Tinham dois policiais conversando com Marcello.

“Espero que não seja preciso.”

O outro guarda entrou na conversa.

– Ela disse ao telefone que alguém a perseguia. Escreveu no box. “Está invadindo o meu lar. Jeniffer.” Está com medo de morar aqui, é óbvio. Ela passa por um mau momento e está em uma cidade estranha, morando onde uma garota se suicidou há menos de um ano. Leve ela de volta para a sua cidade natal ou ao menos busque uma frequência maior ao seu lado.

– Não é tão simples assim.

Os policiais foram embora. Ela entrou chorosa na sala.

– Então, eu matei o meu filho.

Ele fez cara de espanto

– Eu saí do programa do governo. Tirei férias. Você precisa de minha companhia.

Ele a abraçou e pediu que fizesse silêncio. Ele ficou com ela, até que adormecesse.

David entrou em um prostíbulo. Chegou ao barmam e pediu uma dose de whisky.

Uma prostituta loira sentou-se ao lado de David Byrne. Ele pediu mais uma dose de whisky, como de costume. Era sempre assim, é preciso pagar algo para alugar prostituta, este é o rito. David estendeu o braço e pediu:

“Veja algo para a garota beber. Certifique-se que seja forte.”

Era a bebida preferida dela, caipirinha de pinga. Forte até mesmo para os padrões daquela mulher calejada na vida. Ele se olhou no espelho do balcão. Já não era o mesmo de antigamente, tinha profundas olheiras e um semblante depressivo. Gostava de dar prazer às putas, sabia que quando ficasse velho não seria a mesma coisa. Teria que procurar prostitutas velhas para ser retribuído. Embora muitas mulheres gostem de homens maduros.

A prostituta pôs a mão na perna dele, um antigo cliente.

– Está a fim de um programa, David?

David a seguiu para um hotel do outro lado da rua, desnecessário dizer que o era conhecido dele. Chegando lá, ela se despiu mecânica e rapidamente. Byrne deu pouca atenção aos atributos físicos da meretriz, sua necessidade era pôr para fora algo que o devoraria silenciosamente por dentro. Já que não conseguiria tal façanha quimérica, que seu orgasmo cumprisse essa missão, então. Ele deitava na cama de forma passiva, gostava de ser estimulado primeiro. Ela chupou o membro flácido e o fez crescer na boca, tinha uma forma peculiar de excitá-lo, chupava o saco e lambia a virilha. Em seguida, ele chupava os seus seios e começava a penetrá-la, transou com ela de forma deveras agressiva, jogou toda a força, a cama de mola rangia de forma absurda, e até proposital. Ele queria machucá-la, mas de uma forma cortês, dava tapas na bunda branca dela, que ficava com marcas vermelhas de sua palma. Na hora da ejaculação, gostava de beijar na boca, essa era a condição, as que não beijavam ele não mais voltava: naqueles segundos meteóricos, ele as amava. Após a transa, conversava algo trivial e cordial, para assim, partir. Muitas delas divulgavam seus nomes verdadeiros e faziam parte de sua rede social no facebook.

Cinco dias após Ingrid ter chamado a polícia a campainha toca. Continua tocando por sete vezes. Foi à porta e olhou pelo olho mágico. David olhou pelo vidro mágico, como se a enxergasse. Ela pôs a correntinha da porta e a abriu. Olhou pela pequena fresta, e disse desconfiada.

– Quem é voce?

– David Byrne. – Ele mostrou o distintivo com desdém. – Detetive. Quero saber mais sobre este intruso que diz ver. – Ele passou a mão no cabelo, o jogando para trás. – É coisa rápida, não tirarei muito de seu tempo.

Ela o fitou por alguns instantes. Marcelo tinha saído. Fechou a porta, tirou a corrente e a abriu. Ele entrou, cortês, limpou os sapatos no tapete, pendurou o jaleco e se sentou.

– Quer algo para beber?

– Um café, por favor.

Ela voltou com as xícaras da cozinha, ele só conseguia notar as olheiras profundas da garota. Estavam em um estado de espírito semelhante.

– Soube que anda vendo vultos.

– Eu tenho a impressão de estar sendo seguida, de ter alguém sondando os meus passos. – Ela estava se segurando para não entrar em uma crise e começar a chorar, tamanha a fragilidade. Sentia-se mal em olhar com desejo para uma mulher em atual estado, mas não podia deixar de notar os seus contornos, sua pele macia e delicada.

– Mas creio ser distúrbios psicológicos. Eu perdi o meu filho e estou morando em um local estranho, estou mal, tomando muitos remédios, antidepressivos e calmantes. Acabei chamando a polícia, mas não me deram atenção, me espanta você estar aqui agora.

Byrne levantou-se, olhou pela sacada do prédio o movimento de carros lá fora, e disse:

– Eu conheço bem este local.

– Por que diz isso?

– Que remédios anda tomando? Pode estar causando efeitos colaterais – disse Byrne, sorvendo o café.

– O que quer dizer com” Eu conheço bem este local”? Há uns meses atrás, uma...

– Uma garota se suicidou aqui! – completou a frase. – Ela estava depressiva nos últimos meses, havia uma frase suicida na parede, mas algo não me convenceu. – Byrne a fitou de modo perturbador. – O fato é que descobri algo terrível nos arquivos da biblioteca. Poderia ir comigo lá.

Ingrid aceitou entrar no carro daquele desconhecido, mais um indício de seu atual estado letárgico. Logo se encheu de perguntas, dúvidas e medos. O que Marcelo diria se visse ela entrando no carro com outro homem? No mínimo que estaria o traindo. E David exalava um certo conhecimento e maturidade, parecia ser o homem que sabia delinear uma mulher, no fundo estava precisando de uma boa trepada, embora nunca o permitisse. Um misto de medo o tornava ainda mais excitante.

– Cadê a autorização da polícia para vir à minha casa?

– A polícia? Não tem nenhuma polícia no meio. Eu estou te ajudando por conta própria.

– O que pretende receber em troca? – Perguntou Ingrid, abismada.

– Nada! – Ele não tira as mãos do volante ao conversar, nem mesmo olha para o lado. – Digamos que me interesse por casos mórbidos e obscuros.

Logo entravam na Biblioteca Municipal. Ela estava vazia neste dia da semana. David e Ingrid percorreram aqueles corredores antigos, e quando notou, estavam em um local onde ela estaria totalmente vulnerável, se imaginou sendo currada e sodomizada por ele, enquanto livros caíam das prateleiras devido aos trancos que ele daria nas longas estocadas, penetrando-a.

Ele puxou um livro de recortes de jornal. Sentaram-se em uma mesa, e ele começou a falar:

– Uma coisa em especial me chamou a atenção naquele apartamento. O número 137. Há cinco anos, teve um caso de suicídio em um apartamento no Jacarei, região do Vale do Paraíba. O número 137. Garota solitária e perturbada. Procurei nos recortes. E descobri a história de Paschoal, psicopata que matava garotas em apartamentos. Ele tinha raiva das mulheres por não conseguir se relacionar com elas. Ele matou sete garotas, todas moravam em apartamentos cujo número era 137. Ele morreu há mais de trinta anos. Veja que estou frisando esse número para que entenda. – David mostrou o recorte anunciando a morte dele. – Ele andava envolvido em feitiçarias e coisas do gênero. Quando os policiais lhes desferiram os tiros, ele disse, em seu último suspiro, palavras amaldiçoando a todos. Ele não foi o único psicopata que estudei. Chico picadinho e Francisco de Assis, o maníaco do parque, estão na minha linha de estudos. Eu sou um especialista em psicopatias, fiz alguns estudos comparando e separando em famílias os níveis e graus de demência, por isso sou muito requisitado pela polícia, por meus conhecimentos técnicos. Tento descobrir uma coerência onde a polícia arquiva o caso. Trabalhei um bom tempo em Tremembé também, onde fica a elite do crime, casos famosos na mídia, como de Elize Matzunaga, Suzane Von Richtofen e outros...

Caminharam pelos corredores da biblioteca.

– Onde quer chegar? – Ingrid estava confusa. – Por que me mostrou isto?

– Quero expor teses. – Ele olhava para o sol, entre as frestas das persianas. – As mortes tem o estilo de Paschoal, todas parecem suicídio. A primeira hipótese: ele pode não estar morto.

– Mas neste caso, estaria muito velho – complementou Ingrid.

– Ouase oitenta anos! Mas muitos o viram cair morto, e até o cremaram. Alguns relatos absurdos de uma suposta força sobrenatural estaria atuando no local! O espírito de Paschoal estaria se manifestando, buscando vingança! Parafernália de gente que não tem o que fazer.

– Isso me dá calafrios! – Disse Ingrid, encolhendo o braço.

– Outra hipótese, algum maníaco seguindo os passos de seu ídolo, incógnito. Um perfeito imitador, alguém que estudou a vida de Paschoal, entende?

– Há uma quarta hipótese, senhor Detetive?

– Sim. A oficial. Paschoal está em paz em seu túmulo. Os psicopatas estão atuando em outros lugares. Jenniffer era uma anormal que acreditava constantemente estar possuída por demônios e que realmente era uma suicida. E você, por ter perdido o filho recentemente, e estar em um local estranho, se encheu de medicamentos. Sofre alucinações e medo por morar no lar de uma antiga suicida. Porque você é muito supersticiosa!

– Brilhante! – Concluiu Ingrid. – Mas não devia estar aqui contigo. O que meu marido vai pensar?

Ao saírem na rua, Ingrid disse:

– O meu ônihus, eu tenho de ir.

– Eu a levo de carro – disse Byrne.

– Não é preciso. – Ela entrou no ônibus.

Ao chegar em casa, Marcelo perguntou onde ela estava. Disse estar no shopping.

– Mas não tem nenhuma sacola de compras.

– Não encontrei nada que me interessasse.

No dia seguinte, Marcelo foi trabalhar num hospital no centro de São Paulo, o qual foi transferido. Ingrid se refugiou em seu apartamento. O tempo estava chuvoso, ela fazia pipoca no microondas quando a campainha tocou.

– Quem é?

– Sou eu, David Byrne.

Ela abriu a porta para ele, que estava com o cabelo molhado e roupa toda encharcada. Disse laconicamente.

– Não devia estar aqui, David.

– Se achar melhor, posso voltar em outro momento.

– Está todo molhado. A chuva te pegou de jeito. Entra.

Ela não havia notado como ele parecia estar doente. Por motivos óbvios, o temeu:

– Vou lhe fazer um chá quente – ela disse – ou vai acabar pegando um resfriado.

Ingrid estava desconfiada e já se arrependia de ter aberto a porta. Que tipo de interpelações ele lhe faria? Ao contrário de semanas atrás, ela parecia mais equilibrada. Porém, a curiosidade é o pilar da mulher. Ela tentou manter a calma. A água já estava fervendo e evaporando no fogo. Ela pegou uma faca amolada na cozinha e a pôs na cintura. Ele falava da sala.

“Sabe, Ingrid, Paschoal deixou seguidores...”

– É! – Ela estava com a voz embargada de medo, talvez ele notasse. Trêmula, ela trouxe o chá para ele, receosa.

– Não vai se sentar, Ingrid? – Ele perguntou com a xícara na mão, tomou um gole e fez uma careta. – Está sem açúcar!, E quanto a seu marido, onde ele está?

Levantou-se e foi até ela:

– O que está havendo com você?

David olhou para a porta e tirou a arma da cintura. Ingrid berrou:

– Não me mate!

Foi quando acertaram Byrne com um candelabro na cabeça.

– Marcelo!!! O quê... Eu posso explicar!

– Querida! – Ele a abraçou e beijou. – Desculpe por não ter acreditado em você, ainda hoje voltaremos para o Rio.

Marcelo estava vestido de médico, com a sua maleta no chão.

– Vou chamar a polícia!

Marcelo pegou o telefone e discou para a polícia.

– Tudo bem. ..Venham o mais rápido possível.

Ingrid estava soluçante. Marcelo a deitou na cama.

– Calma, vou lhe aplicar um calmante.

Ela começou a balbuciar:

– Querido, não é o que está pensando, esse rapaz é detetive.

Ele injetou a seringa na veia dela, e aos poucos, ela foi ficando grogue.

– Quando chegou aqui?

– Há pouco tempo. – Ele a deitou no sofá. – Precisava vir, toda esta história sobre Paschoal e Jenniffer...

Ingrid sentiu o coração palpitar, como ele sabia sobre Paschoal?

– Por que a polícia está demorando?

– O quê?! – Ele parecia perplexo.

Marcelo parte para cima de Ingrid. Ele berrava ao enforcá-la.

“Devemos honrar Paschoal. O nosso rei. Nós reinaremos e vingaremos. Eu sou o Alfa e o ômega.”

Com muito esforço, Ingrid se deixou cair do sofá e começou a se arrastar pelo chão. Tateava-o, tentando recobrar o seu lugar no espaço.

Marcelo começou a enforcá-la. Com pouco reflexo, ela pegou a faca amolada escondida em sua cintura, e nas últimas, a enterrou no abdômen dele, não tendo força para enterrar por completo. Ele levantou-se e tentou tirar a faca, e voltou a mão ensanguentada, apavorado.

– É um negócio de família. Jenniffer foi uma de minhas vítimas, mas quanto a você, houve um empecilho, o filho em seu ventre.

Ele foi se afastando e entrou na varanda, enquanto dizia:

– Bastou uma dose forte de remédio abortivo no seu calmante para findar uma vida que não seria proveitosa.

– Bastardo! Assassino!

– Não é nada contra você, Ingrid, mas é preciso. Se isso te reconforta, você é a última do ciclo.

– Olhe que morte linda. – Ele mostrou a ela a visão do parapeito. –

– Eu amo você, Marcelo. – Começou a chorar. – Por que fez isso?

Marcelo subiu na grade da sacada e se lançou do alto do prédio. Acabou morto na calçada.

David acordou grogue, sem saber o que estava acontecendo. Encontrou móveis quebrados. Encontrou Ingrid em prantos e com maquiagem borrada. Estava aguardando a vinda do marido, ou seria a presença do detetive? Ele não falou nada, não saberia o que dizer, estava desorientado. Só lembrava de ir à casa de Ingrid e sentia uma forte dor de cabeça. Levou a mão à nuca e ela voltou ensanguentada.

– O que está havendo?

Tinha a sensação de ter perdido um fabuloso espetáculo. Olhou para baixo e viu um grupo de pessoas em torno de Marcelo, morto.

– Ele matou o meu filho!

David a deixou sozinha e desceu a escadaria em caracol, correndo. Se embrenhou em meio a uma multidão e conseguiu chegar no corpo do médico, até que sua ficha começou a cair.

– O próprio marido.

Foi quando algumas pessoas berraram e olharam para cima. Um vulto vinha em alta velocidade e caiu no teto de um Astra vermelho, o afundando e estilhaçando. Era Ingrid, a depressão acentuada somada à perda do filho e o desgosto da revelação a fez olhar para a lua magnífica e se entregar àquele vento prazeroso e convidativo que a chamava para uma última dança.

As pessoas com sacolas passavam, olhavam e algumas filmavam com seus próprios celulares. O fascínio pela morte humana, tomando proporções avassaladoras no mundo multimídia moderno. A multidão se formava em volta dos cadáveres no carro estilhaçado. Horas depois, a famosa calçada alcançaria um recorde de visualizações no Youtube...



Telecinesia





SANTA CATARINA, local largamente colonizado por imigrantes europeus. Alemães, italianos e portugueses. Possui um dos menores índices de desigualdade social. Considerado um dos melhores índices sociais do estado. Possui o mais alto índice de expectativa de vida do país. Tem uma área de 95 736,165 km², a costa oceânica tem cerca de 450 km. Considerado um estado rico, com o sexto maior PIB da federação. Susan morava no Litoral Norte, na área rural do Balneário Camboriu. Forrado de verde em meio a uma exuberante paisagem, próximo ao Pico da Pedra, onde aventureiros fazem cicloturismo e escaladas, e cachoeira seca para adeptos de caminhadas puxadas. A rodovia que liga a cidade é a BR 101.

Susan estava coberta por um lençol e totalmente nua. Apenas ocultando o seu órgão genital e parte dos seios. Ela havia se agarrado no travesseiro de tal forma, como se regredisse à infância. Estava mais bonita que laranja de amostra. O homem que havia dormido com ela é seu atual noivo e antigo psiquiatra. Foi no divã que as coisas começaram a esquentar entre eles. Embora fosse dez anos mais velho que ela, em seu auge dos 40 anos, tinha um charme que o tornava irresistível, além de seu aspecto protetor e paterno. As sessões se iniciaram decorrentes dos poderes paranormais e sensibilidade telecinética da paciente.

O Doutor Brad grava todas as conversas com os seus pacientes. Tem um pequeno gravador na mão. Nunca deixou que ouvissem o conteúdo dos áudios com a opinião clínica do psiquiatra. A gravação das consultas de Susan decorrem de um ano atrás.

Psiquiatra: *Deite-se Susan, e tente relaxar. De que sofre? Sonambulismo?*

Susan: *Às vezes. (Chiado).*

Psiquiatra: *Em que nível?*

Susan: Minha tia costumava trancar portas e janelas. Ela tinha medo que eu caísse do segundo andar. Parece estranho, Doutor, mas desde criança há algo errado comigo.

Psiquiatra: Como por exemplo?

Susan: Como o poder de mover objetos.

Psiquiatra: Vou lhe desvendar em minha visão leiga, alguns casos telecinéticos explicados pela psiquiatria. Embora o tema se ramifique mais para a parapsicologia, que é um campo arenoso. Tem bons profissionais, e alguns picaretas infiltrados.

Susan: Vou lhe mostrar, Doutor.

Houve uma pequena pausa na fita onde só se ouviam chiados. Silêncio total na gravação. Ouvia-se nitidamente o som de algo roliço rolando sobre a mesa. É o barulho de um lápis que ela fez rolar sobre a mesa com o poder da mente.

Psiquiatra: Arre! É esplêndido!

Susan: Desde pequena faço isso.

Psiquiatra: Você moveu um objeto. Tem ideia do significado disso?

Susan: Não! Por isso vim aqui. Quero respostas.

Psiquiatra: Telepatia?

Susan: Algumas vezes.

Psiquiatra: Premonições? Pesadelos?

Susan: É o que mais tenho. Toda espécie de premonições e pesadelos.

Susan: Eu tenho medo, Doutor! – A sua voz estava chorosa.

Psiquiatra: Você é uma sensível, Susan...

Eram três sessões por semana, de uma hora e meia de duração cada. Tornou-se íntima de Brad, contando segredos íntimos e libidinosos. Após este tempo, já estava apaixonada por ele. Sentia-se segura e havia forte atração de ambas as partes, de modo que passou a seduzi-lo. Ele nunca teria pensado em quebrar o protocolo entre paciente e doutor.

A claridade do dia já se mostrava, uma vez que o quarto estava iluminado. Brad entreabriu os olhos e, comode costume, olhou no rádio-relógio à sua frente, sempre ao acordar no meio da noite. Em meio à sombra e escuridão, podia ver em seu painel luminoso, quanto tempo ainda tinha de descanso. Esperava que fosse cinco e meia da manhã, já que o relógio deveria despertar às 6h15min. Entretanto, ficou abismado, antes mesmo de despertar totalmente: os pássaros já cantarolavam na varanda e isso o fez imaginar maus presságios, pois eles só cantavam depois das 6h00. Resolveu olhar para o luminoso e a única expressão que teve foi:

– Que merda!

O relógio deveria marcar as horas, mas ele piscava freneticamente no número 12h00, o que demonstrava ter acabado a energia elétrica durante a noite, desregulando-o. Ao notá-lo, transportou-se de seu sono caótico num salto supremo. Ele levou a mão à cabeça e se preparou para um ritmo frenético de correria. Estava meia hora atrasado para uma reunião importantíssima da ala de psiquiatra.

– Acorde, Susan, rápido!

Ele sempre se irritava com Susan pela manhã. Nunca se levantava antes que ele a chamasse pela terceira ou quarta vez. Um mau costume adquirido. Ele começou a sua corrida contra o tempo, abriu o guarda-roupas e começou a jogar pares de suas vestimentas favoritas na cama, a fim de encontrar a veste adequada. Teriam tempo de sobra na volta para arrumar a bagunça da casa. Abriu sua maleta e pegou toda a papelada necessária para a reunião. Fechou-a num gesto brusco e correu para o banheiro, onde ligou a ducha, tomando o famoso banho-minuto. Deixou a luz do quarto acesa e aumentou o volume da TV, propositalmente, para acordar Susan. Fez a barba correndo, causando alguns cortes na face, passou loção e creme para disfarçar os ferimentos. Escovou os dentes depressa, sem nem ao menos tomar café. Ela se levantou e ainda nua olhou pela janela, respirando por uns instantes o ar puro da manhã e admirando o sol nascente que resplandecia sobre o horizonte, fingindo não se dar conta dos aflitos gestos de Brad. Um dos evidentes sinais de egoísmo dessa moça que só a paixão não o deixou perceber. Enfim, se aprontaram e saíram em disparada com seu Honda Civic.

– Dirija com cuidado! – Ela protelou enquanto penteava o cabelo, olhando no retrovisor. Isso o irritou mais do que lhe transmitiu algum sinal de preocupação.

Estavam na estrada e levariam quinze minutos para chegar à cidade. Ele economizaria cinco minutos ou mais desse tempo se corresse como um louco com o carro. Sabia que seria um tempo precioso. Afinal, deveria estar lá antes de seus superiores. Profundo desrespeito não permitiria que subisse no cargo, a promoção tão almejada e sonhada.

– Precisamos comprar um despertador de corda – falou para ela.

– Ou aprender finalmente a usar o seu celular android.

Ambos colocaram o cinto de segurança. A BR 101 era deserta a essa hora da manhã. Uma boa extensão do caminho era de área rural, ladeada em parte por moirões brancos e arame. Boa parte era cercada por gramados verdes bem aparados. A escolha era perfeita pelo distanciamento da cidade, no entanto, poucos minutos do serviço de Brad, de frente à praia central. Ele pisava fundo a 140 km por hora.

– Não corra tanto, Brad! Pode atropelar alguém.

– Como poderia haver um pedestre nessa rodovia a essas horas? É muito improvável, praticamente impossível.

– Não importa! É perigoso. E Olhe para a frente! – disse irritada.

Já havia seis minutos de corrida e tinham feito mais da metade do percurso. O cinto de segurança o apertava, o sufocava e, por isso, fazia caretas.

– O que houve, amor?

– Este cinto está me apertando.

Ele puxou o cinto para a frente para alargá-lo, livrando uma das mãos do volante, mas o cinto voltava a puxar e a incomodar de forma que ele praguejou:

– Foda-se!

– A multa é três vezes mais cara agora.

No impulso, soltou o cinto de segurança dele. Mais adiante, uma placa avisava “Curva sinuosa a 200 metros”. Susan pôs-se a observar a paisagem, os pássaros, uma velha casinha, o cata-vento, três vacas no meio do pasto e raio fraco de sol, emitido no horizonte. Aqueles detalhes sempre trouxeram tranquilidade a ela, mas não dessa vez. Começou a sentir a cabeça rodar, um estranho mal-estar. Não estava gostando nada daquilo. Inquietou-se. Era como se um bolo se formasse em sua garganta. Brad diminuiu um pouco a velocidade na curva, antes que o carro voltasse à estabilidade normal. Susan juntou as mãos à frente, abaixou a cabeça, fechou os olhos. Uma fina camada de sangue rolou da cavidade esquerda de seu nariz. Ela levantou a cabeça e abriu os olhos, de súbito.

– Está ouvindo?

– Ouvindo o quê? – respondeu Brad.

– Os gritos! – Ela olhava para o horizonte.

– Não ouço nada.

– Cuidado!

Do meio da pista, partindo do acostamento, apareceu uma figura feminina. Uma moça bem jovem, porém, profundamente abalada. O cabelo despenteado, jogado para o lado. Nos olhos, profundas olheiras e um desespero voraz. A roupa toda desfiada e rasgada; uma verdadeira rainha em farrapos. Pés no chão, sem nenhum ornamento, se atirou diante do carro em alta velocidade, o que demonstrava grande índice de desespero. Estendeu os braços em sinal de súplica, soltando um som estridente:

– Salve-me!

Nessa ocasião, ela não seria salva e sim morta. Em um gesto brusco, girou a toda o volante à esquerda, enquanto ouvia os gritos assustados de Susan a seu lado. Conseguiu desviar da garota, mas teve que manobrar o volante a toda à direita, pois ia em direção ao acostamento. Ao mesmo tempo em que pisava violentamente no freio, o carro seguiu diretamente a um beiral de madeira contra o qual chocou-se de frente, fazendo-o capotar quatro vezes na rodovia. Parou de capotar exatamente a dez metros de distância da garota, em linha reta, no meio da pista.

O carro virou uma sucata. Susan abria e fechava os olhos com tremenda força, estava zonga a ponto de desmaiar com o choque. Vertigem e sudorese. Era estranho observar o carro em seu interior, de cabeça para baixo. Os cacos de vidro e pedaços de aço retorcidos à sua volta. O cinto de segurança a deixou dependurada, os seus cabelos platinados longos cobriam sua face. Sentia a cabeça inchando. A cor dos seus fios descoloridos agora tornavam-se rubra, e estavam levemente pesados, uma vez que se encontravam empapados. Olhou a seu lado e viu que seu noivo não teve a mesma sorte por estar sem o cinto. Estava no chão do veículo, com a cabeça atravessada no meio de um vidro do para-brisa quebrado. Havia muito sangue por todos os lados.

A sua primeira providência era sair daquela posição, antes que perdesse os sentidos. Sabia que sua cabeça iria explodir, literalmente. Abaixou um dos braços ao fundo do veículo para amortecer a queda e, com o outro, apertou o botão vermelho do cinto de segurança e contou:

– Um. Respira, dois, três.

Apertou o botão e seu corpo escorregou para baixo. Gritou de dor, as duas pernas estavam presas nas ferragens. Passou pouco tempo em profunda angústia, tentando se manter firme que nem palanque de banhado. Ao notar o retrovisor ao fundo do veículo capotado, por instinto o ajeitou de forma que refletisse o local onde tudo começou há dez metros de distância.

Os olhos de Susan abriam e fechavam, perdia os sentidos. Sabia que seria muito difícil suportar a dor. Pelo retrovisor pôde observar a garota desorientada, ajoelhada, chorando na estrada. Susan fechou os olhos, abriu-os novamente e viu um homem que caminhava em direção à figura acuada. Só podia ver da metade do corpo para baixo. Os sapatos e a calça cáqui, caminhando e se aproximando. Assistiu, impávida, o pavor crescente da moça, visivelmente esgotada. Susan novamente fechou os olhos e com esforço os abriu novamente, esperando no íntimo que tudo fosse uma ilusão criada pelo impacto de sua cabeça com o ambiente.

O sangue que escorria de seu nariz já nublava parcialmente os seus olhos. Nesse instante, o homem da calça cáqui pega a vítima firmemente pelos cabelos, não deixando nenhuma dúvida que se tratava de algo real. Ela, que sempre se achou um ser especial e destinado a grandes feitos para o universo, pelos seus medíocres ditos poderes mentais, agora se cala internamente diante da impossibilidade de ajudar a jovem, que aterrorizada, lhe implora com o olhar. Incapaz de se soltar e desvirar o carro para impedir o assassinato, lá estava ela... A decifradora de cartas de baralho e manipuladora de lápis e cinzeiros, sendo posta em seu lugar, o de uma simples embusteira. E isto é algo que ela mesma diz para si. Curvou-a simplesmente para trás e, quando teve seu peito e caixa torácica

totalmente expostas, levantou uma faca e a apunhalou-a no peito, do lado direito. Susan pôde ver o sangue esguichando, mas não teve reação de pânico ou surpresa. O seu estado não permitia isso. Foi quando começou a se dar conta que poderia ser a próxima vítima. Notou a intensidade e a gravidade da situação. O suor de tensão, neste momento, chegava a superar o sangue pastoso em sua têmpora.

Com uma delicadeza artificial, o assassino acaricia o corpo moribundo, como se lamentasse sua partida. Dando-se conta da situação, que seu souvenir dará em breve os últimos suspiros, põe-se a penetrar a carne da jovem numa velocidade desmedida com sua lâmina. Neste frenesi, pele se mescla a tecido, ossos, músculos e esperança de uma morte rápida. É quase tocante a sensibilidade gestual que o monstro exhibe ao deixar o cadáver perfurado e encolhido em posição fetal, numa alusão ao início da vida. Ele se coloca como detentor do direito de tirá-la. Susan observava o leve caminhar do psicopata em sua direção, quando perdeu os sentidos e desmaiou.

Susan se sentia reconfortada, embaixo daqueles lençóis. Há muito tempo não sabia o que era dormir, sem a presença de pesadelos desconexos. Ao movimentar os braços naquela que acreditava ser a sua cama, notou que o espaço era confinado. No estado de dormência, não se recordava de acidente algum. O seu maior duelo era reconhecer aquele habitat. Com os olhos semicerrados, visualizou um quarto estreito, branco ao extremo, com uma televisão na parede. Pôs a mão num dos lados da cama e sentiu as barras de ferro que faziam dela uma cama dobrável.

Havia um ramo de flores dentro de um jarro de água ao seu lado e uma cruz na parede. Estava em um estágio de profundo relaxamento, talvez devido à série de medicamentos venais injetados na sua veia. Era um hospital. Ela não tinha noção de tempo nem dos acontecimentos pós-acidente, pois esteve desligada do mundo. Uma cortina a seu lado separava os quartos em compartimentos, já que seu plano era de enfermaria. Não por questão financeira, mas por achar desnecessário um plano deapartamento, pois vigorava o auge de sua saúde física. Houve um certo temor desconhecido. Havia barulhos de passos para lá e para cá no lado de fora. Pessoas em movimentação.

De súbito, se arrependeu de seu ato impensado. Tivesse cedido às taxas abusivas do plano de saúde, não estaria nessa situação desconfortável. Com apreensão, estendeu a mão em direção à cortina. O que havia no outro lado? Temia o que poderia ver, devido à aversão por hospital, e morreria de pânico em ter que dividir o quarto com um moribundo, cheio de tubos, à beira da morte. Tratava-se apenas de uma velhinha que tomava soro, enquanto dormia sossegada.

Uma enfermeira entrou no quarto, abriu a cortina e exclamou:

– Que bom que acordou! O médico logo virá vê-la.

A primeira pergunta, de súbito, foi:

– Há quanto tempo estou aqui?

A enfermeira apalpou o travesseiro, ligou a TV, regulou o soro e dobrou o lençol à altura do joelho dela, ignorando a sua pergunta e presença. Em seguida, retirou o soro da velhinha ao lado e saiu. Havia algo de errado, pensou. Afastou o lençol. Notou sua perna esquerda enfaixada e com ataduras. Tentou movê-las, mas foi inútil. Ao menos, as sentia. O Doutor entrou no quarto, deixou a prancheta de lado e examinou quietamente a perna de Susan para então, perguntar:

– Como se sente? Estou disposto a lhe explicar tudo o que me for possível. Você teve um grande choque, e está no hospital há quatro dias.

– Quatro dias?! Cristo! Estive desligada do mundo por todo esse tempo?

– Quase todo o tempo esteve sedada. Por alguns momentos, acordada, mas não em total lucidez. Pode ter tido perda parcial da memória, no entanto, isso não é um fato. Recorda-se do acidente?

– Eu... – Fechou os olhos, tentava recordar. – Uma curva muito forte, alta velocidade, o carro capotando. Eu...

– É tudo o que se recorda? – O médico poliu seus óculos no uniforme.

– Brad! Oh Deus, ele estava ferido! Diga que ele está vivo!

– Sim, está vivo. Entretanto, não teve tanta sorte quanto você. Ele está na Unidade de Tratamento Intensivo. Os peritos constataram que a gravidade foi ocasionada pelo não uso do cinto de segurança. Com o impacto, ele foi lançado contra o para-brisa do carro capotado, sofrendo forte queda. Um traumatismo craniano que acabou agravando para um coma profundo.

– Ele vai ficar bem, Doutor?

– Depende muito de cada paciente. Alguns têm recuperação mais rápida que outros. Tudo vai variar da força de vontade e, principalmente, da dedicação dos que o cercam. Ouça, Susan. Ele está em uma espécie de redoma de vidro. Muitas vezes o paciente fica irreconhecível, fora de seu mundo. Vago, vazio. Ele é capaz de notar a sua presença com toda a certeza. Quanto a você, a sua perna esquerda foi fraturada. Uma forte lesão na cabeça está afetando a sua coordenação motora. Precisarás de umas três semanas em uma cadeira de rodas, e mais umas duas de muleta, e, então, veremos sua recuperação. Durante esse tempo, mantenha o máximo de repouso possível.

O médico se retirou e logo a enfermeira trouxe a comida do hospital. Fazia tanto tempo sustentada no soro que pegou os talheres com gosto, enquanto assistia ao jornal local. Cenas do acidente reviravam em sua cabeça, mas tudo vinha em flashes. Como gostaria de ter uma memória fotográfica! Ela se incomodava por não conseguir trazer à tona memórias perdidas em seu subconsciente.

Tudo o que ela queria era sair logo daquele mundo de sofrimento e dor. Oculto a nossos olhos, até que por enfermidade ou acidente é preciso engrenar nele. Nesse

momento, a maior meta é retornar ao lar, pensou. Foi quando recebeu a visita de sua tia Janete, uma senhora de 62 anos, sombria e dada ao misticismo. Chegou com muitas preocupações, apalpando o travesseiro, trocando a água do vaso. Janete acariciou os cabelos de Susan, a quem ela tinha como se fosse uma filha.

O médico deu alta para ela naquela tarde fria, o que não ocorreu com Brad. Afirmou que a situação dele era gravíssima e que poderia vê-lo pela manhã. O enfermeiro a conduziu na cadeira de rodas até a porta do hospital. Já era o fim da tarde e o auge do crepúsculo.

– Ouça ,Susan. Amanhã, quando vê-lo, ele não a verá. No entanto, poderá ouvi-la. Seria prejudicial a ele gritos, choros e lamúrias. Isso só acentuaria mais a crise. Portanto, ao visitá-lo pela manhã, não escancare os seus sentimentos na frente dele, compreende?

– Sim, Doutor.

No caminho de volta, passaram pelo local do acidente. O que restou do carro já havia sido removido, mas eram visíveis alguns cacos no acostamento. Também

notou a cerca de proteção. Estava torta. Um pensamento veio à sua mente: “Todas as vezes que passasse por ali, reviveria as marcas deste pesadelo que ainda está tão recente. Começou a se sentir zozza. Aquele local abriu seu inconsciente. A imagem do retrovisor, a moça despenteada recebendo as facadas. Susan mantinha as duas mãos sobre a fronte e os olhos fechados. Concentrava-se, imaginava ela própria de cabeça para baixo, dependurada. Só o via da cintura para baixo. As facadas eram brutais, como se ela as sentisse em si própria. Janete quebrou o silêncio, voltou-se para o banco traseiro para comentar a quietude de Susan. Quando a viu, num primeiro instante, achou que estava relaxando, mas ao notar suas contorções, a chamou preocupada:

– Susan! O que foi, querida?

Susan parecia estar em transe, não a ouvia. Quando foi cutucada voltou-se para a frente com um grito de espanto.

– Está tudo bem, querida? Já estamos chegando! Está passando mal?

– Não. Tudo bem.

Finalmente chegaram à atual residência de Susan. De volta àquela casa enorme de frente e um extenso gramado.

Tomou um banho e começou a se pentear e as aflições começaram a se apossar totalmente dela. Enquanto se olhava no espelho, seus temores se manifestavam. Sentiu um grande furor e um fogo subir por sua garganta. Foi quando deu um grito desconcertante e estridente. Neste instante, o jarro que estava sobre a escrivaninha foi simplesmente projetado contra a parede por força de sua Telecinesia. Sempre depois de um ato paranormal ela se sentia extremamente insegura.

Janete dirigiu-se ao quarto, impulsionada pelo barulho. Quando entrou, Susan se jogou sobre ela, abraçando-a com muito medo. Tia Janete passou a mão em sua cabeça na tentativa de consolá-la.

– Está tudo bem, minha querida?

– Não está, não – disse Susan, tremendo.

Tia Janete viu o jarro espatifado no chão e não se exaltou. Já se acostumou aos fatos de paranormalidade que circundam Susan. Quando ela está abalada por problemas, os fatos paranormais aparecem em maior quantidade.

– É o homem. – Respiração forte, olhar assustado – O homem!

– Que homem?

– O homem da calça cáqui

Ela estava com tanta ansiedade de revê-lo que esqueceu de cogitar que ele estaria no mínimo diferente! Traumatismo craniano seguido de um coma profundo. Não visualizava Brad, apenas uma sombra em estado vegetativo persistente, quadro que evoluiu três meses depois, ao sair do coma. Ele ainda movia os olhos e emitia alguns grunhidos, mas não compreendia muito bem o que ocorria ao seu redor. Nilza era uma enfermeira com mais de 20 anos de residência. Ela o limpava, tarefa difícil, dava-lhe banho, levava para tomar sol, mudava sua posição de acamado várias vezes ao dia para evitar a úlcera de pressão. Era medida com frequência a sua pressão arterial, pulso e glicemia, medição dos níveis de açúcar no sangue.

O medo de Susan era que esse quadro se tornasse irreversível. Sempre temeu enfermidades. Trauma causado pela morte sofrida de sua mãe, acometida de um câncer maligno, inicial de mama. A metástase foi para os ossos, uma doença rara. Os ossos ficaram porosos, em pouco tempo ela quebrou o fêmur e não mais se recuperou. O tratamento agressivo de radioterapia e quimioterapia auxiliaram Susan a antipatizar e criar uma barreira emocional em relação às fraquezas físicas humanas.

Pela manhã, Susan abordou sua tia na cozinha.

– Você ainda lê cartas?

– Sempre que preciso.

Janete tinha um modo clássico de adivinhação. Utilizava cartas comuns de baralho. O nível de precisão era maior, ela afirmava. Aprendeu essas técnicas no renomado livro negro de São Cipriano. As dispôs em formato de cruz, e começou a virá-las uma a uma.

– Vejo cinco elementos presentes firmemente em sua vida. Você é a feiticeira, veja. Mulher dotada de sensibilidade, uma médium nata. Tem um alquimista que estará presente em sua vida, homem ligado à magia e ao misticismo. Vejo um

possuído e um hospedeiro, receptáculo para algo maior, e o sacrifício. Acredito ser a garota morta na rodovia.

– Talvez o possuído que esteja vendo seja o homem que a matou!

– Nada é por acaso. Você é a chave de algo maior. Tudo gira ao seu redor, Susan. Vejo um eclipse da lua.

Susan entrou em transe. Podia ver um homem. Ele circulava com uma faca na mão. Via de forma turva e escura, difícil de reconhecer. Começou a balbuciar, em transe:

– Siga em direção à margem do lago. Continue descendo após a grande pedra.

Todas as vezes em que ela tem premonições, a situação lhe foge do controle. O que algumas vezes acarreta ataques que as pessoas interpretam como epilepsia. Passou a se encurvar para trás. Estava tendo uma convulsão. Os olhos estavam fora de órbita.

Uma fina camada de sangue escorreu da cavidade esquerda de seu nariz. Em um instante, o seu corpo esquivou-se bruscamente para a frente, projetando grande horror em seu rosto, um esgar de pânico. Arregalou os olhos, rangeu os dentes e soltou um som estridente:

– Salve-me!

Em seguida, caiu desacordada para trás. A exaustão foi muito grande.

Susan criou uma obsessão por Sarah, a garota que foi esfaqueada no dia do acidente. Tinha sonhos frequentes com a garota morta lhe pedindo ajuda. O que a levou a investigar mais a fundo a história. Ela pertence ao legado da família Gerprardt, uma das mais ricas do país, membros da alta burguesia. Comandam uma rede de postos de gasolina por todo o estado. A jovem estava sequestrada há 90 dias. Tempo demais para um sequestro. A família passou por longas negociações com o sequestrador, todas sem êxito. Resolveram não colocar a polícia no meio. O corpo foi encontrado na mata a alguns metros do ocorrido, no dia do acidente. Susan foi questionada, mas não se recordava de muita coisa. A casa era imperiosa, na área nobre do Jataí. Condomínio de luxo avaliado em cinco milhões de reais, com 790m² de área construída, de frente para a praia brava. O porteiro anunciou pelo interfone:

– Ela insiste em conhecê-los, diz que estava no acidente de carro no dia em que encontraram Sarah – disse desconcertado.

– Mande-a entrar.

Tomavam o café da manhã, sentados em uma sacada de frente para a vegetação, estavam a mãe Louise, o pai Gerprard e o pretendente Tobias.

– Você viu a minha filha morrer na mão de um sádico? – Louise foi direto ao ponto, de forma fúnebre.

– Eu estava semi-inconsciente, de cabeça para baixo. O sangue tapava parcialmente a minha visão. Mas sim, infelizmente eu vi toda aquela brutalidade.

Tobias se adiantou:

– Viu o rosto do assassino?

– Apenas da cintura para baixo. Tenho sonhado com ela todas as noites. Ela me pede ajuda em sonhos. Sou clarividente e tenho uma sensibilidade.

Gerprard virou furioso:

– Francamente! Mandem essa médium embora daqui! O que quer agora? Nos extorquir? A minha filha morreu, não venha com essa história de espíritos. Carniceiros, parasitas de nossas misérias e sofrimento. Já fui kardecista e sei como podem ser convincentes no momento de fragilidade de alguém com suas teorias reconfortantes, moça!

Susan preparou-se para ir embora.

– Eu só quis ajudar. Por vezes, quase posso enxergar a face do psicopata em meus sonhos. Me desculpem. Meus pêsames. Também estou passando por um momento difícil. Meu noivo está em estado vegetativo, não está sendo fácil.

Susan passou noites reflexivas e mais do que nunca se detinha em frente à tela da televisão, sem lhe dar qualquer atenção. Apenas memorizava as palavras que aquele senhor lhe dirigiu de forma ríspida, mas honesta. Como ela tem usado estes pretensos dons como muleta emocional para justificar as suas falhas com os outros, e a razão do preconceito direcionado a sua pessoa! Estariam todos certos e ela equivocada? Afinal, que benefícios lhe trazia a paranormalidade?

Desde esse dia, passou a receber telefonemas anônimos. Apenas uma respiração forte e ofegante do outro lado da linha. Por vezes, tinha a impressão que ele sussurrava, como se estivesse se masturbando, e haviam outras vozes de fundo, que não eram fáceis de decifrar, mais pareciam sussurros infernais. Desconectou o telefone da tomada e depois teve de desligar o celular. O número sempre era privado. O pânico começou a se apoderar dela. Sabia que se tratava do psicopata da estrada. Ela ainda se movimentava com o auxílio de uma bengala e a perna esquerda ainda doía com o frio. Colocava ferrolhos nas portas e janelas, perdia o sono por horas a fio. Certa noite, o psicopata assassino de Sarah invadiu a casa de Susan. Ela sabia de quem se tratava, confiava em sua intuição. A porta da cozinha estava arrombada.

– Ele está aqui!

Ela parou no topo da escada de onde podia ver a figura do homem na frente da porta da sala. Estava escuro, o que a impedia de visualizar o seu rosto. Somente quando se aproximou, a luz bruxuleante de um abajur iluminou a sua face.

– Tobias! – Susan exclamou, abismada.

Susan o tinha visto apenas uma vez na casa de Gerprard. O pretendente de Sarah. Rapaz jovem, carreira promissora. O que o levaria a uma loucura dessas? A faca dele reluzia na escuridão. Ele subia a escada lentamente. Susan estava quase que paralisada, aceitando a realidade. Como fugir de muletas de um psicopata? Não sairia viva a menos que ele não quisesse matá-la. E por que não o fez na estrada, quando ela estava vulnerável e inconsciente? E ele não veio por esse propósito? Ele olhou para ela no topo da escada. Não havia dúvidas, era o possuído profetizado por tia Janete.

– Nossos destinos estão mesmo entrelaçados. – Enquanto subia a escada, riscava a parede com a faca, deixando um rastro ziguezagueante como a cauda de um crocodilo na lama. – Primeiro na estrada. Tudo tem uma razão de ser. Depois se intrometendo nas investigações. Ao contrário do que pensa, não matamos desnecessariamente. Deve morrer todo aquele que se intrometer em meu caminho, comprometendo os desígnios malditos.

No desespero, levantou a muleta esquerda, golpeando-o na cabeça. Ele tombou para o lado. Tomou a muleta dela e golpeou contra a escada, a quebrando, formando uma estaca afiada. Ele estava curvado e, quando foi se endireitar para atacá-la, ela se lançou contra ele como medida desesperada, ambos rolaram a escada ferozmente até embaixo. Ele caiu de bruços e a muleta enterrou-se em seu abdômem, terminando de enterrar a estaca com o peso do seu corpo. Com suas últimas forças e rindo de seu infortúnio, o psicopata segurou o pé de Susan e a puxou para junto de si. Ela se debatia enquanto ele montava em cima dela. Com a mão envolta em seu pescoço, ele a esganava com suas últimas forças, enquanto ela tentava atingir seus olhos, seu único ponto vulnerável na condição física em que ela se encontrava enclausurada. Todas as tentativas sem sucesso: com uma mão ele a esganava, e com a outra desvencilhava de suas mãos. Mudou de estratégia, baixou a mão, já sem fôlego, e girou o feixe da muleta enterrada no abdômen. O homem gemeu de agonia, enquanto o sangue jorrava, banhando Susan. O psicopata, por fim, caiu agonizante em meio a uma extensa poça de sangue. Susan sentiu o alívio de se livrar do perigo, mas seu corpo inteiro ainda tremia. Olhou para seus dedos, um grande tremor, e ficou espantada. Saíram golfadas violentas de sangue pela boca do homem, consequência da perfuração dos órgãos vitais. Mesmo assim, deu um sorriso sarcástico. Um olhar luminoso, interpelando aquela que o mataria. Os dentes estavam avermelhados pelo sangue, as pernas totalmente deslocadas e quebradas. Olhou-a bem e, em um último esforço, deu uma última golfada violenta e morreu com os olhos arregalados.

A família de Gerprard se scandalizou. Tobias era considerado da família. Como poderia ser ele um assassino? Uma culpa se apoderava do velho Gerprard, que, de certa forma, foi quem mais incentivou Sarah a se envolver com ele. Era um

rapaz culto, de oratória fluente, endinheirado e poliglota. Não possuía nem um terço da fortuna dos Azevedos,mas mesmo assim era bem cotado.

Susan foi absolvida por legítima defesa. O tempo foi apagando parcialmente o doloroso episódio. Brad teve pouca evolução em seu quadro no decorrer dos meses. Elao observava em sua cadeira de rodas. Perguntava-se o porquê simplesmente não partia daquele inferno. Mandaria se ferrar toda a opressão da sociedade, que na certa a discriminaria. Estava novamente se martirizando para seu próprio bem-estar, pois induzir-se a respeito do peso da vida sobre seus ombros tornava mais fácil o fardo de ser uma inconsequente e preguiçosa jovem. Sua melhor saída era culpar as pessoas ao seu redor. O dedo de Brad levantava-se lentamente. Pequenas contrações eram notadas. Ela levantou-se da cadeira, deixou a revista de lado e fixou o olhar em seu noivo, como há muito tempo não o fazia. Ele parecia o fruto de um pesadelo. O rosto pálido, contraído. A boca torta para o lado e a sonda o deixavam assustador. Aquela bolsa excrotal era nojenta. Desejou a morte dele. Ela inclinou-se sobre ele e começou a observá-lo com cuidado. Parecia notar pequenas contrações em suas pálpebras. Olhos opacos, frios e sem vida, aterrorizadores.

– Nice! Venha aqui! Por favor!

E assim que viram o dedo se movimentando, fizeram grande festa. Aquilo era um novo começo. O primeiro passo do progresso. Então, foi se tornando dramático. Ele não tirava os olhos de cima dela. Sempre fitando-a obsessivamente enquanto declinava o pescoço para a direita. Ela se culpou por seus pensamentos. Como queria que ele morresse! Todos os homens deviam ser livres, era a liberdade almejada. Ninguém gosta de conviver com um doente. Ele era um empecilho para ela, talvez por toda a vida, embora pudesse acontecer de ela morrer antes dele. Afinal de contas, ele tem grandes expectativas de vida. Os médicos dizem que ele terá melhoras progressivas, mas a que nível? Nunca será o mesmo. Nunca!

O que a assustava era ele a interpelando. Talvez fosse apenas a sua imaginação, mas parecia estudá-la por todo o tempo. Ela sabe que o afeto é importante para ele, entretanto, o máximo que consegue expressar são alguns sorrisos ternos e forçados. Apenas um estranho, um fardo. Passou a se sentar fora de seu campo de visão. Ele então fitava-a com a sua visão periférica do olho. Era como se divertisse ao assustá-la.

Susan foi fazer compras na cidade. Um mundo sem doenças. Na rua, tinha visto pessoas saudáveis, rapazes que lhe despertavam interesse, e agora enfrenta a dura realidade. Não podia abandonar Brad. Se o fizesse, a sua consciência não a deixaria em paz. O que sobrou daquele homem elegante? A enfermeira dava a papa para ele e a sopa escorria pela boca torta, como se fosse um bebê. E como culpá-lo? Sua mente estava toda embaralhada, ele era uma vítima. De que valeram todo o tempo

de estudo e preparo, suas centenas de livros e palestras? Para que a mente lesionada o fizesse esquecer até de sua origem? Susan se questionava a respeito da vida e das vaidades terrenas.

– O que está acontecendo comigo? Cadê a minha humanidade?

Preocupava-se com isso, afinal, era uma assassina. Um pecado mortal para Deus. Foi legítima defesa para os homens, e para o criador? Talvez fosse mais correto ter dado a vida naquele momento do que matá-lo. Estaria perdendo a humanidade desde que matou Tobias? Haveria tipos de venenos que matariam uma pessoa aos poucos, se inseridos na alimentação? Algo que não deixasse vestígios na autópsia. A morte seria um alívio para ele. Ela andava irritada e mal humorada, sua falta de sensibilidade com o doente era observada silenciosamente pelas pessoas, que embora a incriminassem, davam-lhe certo crédito pelos eventos traumáticos que passou. Além do acidente, o ataque de um psicopata. A morte parecia rondá-la nesses últimos tempos. Aos poucos, largou a muleta e voltou a andar normalmente, adaptações foram feitas por toda a casa para o transporte do paciente. Ela passou a dormir em quarto separado dele. Pouco o via. Tomava o café da manhã e fazia as refeições em locais alternativos da casa para não mais vê-lo. Mas largá-lo seria o mesmo que deixar para trás aquela vida de luxo com a qual se acostumou. Não tinha direito a nada, não deixaria os bens para familiares distantes dele, pessoas praticamente estranhas que se importavam ainda menos.

Deram ao paciente uma bolinha para apertar. Com os exercícios, podia ganhar flexibilidade e força nos dedos. Susan o colocou no jardim para tomar sol e pôs a bolinha em sua mão. Enquanto caminhava para a cozinha, olhou-o de relance e percebeu que ele continuava a observá-la. Brad é destro e sempre teve pouca força na mão esquerda. Não foi isso o que aconteceu, ele apertava frequente e sucessivamente a bolinha, com uma força excepcional, afundando-a até o fim, até expelir todo o ar. Estava fazendo gênero? Se tivesse tanta dificuldade para se movimentar não estraçalharia uma bolinha. Com essa força nas mãos poderia matar alguém esganado. Inclusive ela. De modo que passou a ter medo de se aproximar dele.

Caiu no sofá, rodeada em pensamentos. Abriu um vinho, precisava se desligar. Via conspiração em tudo! Começou a ligar Brad ao possível hospedeiro da profecia. Se Tobias era o possuído, Sarah, o Sacrifício, Brad o hospedeiro e ela a feiticeira, quem seria o alquimista? E o que significava tudo aquilo. Começou a avermelhar conforme a bebida fazia efeito. Tocou com os longos dedos no clitóris umedecido por pensamentos libidinosos, sem nenhuma culpa, já que não tinha quem o fizesse. Há quanto tempo não fazia sexo? Em sua fantasia, imaginava o rapaz que fazia manutenção na piscina toda semana, o qual ela nem mesmo sabia o nome. Ele a tomava violentamente, a penetrando na frente do marido vegetal.

Enfim, precisava de um belo banho para renovar as energias. Nunca havia sido tão longo. Deitada na banheira, quase que cochilando, passava a esponja por todo o seu sedoso corpo, admirava seus seios eretos, médios e apontados para cima. Tinha uma cintura fina. Se observava de ponta a ponta. Como era linda! O sabonete escorregava pelo corpo, enquanto observava sua cicatriz de nascença. Uma pequena marca no braço esquerdo. Se fantasiasse, poderia parecer uma balança. Um signo do zodíaco, cardeal do ar. Fechou os olhos. Estava em um momento de profunda reflexão sobre a sua vida, antes e depois do acidente. Suas folhas estavam secas, sua fé e superstição ficou adormecida até o momento do acidente. Nunca foi propício a ela seguir um guru. Apoiou os braços nos lados da banheira e se afundou na água morna, mantendo a cabeça embaixo da água. De olhos fechados, sentiu a pálpebra escurecer, como um eclipse cobrindo o sol. Abriu os olhos sob a água e se espantou.

A face espantosa de Brad a interpelava. Uma visão? Susan se levantou em um sopro. A banheira borbulhou, os cabelos ficaram na frente do rosto, sem hesitar ela berrou e arranhou o rosto dele, que estava apoiado na banheira. Levantou-se e puxou a toalha, correndo nua pelo corredor enquanto se trocava, deixando um rastro molhado pela casa. Então, deu de cara com Janete, que estava olhando para ela.

Brad estava dormindo em seu quarto. Não havia ninguém no banheiro. Susan disse ofegante:

– Ele está se locomovendo sozinho! Estava na banheira, me observando.

– Ele está dormindo, Susan. – Janete acariciou suas trêmulas mãos. – Você está estressada. Acho que precisa relaxar. Eu sei como é, você é jovem, em plena atividade sexual. Talvez esteja precisando disso. Ninguém precisa saber de suas escapadas. É uma necessidade, não se pode considerar como traição.

Susan caminhava pelas ruas e pensava no que Janete havia lhe dito. Quando voltou para casa, ficou observando o homem que limpava a piscina. Quando ele olhou para ela, o chamou para dentro. Não tinha nada a falar com aquele estranho. Começou a beijar o jovem ali mesmo, no sofá. Ele começou a penetrá-la e quando olhou para a janela, Brad a observava. Ela sabia, aquilo só podia ser uma alucinação. Até mesmo o fato de estar sendo penetrada por um estranho. A situação era inusitada também para ele. Depois disso, o dispensou para sempre. A piscina nunca mais foi limpa.

À noite, Susan se debatia na cama, em um sono perturbador. Caminhava por um corredor sombrio até o chão ruir e ela desabar em um fosso estreito. Em cima de um metal quente que estava agredindo as suas solas brancas de menina urbana, desacostumadas a qualquer coisa diferente do piso frio de um apartamento. Esse seria o menor de seus problemas, quando perceberesse o ambiente que a envolvia. O

ar abafado tomava seus pulmões ao mesmo tempo que seus tímpanos eram invadidos pelo estalar do resultado de chamas sobre madeira seca. Quase se recusando a olhar ao redor, o senso de sobrevivência a obrigava a descerrar os olhos, já vítimas de um calor abrasador para testemunhar uma representação alucinante do inferno. O local era decorado em fogo. Homens e mulheres nus praticavam vários tipos de orgias sexuais. Se ela se negava a crer, seu corpo não. Prostrava-se e, ainda trêmula, via à sua frente um desfile de obscenidades que só encontraria no palácio de Calígula. Seres andróginos, mal tinha certeza se humanos, súcubos e incubos. Não se aglutinavam uns sobre os outros, num gesto que pode ser considerado um combate ritualístico como prazer sem qualquer restrição. As chamas a impediam de visualizar com precisão suas formas, mas ela poderia jurar que muitos dos que ali estavam não possuíam cabeças após o término do pescoço. Membros como mãos e pernas pareciam se multiplicar mais do que troncos. Pênis e vaginas se atacavam em algo que nada parecia um ato sexual com suas peles avermelhadas e cobertas por uma capa semelhante a uma placenta fetal. Rasgavam-se ante o choque dos corpos no chão abrasador, prazer e dor se mesclando, forrados por pedras alaranjadas com muitos gritos e gemidos. Foi quando duas mãos escamosas escalaram a pedra quente. Os braços estavam na carne viva, como tudo que ali estava. Susan olhou espantada: “Acorde! Acorde!” – Agora podia vê-lo nitidamente. Era Tobias, o assassino da calça cáqui. O seu rosto estava fumegante e os olhos fora de órbita.

“Lembra-se de mim, Susan?”

Enfim, acordou de seu pesadelo com barulhos de tambor. Desceu a escadaria na ponta dos pés, o barulho vinha do porão. Quanto mais se aproximava, mais nitidamente ouvia o mantra. “Hes nictum las tros edum”. Aproximou-se na ponta dos pés: “Lê tros abire”. Ficou chocada com o que viu ao abrir a porta do porão e descer a escada. Nunca esperaria algo assim vindo de Janete. Havia um círculo de velas ao redor dela e a mesma estava em posição de meditação, com os seios descobertos e pintados, com alguns colares pendurados. Janete voltou-se para ela, mas estava diferente. Parecia incorporada. Disse com a voz alterada:

“Não pode escapar da fúria de Salazar”

Dita a frase, ela cambaleou de lado e voltou ao seu normal. Susan tinha lágrimas no rosto. Janete cobriu os seios envergonhada e se aproximou:

– Querida, o que está fazendo acordada?

– Não vou tolerar esse tipo de atividade na minha casa.

Janete vestiu uma blusa e cuidadosamente apagou as velas, uma por uma.

– Existem muitos que não compreende, criança. Seres invisíveis e intangíveis. Eles estão por todos os lados.

– Você é o alquimista. É claro, como não pude enxergar.

– Acho que está interpretando de forma errônea as lâminas.
– Você mesma disse que Sarah era o sacrifício.
– Não posso ter certeza disso. As lâminas podem ser interpretadas de muitas formas.

– Você estava despida adorando um deus pagão dentro da minha casa. Fora daqui!

– E você estava trepando com um estranho no sofá, enquanto o seu noivo padece.

Pela manhã, o táxi veio buscar Janete. Antes de partir, ela olhou para Susan na porta e, depois, olhou pela janela, no sobrado, onde Brad a fitava em silêncio. Finalmente entrou no táxi e partiu. Susan se sentia traída e, ao mesmo tempo, solitária. De repente os entes queridos se tornaram pouco confiáveis para ela.

Coisas estranhas definitivamente estavam ocorrendo. O pastor alemão latia incessante e raivosamente para a parede. E definitivamente, não gostava de Brad. Voltou a um mau hábito, fumava para aliviar sua ansiedade e angústia, enquanto observava as sessões de fisioterapia à distância. Ela estava blassé, ouvia-o emitir fortes grunhidos e, por melhor que fossem os seus progressos físicos, parecia impossível que ele resgatasse a maturidade que tinha antes.

A enfermeira partia no início da noite e Susan ficava sozinha com Brad. A paranoia era tamanha que ela se trancava dentro do quarto, mesmo ele sendo praticamente um vegetal. Quando precisava ir ao banheiro, era sempre com algum receio. O barulho de televisão fora do ar chamou a sua atenção em sua ida ao toalete. Desceu a sala para espionar. Eram apenas chuviscos na tela. Brad estava sentado em frente, tinha as palmas das mãos na tela. Ele parecia estar comunicando-se telepaticamente com alguma coisa. Os sons sofriam remotas alterações. Ela sentiu os pelos dos braços ouriçarem. Lembrou de vários documentários sensacionalistas dizendo que é assim que fazem contato com os mortos. De qualquer forma, ela estava silenciosa atrás da pilastra, de forma que podia observá-lo sem ser notada. Entretanto, estava enganada. Como por intuição, ele olhou para trás: sabia que ela estava ali.

Ela precisava de ajuda. Não podia confiar esta missão a qualquer um que simplesmente, em sua fútil arrogância, exclamaria: “É o demônio! Ele está possesso!” Procurar um padre podia ser uma boa opção, embora não simpatizasse muito com a igreja e seus dogmas. Seria difícil encontrar um padre Karras. Como no romance O Exorcista, de William Peter Blatty. Lembrou-se de um renomado parapsicólogo, o qual Brad se orientava para ajudá-la no começo de seu desequilíbrio. Chamava-se Steven Fuhlss. Ela procurou o telefone dele em vão na agenda telefônica.

– Eu me lembrava de ter anotado. Não está no S, nem no F.

Ele era conhecido como Senhor Psíquico. Era um sensitivo. Atendeu prontamente o chamado de Susan em um estado de transe e esteve com ela na sala de casa. Não era bem como ela o imaginava. Tinha a camisa surrada, amassada, o que demonstrava ser sozinho; um homem casado não sairia desse jeito de casa, com barba por fazer e cabelo comprido e solto. Mas seu rosto demonstrava uma genialidade adormecida. Tinha um nariz de turco, era grande e preenchia bem o rosto. Um pentagrama pendurado no peito, camisa aberta em cima, meio desleixado. Acendeu um cigarro na sala. Achou melhor não censurá-lo.

– O que passou nos últimos tempos foi realmente terrível, mas não creio em possessão demoníaca. O homem é o rei da criação então pode depender de criaturas inanimadas. Até mesmo a Igreja católica renunciou ao exorcismo, visto que em um milhão de casos apenas um era verdadeiro. O resto era de charlatães ou distúrbios mentais. Já foi mais do que comprovada a dupla personalidade. As pessoas acreditam que pode haver espíritos ruins dentro dela. Não seria isso uma segunda personalidade?

– A minha tia fazia mandinga dentro de casa. Acredita na força da macumba?

– Veja bem. Feitiços e despachos não passam de pura mágica. Ilusão para impressionar as pessoas, fazendo-as crer que estão sob o poder de um malefício. Um conto do vigário para supersticiosos e curiosos, que assim como São Tomé, têm que ver para crer. Não tem nenhum fundamento científico, por um simples motivo: eles contrariam a razão.

– Eu ouvi uma voz diabólica sendo emitida por Brad.

– Sons guturais, vindos sempre da garganta. Qualquer humano pode fazê-los.

Steven pegou um vidrinho de remédio com as mãos trêmulas, colocou uma bolinha branca embaixo da língua e depois engoliu.

– É para o coração. Estou entre o mundo dos vivos e dos mortos.

– A minha tia jogou as cartas. Ela fala sobre cinco elementos reunidos em torno de mim.

– Não se iluda com isso. O único evento consolidado será o eclipse da lua que ocorrerá amanhã. Você não pode perder. – Deu um terno sorriso.

Psíquico fitou Brad sentado em uma cadeira no fundo da sala. Ambos se entreolharam, calados por uns minutos, fitando-se como que tentando ler a mente um do outro. Não encontrou nenhuma anormalidade, apenas uma mulher histérica, e partiu.

Naquela noite, ela teve um outro pesadelo. Psíquico estava em um elevador antigo, desses que puxam a grade para abrir. Olhou para o ponteiro antigo. Era um prédio de três andares. Era degradado e pichado e isso lhe pareceu incrivelmente sinistro. O barulho da engrenagem rangendo era proveniente de coisa velha. Um andar estava vazio e completamente isolado. Pouca iluminação. A mais ou menos

uns quatro metros estava uma pessoa sentada numa cadeira, de rosto baixo. Aproximou-se, curioso. Tinha uma mórbida curiosidade e uma pitada de medo o dominava. Era Brad, tinha olhos pretos demoníacos, que preenchiam todo o globo do olho. Ele sentia o seu coração bater descontrolado. Uma taquicardia. Abriu a grade do elevador e entrou rapidamente. Apertou o botão do térreo e sentou-se no piso do elevador. Deu uma última olhada na face sinistra do mal. Enquanto o elevador descia, segurava forte a mão no peito e parecia-lhe que o coração iria sair pela boca. O ponteiro ia descendo, o elevador rangendo. Chegou ao térreo. Saiu cambaleante no meio da chuva que havia engrossado um pouco e começava a molhá-lo, enquanto andava perdido. Percebendo que teria um colapso, pegou o frasco de comprimidos para o coração, mas a tremedeira o fez cair no chão, desaparecendo em meio à poça. Steven Fuhls não pôde seguir adiante. Caiu de joelhos na água. A chuva continuou, sem cessar.

Ela parecia aceitar o seu destino. Brad a aguardava em pé, na sala. Havia um círculo formado por um risco no chão, velas vermelhas queimando. Ele olhou com seus olhos negros aterrorizadores. Vozes, gemidos e sussurros ecoavam lá dentro. Clamavam por Susan, em frases arrepiantes. O ser demoníaco flutuava 30 cm do chão.

“A terra será colonizada da pior forma. Não se culpe, Susan. Não foi você quem permitiu isso, foi o mundo. O comportamento das pessoas me favoreceu. Aceite o seu destino!”

– O sol nunca mais nascerá, a noite será eterna. A dor e o sofrimento se alojarão por todos os lados. Você é a chave para algo maior.

Objetos começaram a ser arremessados na sala. Barulhos de plots e batidas, portas se fechando sozinhas. Ela correu para o pavimento superior e se trancou no banheiro. Seria isto tudo alucinação ou realidade? Seria tudo um sonho? Sabia que nunca de fato tinha se encontrado com o Senhor Psíquico, mas sim, conversou com ele em sonhos. E sabia que ele existia no plano real, o viu em várias notícias em programas de paranormalidade. Teria ele algum dom para se manifestar à distancia, para com sua pessoa? Estaria tentando alertá-la do perigo que corria? O fato era irrelevante. Se ela é a chave para um plano diabólico para dominar o mundo, a única forma de barrar essa criatura seria cessando com a própria vida. E se tudo fosse uma ilusão causada por suas neuroses? Nesse caso, já estava cansada de tudo, e a morte seria um bálsamo sagrado. Pegou nervosamente um conjunto de giletes que caíram ao chão. Sentia algo se apoderando dela. Uma possessão demoníaca. Perdia o controle de sua mente e seu corpo. Cortou os pulsos, causando hemorragia. Começou a morrer aos poucos. Alguém forçava a porta, tentando entrar. Vinha à mente lembranças de seus pais, até mesmo de seu cachorro de

estimação na infância. Vinha à memória momentos ternos em que ela e Brad passeavam no deck, e tantos outros.

Janete, junto a dois vizinhos, invadiu o banheiro, tarde demais. Ela pegou a sobrinha sem vida, a aninhando em seu colo, ensanguentando seu vestido amarelo.

– Eu devia ter intervindo a tempo. Há tempos vinha apresentando um quadro de loucura.

O senhor Psíquico chegou duas horas depois, movido por sua intuição.





UBÍQUO OPRESSOR

ELE ERA UM PREDADOR em um site de relacionamentos. Atirava para todos os lados, procurava uma mulher para sexo ou algo a mais. A sua vida tinha se tornado cibernética. Aprofundou-se de tal maneira que aprendeu a ter domínio de criptografia e programação. Sabia que a internet era apenas a parte visível do iceberg, ele queria o que estava no mais profundo. No submundo, havia venda de armas, prostituição infantil e outras barbáries, como canibalismo. Muita coisa era fake, mesmo assim assustava. Utilizava a freenet. Encontrou um site perturbador que se chamava “A Corrente de Menon”. Você escrevia o seu desejo, na tela tinha a imagem de um diabo tradicional, com chifres, o conta-giros de almas vira toda vez que entra um novo usuário. O diabo chamado Menon respondia às suas perguntas. Ele desejava a cura de sua mãe de todas as enfermidades. Logo que colocou o nome de Balthazar, se arrependeu. Toda quota tem um preço. E ele será cobrado.

Saiu da deep web e voltou ao site de relacionamentos. Ele procurava as mulheres on-line, e conversavam pela tela do computador. Tudo o que ele queria era exibir seu pênis e se masturbar. Algumas vezes conseguia que a mulher se despisse do outro lado. Mas foi uma transexual que mexeu com seu coração, queria algo diferente. Ele marcou um encontro com ela, que morava em uma área periférica de São Paulo. Entrou no hotel, e o que mais lhe chamou atenção foram as velas acesas acima da recepção, e a imagem de um preto velho ao lado. Ao questioná-la, ela disse que era umbandista. “Eles são menos preconceituosos”. Sharon Star era loira, deveria ter uns 34 anos. Parecia mesmo uma mulher, embora excessivamente alta, como uma jogadora de basquete. Tinha um queixo quadrado e o pelote da glote em evidência. Mas era mais cheirosa e bem cuidada que muita mulher, embora tivesse um cabelo ralo, talvez por usar produtos errados de alisamento. Sentaram no sofá. Ele disse, constrangido:

– Não sou homossexual, sou apenas um curioso. Nunca transei com um homem antes.

Sharon ficou aborrecida de imediato. Ela tinha tatuagens vivas por todo o corpo branco.

– Eu sou uma mulher. Você não sabe nada sobre transexuais, não é mesmo?

– Você é operada? É travesti ou transexual?

Essa pergunta ficou sem resposta imediata. Eles se beijaram, ela tinha gosto de cigarro na boca. Ele não sentiu prazer nenhum no beijo. Ela vestia uma calça vermelha com aberturas, bem típico, e uma blusinha. Como de costume, ele entrou no banheiro para urinar e quando voltou, ela o aguardava. Já estava toda nua, tinha um pênis excessivamente fino, talvez pelo excesso de hormônios femininos, induzindo o crescimento de mamas e formas femininas. Os estrogênios são os hormônios de escolha, que associados à progesterona, inibem a produção de testosterona, o hormônio masculino. Ela colocava um lubrificante no ânus. Tocou na cueca dele e não sentiu o volume do membro. Ele se explicou:

– Preciso me excitar!

A língua de Sharon tinha vida, ela sabia como devia ser feito o sexo oral, mais entendimento que uma mulher. Tal como um tentáculo de molusco, circundou o pênis envolto pelo preservativo. O medo dá lugar a uma reação química tão primitiva quanto ele próprio. O instinto da procriação, camuflado porém, sob a capa do prazer, ali não existia. O maior propulsor da espécie humana desde seu surgimento, quem não o tivesse experimentado, haveria de perder a experiência primordial responsável pelas nossas maiores e também irresponsáveis aventuras. A programação mental sugerida desde a infância, a sua noção de pecado não demoraria a emergir. Ela lhe impunha normas e condutas moralizantes, e o se deixar tocar por mulheres da vida era o que tinha de mais palpável no início de uma queda pessoal. Oras, o que diriam da relação sexual com uma transexual? Ele poderia pedir perdão a Deus, mas como isso seria possível, se embora desvirtuado, ele não se arrependera? Sharon ficou de quatro:

– Vai com calma aí! Não é igual comer uma mulher. Tem que ir aos poucos, para lubrificar.

Gozou rapidamente, mas aquele não era o fim. Ele chupou a transexual, e para sua surpresa inocente, aquele minúsculo pênis ficou ereto em sua boca. Sharon não era hipócrita, sentia prazer com seu pênis, mas a vontade de ser mulher era maior. Seu maior desejo era a vaginoplastia. Passou por psicólogos, buscando uma autorização, e entrou em uma fila de mais de 800 pessoas pelo benefício. Gastava todo o dinheiro que ganhava como cabeleireira para modificar o seu corpo. Usou próteses industriais, correndo risco de saúde, e injetou hidrogel nas coxas e botox no lábio. Sentia-se uma mulher aprisionada no corpo de um homem. Desde

pequena gostava de brincar de boneca com as irmãs, era ridicularizada por sua família e deixou de frequentar as festas infantis. A sua mãe ficava com ela, enquanto o pai ia com as irmãs. Foi por vezes agredida devido à sua condição. Desde que começou a modificar o corpo, em torno de três anos, partiu de Minas para São Paulo. Sua mãe não suportava ver o seu filho como mulher, mesmo o amando e o protegendo por toda uma vida. A transexual chorou ao contar de sua vida para Paulo.

– Eu quero muito fazer a vaginoplastia. Eu vou atrás de minha mãe depois disso. Vou mostrar para ela que sou uma mulher de verdade.

– Mas isso demora, não é?

– Tem um mexicano que faz por baixo do pano. Eu tenho R\$30.000 guardados para isso.

– Onde você guarda o dinheiro? – disse, interessado.

– Eu guardo no banco.

– Você parece mesmo com uma mulher.

– As pessoas na rua não notam. – Sorriu. – Pena, não consigo mudar meu nome. Isso me prejudica, sou uma pessoa que trabalha e estuda. As pessoas deviam me enxergar como pessoa, além de minha condição sexual. Não é opção. Eu sou assim. Acho que falta amor no mundo.

– Como funciona isso? Essa vaginoplastia?

– Eles retiram o saco, chama-se cirurgia de redesignação sexual. O canal vaginal é feito através do próprio pênis, através da inversão do mesmo para dentro do abdômen. No começo, é um processo demorado, o uso de lubrificantes ajuda na penetração. É possível sentir prazer como uma mulher.

– Você não pode mudar a sua essência.

– Essa é minha essência. Cansei de seu machismo. Faça um favor, suma da minha vida! Não quero mais te ver!

– Mas, Sharon...

– Some!

No caminho de volta para casa, passou por casais de namorados, sentiu inveja e grande tristeza por esse fato corriqueiro entre os mortais estar tão distante de seu cotidiano. A vida não era fácil. Precisava de um serviço para arcar com suas despesas e com a saúde de sua mãe. Os remédios eram caríssimos e o posto de saúde não os fornecia, para azar de quem depende do SUS. Ela sofria de osteoporose, pressão alta, pedra nos rins, pressão arterial alta e mais uma gama de doenças psicossomáticas. A velha senhora tinha olhos encovados e uma expressão espectral.

Evangelista inconscientemente estava se flagelando, no fundo do poço, pois Sharon não mais atendia seus telefonemas. A sua recusa em estar em sua

companhia era algo que o feria profundamente. Comprou uma garrafa de aguardente e perambulou pela quermesse, bebendo no gargalo. Quando notou que iria cair, foi embora cambaleante para casa, anestesiado e inebriante.

Tudo se agravou ao chegar em casa. Sua mãe não estava lá. Um vizinho disse que ela foi internada, levada de ambulância. Vítima de um Acidente Vascular Cerebral; não foi o primeiro, mas foi devastador. Ele foi até o hospital e logo veio a bomba do médico. A sua mãe estava em condição vegetativa e precisava de uma série de providências médicas. Uma voz sussurrante ressoava em seu ouvido...

– Eu quero a minha parte da quota!

Evangelista caminhava pela rua e, por instinto, desviou o seu caminho e pegou uma rua desconhecida. Havia um galpão em destroço situado numa rua abandonada, apenas com alguns usuários de crack, a chamada crackolândia, o que chamou a sua atenção. Havia muitos cães vira-latas reunidos e alguns mendigos emporcalhavam o local. Como que por intuição, ele escolheu uma porta à direita no galpão e ela rangeu de forma assustadora.

Os seus passos faziam um eco incrível, as janelas do degradado galpão estavam todas empoeiradas. A luz do sol se refletia em pequenas rajadas dentro do local, como se formasse uma escada para o céu. A parede estava toda pichada, nomes de gangues, pessoas, frases de banheiro. Um fedor de urina emanava do canto esquerdo.

Evangelista poderia jurar que não o viu da primeira vez. Azazel surgiu das sombras, estava encostado em um canto da parede. Ele parecia um padre, mas não era. Tinha um chapéu de abas tão largas que quase poderia ser tomado por um sombrero mexicano, só que preto, e uma roupa escura como o eterno universo. É alto e de cabelo de um preto brilhoso. Ele aproximou-se de Evangelista e disse com a sua predominante cavernosa:

– Você veio!

Evangelista o olhou bem nos olhos. Lá de fora, um mendigo olhava curioso para dentro. Seria o efeito do crack? O que poderia haver de estranho em dois homens conversando?

– De onde me conhece? -questionou Evangelista.

– Eu conheço o seu tipo, as camadas mais profundas de sua alma. Eu quero ajudar! Sei que posso. – Azazel apontou para baixo. – Vê aquela tampa! Levante-a para mim.

Evangelista levantou a tampa e dentro havia um saco de dinheiro. Enquanto alisava o dinheiro, Azazel dizia:

– É tudo o que precisa para a saúde de sua mãe.

– Como sabe?

– Este é o seu lado questionador. Aqui o dominador sou eu, amigo. Eu predomino, dou as cartas! Mas tudo tem um preço. Você me procurou, tentando desesperadamente dar um sentido à sua vida inútil.

Azazel sentou-se no chão, seus movimentos eram tão antinaturais quanto seria um caminhar sobre duas patas.

– Que preço devo pagar?

– Estamos próximos da loucura. – Azazel pegou a mão dele e fez um corte na palma da mesma com um graveto afiado como lâmina, deixou que algumas gotas escorressem, e, unindo as mãos, disse:

– Esse é nosso pacto de sangue. Mas não ouse desobedecer-me. Você ouviu?

Evangelista concordou, cabisbaixo.

O homem deu as costas e disse:

– Eu te perseguirei, eu o vigiarei. Todos os seus passos serão controlados. Terá de andar na linha comigo! Sharon foi o preço a pagar.

– E que preço pagarei se o desobedecer.

Azazel caminhou em direção oposta, até sumir na escuridão, e a resposta soou cavernosa como sempre, em meio às trevas. Desta vez, mais humana do que mística.

– Pagará com a morte!

Evangelista saiu às pressas de lá, abraçando o dinheiro contra o corpo, certamente para se assegurar que tudo realmente aconteceu. Suava frio e olhava para todos os lados. Já não tinha noção do tempo, estava desorientado. O fato de estar psicologicamente abalado e de sua mãe estar às portas da morte só reforçava tal convicção. E aquele homem, de onde surgiu? Que proposta incógnita é esta? Como o conhecia? É tudo tão estranho. Mas ele precisa do dinheiro e o abraça como se abraçasse um filho impuro, mas querido.

Evangelista foi para casa, tomou um banho quente e ouvia ruídos pela casa. Olhou pela janela do banheiro, nem neste momento de repouso teve paz, sentia a presença sufocante ao seu redor.

– Tem alguém aí?

Arrumou-se e saiu para a rua. O dinheiro já estava na mala para pagar o hospital. Olhava para trás. Aquela estranha sensação de perseguição e impressão constante de estar sendo seguido. Ele chegou ao balcão do hospital para pagar a operação da mãe dele. Quando abriu a mala, notou que muitas notas de dinheiro estavam manchadas de sangue!

– Deus do céu!

– Algum problema? – disse a recepcionista.

– Não. – Fechou a mala, bruscamente. – Onde é o banheiro?

Ele seguiu ao banheiro do hospital, se trancou em uma das saletas, abriu a mala e começou a separar as notas manchadas, uma a uma. Foi quando parou por um instante e gotas de suor escorriam de sua face. Olhou pela fresta da porta, havia um tira se penteando no espelho. Como explicaria a origem da maleta? E por que ela estava manchada de sangue? Ficou calado. Logo, o tira saiu do banheiro. Ele continuou separando a nota, foi quando olhou por baixo, na repartição das saletas havia um homem sentado na privada. Só viu a bota preta, e a calça social além de um cheiro forte, um estranho odor de enxofre e pelo molhado bovino instaurou-se ali.

Evangelista saiu de sua saleta, passou receoso pela sala ao lado e caminhou de volta à recepção. Esperava ser atendido, olhava para o relógio a todo o instante. Foi quando notou a reportagem na TV pendurada no teto para as pessoas que aguardavam.

“Na matéria, um repórter local descrevia o assassinato brutal de uma transexual, conhecida como Sharon Star, de nome João Américo dos Reis.” Era um daqueles jornais sensacionalistas, apelativos, e mostrou com detalhes a cena do horrendo crime.

A casa estava revirada e o corpo da trans no chão, repleto de vísceras. Havia um rastro de sangue pelo corredor que formava uma trilha sinuosa. Ela foi esfaqueada 37 vezes na barriga e arrastada, ainda agonizante, pelo chão, a deixando morta na cozinha. O sádico assassino ainda decepou o pênis da transexual.

O repórter fechava, dizendo:

“Isto é um absurdo. A onda de violência em nossa cidade tem de parar. Hoje somos prisioneiros em nosso próprio lar. A polícia esta investigando possíveis parceiros dela, e se o crime tem conotação de preconceito homossexual.”

Evangelista olhou para a maleta. Terá alguma ligação. Aquele homem, de nome Azazel. Será seu nome real? Teria matado Sharon? Cobrado a sua parte na quota? Será que queria incriminá-lo? Mas agora é tarde para voltar atrás, não se pode reverter o que está feito. Não havia volta. Afinal de contas, ele precisava daquele dinheiro sujo. Foi sincero consigo mesmo, a morte de Sharon não lhe abalou em nada. Já bastava lamentar por sua vida, não era necessário fazê-lo pelos outros.

Ele pagou o hospital e mais à noite foi visitar a sua mãe. Ela estava toda entubada e mal podia se comunicar. Ele olhou aquela mão frágil, o soro na mão já arroxeadas. Tudo é tão triste em um hospital. Sussurros e gritos agonizantes de dor ressoavam no corredor. O bálsamo da morte, a realidade vista de forma dolorosa. Ele passou a noite no hospital. E mesmo achando que não conseguiria, o sono começou a vir naquela cadeira dura ao lado da cama de sua mãe. Os olhos pregados começaram a se fechar, a vista ficou turva, e logo estava dormindo. No

hospital, viu um gordo, suposto espião de Azazel. Evangelista suave como um porco. A respiração estava abafada. Ele olhou para a senhora entubada. Começou a pensar que Sharon podia ter sido uma companheira. Não queria ver sua mãe curada, apenas desejava se livrar de um estorvo na sua vida. Havia uma forma mais útil. Por que gastar o seu dinheiro com ela? Compraria apenas um caixão barato e ficaria com a casa só para ele. Sempre desejou ter essa independência, sem nunca ter tido condições financeiras para tal feito.

– Por quê? Arruinou a minha vida, mãe!

Ele estava trêmulo, puxou a máscara de oxigênio do rosto da mãe dele e logo ela começou a respirar com dificuldade.

– Vou lhe dar o bálsamo para descansar em paz. – Evangelista desligou o aparelho e pegou o travesseiro.

Ele pressionou o travesseiro contra o rosto da mãe, como um Sansão contra as pilastras a fim de soterrar os Filisteus. Seria uma libertação para ambos, portanto a comparação com o personagem lendário não é incabível. Enfim, a matou asfixiada. Em seguida, fugiu por uma saída alternativa do hospital na tentativa de despistar o homem gordo. Caminhava em passos largos pela rua. Tinha muito a fazer ainda.

– Tenho que fugir da fúria de Azazel.

O seu riso era perturbado, a sua imagem melancólica. Até agora não havia sido apreciada por nenhuma testemunha, seria isto um sonho?

“Você foi um mau garoto!” – “Assassino!”

Ouviu alguém que o seguia. Dobrou duas esquinas e despistou o gordo. A noite se fazia em trevas, os postes estavam parcialmente desligados. Evangelista temia o inusitado, a morte. Está cada vez mais paranoico, ser seguido noite e dia o está deixando louco. Ele olhou na escuridão, Azazel sempre surgia de lá e quando menos notou, ele caminhava ao lado dele.

Azazel acendeu um cigarro e deu uma baforada em meio à escuridão.

– Matar é uma terapia. Relaxa! É claro que entende. Mas depois vem a culpa, não é? E é preciso se livrar dela. De alguma forma, se mostrar inocente. Mas o ímpeto animal, aquele medo incubado e o instinto esperando para voltar à tona. E aí, a morte deve ser ainda mais cruel para dar prazer.

– Eu só quero me livrar disso!

– Você já está preso em minha rede, senhor Evangelista. Eu sou aquele... – deu outra baforada quente feito uma locomotiva – que todos querem esconder, se envergonham de mim, sou questionador.

– Eu vou devolver o dinheiro.

– Como anda sua mãe? Aquela velha desgraçada que sempre te pôs defeitos e te magoou. Fala Evangelista, o desespero para arrumar o dinheiro foi para abafar a sua vontade insana de se ver livre dela!

Azazel voltou-se a ele como uma espécie de fera, mostrou finalmente seus dentes pontiagudos e um olhar amarelo, semelhante a um portador de hepatite. Ele avançou em Evangelista, que acordou em um salto da cadeira, e daí em diante não mais dormiu. Já não sabe mais o que é sonho e o que é real. Tudo então seria fantasia? Passou o resto da noite em claro, ouvindo o barulhinho incessante das máquinas. E as sombras lhe pareciam monstruosas. Ele parecia mesmo doente.

Certa noite, Evangelista estava agitado. Foi quando ouviu um grande estrondo e um cheiro fétido característico invadiu o ambiente. Ouviu barulhos de cascos pisando na madeira, mas a porta estava fechada à chave. No entanto, recuou na cama e então petrificou de horror. Azazel atravessou a parede como um ser espectral, Evangelista só conseguiu balbuciar.

– Você é um demônio.

– Sim, mas... – Azazel coçou a barba – não como imagina!

– Você veio do inferno para me corromper.

– Evangelista – ele aproximou-se –, não é hora de encarar a verdade dos fatos?! Você me apelidou de Azazel, um demônio conhecido. Eu tenho a forma do quadro de um ser que povoou a sua mente desde a infância. Sabe que sou um Demônio, um Diabo criado por ti, sou o seu Demônio interior, estou em sua consciência.

– Não pode ser! – Evangelista cobria o rosto de vergonha.

– Você queria matar! Aquilo te dava prazer. Mas, não queria se sentir culpado depois. Eu sou a sua consciência, e você a personificou, criou uma dupla personalidade para jogar a culpa em mim. E criou um bloqueio na mente para os crimes que fez!

– Que crimes? – Perguntou Evangelista.

– Dentre eles, a morte de sua mãe!

– Está mentindo!

– Já é hora de ver! – Mostrava-se mais sóbrio e polido do que se espera da imagem tradicional de um espectro maligno.

Evangelista viu toda a verdade se passar por sua mente. O viu matando a sua mãe e Sharon, as mulheres de sua vida.

– Onde está o dinheiro, Sharon?

– Já disse que está no banco! – Estava em prantos. – Eu depusitei.

– Mentira! Você não tem conta no banco.

E mesmo depois dela mostrar o esconderijo no vão do sofá, ele a esfaqueou impiedosamente, entorpecido por uma cólera insana. Depois, decepou o pênis de Sharon, apenas para dar a ela o sonho que tanto desejou, de se livrar daquele membro, Embora ele próprio achasse que ela era uma mulher perfeita com o pênis, e um grande desperdício sua extração.

Todos os crimes com requintes de crueldade...

– Eu não queria...

A polícia cerca a casa, os policiais falam no megafone: “Evangelista, está cercado, saia com as mãos para cima!” Azazel disse:

– Relembra do dia que nos encontramos no galpão, o velho que olhava curioso. Apenas estranhou te ver falando sozinho. E o dinheiro no buraco. Você mesmo o escondeu lá após ter matado Sharon. Agora é o fim da linha. Sabe disso, não é?

– E as pessoas que me seguiam?

Azazel deu uma baforada e disse:

– O homem gordo, olhe pela janela. -

Evangelista olhou pela janela, o homem gordo era um investigador da polícia, era ele quem falava no megafone. Na certa, o perseguia, pois já era um suspeito do assassinato de Sharon. Foi visto entrando e saindo da casa por dias seguidos.

Azazel deu às costas a Evangelista. As asas negras se abriram. De fundo, a voz de um policial no megafone exigindo a rendição dele. Azazel disse:

– Está na hora de caminhar com as próprias pernas, Evangelista. A sua quota está paga!

– Você não pode me deixar!

Azazel abriu a porta e partiu, ouviu-se um barulho de asas. Evangelista caiu em profundo desespero, estava sozinho, olhou para os R\$30.000 reais que já não tinham utilidade alguma. Correu pela porta da frente em direção à barreira de proteção policial. Berrava desvairado e alucinado, em transe.

– Você não pode me abandonar!

Antes de chegar próximo aos policiais, levou uma rajada de tiros e caiu ao chão com a boca inundada pelo sangue, sussurrou suas últimas palavras!

– Não me abandone!

Os policiais logo constatarem o erro, ele não estava armado, mas o fato de sair correndo de forma repentina os fez atirar. Agora era tarde, ele agonizava na calçada. No entanto, seu olhar não estava nos policiais, estava no anjo da morte, de asas pretas, que veio selar um beijo fatal e finalmente dar a ele o seu bálsamo sagrado.





ILAREJO LIBERTINO

Minas Gerais, 1970, Vilarejo de Santa Lourdes.

“A cerca aberta, o arado por fazer, tudo abandonado! Sinto saudades do produtivo e alegre vilarejo. Mas o tempo tudo apaga, e hoje só restam vestígios...”

FIM DA DÉCADA DE 70, a crise econômica assola o Brasil. Mas não parece ser essa a causa da decadência de Santa Lourdes. O sorriso bordado do espantalho parece indicar outra causa para o fato. O Padre Matheus lia a Bíblia e observava o devastado vilarejo pela janela, a sombra do que foi um dia. Fenômenos climáticos extremos pareciam estar intimamente ligados a esse lugar, já que cidades vizinhas careciam dessa deficiência. Miséria e loucura seriam endêmicas desse povoado.” O que fizemos a Deus para esse fardo ter se abatido sobre nós? Como inflamar a fé no povo, se vivemos na retaguarda do mundo. São tempos difíceis para a igreja, talvez sejam os últimos. Ele observava silenciosamente o Padre Leon Magnus passando a mão na cabeça dos poucos coroinhas que restaram e preparando o vinho e as hóstias para a missa que viria. Aquele vilarejo estava desintegrando, a degradação e o abandono, um vilarejo fantasma.

Quase todos abandonaram as suas casas e partiram da cidade. Não bastasse o local ser rural e longe do resto da civilização, é ainda atrasado em relação a tudo. O solo é ruim para o plantio e ultimamente as pessoas estão vendo aparições fantasmagóricas, muitos estão enlouquecendo. Teria uma explicação lógica para uma crise em massa assim? Seria histeria coletiva?

Muitos juravam haver uma manifestação demoníaca no local. As pessoas confiavam as suas vidas aos dois padres do vilarejo. O jovial Matheus, de 32 anos,

e o velho e experiente Padre Leon Magnus, de 75 anos. Eles tinham o costume de nunca tirar a batina, Matheus sempre usava batina preta, enquanto Magnus preferia a cinza. Usavam mesmo sobre o sol escaldante. Mas Léon não era tão santo quanto parecia. Tinha o hábito de beber às escondidas.

O padre Matheus viu pela janela da igreja mais uma família que ia embora. O velho Magnus o chamou:

– Matheus! Me ajude a preparar as hóstias.

Magnus veio cabisbaixo ao padre Matheus, o velho já não tinha o mesmo vigor de antes. Matheus o repreendeu:

– Ficar esvaziando garrafas de vinho não irá ajudar em nada! É preciso lutar contra as forças do maligno, e ainda que tenha um só fiel na igreja, é nossa missão pregar a palavra.

– Chega! Acha que sou um velho bêbado e idiota?

– Se ninguém nos procura mais é porque falhamos em nossa missão. Não estamos sendo dignos de Nosso Senhor se não mostramos algum esforço em reerguer este lugar e essa gente.

– Você sempre foi o melhor de nós dois – disse com escárnio.

– O senhor sempre foi meu tutor e mestre. Agora vem me dizer que tudo o que acreditamos não passa de sofismas? Não vou criticá-lo por sua falta de fé, mas acho que braços mais fortes devem guiar essa embarcação. Afinal, todos estamos sujeitos ao esmorecimento da fé.

Um dos poucos que ainda visitavam a igreja era Wallace, um velho cego, e é pintor mediúnico. Quando entra em transe, pinta Rembrandt, Leonardo da Vinci, Renoir. O Padre sempre discute isso com ele. Diz que ele tem talento. Mas não incorpora espíritos. Freud também tem uma explicação para isto. Wallace sente a aproximação de Matheus.

– Padre Matheus. Posso falar com cê?

– Você me surpreende, Wallace. Como sabe que sou eu, e não o Padre Magnus.

– Seus passos são mais firmes e enérgicos, ao contrário do Padre Magnus que parece carregar o mundo nas costas. – Aproxima e cochicha no ouvido do padre. – Se me permite a palavra, Padre Matheus, venho notando que Magnus se afasta cada vez mais da paróquia. Os motivos parecem ser pessoais. Seu tom de voz está mais pesaroso do que nunca. Os espíritos me contam, Padre... Estão tristes, espíritos maus estão se apoderando daqui!

– Deixe disso. Tudo é fantasia de sua cabeça.

– Não é não, padre. Se eu fosse o senhor, não me afastaria um só segundo dele.

O padre Matheus caminhou de batina, em meio àquele vilarejo deserto. O vento lhe batia de encontro à face. Ele lutava para caminhar contra o vendaval, a areia entrava no olho. As casas abandonadas, as janelas pregadas com feixes de madeira.

O balanço em uma das casas se movia sem parar, pelo fator do vento, mas ele já começava a duvidar. Passou pelo milharal, o lugar realmente dava medo. O espantalho parecia observá-lo silenciosamente. Olhou para o teto de uma casa verde a poucos metros da igreja. Havia um garoto no telhado da casa, se esgueirava nos pilares. O que espantava o padre era o fato de acreditar naquela visão, embora aquele garoto, de mais ou menos uns seis anos, parecesse real. Ele nunca via o rosto dele, aparecia constantemente no telhado de diversas casas. Matheus ainda passou na frente da velha e degradada casa de Dona Enermina. Ela estava em sua cadeira de balanço, sentada na varanda. Já parecia estar caduca, tinha a pele toda enrugada, amarelada e cancerosa. Ela ouvia um radinho de pilha, apenas o chiado fora da estação. O padre passou cumprimentando-a de forma cortês. Ela disse feliz, ao padre, segurando o rádio entre as mãos.

– Eles se comunicam conosco pelo rádio, aqueles que se foram.

O padre não deu atenção e continuou andando, ao que a velha ainda disse:

– Eles disseram para você parar de se intrometer – disse a velha, inocentemente.

O Padre Matheus esbofeteou a face da velha.

– Sua velha ignorante. É por isso que Deus nos abandonou.

Logo veio à cabeça a memória de Albertina Graça dos Reis. Uma criatura mestiça e descendente de índios, que instintivamente fazia brotar instintos primitivos em todos os homens da vila. Ela tinha uma beleza rústica e hipnotizante. Comentários sobre suas condutas iam de boca em boca. Ele sabia que podia ter intervido. Um sermão enérgico sobre os males da fofoca podia ter barrado o ímpeto dos moradores da vila. Porém, sua covardia, munida do desejo oculto por essa moça o fez se calar. Evitava tê-la por perto, para que seus castos medos não aflorassem e ofendessem o seu Deus.

– Albertina, pare com isso!

– Tem medo de mim, Padre Matheus? Concorde com a forma que todos me tratam aqui? Esse lugar não é para mim. O demônio habita essas pessoas e sabe disso.

Matheus preferiu ignorar os sinais que pairavam no horizonte. As alteradas esposas do vilarejo fizeram o que os seus corações mandaram. Nada como um justificável linchamento público para purificar a alma de um povo. Tendo como fundo a igreja complacente. Sete anos se passaram, e ele não podia esquecer.

De súbito, o Padre volta a si no tempo atual, e pede desculpas para dona Eneminda.

– Não quis bater na senhora. Não sei o que me deu na cabeça.

– Não se preocupe, padre. O senhor bate igual uma menininha.

A velha pegava um punhado de terra do chão e trazia à boca. Havia a seu lado, um prato com bolinhas coloridas de veneno e moscas mortas no pratinho plástico, e a mulher pegava as moscas, as comendo.

– Pare com isso! – Matheus estava enojado.

O padre Matheus caminhava uma última vez pelo vilarejo. O céu se fechava sobre Matheus, que caminhou solitário para a igreja. Não teria mais missas, apenas ele e Magnus. Foi quando lá dentro se chocou: Magnus estava morto, havia se suicidado, o pior dos pecados. Passou uma corda no pescoço e se matou. O velho cego permanecia sentado na terceira fileira da igreja, onde havia um bilhete:

“Caro Matheus,

Te considero como um filho. Essa paróquia é a minha vida. Creio não ser possível conviver com a culpa me pesando. Sei que estou sendo fraco, saindo da vida desta forma, mas não posso conviver sem as crianças, na solidão. Foi errado o que fiz, é a terceira criança que tiro a inocência, mas, era tão belo que me entreguei à tentação. Apenas repeti o que fiz com você quando era criança. Sempre cerquei-me de silêncio em relação ao que ocorreu, peço suas desculpas, se possível...

Magnus”

Matheus ficou abalado, uma história sórdida que ele tentou esquecer. Tinha bloqueado isto por dezenas de anos, era muito novo quando o padre Magnus abusou dele. E agora, isto voltava à tona. E o garoto no telhado era ele no passado, o seu subconsciente queria voltar à tona, emergir por todo o tempo. Até uma hora atrás, esse homem era irredutível em suas certezas sobre o mundo e principalmente sobre si mesmo. O que teria mudado agora o fez encarar esse monumento, a fé, de forma mais fria e racional. O que fez com que seus pés pesassem como chumbo ao escalar cada degrau, e que um simples abrir de portas fosse um gesto exaustivo.

Matheus observou o velho cego e o invejou:

– Gostaria de ser cego para não visualizar tamanha desgraça.

– O pior cego é aquele que não quer ver. O humor foi sempre algo que faltou a este lugar, em contraponto à decência. Algo que sempre foi tão caro à sua instituição, não é padre?

Albertina aparece de forma fantasmagórica para ele no centro do corredor:

– Surpreso em me ver, Matheus?

Sua voz soava cavernosa.

– Tal como esse velho charlatão, sua moral se transforma em pó. O mesmo destino terá esse maldito vilarejo, que expulsou minha família daqui, por ignomínia e vergonha.

– Não! Afaste-se! Você não é real. É um demônio incorporado.

Wallace parecia não presenciar tudo aquilo, permanecia apático, sentado no banco da igreja.

– Sua crença se baseia em histórias como as de Lázaro, por que eu não poderia? Ah, eu tenho a resposta. Sou uma pervertida e não mereço tal graça. Onde está seu discurso eloquente agora, Matheus? Se insiste em ficar quieto, deixe que mais alguém participe do nosso discurso. O que acha disso, Padre Magnus?

Como por magia, o corpo desfalecido de Magnus, dependurado na corda, virou-se lentamente, e um som gutural saía da boca do padre falecido.

– Ela tem razão, Matheus. Somos todos hipócritas.

Matheus ficou descompassado:

– É apenas uma besta na forma dessa filha do senhor, demônio!

Albertina se contorceu ao contrário, exibindo uma língua maior que o normal.

– Pobre humano. Se crê importante para o universo! Eu estava aqui muito antes de você nascer...

O velho cego se mantinha indiferente às visões aterradoras do velho se debatendo na corda. Enquanto a criatura levantou a saia, deixando em evidência ser hermafrodita, exibindo um membro gigante e negro, enquanto ria maliciosamente, se masturbando. Tinha chifres retorcidos, um pentagrama invertido na testa, dentes pontiagudos, lábios rachados, olhos que se viravam na órbita, e uma estranha fumaça com cheiro de enxofre que baforava de seu hálito quente. Pés de bode e seios à mostra. Sua cor se tornou num tom cinza, a língua bifurcada se movimentava de forma descompassada, os risos ecoavam no local. Matheus aderiu à loucura, começou a rir baixinho, feito uma criança com medo, olhando para o nada...

De súbito, Albertina sumiu, restou a poucos moradores que se mantiveram sãos a reconstrução daquele lugar. Mas nada mais fazia sentido. Faltava a eles um fundamento que desse sentido a tudo aquilo.

“A cerca aberta, o arado por fazer, tudo abandonado! Sinto saudades do produtivo e alegre vilarejo. Mas o tempo tudo apaga, e hoje só restam vestígios...”



a





I parte

O rei do marfim.

ALOTROPON SAIU PARA TOMAR UM AR na varanda, a luz cálida de uma lâmpada de baixa intensidade, observando a piscina olímpica da mansão, cercado por um imenso campo recortado em quadriláteros. A perfeição geométrica não estava, como diziam os Pitagóricos, no círculo, e sim nas formas quadradas, iguais em sua dimensão. Como triângulos, polígonos de três ângulos e lados, jamais seriam. Os simétricos, como losangos, só obteriam se divididos. E dividir é algo que este monarca, proprietário de 64 alqueires de campos, jamais poderia permitir. A vastidão plana, vista de cima da torre, possuía algo de irreal por não obter irregularidades geográficas. Nenhum vale as dividia, colinas ou montanhas, se algum dia permearem tais planícies, hoje são tão imperceptíveis quanto uma camada de água sobre um espelho deitado. E mesmo rios, não ousam perturbar a hegemonia da paisagem reta, pois estão abaixo da superfície, o que torna, de certa forma inexplicável, o porquê do terreno parecer, em sua infinitude, estar sempre polido e límpido, se a água não lhe toca com regularidade. Em comparação, seria parecido à superfície lunar, refletindo a luz solar, se ao invés de curvo, fosse laminado como um lago invernal.

Alotropo é considerado o rei do marfim, tido como ouro branco pelos mercantilistas, sem se dar conta de pôr em risco de extinção os seres vivos que deles eram extraídos este material. Afinal, dele dependia a sobrevivência de sua corte. Assim foi ensinado por seus antecessores e repassaria a seus herdeiros. O risco, no entanto, não estava no mantimento da dinastia e sim, no exaurimento de

seus recursos naturais e pela lenta e gradual substituição desta matéria real por um produto mais barato e que ameaçava sua dinastia, tanto quanto uma hipotética rebelião em seu reino. Uma praga chamada plástico. Um derivado de um minério líquido negro como carvão, enquanto o marfim é branco, sem perder a luminosidade. Uma ameaça sem dúvida, a tudo o que ergueu. Ao olhar-se no espelho, tudo o que vê é um monarca alto e esguio como poucos são. Não se deixou entorpecer pela bebida e prazeres gastronômicos, a ponto de deformarem a sua silhueta. Parecer altivo, tanto quanto ser, é um imprescindível a um rei que queira lealdade e temor de súditos e vassalos. Pouco dado a afetações e sorrisos benevolentes, parecia impossível a quem teve a oportunidade de vislumbrar sua face sóbria e um tanto lacônica, poder cogitar qual seria a sua idade. Mesmo este monolito vivo não teve como não esboçar um leve sorriso, quando um dos mensageiros lhe veio ao encontro e narrou o que seria sua maior vitória. Magno Efégios, o rei do petróleo.

Por ser o opositor, foi considerado como exército preto, e por tomar medidas mais drásticas e violentas. Não que os brancos fossem bons, longe disso. No entanto, apesar da chacina praticada ter rendido a morte de quatro peões rasos, dois escudeiros que protegiam a fortaleza branca, Efégios fugiu covardemente, e está à espreita em algum canto, tendo ainda oito capangas com ele, os quais são os melhores. No entanto, a sua mulher, Caíssa, foi capturada no ataque e se encontrava encarcerada na sala oval. Alotropon esperava um ataque, seu opositor não deixaria a mulher em seu poder. Tinha uma sala de controle onde monitorava os 64 alqueires da fortaleza, além de uma equipe fortemente armada.

Tinha duas opções, ou entregava a rainha de volta ao lar, ou matava a todos. Preferia um pedido de paz, embora tivesse uma vontade insana de violentar o seu troféu. Caíssa precisava de pouco esforço para conquistar os homens. Nem mesmo sua voz moldada no miado de um felino no cio precisava se replicar para conseguir de machos sexualmente ativos seus caprichos realizados. Pouco importava a artificialidade de sua figura com aplique caindo sobre os ombros, dourados como cera de vela ao cair dos castiçais, emoldurando um pescoço que pede para ser levemente mordido. Podia parecer a seus súditos vulgar, principalmente as suas rivais de cama. Mas dificilmente teria concorrentes para lhe destituir-lhe a coroa. Totalmente ciente do encanto que exala de sua pele, da mesma forma que uma víbora destila veneno pela gengiva. Como este réptil, não faz questão de omitir suas armas naturais. No seu caso, fazia questão de lembrar às concorrentes que, num plano visivelmente inferior, eram ampliadas de formas artificiais como silicones nos seios e perfumes com fragrância de jasmin.

Alotropon convocou todos para uma reunião às pressas no salão oval. Quando soube, não podia crer. Caíssa foi deixada enclausurada, e foi encontrada morta,

deitada em cima de um tampo de mármore. Não havia sinais de agressão, o que demonstrava uma forma mais sutil de matá-la. Provavelmente, envenenamento, pois se tivesse sido morta sufocada, teria marcas no pescoço. Entraram três soldados rasos, mais dois atiradores de elite que ocupavam as torres de vigilância, e além dos vigilantes cavaleiros, dois conselheiros próximos de Alotropon, que entraram pelas entradas transversais, se encontrando ao centro, além de sua esposa, Elisabeth. Ela era sua prisioneira, poderia ser usada como fonte de informação. Ele não admitia, sua frustração maior não derivava do revés político pela morte da monarca, e sim por não poder usufruir dela, não ter tido a oportunidade de um simples diálogo com aquela voluptuosa criatura. Seus pés e joelhos contorciam-se sob o manto alvo. Ódio incomensurável, uma forma de passar incólume diante dos súditos. Qualquer manifestação de emoção que suas mãos e sua face se remetam a demonstrar seria uma pequena fraqueza que ele não se dá ao luxo de expor. Mesmo dono de si, sua voz o trai e sai ríspida e vingativa:

– Quero saber quem matou Caíssa envenenada? Todos sabemos que ela era a voz forte do exército preto. Eles irão nos atacar impiedosamente, ela era como uma deusa para eles. Pretendia uma trégua de paz com Efégios.

– Meu rei!

Elizabeth tocou em seu ombro. Ela tinha unhas longas e quadradas nas bordas, trabalhadas como das atrizes pornôs de filmes suecos, usado regularmente por damas da sociedade de uns tempos para cá. Além de um corte de cabelo assimétrico e tingido de ruivo. Tendo um dos olhos amendoados, sempre cobertos pela franja para acentuar seu ar de mistério ou ocultar o que um deles poderia dizer em oposição ao outro. Assim era a rainha, desconfiada até de si mesma. Toda e qualquer demonstração de satisfação que tentou ocultar, bruscamente desapareceu para dar lugar a algo que mesmo sua máscara de serenidade fracassou em encobrir com vigor.

– Foi você que a matou Liz, o seu ciúme impensado nos coloca em risco. É a única que tem acesso a todos os lugares da casa, além de ser uma especialista em venenos.

– Magno Efégios é uma peça descartável. Ele já saiu fugido para o norte, e você comanda todos os perímetros dessa terra de rebordos salientes, chamada Tabulenia.

Os conselheiros se chamavam Altius e Bispion. Tinham uma espiritualidade ocultista, andavam feito monges, recitavam mantras e faziam feitiços, além de prever quais seriam os próximos passos para ser bem-sucedidos na batalha.

– Temos um traidor entre nós, Alotropon – disse Altius. – Vejo que a morte de Caíssa é uma forma de nos afetar diretamente.

Altius é uma figura esguia, tão majestoso quanto o rei, mas de estatura um pouco menor. Seus ombros largos porém, lhe tiram a proporcionalidade que

geralmente são atrativos dos monarcas. Era confiável no papel de conselheiro. Dando um passo à frente, continuou sua tese num timbre de tenor.

– Vejo uma nuvem negra se aproximando. É preciso se preparar para a batalha. Eles já mataram seis dos nossos.

Bispion em nada se assemelhava a Altius, era gordo e baixo, porém usavam o mesmo chapéu imperial, que os denominavam conselheiros. Sua voz era semelhante à de uma criança que acabara de ingerir gás hélio. Ele tinha uma visão mais política, enquanto Altius se voltava totalmente ao lado ocultista. Ainda assim, é pessoa de grande influência na corte por deter o conhecimento do invisível e do intocável, conhecido como fé. Disse Bispion:

– Nosso território representa a perfeição aritmética no seu bojo em absorver a dualidade cromática. Dividimos nossos inimigos para subtrair seus asseclas. Assim, multiplicamos nossas chances de vitória para somarmos um único território, as planícies do senhor, Milorde. A eliminação de Lady Caíssa foi uma jogada que não resultará em aprimoramento de nossas relações com os negros. Levando uma falha na equação que só será remediada com a perda de uma valiosa peça nossa, ou seja, a entrega da Rainha Elisabeth aos nossos inimigos, para equilibrar a disputa.

Elisabeth retira a franja do olho esquerdo para poder disparar toda a sua fúria pelas suas duas íris contra o conselheiro do rei, que ela sempre antipatizou. Um sujeito que nunca se cativou com seus atributos femininos, a seu ver. Era por demais perigoso para estar ao lado do monarca, isso parecia ser uma qualidade que impressionava Alotropon. A racionalidade e a subserviência contidas são ingredientes primordiais para fazerem-no o conselheiro mais arguto de seu reino. Embora, a contraponto, o tom atarracado e de timbre desagradável sobressaísse pela indumentária pavonesca mais que pela retórica. Gesticula exageradamente ao falar e, mesmo sem qualquer consistência, são perfilados por emaranhados de gestos desconexos. Se vistos por um surdo-mudo, poderia jurar estar tentando romper os ares e voar como um besouro.

Não era novidade que Altius e Bispion tinham sempre pontos divergentes, isso agradava ao rei, que sempre tinha duas visões, além de se divertir com as afrontas. Altius apontou o dedo para seu adversário, no cargo de puxa-saco de Alotropon.

– Discordo plenamente, meu senhor. A reflexão do conselheiro Bispion está equivocada por dois pormenores, ela foi fundada num contexto emotivo, coisa que com todo o perdão, está longe de poder compreender como nós, reles mortais. – Havia um tom caricatural nesta ponderação. – O que nos leva ao primeiro ponto. O argumento sistêmico só pode ser alçado quando direcionado ao Nosso Senhor Deus, o qual eu sou representante e não a nossos monarcas, mesmo sendo magnâminos, ainda estão sujeitos a regras dos universos. Veja nosso antepassado,

quando nosso antigo Rei Athos foi morto em uma emboscada, no que foi conhecido como golpe do pastor. Foi bloqueado sem nenhuma chance de defesa, e não teve a chance nem mesmo de iniciar a guerra e já foi aniquilado. Portanto, a matemática aplicada e o racionalismo se esvanecem como as esperanças ante a mão do destino. O segundo ponto que paradoxalmente se comporta Bispion, é usar o critério da vingança, como para equilibrar a balança da justiça, entregando nossa monarca a um inimigo, sem saber quais serão as consequências. Sempre me julgou por ter a fé como a minha bússola, e não a razão, não é meu caro colega? – Olha diretamente para o adversário, já visivelmente irritado com a indeferência do pequeno homem. – Mas diga-me sinceramente se não há nada mais motivado pela fé que sua jogada baseada na concordância de Magnus em um acordo de paz após terem sequestrado a sua esposa e a assassinado no reduto do inimigo, de forma covarde. – Acentua. – Isso prova que Bispion, assim como nossos amigos das torres, enxerga longe, mas não pode ver o que está perto.

O silêncio se instaura no recinto, com o rei branco numa típica e nada confortável posição, sentado no trono. Que faria Auguste Rodin querer esculpir no próprio marfim para eternizar o momento, enquanto a rainha, de alma lavada, aprova as palavras do sacerdote, enfatizando que sua jogada arriscada ao envenenar a rainha negra, se fosse verdade, não seria de todo estúpida, e provavelmente seria o que determinaria o rumo dos reinos daqui para frente. Sua única reticência foi em questão à última frase proferida. “Assassinada de forma covarde”. Não gostaria de ser lembrada assim pela história.

Essa previsão foi interrompida pelo estrondo de uma bomba que explodiu na entrada principal, como para afrontar a todos os presentes naquele salão de contornos quadriláteros e vasto espaço sem mobílias. Uma onda vibratória ecoa absurdamente alta, advinda de uma explosão estrondosa, que reduz as vidraças a cacos diminutos e o teto racha, expondo o lajeamento estilo vitoriano que foi sobreposto por camadas de gesso impermeável em nome da modernidade. Nada disso é relevante quando a porta da frente, agora inexistente, se vê incinerada. Atônitos, os residentes do palácio não têm tempo de correr pela vida quando soldados em trajes negros reluzentes, envernizados como conchas de caracol, adentram o recinto com armas de fogo empunhadas como extensões de seus corpos de breu.

– Voltem às suas posições! – Gritou o monarca, acuado.

Greco e Julius, dois competentes batedores, correram pelas extremidades da mansão, visando atingir a torre, onde poderiam se fixar para o ataque. Eram atiradores de elite, usavam binóculos com visão noturna para visualizar o inimigo. Podiam acertar um alvo até com 2.430 metros de distância, o equivalente a 20 campos de futebol. Utilizando fuzis Barret modelo M82 A1, calibre 12,7x99mm.

Se tinham vantagem na distância, eram defasados nos arredores, as quinas da torre não possibilitavam enxergar um alvo próximo, o que os colocava em perigo. Não podiam deixar o inimigo se aproximar, visando a própria segurança. Eram demasiadamente calados, como seus tijolos cinzentos e personalidade grave, não pareciam pessoas que tenham sido geradas por uma mulher.

Alazo e Hypos eram rápidos, talentosos e trabalhadores. Tinham elegância e zelo pela missão, além de muitos talentos e serem amistosos. Montaram nos cavalos, prontos para o ataque, confundiam o inimigo com movimentos em L, que os ajudava a fugir das rajadas de tiros. Elisabeth corria a todas as extremidades, trancando a mansão enquanto Alotropon, já debilitado pelas doenças crônicas, subia vagarosamente a extensa escadaria, visando um local seguro para se abrigar. Trancou-se na sala das câmeras, onde criou uma barreira composta por dois soldados rasos, apelidados de forma satírica como Capablanca e Lasker, que desprovidos da fortuna que regozijam seus monarcas, tinham sua armadura constituída de material barateado, fabricado em uma sublinha de produção chinesa de peças de madeira compensada, enquanto a burguesia tinha marfim na constituição de suas vestes e armados até os dentes, vigiavam a entrada da sala, além dos conselheiros, sempre a seu lado. Assim como o rei, protegido por um roque. Os soldados, orientados por Elizabeth, seguiram em linha central em um trote rápido. Meros peões descartáveis, ninguém choraria pela morte de algum deles, da comissão de frente da batalha.

II parte

O rei do plástico

O plástico é o futuro. Materiais orgânicos poliméricos sintéticos, dotado de grande maleabilidade, para se moldar a qualquer forma, facilmente substituíveis, diferente do marfim, cada vez mais escasso. Era isso o que Alotropon não queria aceitar, o futuro. Embora Efégios tivesse a consciência que o petróleo também está na derrocada final, e dependia dele como matéria prima para o craqueamento e destilação. O ataque covarde matou os dois gurus pretos que os guiavam, sequestrou a sacerdotisa Caíssa, humilhou e destronou Magno Efégios, que saiu fugidio, e deu baixa de cinco mortos, seguidores fiéis e incorruptos. A meta do rei do plástico era a preservação dos animais, não que gostasse deles, apenas para contrariar o uso indiscriminado do marfim, que deriva das presas do elefante.

Vladimir e Roberto lideravam a cavalaria, em movimentos rápidos, cortes em entradas bilaterais, em um ataque insano após a explosão da bomba que abriu um rombo na ala h4 da fortaleza. Emanuel era um peão raso, que liderava outros, tão

insignificantes quanto ele. Veio de uma confecção caseira e irregular. Como nasceu na latrina, tinha duas opções. Extremamente ambicioso, espera um dia subir e deixar de ser um soldado raso. Sua audácia o levou a comandar os que estavam na linha de frente. Ele enxergava além do que se esperava; enquanto os outros estavam cegos na busca do poder, ele enxergava além do horizonte. Nunca se questionaram o porquê de existir duas constelações no céu. Sentia-se apenas um brinquedo na mão de uma força invisível. Era preciso pensar fora da caixa. Entraram ao centro, sempre em frente, rastejando pelo gramado para reconhecer terreno. Efégios posicionou atiradores de elite, que se posicionaram acima do morro, um a leste, outro paralelo a oeste. Enquanto os soldados rasos, Polgar e Rino, faziam a proteção do chefe.

Uma sequência de decisões precipitadas levou o exército branco a cada passo, se entregar à derrota certa. Efégios se rendeu ao orgulho, aceitando o plano de ataque de um reles peão, de nome Emanuel. O jovem era estrategista, e todos os lances que deveriam ser feitos repercutiram em vitória. Desde a explosão das duas torres, que desestabilizou os brancos, quanto aos ataques surpresas dos cavaleiros, que surgiam do nada, até a eficiente atuação dos soldados de primeira linha, que protegeram bem a entrada do reino e o próprio rei. A guerra foi tão desigual que parecia um abismo entre os dois reinos, de um principiante enfrentando um grande mestre. Na sala das câmeras, os conselheiros, alguns soldados, a rainha e o rei Alotropon estavam encurralados. Efégios, sabendo estar em segurança, confrontou o seu inimigo face a face. O rei do marfim, acuado, tentou se explicar:

– Efégios, eu nunca desejei a morte de Caíssa. Eu lamento por isso.

O rei do plástico se manteve em silêncio, nas sombras. Emanuel tomou a frente.

– Como deve ter notado, Caíssa trazia um adorno em seu peito, um coração prateado, e dentro dele havia um fungo mortífero. Ela foi instruída a ingeri-lo em caso de aprisionamento. Ela sempre foi uma guerreira, fez o sacrifício em prol do seu povo. Não havia um traidor em seu meio. Nós simplesmente sabíamos que ela se envenenaria.

Os soldados se aproximavam. Alotropon procurava uma forma de fugir, mas não tinha saída. Os seus próprios súditos pareciam ter se voltado contra ele, impedindo sua fuga pelas laterais. Pediu clemência e, vendo não ser atendido, correu em direção à vidraça e se jogou pela janela, caindo de 20 metros de altura e falecendo no jardim. O rei caiu. Efégios, vitorioso, tocou no ombro de Emanuel.

– Você foi um bravo soldado. Posso te dar uma promoção. Quer fazer parte da artilharia? Um carro para o ataque? Ou deseja ser meu conselheiro?

– Eu sou Emanuel, filho de Judith, neto de Maia. Tenho um legado, não posso servir um rei fraco, que é amado, mas não é temido.

Apontou a adaga para o pescoço de Efégios, que recuou assustado.

– Quem pensa que é? Soldados, peguem-no!

Emanuel passou a adaga, abrindo um sorriso no pescoço do rei. Ele se desesperou, tentando conter o sangue com as mãos, tudo em vão. Enquanto morria, os soldados estavam perplexos diante do novo rei que surgia.

– Nem exército branco, nem preto. De hoje em diante, tudo será em tom cinzento. Vou formar um só exército. Quem estiver do meu lado, se manifeste, quem estiver contra, sentirá o aço trespassar o corpo. Devo ser temido, não amado. Vou controlar todos os reinos de forma impiedosa, fortalecer o exército e criar um estado hostil. E agora, devo consumir essa união entre o exército branco e o preto.

Pegou Elizabeth à força, rasgou a sua blusa e chupou os seus seios. A virou de costas, rasgou a sua saia e a sodomizou brutalmente, enquanto os outros observavam, uma nova era se iniciava...





Xilomancia Xantouromática na
Casa de Xangô

52



XILOMANCIA XANTOCROMÁTICA NA CASA DE XANGÔ

Maceió – 1965-1981

A VELHA CURANDEIRA caminhava entre os gravetos. Observava os ramos caídos, as cascas das árvores, os ramos. Essa arte que provinha dos caldeus, praticada por druidas e bruxas da religião neopagã denominada Wicca. Vó Esperança levava a sua neta de apenas seis anos nessa caminhada na trilha. Simone nasceu debaixo de um ácer, o que demonstrava uma existência próspera e longínqua. Foi quando um tronco caiu de repente, apenas um metro à frente das duas.

– Veja Simone, isso é teixo. Pode atrair desgraça, intimamente ligada à morte.

Enquanto a garota observava a copa das árvores, e o João de barro fabricando sua casa, a velha se preocupava com a profecia. Além do teixo, avistou uma aranha dentro de uma bolota, o que representava doença na família. A Xilomania é uma arte antiga, derivada do grego Xulon(árvore) e manteia (profecia). A velha se manteve inquieta pelo resto da tarde, e ao anoitecer, sem dizer nada, acendeu o fogão de lenha. O loureiro atirado às chamas devia crepitar alegremente, isso indicaria fortuna e êxito. Mas isso não ocorreu. Ele ardeu em silêncio, no insucesso e na aflição.

Simone morava com a mãe Hilda, avó Esperança, o pai Russo, além de um irmão chamado Saulo, e da irmã, Suellen. A década de 60 trazia na musicalidade, os Beatles, e o movimento denominado Tropicália no Brasil, no final da década. Yuri Gagarin tornou-se o primeiro homem a ir para o espaço. Era ainda a era da construção do muro de Berlim, o assassinato de John Kennedy, a chegada da televisão a cores, a jovem-guarda, Janis Joplin.

Havia algum tempo que Hilda demonstrava sonolência, cansaço, frequentes dores de cabeça e tontura. Relatava ainda alguns hematomas que apareciam na

pele, sua gengiva por vezes sangrava. Começou a encontrar sangue nas fezes, tinha aftas na boca, e muita dor nas articulações e nos ossos. O diagnóstico tardio feito pela rede pública de saúde teve o prognóstico de leucemia. Foi medicada à base de citarabina e daunorrubicina. Ela recebia transfusões constantes para repor as hemácias e plaquetas, visando recuperar a sua hematopoese.

Foi feita uma punção para retirar líquido da meninge, quatro frascos, os quais levaram o liquor para inspeção, indicando uma cor amarelada, a conhecida Xantocromia. Em um desses exames, Hilda passou em uma padaria com a filha caçula. Comprou um Diamante negro para a pequena se lambuzar com aquela fina iguaria. Pouco vista por uma família que passava por graves problemas financeiros, alisava o cabelo de sua filhinha de apenas cinco anos. O que seria dela? As coisas já eram difíceis com ela, como seria após sua ausência? Sempre foi crente a Deus e Ele a recompensou com uma vida curta. O marido vivia de um pequeno boteco, enquanto ela costurava para fora. O filho mais velho ganhava a vida como servente de pedreiro, ajudante de caminhoneiro, e ajudando a fabricar blocos em uma fábrica de fundo de quintal. Saulo era muito emotivo e se tornou, desde cedo, o chefe da família. Cuidava dos irmãos, o que trouxe uma maturidade precoce a ele. Por vezes, varava a noite com uma espingarda nas mãos, já que a casa não tinha segurança alguma.

Vó Esperança acreditava na recuperação da filha. Levou-a a diversos curandeiros, embora a filha se professasse Católica Apostólica Romana. Levou-a ao Xamanismo, culto das supostas metamorfoses. O Xamã entrava em transe, invocava espíritos. Ele próprio era enfermo, tinha uma chaga na área lombar, que inchava causando grande dor, e estourava, vertendo pus e sangue, mas nada curava essa ferida. Era subcutânea e brotava novamente. Usava ervas, defumação, massagens e fricções, tentou extrair a doença por vômito e sucção, onde o sangue velho saía, mas de nada adiantava. A última tentativa foram os fragmentos de cristais, até entender que tinha um chamado, um desafio. Passou a manifestar poderes incomuns, tinha conhecimento de doenças e ervas enteógenas, e embalado nas batidas de tambor, entrava em estados alterados de consciência.

O Xamã tinha como meta se proteger do descontrole, era um profundo conhecedor da natureza humana. Não podia ser colérico. Era adivinho, músico, médico e sacerdote. Tinha ataques confundidos com epilepsia, histeria e psicose. Sempre tinha em mãos um cachimbo. O velho com descendência indígena não parecia mesmo desse mundo. Pela segunda vez, Simone observava o poder da natureza, pensou. Essa é a casa de Deus, entre as copas das árvores, nada podia transmitir uma paz maior do que isso. A sua mãe já usava um lenço na cabeça, mas ela não entendia muito bem o que isso significava. O Xamanismo foi uma porta de entrada para a Umbanda mais à frente.

Simone foi chamada para se despedir da mãe, havia velas acesas e duas mulheres rezavam prostradas ao chão, ao lado de Esperança. A fala de Hilda era fraca, ao pé do ouvido. Logo depois disso, morreu.

No enterro, Suellen chorava silenciosamente, Russo parecia conformado, conversando na sala contígua, já Saulo não aceitou bem. Chorava em prantos, abraçado no caixão da sua mãe, falava que ia se matar, e a vida tinha perdido todo o sentido. Ele saiu correndo pela rua, enquanto seus tios correram atrás para evitar um desastre. Ele tentou pular no rio, mas foi contido pelos familiares. A pequena caçula viu a mãe morta, mas ainda não entendia o peso daquilo tudo.

A morte de Hilda foi um marco. A partir de então, a pequena princesa, a qual a mãe bordava cada vestido, passou a andar maltrapilha. Certa vez, encontrou Suellen, que já estava na fase adolescente, chorando no porão, escondida atrás de caixas de papelão. Os seus sapatos estavam furados, e não tinha dinheiro para ter um novo, todos tinham caderno, enquanto ela escrevia em papel de pão, tamanha pobreza a fez abandonar a escola. Gostava de passar as tardes na pequena terra de sua vó Esperança, que perdeu o viço após a morte da filha. O local cheirava à laranjeira. Ela adorava pegar laranja no pé e chupar. Certo dia, engoliu uma semente e correu desesperada até seu pai, no bar.

– Pai, engoli uma semente de laranja.

– Agora vai nascer um pé de laranjeira dentro de você – disse sarcástico.

O que ele não imaginava era a agonia constante de Simone, que por dias se martirizava com medo, imaginando galhos que brotariam pelo nariz, orelhas e boca. Tudo isso somado à ausência da mãe, afinal chegava a adolescência, e ela sentia sua falta, cada vez mais.

– Por que não está comigo, mãe?

Ela tinha uma madrastra branca que passou a morar na casa deles. Nessa época, os irmãos já eram casados, e ela sofreu na mão dessa mulher, que a maltratava com frequência. Era racista, e sempre a tratava de forma diminutiva, nunca a chamava pelo nome.

– Onde se esconde aquela negrinha?

Escondia embaixo da cama os doces, marrom glacê e goiabada. Era tudo para as filhas dela. Isso a levou a desejar sair de casa o quanto antes. O pai não era ruim, mas era desligado e não muito atencioso. Os irmãos tinham um carro, que apelidaram de Joanhina sobe-morro, pois o veículo tinha de ser constantemente empurrado.

Pouco antes de Vó Esperança morrer, deu a ela um ramo de salgueiro, que conquista proteção contra feitiços e demônios, além de uma folha de freixo no sapato esquerdo. O primeiro homem que encontrasse seria o eleito. Ela não viveu o suficiente para conhecê-lo.

Ele veio de forma abrasadora. Em pouco mais de um ano se casaram. O conheceu em um terreiro de umbanda. Era uma quarta-feira, onde veneravam Xangô, orixá da justiça, do trovão e do fogo. A baiana os lembrava dos maus tempos, da quebra de 1912, quando houve destruição das casas de culto africanas em Maceió, onde pessoas foram assassinadas. Era a intolerância religiosa em seu auge. Esse guia tinha um instrumento próprio, um machado de dois gumes, chamado oxê. Era o rei de Oyo, filho de Oranian e Torosi, tendo Iemanjá como mãe. Como esposa Oyá, Oxum e Obá. Era viril, atrevido, violento e justiceiro. Ele castiga os mentirosos, ladrões e malfeitores. Era a representação máxima do poder de Olorum. Exerce grande poder sobre os mortos. Simone usava uma saieta vermelha e branca, as cores eram variadas e fortes. O guia era intimamente ligado à natureza e as árvores. Seus símbolos eram o pilão de duas bocas e a gamela. Ele tinha a livre passagem entre dois mundos, era temido e adorado. Sincretizado com Miguel Arcanjo, Santa Bárbara e São Jerônimo.

Nesse dia, fizeram a oferenda de um carneiro, além do prato conhecido como amalá, constituído de farinha de milho, leite e quimbombó, o conhecido quiabo. Banana verde, vinho tinto e alpiste.

Simone tirou o sapato para dançar à batida dos tambores, quando Carlos, um homem negro na casa dos 34 anos, pegou o seu sapato e encontrou a folha de freixo.

Ela estava grávida, mas isso não era empecilho para ele machucá-la. Estava sempre fedendo à cachaça. Certa vez, ela se banhava na praia do francês, havia uma pequena oferenda de Iemanjá no local, ele passou a afundá-la na água impiedosamente, quase a matando. Não parou por aí: foram surras colossais que quase a fizeram perder a criança. Em uma das brigas, ele a lançou por cima do sofá que tombou para trás, evocando espíritos, vomitando e bebendo de seus próprios excrementos. Parecia possesso. Foi quando em uma noite sombria, onde uma chuva torrencial permanecia, e o barulho dos trovões ribombava, que ela teve a casa partida ao meio por um raio, que quase matou Carlos. Era a ira de Xangô. Sua cólera se abatia sobre aquele lugar. Ela entendeu o recado e partiu, sem olhar para trás. Trazia em seu ventre a esperança de um futuro melhor. Caminhou em meio à mata, observando os gravetos pelo caminho, predizia o futuro de seu filho, que era seu próprio destino. Procurava o local de paz que seria seu túmulo, quando avistou um pequeno verme deslizando em um rochedo: era o sinal da fortuna. Aquele que viria, seria um médium intuitivo e empreendedor, que plantaria a semente para uma nova geração. Foi ali, deitada na mata, abraçada pela copa das árvores, que ela o gerou, repetindo o ciclo dos seus ancestrais.



Yin e Yang



Robson
Senechal
2006



ELE ESTAVA A TANTO TEMPO CALADO que vez ou outra dizia uma palavra para ver se não ficou mudo. Eram pensamentos desconexos diante do ocorrido. Elisa se encontrava sem vida. A cena parecia algo surreal. Uma pequena poça de sangue se formava e deslizava pelo piso laminado.

– Foi um acidente! – Queria convencer a si mesmo.

Um brainstorm de pensamentos sobreveio. Olhou para o pequeno Arthur, dormindo em sono profundo no quarto. O que seria do garoto? Pensou em fugir, embora nem soubesse dirigir. Podia pegar um circuito de ônibus rodoviários, ir parar em um meio de nada, virar caseiro e trabalhar na roça pelo resto da vida. Mas, e seu filho? O que seria dele? Não podia deixá-lo simplesmente. O amava mais que tudo, ao menos achava isso. Provavelmente ficaria com a família de Elisa, e eles fariam a sua desonra, o transformando em um monstro. Poderia matar o pequeno sufocado, ele o perdoaria, se sondasse seu coração e soubesse de suas boas intenções.

– Estou apenas pensando nele. Precisa ser indolor.

E depois, sim, precisava se matar. Mas precisava falar com Ruth, a sua irmã era a única que poderia defendê-lo. Dizer a todos que ele não era um monstro. O telefone tocou por algumas vezes. Até que ela o atendeu:

– Ernani. Você está bem?

– Nada bem. Houve um acidente.

– Como assim? Arthur, como está?

– Dormindo. Eu tive uma briga com Elisa, e ela escorregou e bateu a cabeça no tampo de mármore da mesa. Ela está morta!

– Como assim? Meu Deus!

– Eu e Arthur estamos partindo desse mundo.

– Ernani. O que pensa que vai fazer? Ernani...

O peso das lágrimas era como de chumbo, o mesmo se podia dizer de sua alma. Deu um beijo carinhoso na testa de seu filho enquanto chorava vertiginosamente. Esse não era o fim que esperava. Uma tragédia.

– Vai ser rápido, filho. Eu prometo.

Colocou um lençol na cabeça do filho. Não queria que porventura ele acordasse e visse que o assassino era seu pai. O esganou impiedosamente, ouvindo seus últimos suspiros, até parar de se debater. Fez uma oração por ele e o arrumou na cama. Parecia um anjo. Pensou em como seria pós-morte, a cena do crime não podia ser chocante. Diriam que ele planejou tudo, mentira, se o fizesse seria de forma mais sutil. Pegou Elisa no colo, se manchando de sangue e a levou ao chão do banheiro, onde preparou tudo. Afinal, era a última noite de suas vidas. A família de Elisa venceu a batalha, conseguiram comprovar a tese da qual sempre bateram na tecla: que Ernani não prestava.

O telefone tocava sem parar, ele o tirou da tomada. Arrependeu-se de ter ligado para Ruth, pois em pouco tempo apareceria ali, diminuindo os seus últimos momentos. Lavou Elisa com carinho, a despiu e a beijou. Depois de secá-la, fez um curativo em sua **causa mortis**. Colocou sua camisola e a deitou ao lado do filho, na cama. Começou a se apavorar, tinha que se matar, mas tinha verdadeiro pavor de perfuração por faca. Colocou uma no pescoço e não teve coragem. E se não conseguisse finalizar o ato? Correu feito louco pelo apartamento, tinha pouco tempo e sabia disso. O veneno era a forma perfeita, se tudo tivesse mesmo sido planejado. Morrer asfíxiado, impossível. Uma corda no pescoço, sim, era uma boa opção. Revirou gavetas, nada! Encostou móveis na porta, logo a forçariam. Ruth faria questão de avisar todos que encontrasse pelo caminho. Um revólver seria bom também, um tiro na boca, explodiria o cérebro. Não tinha nem ideia de como conseguir um. Isso contrariava a legislação vigente no nosso país. O desarmamento que foi instituído no território nacional, abrangeu os cidadãos, mas foi pouco, ou nada eficaz em conter a criminalidade. Afinal, bandidos e assassinos não são colocados em direitos de igualdade, como os indivíduos úteis à sociedade. Fugir não era justo com seu filho e esposa, não merecia viver um dia sequer a mais que eles. O cérebro estava turbulento, não ajudava. Talvez um banho o auxiliasse. Sentiu a água quente renovar suas energias, a mais demorada das duchas de sua vida, encharcando seus pensamentos, assim como enrugava sua pele, já sem nenhum traço de suor, mas ainda trêmula pela aventura sofrida, enquanto batiam ferozmente na porta. Ruth berrava do estacionamento, não sabia que a desgraça já estava feita.

A perda de um filho é algo tão antinatural, que nem a linguagem humana conseguiu transcrevê-la com suficiente capacidade. Filhos ficam órfãos, esposos

viúvos, e pais? Ernani estava em uma espécie de transe. Enquanto observava a água fervente e colocava o sachê de chá de camomila na xícara, sua última refeição. Colocou bastante açúcar, do jeito que gostava. Sorvia em pequenos goles, enquanto observava da janela a movimentação que se formava no estacionamento. Olhava pela tela de proteção, colocada para Arthur não se ferir, afinal, era o segundo andar. Sendo do convívio social, pareciam espectros transparentes. Imaginou-se morto, nem todo o perfume do mundo poderia romper a acidez que tomaria conta do olfato de todos. Em questão de minutos, eles invadiriam. Sua irmã foi extremamente eficiente em alertar os vizinhos. Sabia que ele não estava blefando.

Desde o começo não havia muito amor entre Ernani e Elisa. Ela tinha mais posses que ele impunha verbalmente e no gestual cotidiano.

– Eu pago todas as contas! Faço tudo por você, e é assim que me retribui?

Na verdade, só dava a ele coisas que não queria. Seus verdadeiros desejos tinham de ser conquistados com seu suor. Tentava pagar metade das contas, mas não podia arcar com uma mulher que explodia cartão de crédito com limite alto, presenteava amigos e parentes, os quais não tinha afinidade nenhuma, com presentes somente para se autopromover. Gostava de comer fora em restaurantes caros, gourmet, no qual manobristas do estacionamento ganhavam mais que ele, somente em gorjetas. Simplesmente não podia seguir seus passos. Sentia-se humilhado cada vez que ela pagava uma conta e fazia de forma que se tornasse visível às pessoas ao redor. Para piorar, a sua família era contra o matrimônio. Diziam:

– Ele ganha pouco. Sabe que somos contra esse casamento. Você não precisa dele. Se fosse solteira, te daríamos muito mais.

Em nenhum momento era disfarçado o desejo de libertarem a sua filha do genro, um indivíduo acomodado e sem ambições, sobressalente num mundo competitivo como o nosso. Essas características Franciscanas podem ser consideradas piores que qualquer um dos pecados capitais. Não era de forma alguma proibido de visitar a residência dos sogros, mas isto não atenuava o mal-estar que propositadamente lhe era imputado pelo casal sexuagênario. Por outro lado, a aceitação de sua esposa a estas condições, compactuando com um silêncio permissivo só não o feria como deveria pelo já esfriamento gradativo de suas relações. Em certos casos, o desprezo não parece ter mais paralelo com nossas amarguras que a petrificação verbal entre um casal. Palavras em sua defesa nunca eram ouvidas naquele lar, ao contrário, o sarcasmo emoldurado por bons modos e polidez de seus pais triunfavam sempre sobre sua humilde postura. Neste panorama, a válvula de escape sempre esteve próxima e as goladas invadiriam seu interior, líquidos alcoólicos são sempre os melhores companheiros dos vitimados.

Descobriu ser autosuficiente o bastante a ponto das demais pessoas se tornarem desnecessárias. Não podiam ofertar algo maior que a embriaguez. Era apenas o rascunho do que foi um dia. Alguns diziam beber para tornar as pessoas mais interessantes, no seu caso, era para afastá-las.

O Yin e o Yang são complementares. O I-Ching explicava que um homem yang é preferível, enquanto a mulher deve ser yin, mas o contrário ocorre. Nesse caso, ele era yin, e mantinha uma personalidade mais doce e passiva, enquanto ela era yang, agressiva e dominante. Ele não tinha força nas palavras, perdia todos os embates. Mantinha-se calado enquanto a fêmea dominante o sobrepujava. Era ela quem dirigia o Land Rover da família e atraía olhares desejosos à sua volta. Tinha um porte soberbo e ancas largas, nem o seu ligeiro sobrepeso atrapalhava no imaginário masculino. Um sorriso farto e um olhar lânguido sobrepostos num rosto redondo como uma pintura de Boticelli, que podia chamar mais atenção que um mar de modelos anoréxicas e antipáticas. O que era um atributo ímpar a ele no início do relacionamento, agora se tornava desespero. Foi uma mensagem de texto de uma mulher desconhecida que desencandeou tudo o que ele vinha adiando, uma possível separação. Mas não queria se afastar de seu filho, eles iam deturpar sua imagem perante o garoto. No fundo, não a culpava. Ela apenas repetia os mantras dos pais ignorantes, havia uma animosidade claramente direcionada à sua pessoa, agora sem qualquer receio de parecer hostil. O cristal havia se quebrado. Quando questionada sobre mensagens carinhosas no celular, ficou revoltosa como uma onça, era o motivo que ela precisava. O expulsou da casa que era dela e o mandou sair com o rabo entre as pernas, feito um cão vira-lata que era. Insultando-o com vilipêndio dos culpados pegos durante o crime.

– Você está transando com ele?

– Devia mesmo, porque você é um frouxo!

Isso desencandeou uma fúria nunca imaginada, nem mesmo por ele. Pegou-a pelos cabelos ruivos de aplique, a ponto de quase descolá-los e retorceu sua cabeça reticente até o chão. Sob protestos, a largou, no que ela explodiu em uma fúria insana.

– Filho de uma puta! Agora vejo que meus pais estavam certos.

– Vagabunda! – Retorquiu ele, sem muita convicção, diante da raiva da esposa.

Totalmente fora de controle, ela pegou uma faca na gaveta da cozinha. Ele pegou um travesseiro para se defender, ela tentava acertá-lo com a faca. Prezando por sua vida deu um chute violento na região abdominal dela, de onde seu filho foi gerado. No que ela foi projetada longe, bateu a cabeça no tampo da mesa de mármore e caiu ao chão. Ela se urinou toda. Isso foi a primeira impressão que ele teve. Esse era o fim, mas então notou a poça de sangue, o que agravou as coisas. A imagem, se vista em câmera acelerada em preto e branco, com um piano

descompassado em tons agudos, poderia ser tomada como cena de comédia, mas o desenrolar do ato parecia desembocar em um triste drama. Seguido a isso, a decisão dolorosa de colocar um fim na vida de seu próprio filho, o asfixiando, apenas demonstrava seu total descontrole desencadeado pela situação. A sua mão, usada para lhe dar carinho, dessa vez era usada para estrangulá-lo. Lembrou inconvenientemente de quando era criança, e seu avô cuidava das galinhas. Todos os dias, elas vinham correndo ao seu chamado. Ele distribuía equitativamente o farelo pelo terreno, mas, um dia em especial, o chamado era para esganá-las. Ele sempre foi contra essa conduta, e curiosamente o estava fazendo, com seu próprio filho. Teve de ser frio aos gemidos frágeis do garoto, vê-lo sem vida foi algo surreal, não podia crer no que estava fazendo. Deu um banho em Elisa e a vestiu com a sua melhor roupa, a aprontou ao lado do garoto, enquanto chorava vertiginosamente, limpando as lágrimas com as costas das mãos. Eles pareciam dormir em paz.

Pegou uma tesoura na gaveta. Seria mais fácil enterrá-la no pescoço, mas o pavor de perfurações o impedia de tal ato. Cortou a rede de proteção da janela, e sem pensar muito, se lançou do segundo andar, colidindo com o solo do estacionamento. Numa reprodução burlesca de fatos do noticiário policial, como era de esperar, a chance de sobrevivência era grande, mesmo com todo o descaso das pessoas que o observavam curiosas, como um animal atropelado. E até mesmo a frieza dos médicos, que no fundo de seu íntimo, desejavam a sua morte, mesmo contrariando os seus juramentos. Um homem que mata a esposa e o filho não era digno de bom tratamento. A segurança foi reforçada para evitar um linchamento. E logo o caso foi televisionado.

Ernani não pôde acompanhar o enterro do filho e da esposa. Ruth foi hostilizada no enterro. Era irmã do assassino, saiu às pressas do local, queriam transferir para ela todo o ódio, toda a raiva contida. Ernani passou três meses no hospital, uma algema o prendia à maca, fixado na barra de ferro lateral, um guarda ficava de prontidão na porta. Então, chegou o momento de ser transferido para a penitenciária de Tremembé, onde os famosos criminosos ficavam.

Recebeu três pares de calça bege e camiseta branca, seu uniforme na cadeia. Uma colchonete, roupa de cama e uma caneca metálica. Foi condenado a 31 anos de prisão. A PII de Tremembé era famosa por abrigar presos famosos. Foi levado a uma cela isolada, onde ficou em observação por dez dias, para ver se não tinha inimigos na cadeia, afinal, um homem que mata o próprio filho é tão malvisto quanto um estupro. A rotina do presídio incluía contagem dos presos às 5h45 da manhã, 6h15, o café da manhã, iniciando as atividades às 7 da manhã. 11 horas, segunda contagem, 11h30 o almoço. 14 horas, café da tarde. Entre 16 horas e 17h30 era o banho de sol. Às 16h15, a terceira contagem. Às 18 horas, o jantar.

Para cada 3 dias de trabalho, reduzia um dia na prisão. As celas tinham de 15 a 20 metros quadrados, com capacidade para oito presos. Os torneios de xadrez e a tradicional pelada eram constantes no local. Frequentemente eram apreendidos as chamadas pererecas, feitas com resistência de chuveiro para aquecer o café. A prisão tinha regalias pouco vistas no sistema carcerário Brasileiro, onde a maioria eram batedores de carteira e traficantes pobres e primários. Local onde homens entram franzinos e saem fortes, o salitre tem certa função nisso. Uma espécie de spa, para rever os amigos e se fortalecer no crime, tudo custeado com dinheiro público.

O seu estado degenerativo, depreciativo e suicida, apenas se acentuou. Na contramão dos outros presos, envelheceu dez anos em quatro meses. Tinha olheiras profundas, pelo ócio imposto e pelas recordações latentes que o esmerilhavam junto com a culpa. “Você não deveria estar vivendo isso”.

E na verdade, não estava. Com o tempo, a dor foi se ausentando. Era como se tivesse morrido e renascido de um casulo. Foi mais fácil esquecer que um dia teve um filho e uma esposa. Jogar toda a culpa no demônio e se converter a Deus, chegando até mesmo a pregar, contando sua emocionante história de superação para os fiéis presos na cadeia. Foi deixando a tristeza e o remorso de lado, e na sua ilusão se justificava por ter feito o que fez. Começou a pensar em recomeçar a vida. Enterrava as esperanças de uma vida passada, prestes a semear um futuro concreto. Trabalhava de roupeiro, mesmo com possíveis inimigos dentro do sistema. No começo, pessoas cuspiam na sua face e, por algumas vezes, o esmurramam. Foi considerado amarelo, tinha que tomar banhos de sol em horários alternados e também foi jurado de morte. No fim, se acostumaram com a ideia, em parte, de ter um assassino de criança entre eles. Matar a esposa era considerado normal, fruto do ciúmes e dos atos daquelas mulheres, mas a criança era mais difícil de engolir para aqueles canalhas, que consideravam crime apenas o que podia atingir suas famílias, como o estupro por exemplo.

O cigarro era a moeda de troca, algo que nem a Souza Cruz imaginava quando fundada. E apesar de não fumar, ele sempre tinha um maço para possíveis negociações. Também odiava futebol, mas passou a se inteirar do assunto, que era o favorito lá dentro, apenas para o convívio social, onde predominavam camisas do Corinthians, a Suvinil número 10. Só existia uma facção dentro da cadeia, o PCC, desde que assumiu as prisões paulistas em 1988, proibia conflitos entre os internos.

Durante a noite, não dormia, ouvia os roncoss e tossidos repugnantes dos companheiros de cela. Tinha medo de pegar tuberculose ou doenças respiratórias que facilmente podiam ser transmitidas naquele ambiente fechado. Uma simples tosse se converte mais tarde em uma pneumonia. As celas amadoramente grafitadas, tinham mulheres ilustradas com formas desproporcionais e caveiras

desenhadas como por crianças. Compunham um cenário que só não era mais horrível por ser previsível. A questão estética era o que menos importava.

Era dia de visita, Ruth passou por situações vexatórias, levou frutas, algumas massas e cigarros. Teve que tirar a roupa e ficar de cócoras para provar à carcereira que não trazia um celular escondido em seu órgão sexual. Ela o visitava com pouca frequência, e por mais que ele tentasse se explicar, não era mais a mesma. Embora trouxesse algum dinheiro, por alguma espécie de dívida quando criança, tinha um ressentimento em relação a ele. O silêncio predominava naquele ambiente amplo, com seis mesas e cadeiras de plástico. Alguns brinquedos infantis nos cantos. Ela observava um garoto brincando ao fundo.

– Não sei por que te ajudo. Talvez seja um monstro, assim como você!

– Eu devia ter morrido aquele dia.

– Devia mesmo. – Uma lágrima escorreu de Ruth. – E devia tê-los deixado viver. Victor me proibiu de vir aqui. Mas nem precisava, já estava decidida a isso mesmo.

Ruth partiu. Essa foi a última vez que ele a viu.

Ernani era homem, e tinha necessidades sexuais. Havia uma garota de programa que se fazia passar por sua namorada. Não que precisasse. Não era muito popular com as mulheres, principalmente quando era apenas um trabalhador assalariado. Mas depois dos quinze minutos de fama, ganhou várias admiradoras. Recebia várias cartas de amor. Talvez a psicologia possa explicar esse estranho fascínio de algumas mulheres por homicidas, traficantes e homens perigosos e violentos em geral. A prostituta tirou o seu top, ficou com os seios à mostra, o fez deitar na cama. Ela se deitou sobre ele, o rendeu com sua pele macia. Era contra a sua conduta profissional, mas ela o beijou. De início ele estava frio, mas depois se rendeu àquele consolo.

– Você merece um lazer.

Ela fez o sexo oral nele, em seguida galopou, enquanto ele ficava inerte. Com a animação, tocou a coxa dela, e por um instante viu Elisa sobre ele. A chamou pelo nome da esposa, ela não se importou. Há muito tempo não tinha contato com uma mulher. Após o orgasmo, ela deitou ao lado, com a face em seu peito. Beijava-o carinhosamente. Também foi a última visita. Uma crise existencial se apoderou dele. Todos os planos de recomeçar eram uma utopia, no fundo não tinha coragem para isso, não o merecia. Levava na carteira uma foto da mulher e do filho, embora nunca citasse o nome deles. Sentia falta do luxo do apartamento e dos abraços de seu filho, e por fim, Elisa não parecia ser tão ruim quanto imaginava. Era feliz e não sabia, a distância só faz a pessoa lembrar das coisas boas de uma relação. O Yin e o Yang são desestabilizados na prisão.

Sua conduta se tornou mais autodestrutiva e violenta. Entrou em rixa com um preso apelidado Rato. Naquele fim de tarde, tinha um silêncio, um silvo demoníaco no ar. O chefe daquele segmento subiu na cela, se pendurou nela e anunciou o próximo da lista. Era o início da rebelião. Atearam fogo em um colchão e começaram a incitar os presos. Renderam o carcereiro e abriram as celas. O fogo surgia das grades, percorrendo o sombrio corredor, sob os gritos que provocavam ecos assustadores.

Na noite que antecedeu a reunião, ele sonhou com Elisa. A sua sombraprojetava-se em formas tortas. Ele estava liberto, caminhava na chuva. Tudo o que queria era um beijo dela. A garoa fina escorria em suaface, como um beijo suave. Ela trazia no colo o filho deles.

– Eu te perdoo.

– Eu te amo, papai!

Foi quando ouviu o barulho de sirene. Começou a correr no meio da rua, travando uma batalha desigual homem versus máquina, contra a viatura que vinha a todo vapor. A cada segundo se aproximava mais, entrou em um beco escuro e estreito. Dois homens fardados seguiram a pé e armados na trilha. A sua perna vacilava, o corpo perdia a resistência, a respiração ofegante. Perdido no tempo, longe do mundo. Subiu uma escada de emergência, atingindo o topo do prédio. Foi quando, em um salto, em vão, ele caiu da altura de quinze andares. Acordou banhado em suor, era um sonho profético.

Os presos seguraram Ernani, já esperavam por esse momento por um bom tempo. Sentiu a adrenalina a mil, sabia que ia morrer. No fundo, se sentia grato e com medo por algo que ele não tinha coragem de fazer. Foi esfaqueado 30 vezes, as facadas vinham de todas as direções. Uns esfaqueavam, outros chutavam, torturavam lentamente, outros davam-lhe tapas na cabeça. Um a um, até levá-lo a agonizar. Sim, ele sabia, merecia tudo aquilo. Devia ter morrido no dia que se jogou do segundo andar.







ERA UMA NOITE FRIA DE JULHO. Zacharias estava solitário. Seu coração ansiava por calor humano, muitas vezes ele conversava com Deus. Foi na solidão que saiu na noite. Estava discreto em uma discoteca. Bebeu um pouco para esquecer os problemas, e como acontece com todos, a bebida só faz trazer a depressão e acentuar as tristezas do coração, relembrando de coisas esquecidas do passado. Estava no meio de tanta gente, e no entanto estava só.

Foi em uma dança exótica que ele a viu, em meio a fumaças e lasers, tão linda e sensual. Tinha cabelo cor de fogo e batom vermelho vivo. Dançava em uma gaiola do lado esquerdo do palco. Depois saiu à pista de dança, e sentou-se sozinha na mesa do bar. Era noite de Natal.

Zacharias tomou coragem e se aproximou dela, todo encabulado:

– O que uma mulher tão linda está fazendo sozinha, em plena noite de Natal?

Ela não deu atenção. Voltou a tomar sua caipirinha.

– Eu te achei muito bonita. Sabe, sou escritor, tenho algumas obras inacabadas. Eu me chamo Zach.

Ela deu um terno sorriso, ele enfim tinha conseguido conquistar a sua atenção.

– Eu não me dou muito bem com a minha família. Isso é mais natural do que se imagina. A propósito, eu me chamo Connie.

– Connie, como a filha do poderoso chefe.

– Odeio o meu nome.

– Não devia. Ele é lindo! Escrito com dois Ns.

– Você é o primeiro que acerta a forma correta como ele é escrito.

Entraram na parte eletrônica da boate e o clima esquentou. Os beijos se tornaram ardentes. No escuro esfumaçado, ela deixou o seio à mostra para que ele chupasse. Era uma transgressão da lei, mas como ele iria negá-la? Caiu de boca no

maná sagrado, os beijos estalavam e tiravam o seu fôlego. Pouco conversaram, apenas se beijavam, feito dois animais no cio, com combustível gerado pelo álcool excessivo.

– Vamos para o motel? – Perguntou Zach.

Ela atendeu prontamente. Ele a considerava uma mulher experiente, mas quando se despia, ela estava atônita na cama.

– O que houve?

– É que eu sou virgem.

– Como é? Quantos anos você tem?

– 22 anos.

Zach não podia crer que uma mulher de 22 anos, com as condutas obscenas que ela tinha poderia ser virgem, achou ser um blefe. Mas não era. Teve certa dificuldade em penetrá-la e o sangue manchou o colchão do motel. No entanto, foi um conto de fadas. Pela manhã, ela penteou o cabelo, de forma contemplativa. Silêncio absoluto. Cabelo preto, liso, lábio bem torneado. Isso se seguiu por algumas semanas. Era sempre a mesma rotina. Encontravam-se no shopping, e depois, iam para o motel transar, pernoite. Ela gostava de obras de arte, observava as pinturas de Caravaggio, Bosch, entre outros. Era extremamente culta. Odiava que a comparassem ou evangelizassem. Tinha ideias abertas sobre relacionamento. Eu não sou de você, e você não pertence a mim. Eu posso ter os homens que quiser, e você as mulheres que puder. Toda essa liberdade incomodava o conservador Zach. Ideias como, não precisa ser fiel, apenas leal. Lealdade é o que conta. E as noites de sexo eram cada vez melhores. Era preciso uma boa disposição para suportar transar cinco vezes em uma única noite. Certa vez, ela ficou de joelhos e começou a praticar sexo oral, enquanto se tocava.

– Goza na minha boca!

E ela fez questão de engolir o esperma. Mas toda a sua liberdade contrastava com algumas coisas que dizia:

– Quando vai me apresentar para sua mãe?

– Por que te apresentaria para a minha mãe, se não estamos namorando?

Na verdade, Zach nunca apresentaria uma mulher com conceitos tão libertinos à sua distante família. Foi quando ela explodiu em um choro compulsivo, que contradizia tudo o que ela idealizava.

– Nossa relação não está evoluindo, Zach. Não dá para continuar!

Mas era ela quem tinha determinado esses parâmetros. Zach sempre quis namorar. Não podia compreender as mulheres. Embora ele a amasse, sentiu-se ofendido e em seu orgulho, disse:

– Se quer terminar, então a gente termina. Na verdade, pelo que eu saiba, nem chegamos a namorar.

– Vamos transar– ela disse. – Uma última vez. Será nossa despedida.

Quando ela saiu do banheiro e contemplou a lua, começou a se despir sem nenhum pudor. A lua acentuava as silhuetas de Connie. Entregaram-se ao ato carnal. Foi a despedida deles, sexo selvagem. Embora fosse liberada no ato, tinha restrições com uma posição sexual. Não aceitava de forma alguma ficar por baixo no ato sexual, ela sempre tinha de estar cavalgando, escravizando...

Quando acordou pela manhã, ela já tinha partido.

E não deu mais notícias. Então, ele deu conta, não sabia nada sobre ela. Apenas que se chamava Connie Francis, e que seu pai lhe deu esse nome em homenagem a uma cantora.

Passaram-se dias, meses, e nada. O número dela não mais existia, ele a procurava pelas ruas e nas redes sociais. Ela era um fantasma.

Chegou a voltar à discoteca. Olhou para a mesa onde a viu pela primeira vez. Fechou os olhos, sentiu o seu beijo quente e seus cabelos sedosos. Sofria a síndrome do coração partido. Perdeu o apetite, lia as mensagens por whatsapp que trocaram antes dela bloquear o número.

Encontrar aquela mulher desconhecida se tornou uma obsessão. Sentia-se descendo ao inferno de Hades, círculo a círculo, em busca do resgate de sua amada. Ele olhou para o céu, não havia lua. O céu estava limpo! Ele fechou a sua blusa e caminhava trêmulo pelo frio, em meio ao nada. A imagem dela não saía de sua cabeça. Entrou em uma padaria e pediu uma dose de cachaça. Era quase duas da manhã. Tirou a mão do bolso para pegar o dinheiro, foi o bastante para congelá-la com o frio. Os tempos não eram assim antigamente, excessivo calor ou frio. Nem parecia estar em um país tropical como o Brasil.

A solidão é corrosiva. Não tinha sequer uma foto dela, nenhuma testemunha, já que seus encontros eram praticamente secretos. Começou a idealizá-la como uma madona, como Vênus, Afrodite ou algum ser sobrenatural. Então, começou a fazer livres associações entre o real e o imaginário. Lilith era um demônio feminino que não aceitava se submeter ao homem, condenada a viver no lado escuro da lua. Aquela que veio antes de Eva. Estaria Connie vivendo do lado escuro da lua?

E então, ele esperava os ciclos da lua, e ficava solitário da janela, a contemplando. Sabia que ela devia estar lá, e só queria que o levasse ao mundo dela. Ficava na sacada. Sim, começou a ensandecer. Tornou-se ainda mais fechado, pouco comunicativo. Já tinha a convicção de onde sua amada estava, quando três anos depois olhou pela vitrine de uma loja de perfumes. Não podia ser, ele coçou os olhos, mas sim, era Connie. Ele entrou de forma sorrateira, ela ficou chocada, parecia que não o conhecia.

– Connie! É você?

– Não. Eu não me chamo Connie.

Ele saiu desconcertado, mas tinha certeza, era ela. Ou será que? Ele estaria alucinando, vendo ela em todos os cantos? Agora não só mais a via, como a ouvia. O sibilar de sua voz doce o chamava para se embalar em seus seios. Tornou-se mochileiro, deixando tudo para trás, unicamente com o objetivo de encontrá-la. Dormia em qualquer lugar, deixou de cuidar da assepsia, passou a mendigar e a delirar. Estaria ela morando na lua? Precisava achar o lugar mais alto, feito Torre de Babel, para se aproximar de sua divindade. Tornou-se eremita, buscava o zênite, o ponto mais alto da esfera celeste, cortada pela vertical de um lugar, queria atingir o clímax, o ponto mais elevado. Subiu no alto de um desfiladeiro, onde contemplava a beleza do satélite natural. Ela o chamava para seu convívio, seus beijos quentes, onde a solidão não residia. Ele deu um pulo em vão, tentando almejar a lua...



"Contos Recônditos é um conjunto de 26 contos de horror, cada história representada por uma letra do alfabeto, em um caleidoscópio do medo e subversão."



CONSIDERAÇÕES FINAIS

AGRADECIMENTOS aos parceiros Robson Strobel, que ajudou na consultoria cultural do livro, sendo um verdadeiro advogado do diabo, o qual nos inúmeros encontros, regados a uma cerveja em bares chineses no centro da cidade, desenvolvia um brainstorm de ideias filosóficas para aprimorar os contos. A capista Jaiana Rodrigues, ao revisor Walter Cavalcanti e ao Lucas Campos da INDIE 6 na diagramação da versão ebook.



Danilo Morales é Jornalista formado pela Univap. Cineasta com 14 filmes rodando festivais nacionais e internacionais. É também criador do Festival POE de Cinema Fantástico de São Jose dos Campos. É escritor, membro da ABERST – *Associação Brasileira dos Escritores de Suspense Policial e Terror*. Natural de São José dos Campos – SP, tem no terror sua principal vertente de atuação. É um artista multimídia. Faz quadrinhos, livros e cinema.

Livros publicados:

Telecinesia – 2006

Adega de Sangue – 2012

Trilogia do Terror – 2013

Trilogia do Terror 2 – 2015

ABC da Morte – 2018

Suprema – 2018



ABC da



